

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

A paradoxologia de Luciano de Samósata: tradução, notas e estudo de
Das Narrativas Verdadeiras.

Denis Donizeti Bruza Molino

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Leon Kossovitch.

São Paulo
2022

“Ptolemeu Filópator, tendo construído um templo consagrado a Homero, levantou uma bela estátua do poeta. E, ao redor daquela imagem, em círculo, erigiu as estátuas das cidades que reivindicam Homero. O pintor Galatão figurou Homero vomitando e os demais poetas recolhendo seus vômitos”.
Cláudio Eliano. *Hist. Variadas*, XIII, 22.

RESUMO

A tese que se vai ler tem duas partes: uma consiste na tradução do texto grego de Luciano *Ἀληθῶν Διηγημάτων* para o português, acompanhada de notas explicativas. Enquanto a outra consiste em diversos estudos orientados a esclarecer aspectos conceituais levantados pelo discurso de Luciano.

Palavras-chave: Luciano de Samósata; paradoxologia; narrativa de viagem extraordinária; comédia grega.

ABSTRACT

The thesis to be read has two parts: one consists of the translation of Luciano's Greek text *Ἀληθῶν Διηγημάτων* into Portuguese, accompanied by explanatory notes. While the other consists of several studies aimed at clarifying conceptual aspects presented by Luciano's discourse.

Keywords: Lucian of Samosata; paradoxology; extraordinary travel narrative; Greek comedy.

AGRADECIMENTOS

Manifesto, aqui, minha gratidão a Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda pelas aulas de grego e por ter discutido grande parte da primeira versão da tradução; a Tadeu Bruno da Costa Andrade por ter discutido a segunda versão da mesma da tradução; a Waldemar Zaidler pela ordenação das imagens no corpo do texto; a Adriano Machado Ribeiro por gentilmente ter participado da banca de qualificação, assim como pelos estimados conselhos e conversas; a João Adolfo Hansen, generoso e agudo, por ter lançado luzes sobre o campo poético-retórico delineado por Luciano, além de sugerir não poucas chaves de acesso à narração; a Leon Kossovitch, amigo e incansável debatedor, por ter acompanhado o trabalho desde o começo, lendo, comentando, discutindo e propondo soluções perspicazes; gratidão extensiva à Liliana Crego Forneris por todo o carinho, companheirismo e amor.

SUMÁRIO

Nota preliminar	7
-----------------------	---

Texto grego e tradução

<i>Ἀληθῶν Διηγημάτων. Βιβλίον Α'</i>	9
--	---

<i>Das Narrativas Verdadeiras. Livro I</i>	10
--	----

<i>Ἀληθῶν Διηγημάτων. Βιβλίον Β'</i>	93
--	----

<i>Das Narrativas Verdadeiras. Livro II</i>	94
---	----

Estudos

Prosa paradoxal	182
-----------------------	-----

Caracteres cômicos	191
--------------------------	-----

O campo semântico e iconográfico de <i>kêtos</i>	210
--	-----

Medidas e desmedidas	242
----------------------------	-----

Luciano polemista	244
-------------------------	-----

Luciano e a sofística	247
-----------------------------	-----

Ser e não-ser, eis a navegação	250
--------------------------------------	-----

Bibliografia	258
--------------------	-----

Nota preliminar

Se alguma certeza há sobre Luciano de Samósata, ela reside em não haver quase nenhuma, seja no que diz respeito ao conjunto preciso de escritos que lhe são atribuídos – o chamado *Corpus Lucianaeum* reúne cerca de oitenta obras extraídas de mais de uma centena e meia de manuscritos¹, sendo algumas de autoria incerta, enquanto outras, apócrifas² –, seja no que concerne ao próprio escritor, de quem menos ainda se sabe. A crítica se apoia, assim, nos opúsculos do referido *Corpus*, de sorte a conjecturar que Luciano tenha vivido sob a égide dos Imperadores Antoninos, entre 120 e 180.

Quanto ao *Ἀληθῶν Διηγημάτων* (*Das Narrativas Verdadeiras*)³, título estampado tanto no *Corpus do Vaticanus Γ* (op. 13)⁴, quanto no epítome de Fócio⁵, ele se apresenta sob a forma de uma narrativa em primeira pessoa em que o narrador, autointitulado *Luciano*, conta e comenta suas próprias expedições⁶.

Além da tradução, o propósito desse estudo é dar visibilidade ao campo conceitual mobilizado por Luciano, que no próêmio (I, 2-4) apresenta seu discurso sob o signo do cômico e do paradoxo do mentiroso. Como se verá adiante, esses conceitos estão

¹ Tomando por base apenas os manuscritos de Luciano anteriores a 1600, Jacques Bompaire recorda que M. Wittek enumerava 182 deles (em 1952) e que J. Coenen ampliava o conjunto para 185 (em 1977). Cf. BOMPAIRE, Jacques. À la recherche du stemma des manuscrits grecs de Lucien. Contribution à l'histoire de la critique. Revue d'histoire des textes, bulletin n°23, p. 1-29, 1993.

² A. M. Harmon julga serem apócrifas obras como *Alcíone ou Das Metamorfozes, Nero, O Patriota ou O Discípulo, Sobre a Astrologia, O Julgamento das Consoantes, Elogio de Demóstenes, Caridemo ou Sobre a Beleza, O Cínico, Os Amores, Os Longevos, Hípias ou O Balneário, O Pseudo-sofista ou O Solecista, Ocípode, Epigramas*. Cf. HARMON, A. M. *Lucian*. Volume I. Cambridge: Loeb Classical Library, 2006, p. xi. Em sua edição oitocentista, Bekker considera que 28 textos do referido *Corpus* não são da lavra de Luciano. Também são frequentes os casos de reatribuição. Ademais, no tocante aos textos tidos por autógrafos, recaem dúvidas quanto à cronologia deles.

³ O título aparece no genitivo plural neutro, assim, em tradução livre temos *Das Narrativas (ou Narrações) Verdadeiras*, segundo a opção que se adotar ao verter o termo *διήγημα*. Esse título, aliás, suscita discussão: conquanto os manuscritos da obra concordem no uso do adjetivo “verdadeiras” (*ἀληθῶν*), divergem quanto ao substantivo posposto, pois “narrativas” (*διηγημάτων*), que figura nos códices acolhidos como principais, é em outros cambiado por “histórias” (*ἱστορίας*). Isso repercute nas traduções: *Verae Historiae*, como se sabe, se impõe como o título latino da obra (a partir da versão de Poggio Bracciolini, de data incerta, publicada em *Opera Omnia* de Luciano), o qual se difunde na crítica, pois, não poucas edições modernas do livro, quaisquer que sejam os idiomas, tomam-no como referência. Entretanto, *Veris Narrationibus* precede por nomear a primeira versão latina conhecida (de Lilio Castellano, c. 1475), sendo seguida pelas também primeiras versões no italiano e no francês, *Le Vere Narrationi* (de Niccolò da Lonigo, 1525), *Les Vrayes Narrations* (de Simon Bourgoyn, 1528), respectivamente.

⁴ Cf. a introdução da obra: *Lucien, Œuvres*. Tomo 2, op. 11 -20. Textos traduzidos e estabelecidos por Jacques Bompaire. Paris: Belles Lettres, p. 40.

⁵ FÓCIO. *Biblioteca*, 166.

⁶ O título *Das Narrativas Verdadeiras* será também designado pelo acrônimo NV.

amalgamados na narrativa em termos de rebaixamento paródico dos livros de viagens visados pelo autor, bem como da contínua produção de figuras maravilhosas.

Utiliza-se, aqui, o texto grego de Luciano estabelecido por Jacques Bompaire⁷. As traduções consultadas aparecem na bibliografia. Quanto às notas, elas levam em conta também o aparato crítico consignado nos estudos de Stengel⁸, de Ollier⁹, de Georgiadou e Larmour¹⁰, de Tichit¹¹.

⁷ Lucien, *Œuvres*. Tome II: opuscles 11-20. Paris: Belles Lettres, 2012, p. 56 -134.

⁸ STENGEL, Albert. *De Luciani Veris Historiis*. Berlim, 1911.

⁹ OLLIER, François. *Lucien. Histoire Vraie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.

¹⁰ GEORGIADOU, Aristola; LARMOUR, David H. *Lucian's Science Fiction Novel True Histories*. Leiden: Brill, 1998.

¹¹ TICHIT, Michel. *Lucien. Histoire Véroitable I et II*. Paris: Bertrand-Lacoste, 1995.

ΑΛΗΘΩΝ ΔΙΗΓΗΜΑΤΩΝ

Βιβλίον Α'

1. Ὡσπερ τοῖς ἀθλητικοῖς καὶ περὶ τῆν τῶν σωμάτων ἐπιμέλειαν ἀσχολουμένοις οὐ τῆς εὐεξίας μόνον οὐδὲ τῶν γυμνασίων φροντίς ἐστίν, ἀλλὰ καὶ τῆς κατὰ καιρὸν γινομένης ἀνάσεως - μέρος γοῦν τῆς ἀσκήσεως τὸ μέγιστον αὐτὴν ὑπολαμβάνουσιν -, οὕτω δὴ καὶ τοῖς περὶ τοὺς λόγους ἐσπουδακόσιν ἠγοῦμαι προσήκειν μετὰ τὴν πολλὴν τῶν σπουδαιοτέρων ἀνάγνωσιν ἀνιέναι τε τὴν διάνοιαν καὶ πρὸς τὸν ἔπειτα κάματον ἀκμαιοτέραν παρασκευάζειν.

DAS NARRATIVAS VERDADEIRAS

Livro I

1. Assim como para os que se ocupam do atletismo e os que cuidam do corpo há dedicação não apenas à boa saúde e aos exercícios físicos, mas também ao oportuno descanso – que estimam seja a parte mais importante do treinamento –, assim também para os que se empenham em discursos, julgo conveniente descansar o pensamento após muita leitura de obras mais sérias e torná-lo mais vigoroso para um esforço ulterior¹².

¹² Luciano lança mão de um *tópos* que trata das ocupações ou atividades, elencadas em pares complementares, em que de um lado figuram as sérias ou requerentes de esforço para a sua realização, conhecidas através de um léxico grego e latino variado (*ἀσχολία, σπουδή, negotium*), enquanto, de outro, as divertidas ou lúdicas que atendem por nomes como *διατριβή, σχολή, παίγιον, ludus, schola, otium*. Quando Quintiliano escreve (*Inst. Or.* I, 3, 8) que a distensão também faz parte da instrução oratória, do mesmo modo que o esforço empenhado no aprender depende da vontade, põe em circulação noções gregas. Aristóteles considera que os jogos embora não tragam felicidade, são úteis à condição de poder se empenhar nas mais atividades, pois, como não se pode labutar de modo ininterrupto, a recreação é benéfica: remédio para a alma, apazível quando se está fadigado ou muito concentrado (*Ética a Nicômano*. X, 6 - 1176b). Já Herodóto trata do binômio *σχολή (otium)/ σπουδή (negotium)* a propósito da faraó Amasis: censurado pelos súditos por despender parte do dia a jogar e a beber, ainda que dedique a outra aos negócios do reino, esse faraó retorque comparando a condição do homem com a do arco usado na caça e na guerra: como o arco só é vergado quando necessário, pois romperia caso ficasse sempre vergado, também o homem que se aplica demasiado aos assuntos sérios, sem entregar-se ocasionalmente à diversão, acabaria, sem se dar conta, ficando louco ou imbecil (*Hist.* II, 173).

2. Γένοιτο δ' ἂν ἐμμελῆς ἢ ἀνάπαυσις αὐτοῖς, εἰ τοῖς τοιούτοις τῶν ἀναγνωσμάτων ὁμιλοῖεν, ἃ μὴ μόνον ἐκ τοῦ ἀστείου τε καὶ χαρίεντος ψιλῆν παρέξει τὴν ψυχαγωγίαν, ἀλλὰ τινὰ καὶ θεωρίαν οὐκ ἄμουσον ἐπιδείξεται, οἷόν τι καὶ περὶ τῶνδε τῶν συγγραμμάτων φρονήσιν ὑπολαμβάνω· οὐ γὰρ μόνον τὸ ξένον τῆς ὑποθέσεως οὐδὲ τὸ χαρίεν τῆς προαιρέσεως ἐπαγωγὸν ἔσται αὐτοῖς οὐδ' ὅτι ψεύσματα ποικίλα πιθανῶς τε καὶ ἐναλήθως ἐξενηνόχαμεν, ἀλλ' ὅτι καὶ τῶν ἱστορουμένων ἕκαστον οὐκ ἀκωμωδῆτως ἦνικται πρὸς τινὰς τῶν παλαιῶν ποιητῶν τε καὶ συγγραφέων καὶ φιλοσόφων πολλὰ τεράστια καὶ μυθώδη συγγεγραφότων, οὓς καὶ ὀνομαστὶ ἂν ἔγραφον, εἰ μὴ καὶ αὐτῶι σοι ἐκ τῆς ἀναγνώσεως φανεῖσθαι ἔμελλον,

2. A distensão lhes seria adequada se se ocupassem com essas leituras, as quais não só proporcionarão por sua agudeza e graça uma leve diversão, como também demonstrarão uma visão não desprovida de Musas: entendo que algo assim eles ponderarão acerca destes escritos. Pois não apenas a estranheza da matéria, a graça em sua escolha, as variegadas mentiras que exponho de modo crível e verdadeiro serão, para eles, atraentes, mas também porque cada uma das histórias alude, não sem comédia, a alguns dos antigos poetas, historiadores e filósofos que também escreveram sobre muitos prodígios e fábulas, que eu nomearia por escrito¹³ se não estivessem prontos a se revelar a você mesmo na leitura¹⁴.

¹³ Jorge Luis Borges convida os leitores de seu *O livro dos seres imaginários* a frequentarem-no “como quem brinca com as formas cambiantes reveladas por um caleidoscópio”, pois ao compor sua “silva de vária lição” recorreu a múltiplas fontes, registradas em cada artigo. A mesma ludicidade e multiplicidade de referências recobrem os episódios de NV, com à diferença de que Luciano nem sempre revela as fontes usadas na figuração dos animais extraordinários. Isso constitui uma forma de jogo em que se põe à prova a memória treinada do leitor; afinal, a paródia depende do conhecimento prévio das obras imitadas, no que este é convidado não só a desvendá-las, como também a avaliar as variações produzidas, emulativamente. Além disso, nomear apenas parcialmente as fontes é um sinal de respeito para com a inteligência do ouvinte/leitor. Teofrasto, segundo Demétrio (*Do Estilo*, § 222), opina que tudo dizer-lhe *como se um fosse ignorante*, significa tratá-lo com *desprezo*. Como expediente eficaz de persuasão, o mesmo Teofrasto prescreve que se fale sem ser prolixo, evitando muito detalhes, de sorte a deixar que a audiência possa *compreender* por si mesma, pois, uma vez que tiver compreendido, ela passará a ser testemunha do autor, julgando-se mais inteligente graças a este que forneceu os meios para a compreensão.

¹⁴ Ollier (*Lucien. Histoire Vraie*, op. cit. p. 10) observa que a locução *ἀντὶ σοι* constitui um aditamento incluído apenas nas edições da obra. Pois, na prática corrente no mundo antigo, ela deve ter sido previamente objeto de leitura pública.

3. <ὄν> Κτησίας ὁ Κτησιόχου ὁ Κνίδιος, ὃς συνέγραψεν περὶ τῆς Ἰνδῶν χώρας καὶ τῶν παρ' αὐτοῖς ἃ μήτε αὐτὸς εἶδεν μήτε ἄλλου ἀληθεύοντος ἤκουσεν. Ἐγραψε δὲ καὶ Ἰαμβοῦλος περὶ τῶν ἐν τῇ μεγάλῃ θαλάττῃ πολλὰ παράδοξα, γνῶριμον μὲν ἅπασιν τὸ ψεῦδος πλασάμενος, οὐκ ἀτερπῆ δὲ ὅμως συνθεῖς τὴν ὑπόθεσιν. Πολλοὶ δὲ καὶ ἄλλοι τὰ αὐτὰ τούτοις προελόμενοι συνέγραψαν ὡς δὴ τινὰς ἐαυτῶν πλάνας τε καὶ ἀποδημίας, θηρίων τε μεγέθη ἱστοροῦντες καὶ ἀνθρώπων ὠμότητας καὶ βίων καινότητας· ἀρχηγὸς δὲ αὐτοῖς καὶ διδάσκαλος τῆς τοιαύτης βωμολοχίας ὁ τοῦ Ὀμήρου Ὀδυσσεύς, τοῖς περὶ τὸν Ἀλκίνοον διηγούμενος ἀνέμων τε δουλείαν καὶ μονοφθάλμους καὶ ὠμοφάγους καὶ ἀγρίους τινὰς ἀνθρώπους, ἔτι δὲ πολυκέφαλα ζῶια καὶ τὰς ὑπὸ φαρμάκων τῶν ἐταίρων μεταβολάς, οἷς πολλὰ ἐκεῖνος πρὸς ἰδιώτας ἀνθρώπους τοὺς Φαίακας ἑτερατεύσατο.

3. Um deles¹⁵ é Ctésias de Cnido, filho de Ctesíoco, que escreveu acerca da região dos indianos¹⁶ e do que concerne a eles, daquilo que ele nem viu nem mesmo ouviu de alguém que tenha falado a verdade. Já Iambulo¹⁷ escreveu muitas coisas extraordinárias sobre o grande mar¹⁸, forjando a falsidade de todos conhecida, compondo uma nada desagradável matéria. Também muitos outros, tendo feito as mesmas escolhas, escreveram andanças e viagens como se fossem suas, a inquirir sobre as enormidades das feras, as crueldades dos homens, as novidades dos modos de vida. O pioneiro e mestre nesta sorte de bufonaria foi o Odisseu de Homero quando narra na corte de Alcino a servidão dos ventos¹⁹, os Monoftalmos²⁰, os Omófagos²¹ e uns homens selvagens²², como também os animais policéfalos²³ e as mutações dos companheiros por meio de poções²⁴; assim ele contou muitos prodígios aos Feácios, homens simplórios.

¹⁵ Passo corrupto. Bompaire, seguindo a conjectura proposta por estudiosos, adita <ὄν>.

¹⁶ A pecha de mentiroso atribuída aos historiadores que deslindaram sobre a Índia é proverbial. Estrabão qualifica de “*ψευδολόγοι*” Deimaco, Megástenes, Onesícrito e Nearco; todos escritores-navegadores que fizeram parte das expedições índicas de Alexandro Magno. A desconfiança de Estrabão (*Geografia*, II, 1, 9) recai principalmente sobre Deimaco e Megástenes por terem contado histórias extraordinárias também de homens (uns com orelhas à guisa de cama, outros sem boca ou sem nariz, outros ainda com um olho só) e de animais (formigas que escavam ouro, serpentes que engolem bois e cervos). Tais matérias já integram a *Índica* de Ctésias, como se deduz da doxografia remanescente. Fócio, em seu epítome de Ctésias (*Bibl.* 72), escreve que as montanhas indianas são habitadas por homens belicosos com 8 dedos em cada mão e cada pé, e que eles têm orelhas que os recobrem até os cotovelos, dissimulando suas costas, de vez que as duas orelhas podem se ajuntar. Antes desses navegadores, Cílix de Carianda empreende uma viagem de exploração pelo rio Indo e, ao cabo de trinta meses, alcança o Mar Vermelho, escreve Heródoto (*Hist.* IV, 44).

¹⁷ Diodoro da Sicília fornece um resumo da obra de Iambulo (cf. *Biblioteca Histórica*. II, 55-60).

¹⁸ O Oceano Índico.

¹⁹ É o episódio em que Éolo, senhor dos ventos, encerra dentro de um odre os ventos nefastos, de modo que a nave de Odisseu pudesse voltar para Ítaca (*Odis.* X, 1- 75).

²⁰ Referência aos Ciclopes: figuras colossais, de um só olho no meio da testa que, insociáveis, moram em cavernas isoladas. Deles sobressai Polifemo, que protagoniza uma das aventuras da *Odisseia* (IX, 166 - 549) mais parodiadas por comediógrafos desde Epicarmo.

²¹ Comedores de carne crua são os Lestrigões ou Lestrígonas, um povo de gigantes governado por Antífates. Este recebe os embaixadores de Odisseu, banquetando-se com um deles. Odisseu conta que os Lestrigões arpoavam os marinheiros gregos como peixes a fim de os servirem no jantar (*Odis.* X, 82 -131). Lembra-se que tanto o Polifemo, devorador de 6 companheiros do herói, quanto as Sereias, mulheres-rapinas, também se alimentam da carne crua humana.

²² O designativo “homens selvagens” se aplica à várias personagens homéricas, como aos próprios companheiros de Odisseu ao desembarcarem na terra dos Cícones, onde cometem atrocidades (*Odis.* IX, 39 - 61).

²³ Cila tem 6 cabeças e 12 pernas. Habita na gruta de um estreito rochoso, cujo lado oposto é lar de Caríbdis, conhecida pela voracidade no sugar e no regurgitar a água do mar (*Odis.* XII, 85 - 106).

²⁴ A maga Circe recebe em seu palácio uns companheiros de Odisseu com comida e bebida enfeitados por drogas poderosas. Após se fartarem com essas, os marujos são transformados em porcos: Circe os toca com sua vara mágica (*Odis.* X, 234- 240).

4. Τούτοις οὖν ἐντυχὼν ἅπασιν, τοῦ ψεύσασθαι μὲν οὐ σφόδρα τοὺς ἄνδρας ἐμεμψάμην, ὁρῶν ἤδη σύνηθες ὄν τοῦτο καὶ τοῖς φιλοσοφεῖν ὑπισχνουμένοις· ἐκεῖνο δὲ αὐτῶν ἐθαύμασα, εἰ ἐνόμιζον λήσειν οὐκ ἀληθῆ συγγράφοντες. Διόπερ καὶ αὐτὸς ὑπὸ κενοδοξίας ἀπολιπεῖν τι σπουδάσας τοῖς μεθ' ἡμᾶς, ἵνα μὴ μόνος ἄμοιρος ᾦ τῆς ἐν τῷ μυθολογεῖν ἐλευθερίας, ἐπεὶ μηδὲν ἀληθὲς ἱστορεῖν εἶχον – οὐδὲν γὰρ ἐπεπόνθειν ἀξιόλογον – ἐπὶ τὸ ψεῦδος ἐτραπόμην πολὺ τῶν ἄλλων εὐγνωμονέστερον· κὰν ἔν γὰρ δὴ τοῦτο ἀληθεύσω λέγων ὅτι ψεύδομαι. Οὕτω δ' ἂν μοι δοκῶ καὶ τὴν παρὰ τῶν ἄλλων κατηγορίαν ἐκφυγεῖν αὐτὸς ὁμολογῶν μηδὲν ἀληθὲς λέγειν. Γράφω τοίνυν περὶ ὧν μήτε εἶδον μήτε ἔπαθον μήτε παρ' ἄλλων ἐπυθόμην, ἔτι δὲ μήτε ὅλως ὄντων μήτε τὴν ἀρχὴν γενέσθαι δυναμένων. Διὸ δεῖ τοὺς ἐντυγχάνοντας μηδαμῶς πιστεύειν αὐτοῖς.

4. Tendo-me deparado então com tudo isso, não repreendi severamente esses homens por mentirem, vendo que isso é habitual até nos que professam a filosofia. Admirou-me que eles julgassem escreverem inverdades que não se faziam notar. Com isso, tomado pela vanglória, eu me esforcei em legar algo à posteridade para não ser o único excluído da licença no fabular. Conquanto eu não tivesse qualquer verdade para inquirir – pois de nada memorável fui afetado – voltei-me para uma mentira muito mais razoável que a dos outros. Logo, dizendo que minto, direi ao menos uma verdade. Parece-me assim que eu absolvo a mim mesmo da acusação de outros confessando que não digo verdade alguma. Escrevo, por conseguinte, acerca do que não vi, não padeci, não soube por outros e, ainda, acerca do que de nenhum modo é e, por princípio, nem mesmo pode vir a ser. Ora, os que se depararem com isso não devem de modo algum dar-lhe fé.

5. Ὅρμηθεις γάρ ποτε ἀπὸ Ἡρακλείων στηλῶν καὶ ἀφεις εἰς τὸν ἐσπέριον ὠκεανὸν οὐρίωι ἀνέμωι τὸν πλοῦν ἐποιούμην. Αἰτία δέ μοι τῆς ἀποδημίας καὶ ὑπόθεσις ἢ τῆς διανοίας περιεργία καὶ πραγμάτων καινῶν ἐπιθυμία καὶ τὸ βούλεσθαι μαθεῖν τί τὸ τέλος ἐστὶν τοῦ ὠκεανοῦ καὶ τίνες οἱ πέραν κατοικοῦντες ἄνθρωποι. Τούτου γέ τοι ἔνεκα πάμπολλα μὲν σιτία ἐνεβαλόμην, ἰκανὸν δὲ καὶ ὕδωρ ἐνεθέμην, πεντήκοντα δὲ τῶν ἡλικιωτῶν προσεποιησάμην τὴν αὐτὴν ἐμοὶ γνώμην ἔχοντας, ἔτι δὲ καὶ ὄπλων πολὺ τι πλῆθος παρεσκευασάμην καὶ κυβερνήτην τὸν ἄριστον μισθῶι μεγάλωι πείσας παρέλαβον καὶ τὴν ναῦν - ἄκατος δὲ ἦν - ὡς πρὸς μέγαν καὶ βίαιον πλοῦν ἐκρατυνάμην.

5. Certa feita, lançando-me além das Colunas de Hércules²⁵ e partindo para o Oceano Ocidental²⁶, naveguei com vento favorável. As causas e o propósito de minha viagem eram a curiosidade do pensamento, o desejo por coisas novas e a vontade de saber qual é o fim do Oceano e quais os homens que habitam o lado de lá. Por isso, estoquei muitos alimentos, bastante água e atraí cinquenta companheiros²⁷ da mesma idade e pendor que os meus. Preparei, ainda, uma quantidade imensa de equipamentos, contratei o melhor piloto²⁸, convencendo-o com altos honorários e, sendo a nave uma embarcação leve, reforcei-a, visando a uma navegação longa e conturbada.

²⁵ Também chamadas “Colunas de Hércules” (*Columnas Herculis*), elas designam os promontórios que flanqueiam o estreito modernamente conhecido como de *Gibraltar* e que servem de limite ocidental do mundo conhecido para os Antigos.

²⁶ O Oceano Atlântico.

²⁷ Número verossímil em relatos de viagens, empregado a propósito dos Argonautas. Segundo Apolodoro, Argo constrói uma nave de 50 remos (*Bibl. I, 16*). Entretanto, o chamado “catálogo dos Argonautas” varia segundo os autores, entre 50 e 55 aventureiros, sendo que Apolônio de Rodes nomeia 55 deles. Também no périplo do cartaginês Hanão é mencionado que as naves têm 50 remos.

²⁸ Além do *κυβερνήτης* (piloto ou timoneiro), responsável por manejar o leme, e do *κελευστής* (contramestre ou chefe dos remadores), a quem cabia marcar a cadência dos remos – ofício exercido por Orfeu na viagem dos Argonautas –, as letras náuticas gregas destacam também a figura do *πρωράτης*, incumbido de cuidar da proa, por isso chamado de *segundo piloto* ou *homem da proa*; atribuição de envergadura uma vez que as expedições antigas não se orientam por cartas náuticas (CASSON, Lionel. *Ships and Seamanhip in the Ancient World*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1986, p. 300); além disso, guiavam-se, em noites sem nebulosidade, sobretudo pela constelação de Castor e Pólux com o fito de estabelecerem seu trajeto (ROUGÉ, Jean. *La Marine dans l'Antiquité*. Paris: PUF, 1975, p. 207).

6. Ἡμέραν οὖν καὶ νύκτα οὐρίωι πλέοντες ἔτι τῆς γῆς ὑποφαινομένης οὐ σφόδρα βιαίως ἀνηγόμεθα, τῆς ἐπιούσης δὲ ἅμα ἡλίωι ἀνίσχοντι ὃ τε ἄνεμος ἐπεδίδου καὶ τὸ κύμα ἠϋξάνετο καὶ ζόφος ἐπεγίνετο καὶ οὐκέτ' οὐδὲ στεῖλαι τὴν ὀθόνην δυνατὸν ἦν. Ἐπιτρέψαντες οὖν τῶι πνέοντι καὶ παραδόντες ἑαυτοὺς ἐχειμαζόμεθα ἡμέρας ἑννέα καὶ ἑβδομήκοντα, τῆι ὀγδοηκοστῆι δὲ ἄφνω ἐκλάμπαντος ἡλίου καθορῶμεν οὐ πόρρω νῆσον ὑψηλὴν καὶ δασεῖαν, οὐ τραχεῖ περιηγουμένην τῶι κύματι· Καὶ γὰρ ἤδη τὸ πολὺ τῆς ζάλης κατεπαύετο. Προσσχόντες οὖν καὶ ἀποβάντες ὡς ἂν ἐκ μακρᾶς ταλαιπωρίας πολὺν μὲν χρόνον ἐπὶ γῆς ἐκεῖμεθα, διαναστάντες δὲ ὅμως ἀπεκρίναμεν ἡμῶν αὐτῶν τριάκοντα μὲν φύλακας τῆς νεῶς παραμένειν, εἴκοσι δὲ σὺν ἔμοι ἀνελθεῖν ἐπὶ κατασκοπῆι τῶν ἐν τῆι νήσῳι.

6. Tendo navegado dia e noite com vento favorável e a terra ainda aparente, buscamos o alto-mar sem muita turbacão. Na manhã seguinte, com o nascer do sol, ergueu-se o vento, elevaram-se as ondas; descida a escuridão, ficou impossível arriar as velas. Abandonados ao vento e entregues a nós mesmos, ficamos à mercê da tempestade por setenta e nove dias, mas no octogésimo, o sol de repente raiou e avistamos, não longe dali, uma ilha alta e arborizada com suaves ondas ressoando ao redor. Muito da tempestade cessara. Após aportarmos e desembarcarmos, como se espera de um longo sofrimento, repousamos por muito tempo na terra. Já recuperados, escolhemos trinta dos nossos para vigiar a nave e vinte para comigo subir na exploração da ilha.

7. Προελθόντες δὲ ὅσον σταδίουσ τρεῖσ ἀπὸ τῆσ θαλάττῆσ δι' ὕλῆσ ὀρῶμέν τινα στήλῆν χαλκοῦ πεποιημένην, Ἑλληνικοῖσ γράμμασιν καταγεγραμμένην, ἀμυδροῖσ δὲ καὶ ἐκτετριμμένοισ, λέγουσαν Ἄχρι τούτων Ἡρακλῆσ καὶ Διόνυσος ἀφίκοντο. Ἦν δὲ καὶ ἴχνη δύο πλησίον ἐπὶ πέτρασ, τὸ μὲν πλεθριαῖον, τὸ δὲ ἔλαττον – ἐμοὶ δοκεῖν, τὸ μὲν τοῦ Διονύσου, τὸ μικρότερον, θάτερον δὲ Ἡρακλέουσ. Προσκυνήσαντες δ' οὖν προῆμεν· οὐπω δὲ πολὺ παρήμεν καὶ ἐφιστάμεθα ποταμῶι οἶνον ῥέοντι ὁμοιότατον μάλιστα οἷόσπερ ὁ Χιός ἐστιν. Ἄφθονον δὲ ἦν τὸ ῥεῦμα καὶ πολὺ, ὥστε ἐνιαχοῦ καὶ ναυσίπορον εἶναι δύνασθαι. Ἐπῆει οὖν ἡμῖν πολὺ μᾶλλον πιστεύειν τῶι ἐπὶ τῆσ στήλῆσ ἐπιγράμματι, ὀρῶσι τὰ σημεῖα τῆσ Διονύσου ἐπιδημίας. Δόξαν δέ μοι καὶ ὅθεν ἄρχεται ὁ ποταμὸσ καταμαθεῖν, ἀνήγειν παρὰ τὸ ῥεῦμα, καὶ πηγὴν μὲν οὐδεμίαν εὔρον αὐτοῦ, πολλὰσ δὲ καὶ μεγάλασ ἀμπέλουσ, πλήρεισ βοτρυῶν, παρὰ δὲ τὴν ρίζαν ἐκάστην ἀπέρρει σταγῶν οἶνου διαυγοῦσ, ἀφ' ὧν ἐγίνετο ὁ ποταμὸσ. Ἦν δὲ καὶ ἰχθῦσ ἐν αὐτῶι πολλοῦσ ἰδεῖν, οἶνωι μάλιστα καὶ τὴν χροάν καὶ τὴν γεῦσιν προσεοικότασ· ἡμεῖσ γοῦν ἀγρεύσαντεσ αὐτῶν τινασ καὶ ἐμφαγόντεσ ἐμεθύσθημεν· ἀμέλει καὶ ἀνατεμόντεσ αὐτοῦσ εὐρίσκομεν τρυγὸσ μεστοῦσ. Ὑστερον μέντοι ἐπινοήσαντεσ τοῦσ ἄλλουσ ἰχθῦσ, τοῦσ ἀπὸ τοῦ ὕδατοσ παραμιγνύντεσ ἐκεράννυμεν τὸ σφοδρὸν τῆσ οἰνοφαγίας.

7. Após avançarmos três estádios²⁹ a partir do mar, avistamos através da floresta uma estela feita de bronze, inscrita com letras gregas, indistintas e gastas, com os dizeres: "Hércules e Dioniso vieram até aqui"³⁰. Nas proximidades também havia duas pegadas numa rocha, das quais uma media um pletro³¹, enquanto a outra, a menor – parece-me que esta, a menor em tamanho –, é de Dioniso e aquela, de Hércules³². Após reverenciá-las, prosseguimos, porém mal seguimos para topar com um rio no qual corria vinho muito semelhante ao de Quios. Seu curso era muito abundante e caudaloso, a ponto de poder ser navegado em alguns lugares. Passamos então a acreditar mais na inscrição da estela, observando os sinais da estada de Dioniso. Decidi descobrir onde era a nascente do rio e subi margeando a corrente, mas não encontrei nenhuma, senão inúmeras e enormes videiras, carregadas de cachos de uvas; junto a cada raiz manavam gotas de vinho puro das quais nascia o rio. Nele também se podiam ver numerosos peixes muito semelhantes ao vinho em gosto e cor. Pescando e comendo alguns deles embriagamo-nos. Após dissecá-los, encontramos-os, evidentemente, cheio de mosto. E para diluir o excesso dessa vinofagia³³, lembramo-nos mais tarde de misturá-los com os peixes que vivem na água.

²⁹ Cerca de 533 m.

³⁰ A estela recebe aqui dupla significação, como monumento religioso (reverenciado pelos marinheiros como revelador da presença de Hércules, herói civilizador, e da de Dioniso, divindade agrária, referido em seguida por um de seus atributos, o vinho), e como geográfico, por inscrever um marco fronteiriço, explícito na inscrição “vieram até aqui”. A incongruência de ordem geográfica se evidencia no fazer incidir em um mesmo lugar, finisterra, dois marcos diametralmente opostos da ecúmena, pois, enquanto os confins ocidentais do mundo habitado são estabelecidos por Hércules, os orientais o são por Dioniso. Há colunas a um e a outro consagradas, sendo que as de Dioniso se situam na Índia, marcando o ponto extremo de sua expedição (Dionísio Periegeta, *Periegesis da Ecúmena*, 1162-1164; Apolodoro, *Bibl.*, III, 36, 1). O divertido da hipótese é ver que mesmo tendo partido das Colunas de Hércules e singrado os mares por quase três meses, os aventureiros continuam no mesmo domínio herácleo, porém, duplicado pelo dionisismo indiano, já que Dioniso, deus da duplicidade, é aquele que abole todas as fronteiras (cf. VERNANT, Jean-Pierre. *Mythe et Religion en Grèce ancienne*. Paris: Seuil, 1990, p. 99 -104). Essa ilha prodigiosa ganha então contornos de aldeia báquica universal, onde coexistem diversas etnias, evidenciadas pelo plurilinguismo das mulheres-videiras, que se comunicam, algumas em lídio, outras em índico, muitas em grego.

³¹ Por volta de 30 m.

³² “Do pé se mede Hércules” diz a máxima latina (*ex pede Herculem*) sintetizando um arrazoado grego que Aulo Gélio, relendo Plutarco, atribui ao filósofo Pitágoras, o qual logrou estabelecer a estatura elevada do herói: sabendo que Hércules mediu com seus próprios pés o comprimento do estádio de Pisa, próximo ao templo de Júpiter Olímpico, e que os 600 pés ali registrados foram aplicados nas construções ulteriores de estádios, os quais, todavia, ficaram menores, o mesmo Pitágoras determinou que o pé de Hércules era tanto maior que o dos demais homens, como o estádio olímpico (192, 50 m) o era em relação aos demais estádios; e com base no pé de Hércules calculou a altura correspondente ao corpo dele considerando a proporção de todos os membros, concluindo que Hércules superava em tamanho todos os homens até então existentes (A. Gélio, *Noites Áticas*, I, 1-3). Com a pegada na rocha, Luciano amplifica jocosamente o louvor pitagórico a Hércules, atribuindo-lhe uns 180 m de altura, se tomarmos como termo de comparação a regra vitruviana: “o pé é a sexta parte da altura do corpo” (*Da Arquitetura*, III, 1). Mas, a julgar por Apolodoro (*Bibl.*, II, 4, 9), a estatura de Hércules era mais modesta: sequer transcendia os quatro côvados (180 cm).

³³ O hápax *οίνοφαγία* designa os alimentos de procedência vínica.

8. Τότε δὲ τὸν ποταμὸν διαπεράσαντες ἦν διαβατὸς ἦν, εὖρομεν ἀμπέλων χρῆμα τεράστιον· τὸ μὲν γὰρ ἀπὸ τῆς γῆς, ὁ στέλεχος αὐτὸς εὐερνῆς καὶ παχύς, τὸ δὲ ἄνω γυναῖκες ἦσαν, ὅσον ἐκ τῶν λαγόνων ἅπαντα ἔχουσαι τέλεια - τοιαύτην παρ' ἡμῖν τὴν Δάφνην γράφουσιν ἄρτι τοῦ Ἀπόλλωνος καταλαμβάνοντος ἀποδενδρουμένην. Ἀπὸ δὲ τῶν δακτύλων ἄκρων ἐξεφύοντο αὐταῖς οἱ κλάδοι καὶ μεστοὶ ἦσαν βοτρυῶν. Καὶ μὴν καὶ τὰς κεφαλὰς ἐκόμων ἔλιξι τε καὶ φύλλοις καὶ βότρουσι. Προσελθόντας δὲ ἡμᾶς ἠσπάζοντο καὶ ἐδέξιοῦντο, αἱ μὲν Λύδιον, αἱ δ' Ἰνδικήν, αἱ πλείσται δὲ τὴν Ἑλλάδα φωνὴν προϊέμεναι. Καὶ ἐφίλουν δὲ ἡμᾶς τοῖς στόμασιν· ὁ δὲ φιληθεὶς αὐτίκα ἐμέθυσεν καὶ παράφορος ἦν. Δρέπεσθαι μέντοι οὐ παρεῖχον τοῦ καρποῦ, ἀλλ' ἤλγουν καὶ ἐβόων ἀποσπωμένου. Αἱ δὲ καὶ μίγνυσθαι ἡμῖν ἐπεθύμουν· καὶ δύο τινὲς τῶν ἐταίρων πλησιάσαντες αὐταῖς οὐκέτι ἀπελύοντο, ἀλλ' ἐκ τῶν αἰδοίων ἐδέδεντο· συνεφύοντο γὰρ καὶ συνερριζοῦντο. Καὶ ἤδη αὐτοῖς κλάδοι ἐπεφύκεσαν οἱ δάκτυλοι, καὶ ταῖς ἔλιξι περιπλεκόμενοι ὅσον οὐδέπω καὶ αὐτοὶ καρποφορήσειν ἔμελλον.

8. Tendo então atravessado o rio por onde era transponível, encontramos vinhas, riqueza prodigiosa, pois, na parte saída da terra era o talo vicejante e robusto, enquanto na parte superior eram mulheres em tudo perfeitas a partir dos quadris – como é pintada Dafne tornando-se árvore assim que Apolo a agarra. Da ponta dos dedos delas nasciam ramos carregados de cachos de uva. De suas cabeças pendiam longos cabelos com gavinhas, folhas e cachos. Quando nos aproximamos, fomos saudados por elas, que cumprimentaram falando, algumas em lídio, outras em índico, a maior parte em grego. Puseram-se a nos beijar, ficando imediatamente bêbado e fora de si quem recebera o beijo. Entretanto, não permitiam colher o seu fruto e padeciam e gritavam quando o arrancavam. Desejaram também unir-se a nós: dois dos companheiros que se achegaram a elas, não mais conseguiram soltar-se, pois as partes lhes ficaram presas: entrelaçaram-se e enraizaram com elas. Dos seus dedos já nasciam ramos e, enlaçados pelas gavinhas, estavam prontos a dar frutos.

9. Καταλιπόντες δὲ αὐτοὺς ἐπὶ ναῦν ἐφεύγομεν καὶ τοῖς ἀπολειφθεῖσιν διηγούμεθα ἐλθόντες τά τε ἄλλα καὶ τῶν ἐταίρων τὴν ἀμπελομιξίαν. Καὶ δὴ λαβόντες ἀμφορέας τινὰς καὶ ὑδρευσάμενοί τε ἅμα καὶ ἐκ τοῦ ποταμοῦ οἰνισάμενοι καὶ αὐτοῦ πλησίον ἐπὶ τῆς ἠϊόνος ἀλυσάμενοι ἔωθεν ἀνήχθημεν οὐ σφόδρα βιαίωι πνεύματι. Περὶ μεσημβρίαν δὲ οὐκέτι τῆς νήσου φαινομένης ἄφνω τυφῶν ἐπιγενόμενος καὶ περιδιήσας τὴν ναῦν καὶ μετεωρίσας ὅσον ἐπὶ σταδίους τριακοσίους οὐκέτι καθῆκεν εἰς τὸ πέλαγος, ἀλλ' ἄνω μετέωρον ἐξηρημένην ἄνεμος ἐμπεσὼν τοῖς ἰστίοις ἔφερεν κολπώσας τὴν ὀθόνην.

9. Após abandoná-los, voltamos a nave e ao chegarmos, contamos para os que lá ficaram, entre outros, a promíscua mistura dos companheiros na videira. Tomamos então algumas ânforas, fizemos provisões de água e vinho do rio e passamos a noite acampados no litoral; quando amanheceu zarpamos com vento não muito conturbado. Por volta do meio-dia, quando a ilha não mais aparecia, surgiu repentinamente um tufão a rodopiar a nave, elevando-a no ar por trezentos estádios³⁴, não mais deixando-a baixar ao mar, pois um vento que caía sobre as velas e as inflava, arrastava-a, suspensa, no ar³⁵.

³⁴ Cerca de 53 km.

³⁵ Relatos de viagens aos domínios celestes são antigos e variados, não faltando heróis a sulcarem os ares, como Ícaro que adeja pelas cercanias do Sol, ou Belerofonte que, montado em Pégaso, ruma ao Olimpo. Os dois heróis trágicos são motivos de representações cômicas: o Menipo luciânico, atando um par de asas aos seus ombros, uma de águia e outra de abutre, se desloca pelo firmamento e vai à morada olímpica, do que se entende o título *Icaromenipo* atribuído ao diálogo. Do mesmo modo, o Trigeu aristofânico, um lavrador ático, arremedador do euripídico *Belerofonte*, sobe às costas de um escaravelho colossal e esvoaça pelos ares (*A Paz*).

Mas, com o conto selenita de NV, Luciano oferece um elemento novo: variando o predicado associado ao voo maravilhoso – em vez de animais alados ou de homens voadores, traz à cena um barco à vela aeronavegante –, inaugura a expedição náutica à Lua, sendo fundador de uma tradição de périplos fantásticos, replicada diretamente até pelo menos Rudolf Raspe (*As Aventuras do Barão de Munchausen*, 1785). Consta nas letras gregas um precedente de narrativa de viagem, em que um aventureiro, após ter franqueado os confins do mundo, ascende à Lua. Trata-se de *Das Coisas Incríveis Além de Tule* (*Τὰ ὑπὲρ Θούλην ἄπιστα*), de Antônio Diógenes. Obra só conhecida através de fontes indiretas, das quais a principal é o resumo de Fócio (*Biblioteca*, cód. 166), que considera *Das Coisas Incríveis Além de Tule* a “fonte” e “raiz” de NV (idem, 111b36 -37). Esse comentário fociano suscitou o debate entre os estudiosos modernos, seja no sentido de o endossar (K. Reyhl, Antonios Diogenes. *Untersuchungen zu den Roman-Fragmenten der «Wunder jenseits von Thule» und den «Wahren Geschichten» des Lukian*. Dissertation, Tübingen, 1969), seja no sentido de o rechazar (J. R. Morgan. "Lucian's True Histories and the Wonders beyond Thule of Antonius Diogenes". *The Classical Quarterly, New Series*, Vol. 35, No. II, 1985, p. 475-490). Se o epítome de Fócio permite ver pontos de convergência entre os dois relatos, ele, no entanto, não autoriza ninguém a concluir que Luciano tenha extraído sua história deste A. Diógenes. Já sob esse aspecto, o prómio de NV desmente a hipótese de haver referência única: a viagem de Luciano perpassa diversos rincões da *paideia* grega instituída por poetas, historiadores, filósofos. Pelo epítome de Fócio, aliás, nem mesmo se sabe como Dínias, o protagonista de *Coisas Incríveis*, logrou chegar a Lua. Supõe-se que esse deslocamento tenha sido fruto de encantamento, devido às ressonâncias neopitagóricas que ecoam no relato. Conta-se, nesse sentido, que o protagonista regressa à Terra por obra de magia (idem, 111a12). Em meio às dúvidas que cercam o significado de *Coisas Incríveis Além de Tule* – seria ele apenas um relato ficcional para divertir ou estaria também recoberto por uma aretologia de fundo pitagórico? –, Fócio propõe uma direção interpretativa, afirmando que Antônio Diógenes designa a si mesmo como um escritor de “comédia antiga” que elabora relatos incríveis e falsos (idem, 111a35 -37). Com esses qualificativos, indicam-se os preceitos com que o autor opera, pois sua encenação cômica produz coisas extraordinárias, seja por inversão, seja por exagero, relativamente àquelas que ocorrem em cidades gregas, como procedem comediógrafos desde Aristófanes. Assim, ao longo das viagens, as personagens de A. Diógenes contam terem visto ou ouvido coisas: mulheres que vão à guerra enquanto homens cuidam da casa e dos labores femininos (109b36- 37), habitantes cegos de dia, mas ventos à noite (109b 19-20), cavalos cujo cor da pele é cambiante (idem, 109b24- 25), e ainda uma região hiperbórea em que a noite, como o dia, pode prolongar-se por um ano inteiro (idem, 111a1- 4).

10. Ἐπτά δὲ ἡμέρας καὶ τὰς ἴσας νύκτας ἀεροδρομήσαντες, ὀγδόῃ καθορῶμεν γῆν τινα μεγάλην ἐν τῷ ἀέρι καθάπερ νῆσον, λαμπρὰν καὶ σφαιροειδῆ καὶ φωτὶ μεγάλῳ καταλαμπομένην· προσενεχθέντες δὲ αὐτῇ καὶ ὀρμισάμενοι ἀπέβημεν, ἐπισκοποῦντες δὲ τὴν χώραν εὐρίσκομεν οἰκουμένην τε καὶ γεωργουμένην. Ἡμέρας μὲν οὖν οὐδὲν αὐτόθεν ἐωρῶμεν, νυκτὸς δὲ ἐπιγενομένης ἐφαίνοντο ἡμῖν καὶ ἄλλαι πολλαὶ νῆσοι πλησίον, αἱ μὲν μείζους, αἱ δὲ μικρότεραι, πυρὶ τὴν χθόαν προσεοικυῖαι, καὶ ἄλλη δέ τις γῆ κάτω, καὶ πόλεις ἐν αὐτῇ καὶ ποταμοὺς ἔχουσα καὶ πελάγη καὶ ὕλας καὶ ὄρη. Ταύτην οὖν τὴν καθ' ἡμᾶς οἰκουμένην εἰκάζομεν.

10. Após aeronavegarmos por sete dias e tantas outras noites, no oitavo³⁶ avistamos uma grande terra no ar como se fosse uma ilha, brilhante, esférica e de muita luz iluminada. Aproximamo-nos dela, ancoramos e desembarcamos: inspecionando a região, achamo-la habitada e cultivada. De dia nada víamos dali, mas, ao cair da noite, apareciam-nos muitas ilhas próximas, umas maiores, outras menores e de cor semelhante ao fogo, e, abaixo, outra terra havia com cidades, rios, mares, florestas, montanhas. Imaginamos que esta seja a nossa morada.

³⁶ Das questões que agitam o debate erudito envolvendo a Lua desde os Pré-socráticos, uma concerne ao cálculo preciso da distância da Terra à Lua. A aeronavegação luciânica fornece através das unidades de medidas assinaladas, o estádio e o nictêmero (cf. o texto *infra Medidas e desmedidas*), uma resposta jocosa, pois opera aqui com uma amplificação para menos, diferentemente da amplificação para mais em I, 6 concernente à tempestade de 79 dias que se abateu sobre a nave em alto-mar. O cômico rebaixa radicalmente as cifras estratosféricas estabelecidas pelas autoridades precedentes que mediram a rota lunar. Considerando-se que a convenção mais adotada na Antiguidade converte um nictêmero (24 horas navegadas) em 1.000 estádios (ARNAUD, Pascal. *Les routes de la navigation antique. Itinéraires en Méditerranée*. Paris: Éditions Errance, 2005, p. 79 - 81), e que a embarcação só vai aceder à região selenita no oitavo dia, tem-se a distância entre a Terra e a Lua estimada em 8.300 estádios, soma que inclui os 300 estádios que resultam da elevação da embarcação na atmosfera (I, 9). Ora, a precisão farsesca, articulada a uma cifra insignificante, importa para encenar os números fornecidos pelas autoridades. Segundo Cleomedes, a distância entre a Terra e a Lua é de 5.000.000 de estádios (*Do Movimento Circular dos Corpos Celestes*. II, 1, 302-303). Para Posidônio, entretanto, ela é menor: 2.000.040 estádios (PLÍNIO, O VELHO. *Hist. Nat.*, II, 85). Já em Pitágoras essa distância cai para singelos 126.000 estádios (idem, II, 83). Mas nada se compara com o Menipo de Luciano, que também empreendera tal aeronavegação: 3.000 estádios, diz ele, separam a superfície terrestre da lunar (*Icaromenipo*, 1). Esse gracejo menipeio, de fundo cético, se dirige à selenografia e mais especulações de ordem astronômica marcadas por discrepâncias e inépcias da parte dos que as estabelecem. É que os filósofos, mal sabendo precisar quantos estádios há entre Mégara e Atenas, ainda assim se atrevem a medir a distância da Lua ao Sol, o perímetro da Terra, a profundidade do mar, assim como a investigar toda sorte de fenômenos celestes (*Icaromenipo*, 6).

11. Δόξαν δὲ ἡμῖν καὶ ἔτι πορρωτέρω προελθεῖν, συνελήφθημεν τοῖς Ἴππογύποις παρ' αὐτοῖς καλουμένοις ἀπαντήσαντες. Οἱ δὲ Ἴππόγυποι οὗτοί εἰσιν ἄνδρες ἐπὶ γυπῶν μεγάλων ὀχούμενοι καὶ καθάπερ ἵπποις τοῖς ὀρνέοις χρώμενοι· μεγάλοι γὰρ οἱ γῦπες καὶ ὡς ἐπίπαν τρικέφαλοι. Μάθοι δ' ἂν τις τὸ μέγεθος αὐτῶν ἐντεῦθεν· νεῶς γὰρ μεγάλης φορτίδος ἴστοῦ ἕκαστον τῶν πτερῶν μακρότερον καὶ παχύτερον φέρουσι. Τούτοις οὖν τοῖς Ἴππογύποις προστέτακται περιπετομένοις τὴν γῆν, εἴ τις εὐρεθείη ξένος, ἀνάγειν ὡς τὸν βασιλέα· καὶ δὴ καὶ ἡμᾶς συλλαβόντες ἀνάγουσιν ὡς αὐτόν. Ὁ δὲ θεασάμενος καὶ ἀπὸ τῆς στολῆς εἰκάσας, « Ἕλληνες ἄρα, ἔφη, ὑμεῖς, ὦ ξένοι; » Συμφησάντων δέ, « Πῶς οὖν ἀφίκεσθε, ἔφη, τοσοῦτον ἀέρα διελθόντες; » Καὶ ἡμεῖς τὸ πᾶν αὐτῷ διηγούμεθα· καὶ ὃς ἀρξάμενος τὸ καθ' αὐτόν ἡμῖν διεξήκει, ὡς καὶ αὐτὸς ἄνθρωπος ὢν τοῦνομα Ἐνδυμίων ἀπὸ τῆς ἡμετέρας γῆς καθεύδων ἀναρπασθεῖη ποτὲ καὶ ἀφικόμενος βασιλεύσειε τῆς χώρας· εἶναι δὲ τὴν γῆν ἐκείνην ἔλεγε τὴν ἡμῖν κάτω φαινομένην σελήνην. Ἀλλὰ θαρρεῖν τε παρεκελεύετο καὶ μηδένα κίνδυνον ὑφορᾶσθαι· πάντα γὰρ ἡμῖν παρέσεσθαι ὢν δεόμεθα.

11. Quando decidimos avançar ainda mais, encontramos os que ali se chamam "Cavalos-abutres"³⁷, que nos capturaram. Tais Cavalos-abutres são homens sobre grandes abutres e utilizam as aves como cavalos: os abutres são grandes, o mais das vezes tricéfalos. Pode calcular-se o tamanho deles do seguinte modo: cada qual tem penas mais compridas e mais grossas que o mastro de uma grande nau cargueira. É ordenado aos Cavalos-abutres que, se, ao voarem pela terra e encontrarem algum estrangeiro, conduzi-lo ao rei³⁸. Fomos, assim, aprisionados e conduzidos a ele. Depois de nos ter visto e observado as nossas vestes, perguntou: “Estrangeiros, vocês são gregos?” E, ao confirmarmos, disse: “Mas como chegaram até aqui, atravessando tanto ar?” E nós lhe contamos tudo. Começou ele então a nos falar sobre si mesmo: também ele fora ser humano e se chamava Endimião. Certa feita, quando dormia, foi raptado de nossa terra e, ao chegar, tornou-se rei daquela região. Dizia ainda que a terra onde

³⁷ Os termos compostos prevalecem nos monstros em NV; neste particular, o cavalo-abutre resulta da adjunção de “ἵππος” (cavalo) ao “γυπός” (abutre), como também joga com a aliteração dos sufixos πό/ποι (Ἰππόγυποι). Os tradutores trasladam diversamente esse *hápax*; enquanto alguns apenas transliteram os caracteres gregos em latinos, outros se aventuram na articulação sonora, elidindo certas letras do nome: aglutinação holofrástica a produzir um tipo de *mot-valise*, presente nas versões “*cabalgabuitres*” (Andrés Alarcón); “Cavalabutreiros” (Lucia Sano); “Abutrevalheiros” (Gustavo Piqueira). Já Pierre Grimal e Custódio Maguejo propõem respectivamente “*Cavaliers-Vautours*”, “Cavaleiros-Abutres”, no que interpretam o primeiro vocábulo à luz da explicação fornecida pelo narrador: “os Cavalos-abutres são homens sobre grandes abutres e utilizam as aves como cavalos”. Ambas as traduções ajustam, assim, o nome do portento à descrição do mesmo, considerando a sinédoque mobilizada por Luciano, o qual não fala em “cavaleiros”, senão em cavalgadura, tanto aqui, quanto nos mais compostos formados com ἵππος. Com o fito de evidenciar a onomástica teratológica de Luciano, optou-se quase sempre por separar os termos binários com hífen e determinar em cada incidência deles no texto a inscrição mais apropriada ao cômico, que remonta aos nomes compostos aristofânicos. Um critério adotado foi o do sintetismo onomástico, suprimindo-se as preposições que normalmente as línguas latinas empregam ao verterem compostos gregos. Assim, onde algumas traduções assinalam “Pés-de-cortiça” por *Φελλόποδες*, escreve-se, aqui, simplesmente “Pés-cortiças”; mas há ocorrências de nomeações mais ambíguas, de difícil interpretação, como os Mosquitos-ares (I, 16). Michel Bréal, discorrendo sobre os compostos gregos e os modos de traduzi-los, propõe que o emprego de artigos e preposições se presta mais a satisfazer as “exigências de uma língua tornada rigorista e detalhista” do que a “corresponder a uma necessidade de precisão e clareza.” (Cf. *Mélanges de mythologie et de linguistique*. Paris: Hachette, 1882, p. 311). A questão está longe de ser nova, pois Quintiliano já deplora a pobreza do latim em relação ao grego: à diferença deste, a língua latina não dispõe de nomes para muitas coisas, tornando-se necessário recorrer a metáforas ou perífrases. (*Inst. Retórica*. XII, 10, 34).

³⁸ Lembra-se que monstros destacados como guardiões de domínios de divindades celestes são tão velhos quanto Gilgámesh, cujo poema relata, entre outros, o encontro do herói homônimo com homens-escorpiões (*Girtablilu* em acádio), postos a vigiar o portal da montanha do deus solar Shámash (SIN-LÉQI-UNNÍNNI. *Epopéia de Gilgámesh*. Tradução de Jacyntho L. Brandão. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 105). Poder-se-ia mesmo assinalar, por via heurística, convergências entre a narrativa de Luciano e a de Sin-léqi-unnínni no que tange à inesperada vinda de um marujo a um lugar situado além do mundo conhecido, após uma travessia improvável; assim como Luciano é interpelado pelo deus lunar acerca de sua proeza náutica, assim também Gilgámesh o é, mas não pelo deus solar, senão pelo mesmo homem-escorpião, cujo aspecto não é descrito nem aqui, nem no *Enûma Elish*, onde ele surge como uma das várias proles monstruosas geradas por Tiâmat. Entretanto, iconografias diversas lhe são atribuídas, das quais se impõe a figura itifálica alada tendo a parte superior do corpo humana, a inferior de pássaro, e uma cauda de escorpião erguida. (GREEN, Anthony. A Note on the 'Scorpion-Man' and Pazuzu. *British Institute for the Study of Iraq*, Londres, v. 47, p. 75-82, 1985).

estávamos era a Lua, que aparece lá de baixo, e que ficássemos tranquilos, sem temer nenhum perigo, pois teríamos tudo aquilo de que precisássemos.

12. « Ἦν δὲ καὶ κατορθώσω, ἔφη, τὸν πόλεμον ὃν ἐκφέρω νῦν πρὸς τοὺς τὸν ἥλιον κατοικοῦντας, ἀπάντων εὐδαιμονέστατα παρ' ἐμοὶ καταβιώσεσθε ». Καὶ ἡμεῖς ἠρόμεθα τίνες εἶεν οἱ πολέμιοι καὶ τὴν αἰτίαν τῆς διαφορᾶς· « ὁ δὲ Φαέθων, φησὶν, ὁ τῶν ἐν τῷ ἡλίῳ κατοικούντων βασιλεύς (οἰκεῖται γὰρ δὴ κάκεῖνος ὥσπερ καὶ ἡ σελήνη) πολὺν ἤδη πρὸς ἡμᾶς πολεμεῖ χρόνον. Ἦρξατο δὲ ἐξ αἰτίας τοιαύτης· τῶν ἐν τῇ ἀρχῇ τῇ ἐμῇ ποτε τοὺς ἀπορωτάτους συναγαγὼν ἐβουλήθη ἀποικίαν εἰς τὸν Ἐωσφόρον στείλαι, ὄντα ἔρημον καὶ ὑπὸ μηδενὸς κατοικούμενον· ὁ τοίνυν Φαέθων φθονήσας ἐκώλυσε τὴν ἀποικίαν κατὰ μέσον τὸν πόρον ἀπαντήσας ἐπὶ τῶν Ἴπομυρμήκων. Τότε μὲν οὖν νικηθέντες - οὐ γὰρ ἦμεν ἀντίπαλοι τῇ παρασκευῇ - ἀνεχωρήσαμεν· Νῦν δὲ βούλομαι αὐθις ἐξενεγκεῖν τὸν πόλεμον καὶ ἀποστεῖλαι τὴν ἀποικίαν. Ἦν οὖν ἐθέλητε, κοινωνήσατέ μοι τοῦ στόλου, γῦπας δὲ ὑμῖν ἐγὼ παρέξω τῶν βασιλικῶν ἓνα ἐκάστωι καὶ τὴν ἄλλην ὄπλισιν· αὐριον δὲ ποιησόμεθα τὴν ἔξοδον. Οὕτως, ἔφην ἐγώ, γιγνέσθω, ἐπειδὴ σοὶ δοκεῖ ».

12. “Caso saia vitorioso da guerra que ora travo contra os habitantes do Sol, vocês terão a mais feliz das vidas junto a mim”, disse ele. Perguntamos então quem eram os inimigos e a causa do conflito. Respondeu: “Faetonte, o rei dos habitantes do Sol – pois, como a Lua, também o Sol é habitado – guerreia contra nós há muito tempo³⁹. E isso começou quando, certa feita, tendo reunido os mais pobres do meu império, quis enviar uma colônia à Estrela da Manhã⁴⁰, pois era erma e inabitada. Com inveja, Faetonte, à frente de Cavalos-formigas, impediu a colônia, a ela se opondo no meio de seu caminho. Então, vencidos, pois não tivemos condições de enfrentá-los, recuamos. Mas agora quero levar a cabo a guerra e reenviar a colônia. Se quiserem, juntem-se a mim nesta expedição. Terão abutres do rei, um para cada um, como também o restante dos armamentos. Amanhã, partiremos”. “Que assim seja, pois lhe parece melhor”, assenti.

³⁹ O cômico incide no combate de um rei eternamente dorminhoco (Endimião) contra outro rei, completamente estorricado (Faetonte), segundo a parte do mito que os dá a conhecer. Consta que Faetonte foi fulminado por um raio de Zeus após ter conduzido de modo imprudente o carro do Sol (HIGINO, *Fab.* 189; 270). Quanto a Endimião, a Lua (Selene) se apaixonou pela beleza dele e Zeus lhe concedeu um pedido: Endimião escolheu dormir para sempre, sem ser afetado pela morte ou pela velhice (APOLODORO. *Bibl.*, I, 7, 5).

⁴⁰ O planeta Vênus, cf. PLÍNIO, O VELHO. *Hist. Natural*, II, 36- 38.

13. Τότε μὲν οὖν παρ' αὐτῷ ἐστιαθέντες ἐμείναμεν, ἕωθεν δὲ διαναστάντες ἐτασσόμεθα· καὶ γὰρ οἱ σκοποὶ ἐσήμαινον πλησίον εἶναι τοὺς πολεμίους, τὸ μὲν οὖν πλῆθος τῆς στρατιᾶς δέκα μυριάδες ἐγένοντο ἄνευ τῶν σκευοφόρων καὶ τῶν μηχανοποιῶν καὶ τῶν πεζῶν καὶ τῶν ξένων συμμάχων· τούτων δὲ ὀκτακισμῦριοι μὲν ἦσαν οἱ Ἰππόγυποι, δισμῦριοι δὲ οἱ ἐπὶ τῶν Λαχανοπτέρων. Ὅρνειον δὲ καὶ τοῦτό ἐστι μέγιστον, ἀντὶ τῶν πτερῶν λαχάνοις πάντη λάσιον, τὰ δὲ ὠκύπτερα ἔχει θριδακίνης φύλλοις μάλιστα προσεικίότα. Ἐπὶ δὲ τούτοις οἱ Κεγχροβόλοι ἐτετάχασαν καὶ οἱ Σκοροδομάχοι. ἤλθον δὲ αὐτῷ καὶ ἀπὸ τῆς ἄρκτου σύμμαχοι, τρισμῦριοι μὲν Ψυλλοτοξόται, πεντακισμῦριοι δὲ Ἀνεμοδρόμοι· τούτων δὲ οἱ μὲν Ψυλλοτοξόται ἐπὶ ψυλλῶν μεγάλων ἰπάζονται, ὅθεν καὶ τὴν προσηγορίαν ἔχουσιν· μέγεθος δὲ τῶν ψυλλῶν ὅσον δώδεκα ἐλέφαντες· οἱ δὲ Ἀνεμοδρόμοι πεζοὶ μὲν εἰσιν, φέρονται δὲ ἐν τῷ ἀέρι ἄνευ πτερῶν· ὁ δὲ τρόπος τῆς φορᾶς τοιόσδε. Χιτῶνας ποδήρεις ὑπεζωσμένοι κολπώσαντες αὐτοὺς τῷ ἀνέμῳ καθάπερ ἰστία φέρονται ὥσπερ τὰ σκάφη. τὰ πολλὰ δ' οἱ τοιοῦτοι ἐν ταῖς μάχαις πελτασταὶ εἰσιν. Ἐλέγοντο δὲ καὶ ἀπὸ τῶν ὑπὲρ τὴν Καππαδοκίαν ἀστέρων ἤξειν Στρουθοβάλανοι μὲν ἑπτακισμῦριοι, Ἰππογέρανοι δὲ πεντακισχίλιοι. τούτους ἐγὼ οὐκ ἐθεασάμην· οὐ γὰρ ἀφίκοντο. Διόπερ οὐδὲ γράψαι τὰς φύσεις αὐτῶν ἐτόλμησα· τεράστια γὰρ καὶ ἄπιστα περὶ αὐτῶν ἐλέγετο.

13. Então fomos recebidos com um banquete e ficamos. Ao alvorecer, levantamo-nos e nos posicionamos para o combate, pois as sentinelas assinalaram que os inimigos se aproximavam. O contingente militar chegava a dez miríades⁴¹, excetuados os carregadores, os fazedores de máquinas, a infantaria e os aliados estrangeiros. Daquele, oito miríades eram de Cavalos-abutres, duas miríades, de Asas-verduras. Este pássaro também é grandíssimo, totalmente coberto, não de penas, mas de verduras, com as asas ligeiras em tudo semelhantes às folhas de alface. Perfilavam-se em seguida os Lançapainços, bem como os Guerreiros-alhos. Também vieram os aliados da Ursa⁴²: três miríades de Arqueiros-pulgas, cinco miríades de Corredores-ventos. Os Arqueiros-pulgas montam pulgas grandes como doze elefantes e que lhes emprestam o nome. Já os Corredores-ventos pertencem à infantaria e, sem asas, movem-se assim no ar: suas túnicas, amarradas aos pés, enchem-se de vento como se fossem velas e, destarte, movem-se como barcos. Constituem, o mais das vezes, a infantaria ligeira nas batalhas. Dizia-se também que, das estrelas que estão sobre a Capadócia, viriam sete miríades de Pardais-glandes⁴³, bem como cinco quilíades⁴⁴ de Cavalos-grous. Não os vi pois nem mesmo vieram. Por isso não me atrevi a escrever acerca de sua natureza: deles se diziam coisas prodigiosas e incríveis.

⁴¹ O efetivo de 10 miríades (ou 100.000 soldados) constitui uma cifra verossímil para uma epopeia de guerra, presente na *Ilíada* segundo estimativas de estudiosos: Peter Jones presume que o total de Aqueus, comandados por Agamêmnon e Menelau, que desembarcaram em Troia chegavam aos referidos 100.000 homens (Cf. *Introdução* in: Homero, *Ilíada*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013, p. 11). Isso importa como estratégia narrativa: Luciano parte de um verossímil épico de contingente militar para em seguida transfigurá-lo em inverossímil cômico: a infantaria (aludida em I, 15 como remate das forças selenitas) compreende 60.000.000 (6 quilíades de miríades) de combatentes, compostos por aranhas gigantesas.

⁴² Traduções acrescentam o qualificativo “maior” à Ursa, ausente no texto grego, pois este nada diz sobre a grandeza ou a localidade da ursídea celeste, portanto, poderia designar quer o asterismo Ursa Maior, quer o Ursa Menor (*Ἄρκτος ἡ μεγάλη; Ἄρκτος ἡ μικρά*), distinção presente em *Catasterismos* atribuído a Eratóstenes de Cirene. Já se viu aqui uma evocação a Ártemis, cuja variante teonomástica “*Arktemis*” corresponde à “*árktos*” (ursa); ainda que tal motivação etimológica seja discutível, sabe-se que os ursídeos figuravam no culto da irmã gêmea de Apolo, também apresentada como uma personificação da Lua, o que a vincularia a Selene. Nessa chave, o risível reside em a temível arqueira Ártemis, também chamada “senhora das feras”, enviar, como suas feras arqueiras, pulgas colossais.

⁴³ Note-se que ambos os termos do composto *Στρουθοβάλανοι* têm significado duplo. *Στρουθός*: pardal e avestruz; *βάλανος*: glande e bolota.

⁴⁴ Cinco mil. A mudança de miríade (10.000) para quilíade (1.000) remete às divisões decimais que regem os corpos militares gregos, nos quais os quiliarcas chefiavam formações compostas, como diz o nome, por 1.000 soldados, assim como os miriarcas encabeçavam tropas de 10.000. Os Persas, escreve Heródoto (*Hist.* VII, 60), contam seus homens em miríades. Já Xenofonte (*Anábese*. I, 7, 10), emprega a mesma unidade quando trata dos mercenários gregos, proverbialmente conhecidos como os *Dez Mil*, embora seu efetivo superasse os 13.000 homens.

14. Αὕτη μὲν ἢ τοῦ Ἐνδυμίωνος δύναμις ἦν. Σκευὴ δὲ πάντων ἢ αὐτή· κράνη μὲν ἀπὸ τῶν κυάμων, μεγάλοι γὰρ παρ' αὐτοῖς οἱ κύαμοι καὶ καρτεροί· θώρακες δὲ φολιδωτοὶ πάντες θέρμινοι· τὰ γὰρ λέπη τῶν θέρμων συρράπτοντες ποιοῦνται θώρακας, ἄρρηκτον δὲ ἐκεῖ γίνεται τοῦ θέρμου τὸ λέπος ὥσπερ κέρας· ἀσπίδες δὲ καὶ ξίφη οἷα τὰ Ἑλληνικά.

15. Ἐπειδὴ δὲ καιρὸς ἦν, ἐτάξαντο ὧδε· τὸ μὲν δεξιὸν κέρας εἶχον οἱ Ἰππόγυποι καὶ ὁ βασιλεὺς τοὺς ἀρίστους περὶ αὐτὸν ἔχων· καὶ ἡμεῖς ἐν τούτοις ἦμεν· τὸ δὲ εὐώνυμον οἱ Λαχανόπτεροι· τὸ μέσον δὲ οἱ σύμμαχοι ὡς ἐκάστοις ἐδόκει. Τὸ δὲ πεζὸν ἦσαν μὲν ἀμφὶ τὰς ἑξακισχιλίας μυριάδας, ἐτάχθησαν δὲ οὕτως. Ἀράχνη παρ' αὐτοῖς πολλοὶ καὶ μεγάλοι γίνονται, πολὺ τῶν Κυκλάδων νήσων ἕκαστος μείζων. Τούτοις προσέταξεν διωφῆναι τὸν μεταξὺ τῆς σελήνης καὶ τοῦ Ἐωσφόρου ἀέρα. Ὡς δὲ τάχιστα ἐξεργάσαντο καὶ πεδίον ἐποίησαν, ἐπὶ τούτου παρέταξε τὸ πεζόν· ἡγεῖτο δὲ αὐτῶν Νυκτερίων ὁ Εὐδιάνακτος τρίτος αὐτός.

14. Eram estas as forças de Endimião, e todas tinham o mesmo equipamento: os elmos eram de favas, pois as favas eram grandes e resistentes; as couraças, de tremoços, pois as faziam costurando as cascas dos tremoços que, naquela região, eram inquebráveis como o chifre; já os escudos e as espadas assemelhavam-se as dos gregos.

15. Surgido o momento oportuno, as forças assim se dispuseram: na ala direita estavam os Cavalos-abutres e o rei cercado por seus melhores guerreiros, e nós mesmos. Na esquerda, os Asas-verduras; no centro, os aliados, como cada qual decidia. A infantaria se constituía de aproximadamente seis quilíades de miríades⁴⁵, assim dispostas: havia ali muitas e grandes aranhas, cada qual muito maior do que as Ilhas Cíclades. Foi-lhes ordenado tecer o ar entre a Lua e a Estrela da Manhã de modo rapidíssimo e elaboraram uma planície sobre a qual a infantaria se dispôs. Noturnal, filho do príncipe Sereno, era o comandante e com ele havia outros dois.

⁴⁵ O contingente de 60.000.000 de infantes é hiperbolicamente adequado às inadequações previstas na paradoxologia de Luciano, e não deixa de motejar da cifra extraordinária com que Heródoto quantifica as forças terrestres persas em território grego: 170 miríades, ou 1.700.000 homens (*Hist.* VII, 60). Soma considerada exagerada por estudiosos modernos, que estimam uns 180.000 guerreiros sob o comando de Xerxes I (cf. BURN, A. R. *Persia and the Greeks: The Defence of the West, c. 546 - 478 B.C.* Nova York: St. Martin's Press, 1962, p. 330). Alheio à positividade de historiadores modernos, Heródoto ressalta desde o início contar os feitos maravilhosos de helenos e bárbaros (*Hist.* I, 1), os quais passam também pelos números que os notabilizam, de sorte que tal hiperquantificação põe em evidência a força colossal da expedição do Grande Rei, além de indicar o desafio sobre-humano da armada grega ante a invasão bárbara, consignado na apologética menção dos Atenenses como os *salvadores da Hélade* (*Hist.* VII, 139). Isso transparece ainda nas cifras assimétricas que marcam os contingentes em pé de guerra: o mesmo Heródoto escreve que Xerxes chega às Termópilas à frente de um exército que totaliza 5.283.220 soldados (*Hist.* VII, 186), ao passo que as forças gregas, encabeçadas por Leônidas, contam com pouco mais de 5.200 homens assinalados (VII, 202 -203). Conquanto Luciano não assimile diretamente o Grande Rei ao rei lunar Endimião, nem tampouco Leônidas ou Temístocles ao rei solar Faetonte, ele replica na generalidade do modelo polemográfico a mesma disparidade nos contingentes envolvidos, assim como o desfecho do evento bélico: enquanto as forças selenitas chegam a 60.180.050 de combatentes especificados (também Luciano, como Heródoto relativamente aos gregos, só fornece números parciais dos aliados), as dos heliotas atingem 115.000, e são estas, como os gregos da Segunda Guerra Médica que, mesmo estando em número infinitamente menor e derrotadas em batalha prévia decisiva, saem vencedoras. Luciano emprega, evidentemente, o modelo para esvaziá-lo: sua polemografia, descrevendo brevemente as batalhas (ao contrário do ocorre com os historiadores), valoriza os contingentes bélicos, pois estes concentram grande parte dos portentos figurados na narração, a indicar de passagem que a guerra e seus heróis, matérias por excelência de poemas épicos e relatos históricos, se revelam risíveis monstruosidades.

16. Τῶν δὲ πολεμίων τὸ μὲν εὐώνυμον εἶχον οἱ Ἴππομύρμηκες καὶ ἐν αὐτοῖς ὁ Φαέθων· θηρία δὲ ἐστὶ μέγιστα, ὑπόπτερα, τοῖς παρ' ἡμῖν μύρμηξι προσεικίота πλὴν τοῦ μεγέθους· ὁ γὰρ μέγιστος αὐτῶν καὶ δίπλεθρος ἦν. Ἐμάχοντο δὲ οὐ μόνον οἱ ἐπ' αὐτῶν, ἀλλὰ καὶ αὐτοὶ μάλιστα τοῖς κέρασιν· ἐλέγοντο δὲ οὗτοι εἶναι ἀμφὶ τὰς πέντε μυριάδας. Ἐπὶ δὲ τοῦ δεξιοῦ αὐτῶν ἐτάχθησαν οἱ Ἀεροκώνωπες, ὄντες καὶ οὗτοι ἀμφὶ τὰς πέντε μυριάδας, πάντες τοξόται κώνωπι μεγάλοις ἐποχούμενοι· μετὰ δὲ τούτους οἱ Ἀεροκόρδακες, ψιλοὶ τε ὄντες καὶ πεζοί, πλὴν μάχιμοί γε καὶ οὗτοι· πόρρωθεν γὰρ ἐσφενδόνων ῥαφανίδας ὑπερμεγέθεις, καὶ ὁ βληθεὶς οὐδὲ ὀλίγον ἀντέχειν ἐδύνατο, ἀπέθνησκε δὲ δυσωδίας τινὸς τῷ τραύματι ἐγγινομένης· ἐλέγοντο δὲ χρεῖν τὰ βέλη μαλάχης ἰῶι. Ἐχόμενοι δὲ αὐτῶν ἐτάχθησαν οἱ Καυλομύκητες, ὀπλίται ὄντες καὶ ἀγγέμαχοι, τὸ πλῆθος μύριοι· ἐκλήθησαν δὲ Καυλομύκητες, ὅτι ἀσπίσι μὲν μυκητίναις ἐχρῶντο, δόρασι δὲ καυλίνοις τοῖς ἀπὸ τῶν ἀσπαράγων. Πλησίον δὲ αὐτῶν οἱ Κυνοβάλανοι ἔστησαν, οὓς ἔπεμψαν αὐτῷ οἱ τὸν Σείριον κατοικοῦντες, πεντακισχίλιοι [καὶ οὗτοι] ἄνδρες κυνοπρόσωποι ἐπὶ βαλάνων πτερωτῶν μαχόμενοι. Ἐλέγοντο δὲ κἀκεῖνοι ὑστερίζειν τῶν συμμάχων οὓς τε ἀπὸ τοῦ Γαλαξίου μετεπέμπετο σφενδονήτας καὶ οἱ Νεφελοκένταυροι. Ἄλλ' ἐκεῖνοι μὲν τῆς μάχης ἤδη κεκριμένης ἀφίκοντο, ὡς μήποτε ὄφελον· οἱ σφενδονῆται δὲ οὐδὲ ὄλως παρεγένοντο, διόπερ φασὶν ὕστερον αὐτοῖς ὀργισθέντα τὸν Φαέθοντα πυρπολῆσαι τὴν χώραν.

16. Quanto aos inimigos, à esquerda estavam os Cavalos-formigas e, no meio deles, Faetonte. Eram feras grandíssimas, aladas, semelhantes às nossas formigas, exceto pelo tamanho, pois a maior delas media dois pletros⁴⁶. E não só os que sobre eles combatiam⁴⁷, mas também eles próprios, principalmente com as antenas. Dizia-se que eram aproximadamente cinco miríades. À direita perfilavam-se os Mosquitos-ares⁴⁸, sendo também eles aproximadamente cinco miríades, todos arqueiros sobre grandes mosquitos; em seguida, vinham os Dançarinos-ares⁴⁹, soldados de infantaria ligeira,

⁴⁶ Cerca de 60 m.

⁴⁷ Alguns tradutores (Bompaire, Hamon) interpretam a locução *οἱ ἐπ' αὐτῶν* como “cavaleiros”. Magueijo apresenta uma solução menos problemática: “E não eram só os que as montavam que combatiam, mas também elas próprias [...]”. O narrador joga com a ambiguidade por não especificar quem estaria a pelejar sobre tais formigas.

⁴⁸ Com “Mosquitos-ares” se preserva a estranheza e ambiguidade do composto grego, supondo-se que tal nomeação abreviada e imprecisa dê acolhida à dupla acepção contida no hápax *ἁεροκόωνωπες*, traduzido comumente por “mosquitos-do-ar”, mas que a teratologia de Luciano autoriza a verter também em “mosquitos-de-ar”, designativo a sugerir que tais insetos fossem constituídos de ar – assim como os Asas-verduras são pássaros feitos com asas de alface e, como um todo, revestidos por verduras (I, 13) –, o que lhes confere, como dípteros gasosos encimados por arqueiros, um aspecto fantástico adequado às inadequações do bestiário luciânico. Mas como Luciano não determina a natureza dos mosquitos, referidos, a exemplo de abutres e pulgas, apenas como cavalgadura, os tradutores adotam “Mosquitos do ar”, “Aeromosquitos” e termos correlatos; com isso, eles deslocam o significante da anatomia do animal para o lugar onde este se inscreve. No plano do significado, Luciano joga com a aliteração entre *ἁεροκόωνωψ* e *οἰνοκόωνωψ*, sendo o último termo aplicado às drosófilas, como a mosca-do-vinagre, e que reputadas entre os insetos mais pestilentos da Antiguidade, ganham distinção na lexicografia, não na historiografia. (cf. BEAVIS, Ian. *Insects and Other Invertebrates in Classical Antiquity*. Exeter: University of Exeter, 1988, p. 236). Além dos mosquitos, a entomologia maravilhosa de Luciano destaca também pulgas e formigas, mas não alude nem a abelhas, associadas aos Faraós no Egito e a Zeus e Ártemis na Grécia, nem a vespas, incluídas no repertório cômico desde Aristófanes, que, em peça homônima, põe em cena um coro formado por magistrados atenienses, os quais, travestidos de vespas, têm cada qual atado ao traseiro, como ferrão, um longo estilete semelhante ao que eles usavam para redigir suas sentenças em tabuinhas de cera; agulhão condenatório referido pelos mesmos juízes quando, a certa altura, confessam *ganharem a vida picando todo mundo* (*As Vespas*, 1111-1112), mesmo os não culpados. Também Aristófanes encena uma batalha faceciosa: em formação compacta e armado de abespinhados ferrões, o enxame de juízes-vespas luta para resgatar um dos seus, Filocleão, feito prisioneiro em sua casa pelo próprio filho; este, recorrendo a um bastão, uma tocha acesa e a alguns escravos, logra, ao cabo de um breve entrevero, livrar-se desse vespeiro.

⁴⁹ O hápax *ἁεροκόρδακες*, literalmente, os “Cordacistas-ares” alude a um gênero de dança tido por licencioso, chamado “córdax” – ou “cordacismo” na designação de Manuel Bernardes (*Nova Floresta*, II, p. 4) –, presente na Comédia Antiga e circulante ainda na época Imperial (cf. Petronio, *Satírico*, 52, 8) a ponto de o Senado, sob Tibério, haver adotado medidas restritivas quanto à presença desses dançarinos em Roma. Aristófanes já censurava o comediógrafo Êupolis por haver posto em cena uma idosa bêbeda a bailar o córdax (*Nuvens*, 555). Os relatos remanescentes não permitem descrever precisamente como evoluía um cordacismo, tampouco sua inserção coral; admite-se, como hipótese, que sua coreografia evidenciava um gestual vertiginoso com os cordacistas a manipularem uma presumida corda que lhes passava pelas mãos. Enquanto Aristófanes afirma não lançar mão do córdax em sua comédia (*Nuvens*, 540), Luciano não se furta a utilizá-lo nas suas, descrevendo, em *Icaromenipo*, 27, um banquete no Olimpo onde Apolo toca cítara, as Musas recitam Hesíodo e Píndaro, enquanto Sileno se põe a dançar o córdax; ainda como dança báquica, Luciano inclui algures (*Dioniso*, 1), entre as tropas da armada de Dioniso na Índia, um contingente de jovens nus, sátiros a executarem o mesmo cordacismo. Quanto à cena militar montada em NV, pode-se conjecturar que os Dançarinos-ares estariam posicionados, como infantaria cordacista, na teia de aranha e, agitando freneticamente as ancas, arremessariam, recorrendo a cordas, rabanetes (picantes no sabor, letais na picada) na linha de frente inimiga; enquanto esta, tendo por forças equivalentes os Lança-painços e os Guerreiros-alhos, contra-atacaria lançando, por sua vez, espiguetas de painço e cabeças de alho.

também eles combatentes que ao longe lançavam rabanetes grandíssimos: quem era por eles atingido não podia resistir pois morria com o fedor da ferida. Dizia-se que besuntavam os projéteis com veneno de malva. Ladeavam-nos os Cogumelos-talos, hoplitas que combatiam corpo a corpo, em número de uma miríade. Eram chamados “Cogumelos-talos” porque utilizavam escudos feitos de cogumelos e lanças de talo de aspargo. Perto deles perfilavam-se os Cães-glandes, enviados pelos habitantes de Sírio: cinco quilíades de homens com cara de cão que combatiam sobre glandes aladas. Dizia-se que, dos aliados, atrasaram-se os fundeiros enviados pela Via Láctea, bem como os Centauros-nuvens que, todavia, só chegaram quando a batalha estava decidida; teria sido melhor que não tivessem vindo. Dos fundeiros, aliás, nenhum se apresentou; fala-se por isso que, mais tarde, Faetonte, enfurecido, incendiou-lhes os domínios.

17. Τοιαύτη μὲν καὶ ὁ Φαέθων ἐπήγει παρασκευῆι. Συμμιζαντες δὲ ἐπειδὴ τὰ σημεῖα ἦρθη καὶ ὠγκήσαντο ἑκατέρων οἱ ὄνοι - τούτοις γὰρ ἀντὶ σαλπιστῶν χρῶνται - ἐμάχοντο. Καὶ τὸ μὲν εὐώνυμον τῶν Ἡλιωτῶν αὐτίκα ἔφυγε οὐδ' εἰς χεῖρας δεξάμενον τοὺς Ἴππογύπους, καὶ ἡμεῖς εἰπόμεθα κτείνοντες· τὸ δεξιὸν δὲ αὐτῶν ἐκράτει τοῦ ἐπὶ τῷ ἡμετέρῳι εὐώνυμου, καὶ ἐπεξῆλθον οἱ Ἀεροκώνωπες διώκοντες ἄχρι πρὸς τοὺς πεζοὺς. Ἐνταῦθα δὲ κάκείων ἐπιβοηθούντων ἔφυγον ἐγκλίναντες, καὶ μάλιστα ἐπεὶ ἦισθοντο τοὺς ἐπὶ τῷ εὐώνυμῳι σφῶν νενικημένους. Τῆς δὲ τροπῆς λαμπρᾶς γεγενημένης πολλοὶ μὲν ζῶντες ἠλίσκοντο, πολλοὶ δὲ καὶ ἀνηροῦντο, καὶ τὸ αἷμα ἔρρει πολὺ μὲν ἐπὶ τῶν νεφῶν, ὥστε αὐτὰ βάπτεσθαι καὶ ἐρυθρὰ φαίνεσθαι, οἷα παρ' ἡμῖν δυομένου τοῦ ἡλίου φαίνεται, πολὺ δὲ καὶ εἰς τὴν γῆν κατέσταζεν, ὥστε με εἰκάζειν μὴ ἄρα τοιούτου τινὸς καὶ πάλαι ἄνω γενομένου Ὅμηρος ὑπέλαβεν αἵματι ὕσαι τὸν Δία ἐπὶ τῷ τοῦ Σαρπηδόνοσ θανάτῳι.

17. Com essa tropa Faetonte atacou⁵⁰; tendo-se erguido os estandartes e zurrado de cada um dos lados os asnos, usados como trombeteiros, travou-se enfim o combate. A ala esquerda dos Heliotas fugiu imediatamente, sem esperar o ataque dos Cavalos-abutres, e nós, perseguindo-os, os matamos. Mas a ala direita deles prevaleceu sobre a nossa esquerda, e os Mosquitos-ares, na perseguição, chegaram aos pés da infantaria. Quando esta saiu em nosso socorro, aqueles recuaram e fugiram percebendo que sua ala esquerda fora derrotada. Evidenciada a fuga, muitos deles foram capturados vivos, muitos, mortos; muito sangue corria sobre as nuvens, que se tingiram, mostrando-se vermelhas, como o pôr do sol se mostra para nós; muito sangue gotejava sobre a terra e suponho que algo semelhante tenha ocorrido outrora nas alturas quando Homero fez crer que Zeus fizera chover sangue pela morte de Sarpedão.

⁵⁰ Feras colossais agrupadas em hostes a travar guerras siderais remontam à poemas épicos, como no babilônico *Enûma Elish*, em que Tiâmat – a deusa primordial dos Oceanos – engendra monstros, dos quais dragões, homens-peixes e homens-escorpiões (*Enûma Elish*. II, 27-9), para combater Marduk – o demiurgo e protetor da Babilônia –, ou na hesiódica *Teogonia* que narra, entre outras refregas, a Titanomaquia que opõe Zeus, as mais deidades olímpicas e seus aliados – Hecatônquiros, Cíclopes – contra Cronos e os outros Titãs (*Teogonia*. 617 -735). Diferentemente de tais epopeias míticas que, opondo as forças do Caos e da Ordem, cuidam da supremacia do Universo, em NV as batalhas se apoiam em causas menos cósmicas, como o envio de colônia, o pagamento de tributo, o furto de rebanhos (I, 42), a pirataria (II, 37), todas de matriz historiográfica a mostrar, uma vez mais, que o preceito cômico, por nada excluir, é sistêmico, de sorte que a inversão e a mistura não se limitam ao delineamento das personagens, mas se amalgamam na própria trama narrativa, alinhavada com retalhos de conflagração cosmogônica, de polemografia medo-peloponésia e de não pouca zoofitomaquia, sendo a inserção de vegetais beligerantes (Asas-verduras, Lança-painços, Guerreiros-alhos, Cogumelos-talos) uma novidade de Luciano em relação aos *paignia* zoomáquicos circulantes nas letras helenistas (*Aracnomaquia*, *Geranomaquia*, *Psaromaquia*, *Galeomiomaquia*), dos quais a *Batracomiomaquia*, como se disse, já descreve indumentárias vegetais guerreiras, aqui transfiguradas em guerreiros vegetais. Aliás, a fortuna crítica dessa polemografia jocosa se vê na Espanha seis e setecentista, onde florescem obras como *La Moschea* de José de Villaviciosa; *La Gatomaquia* de Lope de Vega; *El Poema imperfecto de La Burromaquia* de Álvarez de Toledo; *La Perromachia* de Nieto Molina; *El Imperio del Piojo Recuperado* do Marquês de Ureña; *El Murciélagos Alevoso* do Frade Diego González (cf. BONILLA CERREZO, Rafael; LUJÁN ATIENZA, Ángel. *Zoomaquias. Épica burlesca del siglo XVIII*. Madri: Editorial Iberoamericana, 2015).

18. Ἀναστρέψαντες δὲ ἀπὸ τῆς διώξεως δύο τρόπαια ἐστήσαμεν, τὸ μὲν ἐπὶ τῶν ἀραχνίων τῆς πεζομαχίας, τὸ δὲ τῆς ἀερομαχίας ἐπὶ τῶν νεφῶν. Ἄρτι δὲ τούτων γινομένων ἠγγέλλοντο ὑπὸ τῶν σκοπῶν οἱ Νεφελοκένταυροι προσελαύνοντες, οὓς ἔδει πρὸ τῆς μάχης ἐλθεῖν τῷ Φαέθοντι. Καὶ δὴ ἐφαίνοντο προσιόντες, θέαμα παραδοξότατον, ἐξ ἵππων πτερωτῶν καὶ ἀνθρώπων συγκείμενοι· μέγεθος δὲ τῶν μὲν ἀνθρώπων ὅσον τοῦ Ῥοδίων κολοσσοῦ ἐξ ἡμισείας ἐς τὸ ἄνω, τῶν δὲ ἵππων ὅσον νεῶς μεγάλης φορτίδος. Τὸ μέντοι πλῆθος αὐτῶν οὐκ ἀνέγραψα, μὴ τῷ καὶ ἄπιστον δόξει - τοσοῦτον ἦν. Ἡγεῖτο δὲ αὐτῶν ὁ ἐκ τοῦ ζωϊδιακοῦ τοξότης. Ἐπεὶ δὲ ἦισθοντο τοὺς φίλους νενικημένους, ἐπὶ μὲν τὸν Φαέθοντα ἔπεμπον ἀγγελίαν αὐθις ἐπιέναι, αὐτοὶ δὲ διαταξάμενοι τεταραγμένοις ἐπιπίπτουσι τοῖς Σεληνίταις, ἀτάκτως περὶ τὴν δίωξιν καὶ τὰ λάφυρα διεσκεδασμένοις· καὶ πάντας μὲν τρέπουσιν, αὐτὸν δὲ τὸν βασιλέα καταδιώκουσι πρὸς τὴν πόλιν καὶ τὰ πλεῖστα τῶν ὀρνέων αὐτοῦ κτείνουσιν· ἀνέσπασαν δὲ καὶ τὰ τρόπαια καὶ κατέδραμον ἅπαν τὸ ὑπὸ τῶν ἀραχνῶν πεδῖον ὑφασμένον, ἐμὲ δὲ καὶ δύο τινὰς τῶν ἐταίρων ἐζώγησαν. Ἦδη δὲ παρῆν καὶ ὁ Φαέθων καὶ αὐθις ἄλλα τρόπαια ὑπ' ἐκείνων ἴστατο. Ἡμεῖς μὲν οὖν ἀπηγόμεθα ἐς τὸν ἥλιον αὐθημερὸν τῷ χεῖρε ὀπίσω δεθέντες ἀραχνίου ἀποκόμματι.

18. Quando regressamos dessa perseguição, erigimos dois troféus: um sobre as teias de aranha pela pedestrimaquia; o outro sobre as nuvens pela aeromaquia. Em seguida, as sentinelas anunciaram a aproximação dos Centauros-nuvens, que deveriam ter vindo em auxílio de Faetonte antes do combate. E vimo-los chegar, o mais extraordinário dos espetáculos: mistos de cavalo alado e homem; quanto ao tamanho, a parte humana é grande como o Colosso de Rodes da cintura para cima, enquanto a equina é grande como um navio cargueiro. Nada escrevo sobre a quantidade deles, pois pareceria incrível: eram muitíssimos. Comandava-os o Arqueiro do Zodíaco⁵¹. Tendo percebido a derrota de seus amigos, enviaram de novo uma mensagem a Faetonte para que ele retomasse o ataque; em ordem de batalha, caíram sobre os turbados Selenitas, dispersos e desordenados em perseguições e pilhagens. Assim, puseram-nos todos em fuga, perseguiram o próprio rei até a cidade, e exterminaram a maior parte de suas aves; derrubaram ademais os troféus, percorreram toda a teia tecida pelas aranhas e prenderam-me com dois de meus companheiros. Faetonte já estava com eles, e erigiram outros troféus. Quanto a nós, fomos levados naquele mesmo dia ao Sol, as mãos amarradas às costas com teia de aranha.

⁵¹ Seria mesmo o Arqueiro do Zodíaco, latinizado como Sagitário, um centauro? A questão é objeto de disputa, sendo Eratóstenes um dos que divergem da posição prevalecente no debate astronômico da Antiguidade, encabeçado por Eudoxo e Hiparco, que vislumbram na referida constelação a imagem de um homem-cavalo a portar um arco (cf. *Eratosthenes and Hyginus: Constellation Myths with Aratus's Phaenomena*. Tradução, introdução e notas de Robin Hard. Oxford University Press: Nova York, p. 192). O mesmo Eratóstenes argumenta que nenhum centauro faz uso do arco, porquanto manuseiam armas mais rústicas, e que a parte animal do arqueiro nem sequer é a de um quadrúpede equino, mas a de um bípede caprino: um sátiro chamado *Croto*, cujo mito o vincula as Musas e a invenção do tiro com arco (*Catasterismos*, XXVIII). Em Luciano, o Arqueiro do Zodíaco, mais que um centauro, se impõe como um pégaso colossal alçado a líder de uma etnia antro-po-ornito-equina. Ressalte-se, enfim, que tal iconografia é de matriz oriental: centauros-arqueiros alados, às vezes com cauda de escorpião, já figuram em cenas de caça desde o século XIII a.C. em selos cilíndricos ditos cassitas, neobabilônicos e médio-assírios. Cf. PADGETT, J. Michael. *The Centaur's Smile: The Human Animal in Early Greek Art*. New Haven: Yale University Press, 2003, p. 6; 129-132.

19. Οἱ δὲ πολιορκεῖν μὲν οὐκ ἔγνωσαν τὴν πόλιν, ἀναστρέψαντες δὲ τὸ μεταξὺ τοῦ ἀέρος ἀπετείχιζον, ὥστε μηκέτι τὰς ἀγῶνας ἀπὸ τοῦ ἡλίου πρὸς τὴν σελήνην διήκειν. τὸ δὲ τεῖχος ἦν διπλοῦν, νεφελωτόν· ὥστε σαφῆς ἔκλειψις τῆς σελήνης ἐγγόνει καὶ νυκτὶ διηνεκεῖ πᾶσα κατείχετο. Πιεζόμενος δὲ τούτοις ὁ Ἐνδυμίων πέμψας ἰκέτευε καθαιρεῖν τὸ οἰκοδόμημα καὶ μὴ σφᾶς περιορᾶν ἐν σκότῳ βιοτεύοντας, ὑπισχνεῖτο δὲ καὶ φόρους τελέσειν καὶ σύμμαχος ἔσεσθαι καὶ μηκέτι πολεμήσειν, καὶ ὁμήρους ἐπὶ τούτοις δοῦναι ἤθελεν. Οἱ δὲ περὶ τὸν Φαέθοντα γενομένης δις ἐκκλησίας τῇ προτεραίᾳ μὲν οὐδὲν παρέλυσαν τῆς ὀργῆς, τῇ ὑστεραίᾳ δὲ μετέγνωσαν, καὶ ἐγένετο ἡ εἰρήνη ἐπὶ τούτοις·

19. Eles decidiram não sitiá-la cidade e, quando se retiraram, erigiram uma muralha no ar intermediário para que nenhum raio solar chegasse à Lua. A muralha era dupla, feita de nuvens, com o que sobreveio um eclipse total da Lua, que ficou toda coberta por uma noite contínua. Assim, pressionado, Endimião enviou-lhes suplicantes para que eles demolissem a construção e não os deixassem viver na treva; prometeu pagar-lhes tributos, ser-lhes aliado, nunca mais guerreá-los, como também se dispôs a entregar-lhes os reféns. Faetonte e os seus fizeram duas assembleias; na primeira, não arredaram da ira; já na segunda, mudaram a decisão, fazendo-se a paz.

20. Κατὰ τάδε συνθήκας ἐποίησαντο Ἡλιῶται καὶ οἱ σύμμαχοι πρὸς Σεληνίτας καὶ τοὺς συμμάχους, ἐπὶ τῷ καταλῦσαι μὲν Ἡλιώτας τὸ διατείχισμα καὶ μηκέτι ἐς τὴν σελήνην ἐσβάλλειν, ἀποδοῦναι δὲ καὶ τοὺς αἰχμαλώτους ῥητοῦ ἕκαστον χρήματος, τοὺς δὲ Σεληνίτας ἀφεῖναι μὲν αὐτονόμους τοὺς γε ἄλλους ἀστέρας, ὄπλα δὲ μὴ ἐπιφέρειν τοῖς Ἡλιώταις, συμμαχεῖν δὲ τῇ ἀλλήλων, ἣν τις ἐπίη· φόρον δὲ ὑποτελεῖν ἐκάστου ἔτους τὸν βασιλέα τῶν Σεληνιτῶν τῷ βασιλεῖ τῶν Ἡλιωτῶν δρόσου ἀμφορέας μυρίους, καὶ ὀμήρους δὲ σφῶν αὐτῶν δοῦναι μυρίους, τὴν δὲ ἀποικίαν τὴν ἐς τὸν Ἐωσφόρον κοινῇ ποιεῖσθαι, καὶ μετέχειν τῶν ἄλλων τὸν βουλόμενον· ἐγγράψαι δὲ τὰς συνθήκας στήλῃ ἠλεκτρίνῃ καὶ ἀναστῆσαι ἐν μέσῳ τῷ ἀέρι ἐπὶ τοῖς μεθορίοις. Ὦμοσαν δὲ Ἡλιωτῶν μὲν Πυρωνίδης καὶ Θερεΐτης καὶ Φλόγιος, Σεληνιτῶν δὲ Νύκτωρ καὶ Μήνιος καὶ Πολυλάμπης.

20. Assim, os Heliotas e seus aliados firmaram um tratado com os Selenitas e seus aliados: que os Heliotas derrubem a muralha e nunca mais ataquem a Lua; que também restituam os prisioneiros, cada qual pela quantia combinada; quanto aos Selenitas, que concedam autonomia aos outros astros; que não ergam armas contra os Heliotas, mantendo-se uns aos outros aliados em caso de ataque; que o rei dos Selenitas pague anualmente ao rei dos Heliotas o tributo de uma miríade de ânforas de orvalho e restitua uma miríade de reféns; que façam em comum a colonização da Estrela da Manhã na qual participem outros que assim desejarem; gravou-se o tratado numa estela de âmbar, erguida no ar intermediário sobre a fronteira dos dois; dos Heliotas prestaram juramento, Fogacho, Estival, Flamígero; dos Selenitas, Noitibó, Mensual e Mililâmpeo.

21. Τοιαύτη μὲν ἡ εἰρήνη ἐγένετο· εὐθὺς δὲ τὸ τεῖχος καθιρεῖτο καὶ ἡμᾶς τοὺς αἰχμαλώτους ἀπέδωσαν. Ἐπεὶ δὲ ἀφικόμεθα εἰς τὴν σελήνην, ὑπηντίαζον ἡμᾶς καὶ ἠσπάζοντο μετὰ δακρύων οἱ τε ἑταῖροι καὶ ὁ Ἐνδυμίων αὐτός. Καὶ ὁ μὲν ἠξίου μείναι τε παρ' αὐτῶι καὶ κοινωνεῖν τῆς ἀποικίας, ὑπισχνούμενος δώσειν πρὸς γάμον τὸν ἑαυτοῦ παῖδα· γυναῖκες γὰρ οὐκ εἰσὶ παρ' αὐτοῖς. Ἐγὼ δὲ οὐδαμῶς ἐπειθόμεν, ἀλλ' ἠξίου ἀποπεμφθῆναι κάτω εἰς τὴν θάλατταν. Ὡς δὲ ἔγνω ἀδύνατον ὄν πείθειν, ἀποπέμπει ἡμᾶς ἐστιάσας ἑπτὰ ἡμέρας.

21. Assim se fez a paz. A muralha foi imediatamente destruída e nós, prisioneiros, soltos. Quando chegamos à Lua, não só os companheiros, mas o próprio Endimião, foram ao nosso encontro, abraçando-nos com lágrimas. Este insistiu para que com ele permanecêssemos e tomássemos parte na colônia, prometendo dar-me em casamento o seu próprio filho, pois não há mulheres entre eles. Mas de modo nenhum me deixei convencer: insisti em que fosse enviado para baixo, ao mar. Tendo ele compreendido que seria incapaz de me convencer, deixou-nos partir após sete dias de festim.

22. Ἄ δὲ ἐν τῷ μεταξὺ διατρίβων ἐν τῇ σελήνῃ κατενόησα καινὰ καὶ παράδοξα, ταῦτα βούλομαι εἰπεῖν. Πρῶτα μὲν τὸ μὴ ἐκ γυναικῶν γεννᾶσθαι αὐτούς, ἀλλ' ἀπὸ τῶν ἀρρένων· γάμοις γὰρ τοῖς ἄρρεσι χρῶνται καὶ οὐδὲ ὄνομα γυναικὸς ὅλως ἴσασι. Μέχρι μὲν οὖν πέντε καὶ εἴκοσι ἐτῶν γαμεῖται ἕκαστος, ἀπὸ δὲ τούτων γαμεῖ αὐτός· κύουσι δὲ οὐκ ἐν τῇ νηδυί, ἀλλ' ἐν ταῖς γαστροκνημίαις· ἐπειδὴν γὰρ συλλάβῃ τὸ ἔμβρυον, παχύνεται ἢ κνήμη, καὶ χρόνῳ ὕστερον ἀνατεμόντες ἐξάγουσι νεκρά, ἐκθέντες δὲ αὐτὰ πρὸς τὸν ἄνεμον κεχηνότα ζωιοποιοῦσιν. Δοκεῖ δέ μοι καὶ ἐς τοὺς Ἑλληνας ἐκεῖθεν ἦκειν τῆς γαστροκνημίας τοῦνομα, ὅτι παρ' ἐκείνοις ἀντὶ γαστρὸς κυοφορεῖ. Μεῖζον δὲ τούτου ἄλλο διηγήσομαι. Γένος ἐστὶ παρ' αὐτοῖς ἀνθρώπων οἱ καλούμενοι Δενδρῖται, γίνεται δὲ τὸν τρόπον τοῦτον. Ὅρχιν ἀνθρώπου τὸν δεξιὸν ἀποτεμόντες ἐν γῆι φυτεύουσιν, ἐκ δὲ αὐτοῦ δένδρον ἀναφύεται μέγιστον, σάρκινον, οἶον φαλλός· ἔχει δὲ καὶ κλάδους καὶ φύλλα· ὁ δὲ καρπὸς ἐστὶ βάλανος πηχυαῖοι τὸ μέγεθος. Ἐπειδὴν οὖν πεπανθῶσιν, τρυγήσαντες αὐτὰς ἐκκολάπτουσι τοὺς ἀνθρώπους. Αἰδοῖα μέντοι πρόσθετα ἔχουσιν, οἱ μὲν ἐλεφάντινα, οἱ δὲ πένητες αὐτῶν ξύλινα, καὶ διὰ τούτων ὀχεύουσι καὶ πλησιάζουσι τοῖς γαμέταις τοῖς ἑαυτῶν.

22. Nessa estada na Lua notei o novo e o extraordinário, de que quero falar. Primeiro, eles não nascem de mulheres, mas de machos, pois o casamento se dá entre machos e eles ignoram totalmente a palavra "mulher". Até os vinte e cinco anos, cada um deles é esposa, mas, depois, passa a esposo; a gravidez não ocorre no útero, mas na barriga da perna, pois, quando carrega o feto, a perna engrossa; tempos depois, abrem-na, retiram o cadáver e expõem-no de boca aberta ao vento, fazendo-o viver. Parece-me que disso os gregos tiram o nome "barriga da perna": os Selenitas nela engravidam, não na barriga. E contarei algo ainda maior: há entre eles um gênero de humanos, chamados "Arbóreos", que nascem desse modo: o testículo humano direito é cortado e plantado na terra, da qual brota uma árvore grandíssima de carne, qual um falo. Esta tem galhos, folhas, e o fruto é a glande que mede um côvado⁵². Quando amadurecem, os frutos são colhidos e deles retirados os humanos. Seus membros são postiços: uns são de marfim; outros, os dos pobres, de madeira; por meio deles copulam e têm relações com seus cônjuges.

⁵² Cerca de 45 cm.

23. Ἐπειδὴν δὲ γηράσῃ ὁ ἄνθρωπος, οὐκ ἀποθνήσκει, ἀλλ' ὥσπερ καπνὸς διαλυόμενος ἀήρ γίνεται. Τροφή δὲ πᾶσιν ἢ αὐτῇ· ἐπειδὴν γὰρ πῦρ ἀνακαύσῃ, βατράχους ὀπτῶσιν ἐπὶ τῶν ἀνθράκων· πολλοὶ δὲ παρ' αὐτοῖς εἰσὶν ἐν τῷ ἀέρι πετόμενοι· ὀπτωμένων δὲ περικαθεσθέντες ὥσπερ δὴ περὶ τράπεζαν κάπτουσιν τὸν ἀναθυμιάμενον καπνὸν καὶ εὐωχοῦνται. Σίτοι μὲν δὴ τρέφονται τοιούτοι· ποτὸν δὲ αὐτοῖς ἐστὶν ἀήρ ἀποθλιβόμενος εἰς κύλικα καὶ ὑγρὸν ἀνιεῖς ὥσπερ δρόσον. Οὐ μὴν ἀπουροῦσιν γε καὶ ἀφοδεύουσιν, ἀλλ' οὐδὲ τέτρηγται ἤπερ ἡμεῖς, οὐδὲ τὴν συνουσίαν οἱ παῖδες ἐν ταῖς ἔδραις παρέχουσιν, ἀλλ' ἐν ταῖς ἰγνύσιν ὑπὲρ τὴν γαστροκνημίαν· ἐκεῖ γὰρ εἰσι τετρημένοι. Καλὸς δὲ νομίζεται παρ' αὐτοῖς ἦν πού τις φαλακρὸς καὶ ἄκομος ἦι, τοὺς δὲ κομήτας καὶ μυσάττονται. Ἐπὶ δὲ τῶν κομητῶν ἀστέρων τὸναντίον τοὺς κομήτας καλοὺς νομίζουσιν· ἐπεδήμουν γὰρ τινες, οἳ καὶ περὶ ἐκείνων διηγοῦντο. Καὶ μὴν καὶ γένεια φύουσιν μικρὸν ὑπὲρ τὰ γόνατα. Καὶ «ε'» ὄνυχας ἐν τοῖς ποσὶν οὐκ ἔχουσιν, ἀλλὰ πάντες εἰσὶν μονοδάκτυλοι. Ὑπὲρ δὲ τὰς πυγὰς ἐκάστωι αὐτῶν κράμβη ἐκπέφυκε μακρὰ ὥσπερ οὐρά, θάλλουσα ἐς αἰὲ καὶ ὑπίου ἀναπίπτοντος οὐ κατακλωμένη.

23. Quando um humano envelhece, não morre, mas, dissipando-se como fumaça, vira ar. O alimento é o mesmo para todos: acendem o fogo e assam rãs na brasa. Muitas delas voam pelos ares selenitas. Enquanto são assadas, eles, sentados como que ao redor de uma mesa, tragam a fumaça exalada e com ela se regalam. Crescem com esse alimento. Já a sua bebida é o ar comprimido na taça que segrega um líquido semelhante ao orvalho. Não urinam nem defecam, pois não têm orifícios como os nossos; os meninos tampouco copulam dando o traseiro, mas, sim, a dobra do joelho acima da barriga da perna, onde há orifícios. Para eles, é considerado belo o calvo ou o sem cabelo, enquanto execram os cabeludos. Quanto aos cometas, ao contrário, consideram-se belos os que, como astros, são os cabeludos: é o que nos contaram alguns de seus visitantes. Ademais, a barba cresce até um pouco acima do joelho. Já nos pés não têm unhas, pois todos são monodátilos. Acima das nádegas de cada um deles cresce uma couve longa como uma cauda, que sempre reverdece e não se quebra caso caiam de costas.

24. Ἀπομύττονται δὲ μέλι δριμύτατον· κάπειδαν ἢ πονῶσιν ἢ γυμνάζωνται, γάλακτι πᾶν τὸ σῶμα ἰδροῦσιν, ὥστε καὶ τυροῦς ἀπ' αὐτοῦ πήγνυνται, ὀλίγον τοῦ μέλιτος ἐπιστάξαντες· ἔλαιον δὲ ποιοῦνται ἀπὸ τῶν κρομμύων πάνυ λιπαρόν τε καὶ εὐῶδες ὥσπερ μύρον. Ἀμπέλους δὲ πολλὰς ἔχουσιν ὑδροφόρους· αἱ γὰρ ῥᾶγες τῶν βοτρύων εἰσὶν ὥσπερ χάλαζα, καί, ἐμοὶ δοκεῖν, ἐπειδὴν ἐμπεσῶν ἄνεμος διασεισῆι τὰς ἀμπέλους ἐκείνας, τότε πρὸς ἡμᾶς καταπίπτει ἡ χάλαζα διαρραγέντων τῶν βοτρύων. Τῆι μέντοι γαστρὶ ὅσα πήραι χρῶνται τιθέντες ἐν αὐτῇ ὅσων δέονται· ἀνοικτὴ γὰρ αὐτοῖς αὕτη καὶ πάλιν κλειστή ἐστίν· ἐντέρων δὲ οὐδὲν ὑπάρχειν αὐτῇ φαίνεται, ἢ τοῦτο μόνον, ὅτι δασεῖα πᾶσα ἔντοσθε καὶ λάσιός ἐστιν, ὥστε καὶ τὰ νεογνά, ἐπειδὴν ῥιγώσῃ, ἐς ταύτην ὑποδύεται.

24. Assoam-se segregando um mel azedíssimo. Quando labutam ou se exercitam, transpiram leite por todo o corpo de modo que, com ele, gotejando-se um pouco de mel, coalham-se queijos. Das cebolas fazem um óleo muito denso e aromático como o perfume. Suas muitas vinhas são aquíferas, pois os bagos dos cachos são como o granizo, e opino que o vento ao se lançar a sacudir aquelas vinhas, o granizo despenca, rebentando os cachos sobre nós. A barriga é usada como bolsa: nela colocam aquilo de que precisam, pois podem abri-la e fechá-la. Mas o intestino não se mostra, sendo seu interior todo peludo e felpudo, de sorte que os recém-nascidos, quando sentem frio, nele se aconchegam.

25. Ἐσθῆς δὲ τοῖς μὲν πλουσίοις ὑαλίνη μαλθακή, τοῖς πένησι δὲ χαλκῆ ὑφαντή· πολύχαλκα γὰρ τὰ ἐκεῖ χωρία, καὶ ἐργάζονται τὸν χαλκὸν ὕδατι ὑποβρέξαντες ὥσπερ τὰ ἔρια. Περὶ μέντοι τῶν ὀφθαλμῶν, οἷους ἔχουσιν, ὀκνῶ μὲν εἰπεῖν, μή τις με νομίσει ψεύδεσθαι διὰ τὸ ἄπιστον τοῦ λόγου. Ὅμως δὲ καὶ τοῦτο ἐρῶ· τοὺς ὀφθαλμοὺς περιαιρετοὺς ἔχουσι, καὶ ὁ βουλόμενος ἐξελῶν τοὺς αὐτοῦ φυλάττει ἔστ' ἂν δεηθῆι ἰδεῖν· οὕτω δὲ ἐνθέμενος ὁρᾷ· καὶ πολλοὶ τοὺς σφετέρους ἀπολέσαντες παρ' ἄλλων χρησάμενοι ὁρῶσιν. Εἰσὶ δ' οἱ καὶ πολλοὺς ἀποθέτους ἔχουσιν, οἱ πλούσιοι. Τὰ ὄτα δὲ πλατάνων φύλλα ἐστὶν αὐτοῖς πλήν γε τοῖς ἀπὸ τῶν βαλάνων· ἐκεῖνοι γὰρ μόνοι ξύλινα ἔχουσιν.

25. A vestimenta dos ricos é de vidro mole, a dos pobres, tecida de cobre, pois aquela região é neste abundante e eles trabalham o cobre umedecendo-o, como à lã, com água. Acerca dos olhos, hesito dizer como são, pois alguém me poderia considerar mentiroso, pelo incrível do relato. Mas ainda assim direi: têm olhos removíveis e os que quiserem removê-los, poderão guardá-los até que precisem ver. Assim, ao recolocá-los, tornam a ver. E muitos, quando perdem os seus, usam, para ver, os de outrem. Há quem tenha muitos, guardados, os ricos. Já as orelhas são folhas de plátano, exceto as dos que nascem das glandes, que só as têm de madeira.

26. Καὶ μὴν καὶ ἄλλο θαῦμα ἐν τοῖς βασιλείοις ἐθεασάμην· κάτοπτρον μέγιστον κεῖται ὑπὲρ φρέατος οὐ πάνυ βαθέος. Ἄν μὲν οὖν εἰς τὸ φρέαρ καταβῆι τις, ἀκούει πάντων τῶν παρ' ἡμῖν ἐν τῇ γῆι λεγομένων, ἐὰν δὲ εἰς τὸ κάτοπτρον ἀποβλέψῃ, πάσας μὲν πόλεις, πάντα δὲ ἔθνη ὁρᾷ ὥσπερ ἐφεστῶς ἐκάστοις· τότε καὶ τοὺς οἰκείους ἐγὼ ἐθεασάμην καὶ πᾶσαν τὴν πατρίδα, εἰ δὲ κάκεινοι ἐμὲ ἐώρων, οὐκέτι ἔχω τὸ ἀσφαλὲς εἰπεῖν. Ὅστις δὲ ταῦτα μὴ πιστεύει οὕτως ἔχειν, ἂν ποτε καὶ αὐτὸς ἐκεῖσε ἀφίκηται, εἴσεται ὡς ἀληθῆ λέγω.

26. Vi também outra maravilha no palácio real: um espelho grandíssimo está colocado sobre um poço não muito profundo. Assim, se alguém descer o poço, poderá ouvir tudo quanto se diz entre nós, na Terra, e se olhar no espelho, poderá ver todas as cidades, todos os povos, como se estivesse junto a cada um, singularmente. Foi então que eu vi os de casa e todos os da minha pátria, mas se eles me virem, já não posso dizê-lo com certeza. Quem não acreditar que isso seja assim, se um dia for para lá, ficará sabendo que digo a verdade.

27. Τότε δ' οὖν ἀσπασάμενοι τὸν βασιλέα καὶ τοὺς ἀμφ' αὐτόν, ἐμβάντες ἀνήχθημεν· ἐμοὶ δὲ καὶ δῶρα ἔδωκεν ὁ Ἐνδυμίων, δύο μὲν τῶν ὑαλίνων χιτῶνων, πέντε δὲ χαλκοῦς, καὶ πανοπλίαν θερμίνην, ἃ πάντα ἐν τῷ κήτει κατέλιπον. Συνέπεμψε δὲ ἡμῖν καὶ Ἴππογύπους χιλίους παραπέμψοντας ἄχρι σταδίων πεντακοσίων.

27. Tendo-nos despedido do rei e dos seus, embarcamos e ganhamos o alto-mar. Endimião me deu presentes: duas túnicas de vidro, cinco de cobre, e armadura de tremoço, as quais remanesceram todas na besta marinha. Também nos enviou uma quilíade de Cavalos-abutres como escolta por quinhentos estádios⁵³.

⁵³ Cerca de 89 km.

28. Ἐν δὲ τῷ παράπλωι πολλὰς μὲν καὶ ἄλλας χώρας παρημείψαμεν, προσέσχομεν δὲ καὶ τῷ Ἑωσφόρῳ ἄρτι συνοικιζομένῳ, καὶ ἀποβάντες ὑδρευσάμεθα. Ἐμβάντες δὲ εἰς τὸν ζῳδιακὸν ἐν ἀριστεραῖ παρήειμεν τὸν ἥλιον, ἐν χρῶι τὴν γῆν παραπλέοντες· οὐ γὰρ ἀπέβημεν καίτοι πολλὰ τῶν ἐταίρων ἐπιθυμούντων, ἀλλ' ὁ ἄνεμος οὐκ ἐφῆκεν. Ἐθεώμεθα μέντοι τὴν χώραν εὐθαλῆ τε καὶ πίονα καὶ εὐδρον καὶ πολλῶν ἀγαθῶν μεστήν. Ἰδόντες δ' ἡμᾶς οἱ Νεφελοκένταυροι, μισθοφοροῦντες παρὰ τῷ Φαέθοντι, ἐπέπτησαν ἐπὶ τὴν ναῦν, καὶ μαθόντες ἐνσπόνδους ἀνεχώρησαν.

28. Em nossa navegação percorremos muitas outras regiões e aportamos na recém-colonizada Estrela da Manhã, na qual desembarcamos para abastecer-nos de água. Tendo embarcado rumo ao Zodíaco, passamos à esquerda do Sol, margeando-lhe a terra da superfície. Embora muitos companheiros desejassem, lá não desembarcamos, não o permitindo o vento. Notamos, porém, que a região era verdejante, fértil, abundante em água e cheia de tudo o que é bom. Quando nos viram, os Centauros-nuvens, mercenários de Faetonte, sobrevoaram a nossa embarcação, e depois de saberem sermos parte no armistício, retiraram-se.

29. Ἦδη δὲ καὶ οἱ Ἰππόγυποι ἀπεληλύθεσαν. Πλεύσαντες δὲ τὴν ἐπιούσαν νύκτα καὶ ἡμέραν, περὶ ἐσπέραν ἀφικόμεθα ἐς τὴν Λυχνόπολιν καλουμένην, ἥδη τὸν κάτω πλοῦν διώκοντες. Ἡ δὲ πόλις αὕτη κεῖται μεταξὺ τοῦ Πλειάδων καὶ τοῦ Ὑάδων ἀέρος, ταπεινότερα μέντοι πολὺ τοῦ ζωϊδιακοῦ. Ἀποβάντες δὲ ἄνθρωπον μὲν οὐδένα εὔρομεν, λύχνους δὲ πολλοὺς περιθέοντας καὶ ἐν τῇ ἀγορᾷ καὶ περὶ τὸν λιμένα διατρίβοντας, τοὺς μὲν μικροὺς καὶ ὥσπερ πένητας, ὀλίγους δὲ τῶν μεγάλων καὶ δυνατῶν πάνυ λαμπροὺς καὶ περιφανεῖς. Οἰκήσεις δὲ αὐτοῖς καὶ λυχνεῶνες ἰδία ἐκάστωι πεποίηγτο, καὶ αὐτοὶ ὀνόματα εἶχον, ὥσπερ οἱ ἄνθρωποι, καὶ φωνὴν προἰεμένων ἠκούομεν, καὶ οὐδὲν ἡμᾶς ἠδίκουν, ἀλλὰ καὶ ἐπὶ ξένια ἐκάλουν· ἡμεῖς δὲ ὄμως ἐφοβούμεθα, καὶ οὔτε δειπνῆσαι οὔτε ὑπνώσαι τις ἡμῶν ἐτόλμησεν. Ἀρχεῖα δὲ αὐτοῖς ἐν μέσῃ τῇ πόλει πεποίηται, ἔνθα ὁ ἄρχων αὐτῶν διὰ νυκτὸς ὅλης κάθηται ὀνομαστὶ καλῶν ἕκαστον· ὃς δ' ἂν μὴ ὑπακούσῃ, καταδικάζεται ἀποθανεῖν ὡς λιπὼν τὴν τάξιν· ὁ δὲ θάνατός ἐστι σβεσθῆναι. Παρεστῶτες δὲ ἡμεῖς ἐωρῶμεν τὰ γινόμενα καὶ ἠκούομεν ἅμα τῶν λύχνων ἀπολογουμένων καὶ τὰς αἰτίας λεγόντων δι' ἃς ἐβράδυνον. Ἐνθα καὶ τὸν ἡμέτερον λύχνον ἐγνώρισα, καὶ προσειπὼν αὐτὸν περὶ τῶν κατ' οἶκον ἐπυνθανόμην ὅπως ἔχοιεν· ὁ δὲ μοι ἅπαντα ἐκεῖνα διηγήσατο. Τὴν μὲν οὖν νύκτα ἐκείνην αὐτοῦ ἐμείναμεν, τῇ δὲ ἐπιούσῃ ἄραντες ἐπλέομεν ἤδη πλησίον τῶν νεφῶν· ἔνθα δὴ καὶ τὴν Νεφελοκοκκυγίαν πόλιν ἰδόντες ἐθαυμάσαμεν, οὐ μέντοι ἐπέβημεν αὐτῆς· οὐ γὰρ εἶα τὸ πνεῦμα. Βασιλεύειν μέντοι αὐτῶν ἐλέγετο Κόρωνος ὁ Κοττυφίωνος. Καὶ ἐγὼ ἐμνήσθην Ἀριστοφάνους τοῦ ποιητοῦ, ἀνδρὸς σοφοῦ καὶ ἀληθοῦς καὶ μάτην ἐφ' οἷς ἔγραψεν ἀπιστουμένου. Τρίτη δὲ ἀπὸ ταύτης ἡμέραι καὶ τὸν ὠκεανὸν ἤδη σαφῶς ἐωρῶμεν, γῆν δὲ οὐδαμοῦ, πλὴν γε τῶν ἐν τῷ ἀέρι· καὶ αὗται δὲ πυρώδεις καὶ ὑπεραυγεῖς ἐφαντάζοντο. Τρίτη δὲ ἀπὸ ταύτης ἡμέραι καὶ τὸν ὠκεανὸν ἤδη σαφῶς ἐωρῶμεν, γῆν δὲ οὐδαμοῦ, πλὴν γε τῶν ἐν τῷ ἀέρι· καὶ αὗται δὲ πυρώδεις καὶ ὑπεραυγεῖς ἐφαντάζοντο. Τῇ τετάρτῃ δὲ περὶ μεσημβρίαν μαλακῶς ἐνδιδόντος τοῦ πνεύματος καὶ συνιζάνοντος ἐπὶ τὴν θάλατταν κατετέθημεν.

29. Também os Cavalos-abutres já haviam partido. Tendo navegado pela noite e o dia seguintes, à noitinha chegamos, movida para baixo a embarcação, à chamada *Cidade-lamparina*. Esta cidade está situada no ar entre as Plêiades e as Híades, mas muito abaixo do Zodíaco. Quando desembarcamos, nenhum humano encontramos, só muitas lamparinas a circular, e que na ágora e no porto passavam o tempo; havia tanto das pequenas e como que pobres, quanto das grandes e poderosas, poucas, de todo brilhantes e em toda volta aparentes. Cada uma fazia a sua própria casa e lamparinaria⁵⁴ particular; tinham nomes como os dos humanos e as ouvíamos emitir vozes. Não fomos injuriados, pois até mesmo nos ofereceram hospitalidade. Amedrontados, porém, nenhum de nós ousou comer ou dormir. No centro da cidade, ergueu-se o Palácio do Governo em que o seu arconte tem assento toda noite a chamar cada uma delas pelo nome; e as que não derem ouvidos, serão condenadas à morte por deserção, sendo a morte apagamento. Lá ficamos vendo os acontecimentos e ouvindo essas lamparinas a defender-se, falando das causas do seu atraso. Nisso, reconheci nossa lamparina, para a qual me dirigi, perguntando-lhe como estavam as coisas lá em casa. Ela me contou tudo. Naquela noite ali permanecemos, mas, no dia seguinte, aproando, navegamos para perto das nuvens. Maravilhamo-nos ao avistarmos a cidade de Cucos-nas-nuvens⁵⁵, na qual todavia não aportamos, não o permitindo o vento. Dizia-se que seu rei era Gralha, filho de Melro. Lembrei-me do poeta Aristófanés, homem sábio e verdadeiro, tolamente desacreditado no que escreveu. Passados três dias, vimos claramente o oceano, mas terra, em parte nenhuma, excetuadas as do ar, que apareciam flamejantes e hiperbrilhantes. No quarto, por volta do meio-dia, cedendo, abrandado, suavemente o vento, no mar nos precipitamos.

⁵⁴ O hápax *λυχνεών* é interpretado como um tipo de depósito onde se colocam as lâmpadas.

⁵⁵ Aristófanés. *As aves*, 819.

30. Ὡς δὲ τοῦ ὕδατος ἐναύσαμεν, θαυμασίως ὑπερηδόμεθα καὶ ὑπερεχαίρομεν καὶ πᾶσαν ἐκ τῶν παρόντων εὐφροσύνην ἐποιούμεθα καὶ ἀπορρίψαντες ἐνηχόμεθα· καὶ γὰρ ἔτυχε γαλήνη οὖσα καὶ εὐσταθοῦν τὸ πέλαγος. Ἔοικε δὲ ἀρχὴ κακῶν μειζόνων γίνεσθαι πολλάκις ἢ πρὸς τὸ βέλτιον μεταβολή· καὶ γὰρ ἡμεῖς δύο μόνας ἡμέρας ἐν εὐδία πλεύσαντες, τῆς τρίτης ὑποφαινούσης πρὸς ἀνίσχοντα τὸν ἥλιον ἄφνω ὀρώμεν θηρία καὶ κήτη πολλὰ μὲν καὶ ἄλλα, ἐν δὲ μέγιστον ἀπάντων ὅσον σταδίων χιλίων καὶ πεντακοσίων τὸ μέγεθος· ἐπίηι δὲ κεχηνὸς καὶ πρὸ πολλοῦ ταραττον τὴν θάλατταν ἀφρῶι τε περικλυζόμενον καὶ τοὺς ὀδόντας ἐκφαῖνον πολὺ τῶν παρ' ἡμῖν φαλλῶν ὑψηλοτέρους, ὁξεῖς δὲ πάντας ὥσπερ σκόλοπας καὶ λευκοὺς ὥσπερ ἔλεφαντίνους. Ἡμεῖς μὲν οὖν τὸ ὕστατον ἀλλήλους προσειπόντες καὶ περιβαλόντες ἐμένομεν· τὸ δὲ ἤδη παρῆν καὶ ἀναρροφήσαν ἡμᾶς αὐτῆι νηϊ κατέπιεν. Οὐ μέντοι ἔφθη συναράξαι τοῖς ὀδοῦσιν, ἀλλὰ διὰ τῶν ἀραιωμάτων ἢ ναῦς ἐς τὸ ἔσω διεξέπεσεν.

30. Mal tocamos a água, maravilhados, cheíssimos de prazer e alegria, todos nós festejamos aquele momento e nos pusemos a nadar, pois acontecia de estar calmo e sereno o mar. Mas parece que a mudança para melhor vem a ser muita vez o princípio de males maiores, pois, só tendo navegado dois dias com bom tempo; no terceiro, amanhecendo o dia com o sol a despontar, subitamente vemos feras, muitas bestas marinhas⁵⁶, como também outras, sendo que a maior de todas mede mil e quinhentos estádios⁵⁷. E é ela que avança, boca aberta, a agitar o mar muito adiante com turbilhão de espuma, e escancara seus dentes, muito maiores que os nossos falos, todos eles pontiagudos como estacas, brancos como marfim. Tendo uns aos outros proferido as palavras finais, abraçamo-nos e esperamos. Ela, que já se adiantara, nos engoliu, tragando a nave. Não chegou, porém, a nos esmagar com os dentes, pois a nave, através dos interstícios destes, escapou-se para o interior.

⁵⁶ Aqui principia o episódio de *kêtos* que se estende até o início do segundo livro. Sobre a terminologia, a iconografia e as referências levadas a cabo por Luciano, ver *infra* O campo semântico e iconográfico de *kêtos*.

⁵⁷ Por volta de 266 km.

31. Ἐπεὶ δὲ ἔνδον ἦμεν, τὸ μὲν πρῶτον σκότος ἦν καὶ οὐδὲν ἑωρῶμεν, ὕστερον δὲ αὐτοῦ ἀναχανόντος εἶδομεν κύτος μέγα καὶ πάντη πλατὺ καὶ ὑψηλόν, ἰκανὸν μυριάσδω πόλει ἐνοικεῖν. Ἐκείντο δὲ ἐν μέσῳ καὶ μικροὶ ἰχθύες καὶ ἄλλα πολλὰ θηρία συγκεκομμένα, καὶ πλοίων ἰστία καὶ ἄγκυραι, καὶ ἀνθρώπων ὅστέα καὶ φορτία, κατὰ μέσον δὲ καὶ γῆ καὶ λόφοι ἦσαν, ἐμοὶ δοκεῖν, ἐκ τῆς ἰλύος ἦν κατέπιπε συνιζάνουσα. Ὑλὴ γοῦν ἐπ’ αὐτῆς καὶ δένδρα παντοῖα ἐπεφύκει καὶ λάχανα ἐβεβλαστήκει, καὶ ἐώκει πάντα ἐξχειρασμένοις· περίμετρον δὲ τῆς γῆς στάδιοι διακόσιοι καὶ τεσσαράκοντα. Ἦν δὲ ἰδεῖν καὶ ὄρνεα θαλάττια, λάρους καὶ ἀλκυόνας, ἐπὶ τῶν δένδρων νεοττεύοντα.

31. E quando lá dentro estávamos, no início era a escuridão e nada víamos, mas, depois, ela abriu a boca e avistamos uma grande cavidade, extensa e elevada em todas as partes, capaz de conter uma cidade com uma miríade⁵⁸ de habitantes. Jaziam no meio dela peixinhos e muitas feras destroçadas, velas e âncoras de naus, ossadas humanas e mercadorias; já no centro dela havia terra e colinas aglutinadas, parece-me, pela lama que ela tragara. Também, nela crescera uma floresta com toda a sorte de árvores, assim como brotaram verduras, assemelhando-se todas elas às cultivadas. O perímetro de terra era de duzentos e quarenta estádios⁵⁹. Viam-se, ainda, aves marinhas, gaivotas e alcíones, que nidificam nas árvores.

⁵⁸ 10.000 habitantes.

⁵⁹ Por volta de 43 km.

32. Τότε μὲν οὖν ἐπὶ πολὺ ἐδακρύομεν, ὕστερον δὲ ἀναστήσαντες τοὺς ἐταίρους τὴν μὲν ναῦν ὑπεστηρίζαμεν, αὐτοὶ δὲ τὰ πυρεῖα συντρίψαντες καὶ ἀνακαύσαντες δεῖπνον ἐκ τῶν παρόντων ἐποιούμεθα. Παρέκειτο δὲ ἄφθονα καὶ παντοδαπὰ κρέα τῶν ἰχθύων, καὶ ὕδωρ ἔτι τὸ ἐκ τοῦ Ἐωσφόρου εἶχομεν. Τῆι ἐπιούσῃ δὲ διαναστάντες, εἴ ποτε ἀναχάνοι τὸ κῆτος, ἐωρῶμεν ἄλλοτε μὲν ὄρη, ἄλλοτε δὲ μόνον τὸν οὐρανόν, πολλάκις δὲ καὶ νήσους· καὶ γὰρ ἠίσθανόμεθα φερομένου αὐτοῦ ὀξέως πρὸς πᾶν μέρος τῆς θαλάττης. Ἐπεὶ δὲ ἤδη ἐθάδες τῆι διατριβῇ ἐγενόμεθα, λαβὼν ἑπτὰ τῶν ἐταίρων ἐβάδιζον ἐς τὴν ὕλην περισκοπήσασθαι τὰ πάντα βουλόμενος. Οὕτω δὲ πέντε ὅλους διελθὼν σταδίους εὔρον ἱερὸν Ποσειδῶνος, ὡς ἐδήλου ἢ ἐπιγραφή, καὶ μετ' οὐ πολὺ καὶ τάφους πολλοὺς καὶ στήλας ἐπ' αὐτῶν πλησίον τε πηγὴν ὕδατος διαυγοῦς, ἔτι δὲ καὶ κυνὸς ὑλακὴν ἠκούομεν καὶ καπνὸς ἐφαίνετο πόρρωθεν καὶ τινα καὶ ἔπαυλιν εἰκάζομεν.

32. Muitas lágrimas então derramamos e, mais tarde, tendo-se erguido os companheiros, arrimamos a nave, atritamos os pauzinhos e, com o fogo, fizemos uma refeição com o que havia: dispúnhamos de carne abundante e peixes de todas as espécies, mas também tínhamos água da Estrela da Manhã⁶⁰. No dia seguinte, já despertados, víamos, nas ocasiões em que a besta marinha abria a boca, ora montanhas, ora só o céu e, não raro, ilhas. Logo sentimos que ela se deslocava rapidamente por todas as partes do mar. E uma vez acostumados com a detença, tomei sete dos companheiros e caminhamos para a floresta, pois quis explorá-la por inteiro. Mal percorridos cinco estádios⁶¹ completos, encontrei, como evidenciava a inscrição, um santuário de Posídon e, não muito longe, muitas sepulturas com estelas em cima, como também, perto dali, uma fonte de água cristalina e, ainda, ouvimos o latido de um cão e, ao longe, apareceu fumaça: imaginamos uma fazenda.

⁶⁰ Cf. NV, I, 28.

⁶¹ Cerca de 888 m.

33. Σπουδῆι οὖν βαδίζοντες ἐφιστάμεθα πρεσβύτη καὶ νεανίσκωι μάλα προθύμωι
πρασιάν τινα ἐργαζομένοις καὶ ὕδωρ ἀπὸ τῆς πηγῆς ἐπ’ αὐτὴν διοχετεύουσιν· ἡσθέντες
οὖν ἅμα καὶ φοβηθέντες ἔστημεν· κάκεῖνοι δὲ ταῦτὸ ἡμῖν ὡς τὸ εἰκὸς παθόντες ἄναυδοι
παρειαυτήκεσαν· χρόνωι δὲ ὁ πρεσβύτης ἔφη, « Τίνες ὑμεῖς ἄρα ἐστέ, ὧ ξένοι; Πότερον
τῶν ἐναλίωι δαιμόνων ἢ ἄνθρωποι δυστυχεῖς ἡμῖν παραπλήσιοι; Καὶ γὰρ ἡμεῖς
ἄνθρωποι ὄντες καὶ ἐν γῆι τραφέντες νῦν θαλάττιοι γεγόναμεν καὶ συννηχόμεθα τῶι
περιέχοντι τούτῳ θηρίωι, οὐδ’ ὁ πάσχομεν ἀκριβῶς εἰδότες · τεθνάναι μὲν γὰρ
εἰκάζομεν, ζῆν δὲ πιστεύομεν ». Πρὸς ταῦτα ἐγὼ εἶπον · « Καὶ ἡμεῖς τοὶ ἄνθρωποι
νεήλυδές ἐσμεν, ὧ πάτερ, αὐτῶι σκάφει πρόωιη καταποθέντες, προήλθομεν δὲ νῦν
βουλόμενοι μαθεῖν τὰ ἐν τῇ ὕλῃ ὡς ἔχει· πολλὴ γὰρ τις καὶ λάσιος ἐφαίνετο. Δαίμων
δέ τις, ὡς ἔοικεν, ἡμᾶς ἤγαγεν σέ τε ὀψομένους καὶ εἰσομένους ὅτι μὴ μόνοι ἐν τῶιδε
καθεύργομεθα τῶι θηρίωι· ἀλλὰ φράσον γε ἡμῖν τὴν σαυτοῦ τύχην, ὅστις τε ὦν καὶ ὅπως
δεῦρο εἰσῆλθες ». Ὁ δὲ οὐ πρότερον ἔφη ἐρεῖν οὐδὲ πεύσεσθαι παρ’ ἡμῶν, πρὶν ξενίων
τῶν παρόντων μεταδοῦναι, καὶ λαβὼν ἡμᾶς ἤγεν ἐπὶ τὴν οἰκίαν· ἐπεποίητο δὲ αὐτάρκη
καὶ στιβάδας ἐνωικοδόμητο καὶ τὰ ἄλλα ἐξήρτιστο. Παραθεῖς δὲ ἡμῖν λάχανά τε καὶ
ἀκρόδρυα καὶ ἰχθυῶς, ἔτι δὲ καὶ οἶνον ἐγχείας, ἐπειδὴ ἱκανῶς ἐκορέσθημεν, ἐπυνθάνετο
ἅ πεπόνθειμεν· κἀγὼ πάντα ἐξῆς διηγησάμην, τὸν τε χειμῶνα καὶ τὰ ἐν τῇ νήσωι καὶ
τὸν ἐν τῶι ἀέρι πλοῦν καὶ τὸν πόλεμον καὶ τὰ ἄλλα μέχρι τῆς εἰς τὸ κῆτος καταδύσεως.

33. Apertando o passo, topamos com um velho e um moço a laborar afanosamente uma horta e para a ela conduzir por meio de um canal à água de uma fonte. Alegres, mas temerosos, ali paramos. Como é verossímil, também eles sentiram o mesmo e se detiveram, mudos. O velho não tardou a falar: "Quem são vocês, estrangeiros? Deuses marinhos ou homens desafortunados, semelhantes a nós? Porque somos homens e crescemos na terra, mas agora nos tornamos marinhos e nadamos nesta fera, que nos prende, sem que saibamos exatamente do que padecemos. Pois nos imaginamos mortos, mas nos acreditamos vivos". Diante disso, eu repliquei: "também somos homens, meu pai, recém-chegados, porque anteontem fomos tragados com o nosso barco e agora avançamos, querendo conhecer o que há na floresta, que se revela vasta e espessa. Parece que algum deus nos levou até você, para que o víssemos e soubéssemos que não somos os únicos prisioneiros desta fera. Fale-nos sobre sua sorte: quem é você e como entrou aqui?" Ele, por sua vez, disse que nada perguntaria, nem questionaria sem que antes oferecesse os presentes da hospitalidade de que dispunha. E, pegos, fomos levados à sua casa, construída como autossuficiente⁶², com a confecção de camas de palha e os mais equipamentos. Ele nos ofereceu verduras, frutas, peixes, como também nos serviu vinho. Mais tarde, já saciados, fomos interrogados acerca do que nos sucedera. E eu contei tudo, sucessivamente: sobre a tempestade, o ocorrido na ilha, a navegação aérea, a guerra, enfim, sobre tudo o que precedeu a submersão na Besta Marinha.

⁶² A autossuficiência gozada por Cíntaro é também uma gozação do mundo rural idílico encampado por Aristófanes. O comediógrafo o desenha através de um modelo agrário de tipo autarcista cuja referência remonta a hesiódica idade de ouro: a felicidade passa pela volta dos antigos costumes associados com a vida simples, campestre e próspera dos varões em tempos de paz. (Cf. CORBEL-MORANA, Cécile. *Le Bestiaire d'Aristophane*. Paris: Belles Lettres, 2012, p. 28-33. SAID, Suzanne. La campagne d'Aristophane. *Pallas*, Toulouse, No. 54, p. 191-206, 2000). Note-se que, diferentemente do herói aristofânico que recorre aos mais variados artifícios para conquistar a paz (como Trigeu em *A Paz* e Diceópolis em *Os Acarnenses*), a personagem luciânica deliberadamente se põe a deflagrar a guerra, mesmo vivendo em abundância.

34. Ὁ δὲ ὑπερθαυμάσας καὶ αὐτὸς ἐν μέρει τὰ καθ' αὐτὸν διεξήκει λέγων, « Τὸ μὲν γένος εἰμί, ὃ ξένοι, Κύπριος, ὀρμηθεὶς δὲ κατ' ἐμπορίαν ἀπὸ τῆς πατρίδος μετὰ παιδός, ὃν ὀρᾶτε, καὶ ἄλλων πολλῶν οἰκετῶν ἔπλεον εἰς Ἰταλίαν ποικίλον φόρτον κομίζων ἐπὶ νεὸς μεγάλης, ἣν ἐπὶ στόματι τοῦ κήτους διαλελυμένην ἴσως ἐωράκατε. Μέχρι μὲν οὖν Σικελίας εὐτυχῶς διεπλεύσαμεν· ἐκεῖθεν δὲ ἀρπασθέντες ἀνέμωι σφοδρῶι τριταῖοι ἐς τὸν ὠκεανὸν ἀπηνέχθημεν, ἔνθα τῶι κήτει περιτυχόντες καὶ αὐτανδροὶ καταποθέντες δύο ἡμεῖς μόνοι τῶν ἄλλων ἀποθανόντων ἐσώθημεν. Θάψαντες δὲ τοὺς ἐταίρους καὶ ναὸν τῶι Ποσειδῶνι δειμάμενοι τουτονὶ τὸν βίον ζῶμεν, λάχανα μὲν κηπεύοντες, ἰχθῦς δὲ σιτούμενοι καὶ ἀκρόδρυα. Πολλὴ δέ, ὡς ὀρᾶτε, ἡ ὕλη, καὶ μὴν καὶ ἀμπέλους ἔχει πολλάς, ἀφ' ὧν ἡδύτατος οἶνος γεννᾶται· καὶ τὴν πηγὴν δὲ ἴσως εἶδετε καλλίστου καὶ ψυχροτάτου ὕδατος. Εὐνήν δὲ ἀπὸ τῶν φύλλων ποιούμεθα, καὶ πῦρ ἄφθονον καίομεν, καὶ ὄρνεα δὲ θηρεύομεν τὰ εἰσπετόμενα, καὶ ζῶντας ἰχθῦς ἀγρεύομεν ἐξιόντες ἐπὶ τὰ βραγχία τοῦ θηρίου, ἔνθα καὶ λουόμεθα, ὅποταν ἐπιθυμήσωμεν. Καὶ μὴν καὶ λίμνη οὐ πόρρω ἐστὶν σταδίων εἴκοσι τὴν περίμετρον, ἰχθῦς ἔχουσα παντοδαπούς, ἐν ἣι καὶ νηρόμεθα καὶ πλέομεν ἐπὶ σκάφους μικροῦ, ὃ ἐγὼ ἐναυπηγησάμην. Ἔτη δὲ ἐστὶν ἡμῖν τῆς καταπόσεως ταῦτα ἑπτὰ καὶ εἴκοσι.

34. Admiradíssimo, ele também falou sobre si mesmo, dizendo: "sou de Chipre, estrangeiros, deixei minha pátria e me lancei ao comércio com meu filho, a quem estão vendo, e com muitos serviçais. Naveguei para a Itália transportando carga variada em uma grande nau, a qual, talvez vocês tenham visto, destroçada, na boca da besta marinha. A navegação transcorreu bem até a Sicília, mas, dali em diante, arrebatados por um vento violento, acabamos, após três dias, no oceano. Topamos então com a besta marinha, que nos trouxe, dizimando a tripulação. Só nós dois sobrevivemos, os outros morreram. Tendo enterrado os companheiros e erigido um templo a Posídon, passamos a viver essa vida, plantando verduras, comendo peixes e frutas. Como veem, a floresta é vasta e tem muitas vinhas, com as quais produzimos vinho saborosíssimo. Talvez tenham visto a fonte da mais bela e mais fresca água. Fizemos uma cama com folhas, acendemos um fogo abundante, caçamos as aves que para cá voam, como também pescamos os peixes, que, vivos, saem pelas brânquias da fera. É nestas que, quando desejamos, também nos banhamos. Ademais, não muito longe dali, há uma lagoa, com vinte estádios de perímetro⁶³, que contém toda a sorte de peixes, na qual nadamos e navegamos com um pequeno, que eu mesmo fabriquei. Faz vinte e sete anos que fomos engolidos.

⁶³ 3,5 km.

35. Καὶ τὰ μὲν ἄλλα ἴσως φέρειν δυνάμεθα, οἱ δὲ γείτονες ἡμῶν καὶ πάροικοι σφόδρα χαλεποὶ καὶ βαρεῖς εἰσιν, ἄμικτοὶ τε ὄντες καὶ ἄγριοι. Ἦ γάρ, ἔφην ἐγώ, καὶ ἄλλοι τινὲς εἰσιν ἐν τῷ κήτει; Πολλοὶ μὲν οὖν, ἔφη, καὶ ἄξιοι καὶ τὰς μορφὰς ἀλλόκοτοι· τὰ μὲν γὰρ ἐσπέρια καὶ οὐραῖα τῆς ὕλης Ταριχᾶνες οἰκοῦσιν, ἔθνος ἐγγελυωπὸν καὶ καραβοπρόσωπον, μάχιμον καὶ θρασὺ καὶ ὠμοφάγον· τὰ δὲ τῆς ἐτέρας πλευρᾶς κατὰ τὸν δεξιὸν τοῖχον Τριτωνομένδητες, τὰ μὲν ἄνω ἀνθρώποις ἐοικότες, τὰ δὲ κάτω τοῖς γαλεώταις, ἦττον μέντοι ἄδικοί εἰσιν τῶν ἄλλων· τὰ λαιὰ δὲ Καρκινόχειρες καὶ Θυννοκέφαλοι συμμαχίαν τε καὶ φιλίαν πρὸς ἑαυτοὺς πεποιημένοι· τὴν δὲ μεσόγαιαν νέμονται Παγουρίδαι καὶ Ψηττόποδες, γένος μάχιμον καὶ δρομικώτατον· τὰ ἐῶια δέ, τὰ πρὸς αὐτῷ τῷ στόματι, τὰ πολλὰ μὲν ἔρημά ἐστι, προσκλυζόμενα τῇ θαλάττῃ· ὅμως δὲ ἐγὼ ταῦτα ἔχω φόρον τοῖς Ψηττόποσιν ὑποτελῶν ἐκάστου ἔτους ὄστρεια πεντακόσια.

35. E o mais podemos suportar; já nossos vizinhos e os habitantes das redondezas são demasiado intratáveis e pesados, pois insociáveis e selvagens. "Ora, há, acaso, outros na besta marinha?" indaguei e ele retrucou: "há muitos, nada hospitaleiros e com forma estranha. No lado ocidental da floresta, na cauda, habitam os Ensalmourados: povo com olhos de enguia e cara de lagosta, belicoso, insolente, omofágo. No lado oposto, à direita do muro, habitam os Tritões-bodes, os quais se assemelham, em cima, a homens e, embaixo, a peixes-espada: são, porém, menos injustos do que outros. No lado esquerdo habitam os Mãos-caranguejos e os Cabeças-atuns que fizeram uns com os outros aliança de guerra e amizade. No meio dessa terra estão os Caudas-siris⁶⁴ e os Pés-linguados, gente belicosa e velocíssima. No lado oriental, perto da boca mesma, há, porque batido pelo mar, muito deserto. É neste que eu, apesar disso, vivo, pagando anualmente aos Pés-linguados quinhentas ostras de tributo".

⁶⁴ O composto *παγοπίδαι*, formado pela junção de "πάγος" (crosta, capa, ponta de rochedo ou qualquer objeto endurecido ou congelado) com "οὐρά" (cauda), significa os "caudas-duras", o que soa estranho por tratar-se de crustáceos, como nota E. de Saint-Denis ao discutir *pagurus* (cf. *Le vocabulaire des animaux marins en latin classique*. Paris: C. Klincksieck, 1947, p. 81). Na zoologia moderna, *paguro* está associado aos caranguejos que refugiam-se em conchas de moluscos, por terem o abdômen mole, e que mudam de abrigo conforme crescem. Aristóteles situa os "πάγοι" em segundo lugar na escala de grandeza decrescente dos caranguejos (*Da História dos Animais*. IV, 2, 525 b). Metaforicamente, o mesmo termo se aplica à fênix (LÍCOFRON. *Alexandra*, 419). Quanto aos tradutores de NV, eles propõem interpretações diversas, pois alguns retêm do nome composto apenas o crustáceo ("Crabéens", Grimal; "famille des crabes", Bompaire; "Sirinos", Sano), enquanto outros o vertem literalmente ("Caudas-rijas", Magueijo; "Colatiesas", Mestre & Gómez), no que desconsideram o artrópode implicado no jogo. "Caudas-siris" acolhe as duas acepções do composto, de modo a preservar a isotopia onomástica desses povos fabulosos, geralmente apresentados através de um animal aquático, ao qual são acrescidos qualificativos de ordem corporal (mão, pé, cabeça).

36. Τοιαύτη μὲν ἡ χώρα ἐστίν· ὑμᾶς δὲ χρὴ ὄρᾱν ὅπως δυνασόμεθα τοσοῦτοις ἔθνεσι μάχεσθαι καὶ ὅπως βιοτεύσομεν. – Πόσοι δέ, ἔφην ἐγώ, πάντες οὗτοί εἰσιν; – Πλείους, ἔφη, τῶν χιλίων. – Ὅπλα δὲ τίνα ἐστὶν αὐτοῖς; – Οὐδέν, ἔφη, πλὴν τὰ ὀστᾶ τῶν ἰχθύων. – Οὐκοῦν, ἔφην ἐγώ, ἄριστα ἂν ἔχοι διὰ μάχης ἐλθεῖν αὐτοῖς, ἅτε οὓσιν ἀνόπλιος αὐτοῦς γε ὀπλισμένους· εἰ γὰρ κρατήσομεν αὐτῶν, ἀδεῶς τὸν λοιπὸν βίον οἰκήσομεν». Ἔδοξε ταῦτα, καὶ ἀπελθόντες ἐπὶ ναῦν παρεσκευαζόμεθα. Αἰτία δὲ τοῦ πολέμου ἔμελλεν ἔσεσθαι τοῦ φόρου ἢ οὐκ ἀπόδοσις, ἥδη τῆς προθεσμίας ἐνεστώσης. Καὶ δὴ οἱ μὲν ἔπεμπον ἀπαιτοῦντες τὸν δασμόν· ὁ δὲ ὑπεροπτικῶς ἀποκρινάμενος ἀπεδίωξε τοὺς ἀγγέλους. Πρῶτοι οὖν οἱ Ψηττόποδες καὶ οἱ Παγουρίδαι χαλεπαίνοντες τῷ Σκινθάρωι - τοῦτο γὰρ ἐκαλεῖτο - μετὰ πολλοῦ θορύβου ἐπήμεσαν.

36. “Assim é a região. É preciso que vocês vejam como poderemos combater tantos povos e como sobreviveremos.” – “Quantos são eles ao todo?”, indaguei. – “Mais de uma quilíade”⁶⁵, retrucou. – “De que armas dispõem”? – “De nenhuma, excetuadas as espinhas de peixe”, disse ele. – “Então, seria melhor ir à luta contra eles, já que estão desarmados, e nós, armados; e se os vencermos, viveremos sem medo o resto da vida”, completei. Isso estabelecido, voltamos à nave para nos prepararmos. O pretexto da guerra seria o não pagamento do tributo, cujo vencimento se aproximava. Eles enviaram reclamações a respeito do imposto, mas a resposta foi desdenhosa, e os mensageiros, expulsos. Os Pés-linguados e os Caudas-siris foram os que primeiro se irritaram com Cíntaro – assim lhe chamavam – e atacaram com muito estrépito.

⁶⁵ Mais de 1.000.

37. Ἡμεῖς δὲ τὴν ἔφοδον ὑποπτεύοντες ἐξοπλισάμενοι ἀνεμένομεν, λόχον τινὰ προτάξαντες ἀνδρῶν πέντε καὶ εἴκοσι. Προεῖρητο δὲ τοῖς ἐν τῇ ἐνέδρῃ, ἐπειδὴν ἴδωσι παρεληλυθότας τοὺς πολεμίους, ἐπανίστασθαι· καὶ οὕτως ἐποίησαν. Ἐπαναστάντες γὰρ κατόπιν ἔκοπτον αὐτούς, καὶ ἡμεῖς δὲ αὐτοὶ πέντε καὶ εἴκοσι τὸν ἀριθμὸν ὄντες - καὶ γὰρ ὁ Σκίνθαρος καὶ ὁ παῖς αὐτοῦ συνεστρατεύοντο - ὑπηντιάζομεν, καὶ συμμίζαντες θυμῷ καὶ ῥώμῃ διεκινδυνεύομεν. Τέλος δὲ τροπὴν αὐτῶν ποιησάμενοι κατεδιώξαμεν ἄχρι πρὸς τοὺς φωλεούς. Ἀπέθανον δὲ τῶν μὲν πολεμίων ἐβδομήκοντα καὶ ἑκατόν, ἡμῶν δὲ εἷς καὶ ὁ κυβερνήτης, τρίγλης πλευρᾷ διαπαρεῖς τὸ μετάφρενον.

37. Desconfiando do ataque, armamos-nos e ficamos à espera, sendo avançados vinte e cinco homens para a emboscada. E ficou apalavrado com os que estavam de tocaia que atacassem os inimigos quando vissem que estes por eles tinham passado. Assim se fez: atacaram, golpeando-os por trás, enquanto nós, também em número de vinte e cinco – pois Cíntaro e seu filho combatiam conosco – saímos para encontrá-los e, entrando em combate com coragem e força, expusemo-nos ao perigo. Finalmente, os pusemos em fuga e os perseguimos até seus covis. Dos inimigos morreram cento e setenta, enquanto, dos nossos, só o piloto, atravessado nas costas por uma espinha de salmonete.

38. Ἐκείνην μὲν οὖν τὴν ἡμέραν καὶ τὴν νύκτα ἐπηυλισάμεθα τῇ μάχῃ καὶ τρόπαιον ἐστήσαμεν ῥάχιν ξηρὰν δελφῖνος ἀναπήξαντες. Τῇ ὑστεραίᾳ δὲ καὶ οἱ ἄλλοι αἰσθόμενοι παρήσαν, τὸ μὲν δεξιὸν κέρας ἔχοντες οἱ Ταριχᾶνες – ἠγεῖτο δὲ αὐτῶν Πήλαμος – τὸ δὲ εὐώνυμον οἱ Θυννοκέφαλοι, τὸ μέσον δὲ οἱ Καρκινόχειρες· οἱ γὰρ Τριτωνομένδητες τὴν ἡσυχίαν ἤγον οὐδετέροις συμμαχεῖν προαιρούμενοι. Ἡμεῖς δὲ προαπαντήσαντες αὐτοῖς παρὰ τὸ Ποσειδώνιον συνεμίξαμεν πολλῇ βοῇ χρώμενοι, ἀντήχει δὲ τὸ κῆτος ὥσπερ τὰ σπῆλαια. Τρεψάμενοι δὲ αὐτούς, ἅτε γυμνήτας ὄντας, καὶ καταδιώξαντες ἐς τὴν ὕλην τὸ λοιπὸν ἐπεκρατοῦμεν τῆς γῆς.

38. Naquele dia e naquela noite instalamo-nos no campo de batalha e erigimos um troféu, fincando uma espinha seca de golfinho. No dia seguinte, os restantes que, tendo o sabido, apresentaram-se: na ala direita estavam os Ensalmourados, e Bonito⁶⁶ os comandava; na da esquerda, os Cabeças-atuns, e, no meio, os Mãos-caranguejos. Já os Tritões-bodes mantiveram-se quietos, preferindo não se aliar a nenhum dos dois lados. E nós fomos de encontro a eles, combatendo-os perto do santuário de Posídon com tanta gritaria que a besta marinha ressoava como uma caverna. Pondo-os em fuga, pois eram soldados de armas leves, perseguimo-los pela floresta e dominamos o resto da terra.

⁶⁶ Bonito designa em ictiologia moderna diversos tipos de peixes de corpo fusiforme, sendo comumente identificado com um pequeno atum. THOMPSON, D'Arcy. THOMPSON, D'Arcy. *A Glossary of Greek Fishes*. Londres: Oxford University Press, 1947, bonito p. 197.

39. Καὶ μετ' οὐ πολὺ κήρυκας ἀποστέιλαντες νεκρούς τε ἀνηροῦντο καὶ περὶ φιλίας διελέγοντο· ἡμῖν δὲ οὐκ ἐδόκει σπένδεσθαι, ἀλλὰ τῇ ὑστεραίᾳ χωρήσαντες ἐπ' αὐτοὺς πάντας ἄρδην ἐξεκόψαμεν πλὴν τῶν Τριτωνομενδήτων. Οὗτοι δέ, ὡς εἶδον τὰ γινόμενα, διαδράντες ἐκ τῶν βραγχίων ἀφῆκαν αὐτοὺς εἰς τὴν θάλατταν. Ἡμεῖς δὲ τὴν χώραν ἐπελθόντες ἔρημον ἤδη οὖσαν τῶν πολεμίων τὸ λοιπὸν ἀδεῶς κατοικοῦμεν, τὰ πολλὰ γυμνασίῳ τε καὶ κυνηγεσίῳ χρώμενοι καὶ ἀμπελοουργοῦντες καὶ τὸν καρπὸν συγκομιζόμενοι τὸν ἐκ τῶν δένδρων, καὶ ὄλως ἐώκειμεν τοῖς ἐν δεσμοτηρίῳ μεγάλῳ καὶ ἀφύκτῳ τρυφῶσι καὶ λελυμένοις. Ἐνιαυτὸν μὲν οὖν καὶ μῆνας ὀκτὼ τοῦτον διήγομεν τὸν τρόπον.

39. Não tardaram muito a enviar arautos para recolher os cadáveres e tratar da amizade. Decidimos não firmar acordo e, no dia seguinte, avançamos contra eles, a todos exterminando completamente, à exceção dos Bodes-tritões. Vendo os acontecimentos, estes fogem pelas brânquias, lançando-se ao mar. Percorremos a região já desertada dos inimigos e habitamo-la então sem temor, praticamos muito a ginástica e a caça, cultivamos as vinhas e colhemos os frutos das árvores, em tudo nos assemelhávamos aos que, em uma prisão enorme e inescapável, vivem no luxo e na liberdade. Desse modo passamos um ano e oito meses.

40. Τῷ δ' ἐνάτῳ μηνὶ πέμπτῃ ἰσταμένου, περὶ τὴν δευτέραν τοῦ στόματος ἄνοιξιν – ἅπαξ γὰρ δὴ τοῦτο κατὰ τὴν ὥραν ἐκάστην ἐποίει τὸ κῆτος, ὥστε ἡμᾶς πρὸς τὰς ἀνοιξεις τεκμαίρεσθαι τὰς ὥρας – περὶ οὖν τὴν δευτέραν, ὥσπερ ἔφην, ἄνοιξιν, ἄφνω βοή τε πολλή καὶ θόρυβος ἠκούετο καὶ ὥσπερ κελεύσματα καὶ εἰρεσίαι· ταραχθέντες οὖν ἀνειρπύσαμεν ἐπ' αὐτὸ τὸ στόμα τοῦ θηρίου καὶ στάντες ἐνδοτέρῳ τῶν ὀδόντων καθεωρῶμεν ἀπάντων ὧν ἐγὼ εἶδον θεαμάτων παραδοξότατον, ἄνδρας μεγάλους, ὅσον ἡμισταδιαίους τὰς ἡλικίας, ἐπὶ νήσων μεγάλων προσπλέοντας ὥσπερ ἐπὶ τριήρων. Οἶδα μὲν οὖν ἀπίστοις ἐοικότα ἱστορήσων, λέγω δὲ ὅμως. Νῆσοι ἦσαν ἐπιμήκεις μὲν, οὐ πάνυ δὲ ὑψηλαί, ὅσον ἑκατὸν σταδίων ἐκάστη τὸ περίμετρον· ἐπὶ δὲ αὐτῶν ἔπλεον τῶν ἀνδρῶν ἐκείνων ἀμφὶ τοὺς εἴκοσι καὶ ἑκατόν· τούτων δὲ οἱ μὲν παρ' ἑκάτερα τῆς νήσου καθήμενοι ἐφεξῆς ἐκωπηλάτουσαν κυπαρίττοις μεγάλαις αὐτοκλάδοις καὶ αὐτοκόμοις ὥσπερ ἐρετμοῖς, κατόπιν δὲ ἐπὶ τῆς πρύμνης, ὡς ἐδόκει, κυβερνήτης ἐπὶ λόφου ὑψηλοῦ εἰστήκει χάλκεον ἔχων πηδάλιον πεντασταδιαῖον τὸ μῆκος· ἐπὶ δὲ τῆς πρῶιρας ὅσον τετταράκοντα ὀπλισμένοι αὐτῶν ἐμάχοντο, πάντα ἐοικότες ἀνθρώποις πλὴν τῆς κόμης· αὕτη δὲ πῦρ ἦν καὶ ἐκάετο, ὥστε οὐδὲ κορύθων ἐδέοντο. Ἄντι δὲ ἰστίων ὁ ἄνεμος ἐμπίπτων τῇ ὕλῃ, πολλῇ οὐσῃ ἐν ἐκάστη, ἐκόλλου τε ταύτην καὶ ἔφερε τὴν νῆσον ἢ ἐθέλοι ὁ κυβερνήτης· κελευστής δὲ ἐφειστήκει αὐτοῖς, καὶ πρὸς τὴν εἰρεσίαν ὀξέως ἐκινουῖντο ὥσπερ τὰ μακρὰ τῶν πλοίων.

40. Chegado o quinto dia do nono mês, pouco mais ou menos da segunda abertura da boca – pois a besta marinha assim fazia uma vez a cada hora, de modo que contávamos as horas pelas aberturas – pouco mais ou menos da segunda, como eu dizia, abertura, ouviu-se, subitamente, muito clamor e alvoroço como nos cadenciamentos e remadas. Turbados, subimos à boca da fera e, de pé, aquém dos dentes, vimos em baixo, de todos os espetáculos que eu já vi, o mais extraordinário: homens enormes com cerca de meio estádio de altura⁶⁷ a navegar sobre ilhas enormes como se fossem trirremes. Sei que parece incrível o que vou contar, mas, ainda assim, vou dizer: as ilhas eram longas, não muito altas, cada qual com cerca de cem estádios de perímetro⁶⁸. Nelas estavam embarcados aproximadamente cento e vinte daqueles homens; alguns deles estavam sentados em fila de cada lado da ilha a remar com enormes ciprestes, seus ramos e folhas por remos; atrás, na popa, o piloto parecia estar posicionado em uma alta colina, tendo um leme de bronze com cinco estádios de comprimento⁶⁹. Na proa lutavam uns quarenta soldados, em tudo semelhantes a homens, exceto os cabelos, que eram de fogo e queimavam, de modo que não usavam elmos. À guisa de velas, a floresta batida pelo vento; havia muitas destas em cada uma⁷⁰: enfunada, ela levava a ilha para onde o piloto quisesse. Um contramestre os comandava e rapidamente se deslocavam com as remadas, qual grandes naus.

⁶⁷ 89 m.

⁶⁸ Quase 18 km.

⁶⁹ Cerca de 888 m.

⁷⁰ “Cada uma” quer dizer, evidentemente, “ilha”, termo elíptico na expressão *ἐν ἑκάστη*.

41. Τὸ μὲν οὖν πρῶτον δύο ἢ τρεῖς ἑωρῶμεν, ὕστερον δὲ ἐφάνησαν ὅσον ἑξακόσιοι, καὶ διαστάντες ἐπολέμουν καὶ ἐναυμάχουν. Πολλὰ μὲν οὖν ἀντίπρωροι συνηράσσοντο ἀλλήλαις, πολλὰ δὲ καὶ ἐμβληθεῖσαι κατεδύοντο, αἱ δὲ συμπλεκόμεναι καρτερῶς διηγωνίζοντο καὶ οὐ ῥαϊδίως ἀπελύοντο· οἱ γὰρ ἐπὶ τῆς πρώρας τεταγμένοι πᾶσαν ἐπεδείκνυντο προθυμίαν ἐπιβαίνοντες καὶ ἀναιροῦντες· ἐζώγει δὲ οὐδεὶς. Ἀντὶ δὲ χειρῶν σιδηρῶν πολὺποδας μεγάλους ἐκδεδεμένους ἀλλήλοις ἐπερρίπτουν, οἱ δὲ περιπλεκόμενοι τῇ ὕλῃ κατεῖχον τὴν νῆσον. Ἐβαλλον μέντοι καὶ ἐτίτρωσκον ὀστρείοις τε ἀμαξοπληθέσι καὶ σπόγγις πλεθριαίοις.

41. Vimos inicialmente duas ou três dessas, mas depois apareceram umas seiscentas, que, separadas, se enfrentaram em naumaquia. Então, muitas, proa à frente, entrechocavam-se; muitas, quando atingidas, naufragavam, e as que umas às outras agarradas lutavam violentamente não se desatracavam com facilidade, pois os que haviam formado à proa demonstravam todo o ardor no abordar e aniquilar. Ninguém fazia prisioneiros. À guisa de arpéus de ferro, polvos enormes, presos uns aos outros, eram jogados e, enlaçados na floresta, imobilizavam a ilha. Arremessavam-se e feriam-se com ostras, tamanhas como uma carroça, e com esponjas de um pletro⁷¹.

⁷¹ 30 m.

42. Ἦγεῖτο δὲ τῶν μὲν Αἰολοκένταυρος, τῶν δὲ Θαλασσοπότης· καὶ μάχη αὐτοῖς ἐγεγένητο, ὡς ἐδόκει, λείας ἔνεκα· ἐλέγετο γὰρ ὁ Θαλασσοπότης πολλὰς ἀγέλας δελφίνων τοῦ Αἰολοκενταύρου ἐληλακέναι, ὡς ἦν ἀκούειν ἐπικαλούντων ἀλλήλοις καὶ τὰ ὀνόματα τῶν βασιλέων ἐπιβοωμένων. Τέλος δὲ νικῶσιν οἱ τοῦ Αἰολοκενταύρου καὶ νήσους τῶν πολεμίων καταδύουσιν ἀμφὶ τὰς πενήκοντα καὶ ἑκατόν· καὶ ἄλλας τρεῖς λαμβάνουσιν αὐτοῖς ἀνδράσιν· αἱ δὲ λοιπαὶ πρύμναν κρουσάμεναι ἔφευγον. Οἱ δὲ μέχρι τινὸς διώξαντες, ἐπειδὴ ἑσπέρα ἦν, τραπόμενοι πρὸς τὰ ναύαγια τῶν πλείστων ἐπεκράτησαν καὶ τὰ ἑαυτῶν ἀνείλοντο· καὶ γὰρ ἐκείνων κατέδυσαν νῆσοι οὐκ ἐλάττους τῶν ὀγδοήκοντα. Ἔστησαν δὲ καὶ τρόπαιον τῆς νησομαχίας ἐπὶ τῇ κεφαλῇ τοῦ κήτους μίαν τῶν πολεμίων νῆσον ἀνασταυρώσαντες. Ἐκείνην μὲν οὖν τὴν νύκτα περὶ τὸ θηρίον ηὐλίσαντο ἐξάψαντες αὐτοῦ τὰ ἀπόγεια καὶ ἐπ' ἀγκυρῶν πλησίον ὀρμισάμενοι· καὶ γὰρ ἀγκύραις ἐχρῶντο μεγάλαις ὑαλίαις καρτεραῖς. Τῇ ὑστεραίᾳ δὲ θύσαντες ἐπὶ τοῦ κήτους καὶ τοὺς οἰκείους θάψαντες ἐπ' αὐτοῦ ἀπέπλεον ἠδόμενοι καὶ ὥσπερ παιᾶνας αἰδοντες. Ταῦτα μὲν τὰ κατὰ τὴν νησομαχίαν γενόμενα.

42. Uns eram comandados por Centauro-éolo, outros, por Bebe-mares⁷². A batalha entre eles decorreu, como se pensava, de uma pilhagem; dizia-se, pois, que Bebe-mares roubou muitos rebanhos de golfinhos de Centauro-éolo, como se ouvia uns aos outros a acusar-se e a gritar os nomes dos reis. Enfim, venceram os de Centauro-éolo, que afundaram umas cento e cinquenta ilhas dos inimigos e tomaram três outras com seus homens. As remanescentes fugiram, popa à frente, e a perseguição a algumas, curta, pois era o entardecer, e eles voltaram às naufragadas, apoderando-se da maior parte, e recolhendo as próprias: não menos de oitenta ilhas suas afundaram. Erigiram então um troféu da naumaquia, fincando uma ilha inimiga na cabeça da besta marinha. Acamparam à noite junto à fera, amarrando-lhe cabos e jogando âncoras nas proximidades. Usaram, pois, âncoras de vidro, grandes e fortes. No dia seguinte, tendo celebrado um sacrifício sobre a Besta Marinha e enterrado sobre ela os seus, zarparam alegremente como que cantando peãs⁷³. Eis os acontecimentos da insulomaquia.

⁷² Variante dos referidos Centauros-nuvenis, Centauro-éolo empresta-lhes a mesma beligerância no caráter e gigantismo no corpo, mas seus respectivos nomes também os enlaçam a fábulas distintas; com o termo “nuvens”, o narrador alude à gênese dos centauros, nascidos da união de Íxion com uma nuvem, a qual Zeus havia plasmado com a forma de Hera a fim de saber se esse rei da Tessália, enamorado da esposa do mesmo Zeus e convidado a festar com os deuses, levaria a termo seus desejos sacrílegos (cf. LUCIANO. *Diálogo dos deuses*, 5). Píndaro conta que Néfele (Nuvem) deu à luz ao Centauro, o qual, copulou com as éguas da Magnésia, engendrando uma horda assombrosa de homens-cavalos (*Píticas*. II, 21-49), enquanto Íxion, lançado ao Hades, é amarrado a uma roda ardente que o atormenta eternamente. Quanto a “Éolo”, ele designa, como nome próprio, diversas personagens, das quais a mais conhecida é o Guardião dos ventos, visitado por Odiseu, a quem ele presenteia com o odre que encerra todos os ventos, à exceção daquele que o levaria de volta à Ítaca (Homero. *Odis.*, X, 1-76). Entretanto, a única referência explícita ao episódio homérico é Eólia, a ilha flutuante no mar, transformada em NV em centenas de ilhas-embarcações guerreiras.

“Bebe-mares” sugere, (cf. Georgiadou e Larmour, *Lucian's Science Fiction*, op. cit. p.175), a voragem de Caríbdis – portento que, sob o recuo de um rochedo marítimo, traga as águas e as regurgita três vezes ao dia (*Odis.* XII, 104-6; 235-42) –; voragem rebaixada aqui em *pilhagem*, a denotar os não poucos golfinhos que ele tragara de seu inimigo. Já “Centauro-éolo” tira partido da polissemia inscrita no adjetivo “éolo” (*aiólos*), que, entre outros, significa o que se agita ou se move sem cessar, assim, ligado à inconstância, mas também à cintilação e ao engano, por isso, semanticamente avizinjado ao termo *poikílos*, no sentido de mutante, múltiplo, versicolor (cf. DETINNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Métis - as Astúcias da Inteligência*. São Paulo: Odysseus, 2008, p. 26-27); tal aspecto cambiante pode explicar por que Centauro-éolo, o comandante de uma esquadra, embora tenha seu nome identificado tanto ao Senhor dos ventos, quanto à progênie da Néfele, não se detém em nenhum deles: solapa a um tempo a deidade de Éolo e a duplicidade homem/animal do centauro.

⁷³ Canto ou hino coral consagrado primeiramente ao deus Apolo, depois estendido a outras divindades e a indivíduos importantes. Era cantado em ocasiões como rituais, vitórias, campanhas militares e mais acontecimentos públicos.

ΑΛΗΘΩΝ ΔΙΗΓΗΜΑΤΩΝ

Βιβλίον Β'

1. Τὸ δὲ ἀπὸ τούτου μηκέτι φέρων ἐγὼ τὴν ἐν τῷ κήτει δίαιταν ἀχθόμενός τε τῆι μονῆι μηχανὴν τινα ἐζήτουν, δι' ἧς ἂν ἐξελθεῖν γένοιτο· καὶ τὸ μὲν πρῶτον ἔδοξεν ἡμῖν διορύξασαι κατὰ τὸν δεξιὸν τοῖχον ἀποδρᾶναι, καὶ ἀρξάμενοι διεκόπτομεν· ἐπειδὴ δὲ προελθόντες ὅσον πέντε σταδίους οὐδὲν ἠνούομεν, τοῦ μὲν ὀρύγματος ἐπαυσάμεθα, τὴν δὲ ὕλην καῦσαι διέγνωμεν· οὕτω γὰρ ἂν τὸ κῆτος ἀποθανεῖν· εἰ δὲ τοῦτο γένοιτο, ῥαϊδία ἔμελλεν ἡμῖν ἔσσεσθαι ἢ ἔξοδος· ἀρξάμενοι οὖν ἀπὸ τῶν οὐραίων ἐκαίομεν, καὶ ἡμέρας μὲν ἑπτὰ καὶ ἴσας νύκτας ἀναισθήτως εἶχε τοῦ καύματος, ὀγδόῃ δὲ καὶ ἐνάτῃ συνίεμεν αὐτοῦ νοσοῦντος· ἀργότερον γοῦν ἀνέχασκεν καὶ εἴ ποτε ἀναχάνοι ταχὺ συνέμυεν· δεκάτῃ δὲ καὶ ἑνδεκάτῃ τέλεον ἀπενεκροῦτο καὶ δυσῶδες ἦν· τῆι δωδεκάτῃ δὲ μόλις ἐνενοήσαμεν ὡς, εἰ μὴ τις χανόντος αὐτοῦ ὑποστηρίξειεν τοὺς γομφίους, ὥστε μηκέτι συγκλεῖσαι, κινδυνεύσομεν κατακλεισθέντες ἐν νεκρῷ αὐτῷ ἀπολέσθαι· οὕτω δὲ μεγάλῳις δοκοῖς τὸ στόμα διερείσαντες τὴν ναῦν ἐπεσκευάζομεν ὕδωρ τε ὡς ἐνι πλεῖστον ἐμβαλλόμενοι καὶ τᾶλλα ἐπιτήδεια· κυβερνήσειν δὲ ἔμελλεν ὁ Σκίνθαρος.

DAS NARRATIVAS VERDADEIRAS

Livro II

1. Depois disso, não suportando mais a vida dentro da besta marinha e enfarado da estada, busquei um expediente pelo qual eu pudesse escapar. Resolvemos, primeiro, fugir perfurando o muro à direita e começamos a cortá-lo. Já tendo avançado uns cinco estádios⁷⁴ e nada conseguido, paramos com o buraco. Decidimos incendiar a floresta, para que a besta marinha morresse; se isso acontecesse, a nossa fuga se tornaria fácil. Começamos a incendiá-la pela cauda; por sete dias e outras tantas noites ela permaneceu insensível às queimaduras, mas, no oitavo e nono, inferimos que tinha adoecido: abria a boca com menos presteza e, quando a abria, fechava-a logo. No décimo e undécimo, ela finalmente morria e fedia. No duodécimo demos-nos conta a tempo de que se não escorássemos os molares dela quando abrisse a boca, de modo que não mais a fechasse, correríamos o risco de morrer presos no interior do cadáver. Apoiada a sua boca em grandes vigas, abastecemos a nave com o máximo de água e carregamos tudo o mais de que fosse necessário. Cíntaro seria o piloto.

⁷⁴ 888 m.

2. Τῆι δὲ ἐπιούσῃ τὸ μὲν ἤδη τεθνήκει, ἡμεῖς δὲ ἀνελκύσαντες τὸ πλοῖον καὶ διὰ τῶν ἀραιωμάτων διαγαγόντες καὶ ἐκ τῶν ὀδόντων ἐξάψαντες ἡρέμα καθήκαμεν ἐς τὴν θάλατταν· ἐπαναβάντες δὲ ἐπὶ τὰ νῶτα καὶ θύσαντες τῷ Ποσειδῶνι αὐτοῦ παρὰ τὸ τρόπαιον ἡμέρας τε τρεῖς ἐπαυλισάμενοι - νηγεμία γὰρ ἦν - τῆι τετάρτῃ ἀπεπλεύσαμεν. ἔνθα δὴ πολλοῖς τῶν ἐκ τῆς ναυμαχίας νεκροῖς ἀπηντῶμεν καὶ προσωκέλλομεν, καὶ τὰ σώματα καταμετροῦντες ἐθαυμάζομεν. Καὶ ἡμέρας μὲν τινὰς ἐπλέομεν εὐκράτῳ ἀέρι χρώμενοι, ἔπειτα βορέου σφοδροῦ πνεύσαντος μέγα κρύος ἐγένετο, καὶ ἀπ' αὐτοῦ πᾶν ἐπάγη τὸ πέλαγος, οὐκ ἐπιπολῆς μόνον, ἀλλὰ καὶ ἐς βάθος ὅσον ἐπὶ τριακοσίας ὀργυιάς, ὥστε καὶ ἀποβάντας διαθεῖν ἐπὶ τοῦ κρυστάλλου. Ἐπιμένοντος δὲ τοῦ πνεύματος φέρειν οὐ δυνάμενοι τοιόνδε τι ἐπενοήσαμεν - ὁ δὲ τὴν γνώμην ἀποφηνάμενος ἦν ὁ Σκίνθαρος - σκάψαντες γὰρ ἐν τῷ ὕδατι σπήλαιον μέγιστον ἐν τούτῳ ἐμείναμεν ἡμέρας τριάκοντα, πῦρ ἀνακαίοντες καὶ σιτούμενοι τοὺς ἰχθῦς· εὐρίσκομεν δὲ αὐτοὺς ἀνορύττοντες. Ἐπεὶ δὲ ἤδη ἐπέλειπε τὰ ἐπιτήδεια, προελθόντες καὶ τὴν ναῦν πεπηγυῖαν ἀνασπάσαντες καὶ πετάσαντες τὴν ὀθόνην ἐσυρόμεθα ὥσπερ πλέοντες λείως καὶ προσηνῶς ἐπὶ τοῦ πάγου διολισθάνοντες. Ἡμέραι δὲ πέμπτη ἀλέα τε ἦν ἤδη καὶ ὁ πάγος ἐλύετο καὶ ὕδωρ πάντα αὐθις ἐγένετο.

2. No dia seguinte, ela já estava morta; depois de erguer a nave, fazê-la transpor os interstícios dos dentes e nestes prendê-la, lentamente a baixamos ao mar. Tendo montado nas costas daquela, celebrado os sacrifícios a Posídon, e nestas acampado por três dias ao lado do troféu, – pois não havia vento –, no quarto, zarpamos. Encontramos então muitos cadáveres da naumaquia, os quais abalroamos, e admiramo-nos ao medir seus corpos. Por dias navegamos aproveitando o ar brando, mas depois, com o sopro violento de Bóreas, sobreveio um frio imenso e, com ele, todo o mar se congelou, não só na superfície, como também por umas trezentas braças de profundidade⁷⁵; desse modo, desembarcando, pudemos correr sobre o gelo. E persistindo o vento, sem que pudéssemos suportá-lo, eis o que pensamos – e foi Cíntaro quem mostrou a solução – : cavamos uma grande caverna na água, dentro da qual ficamos por trinta dias com o fogo aceso e comendo os peixes, encontrados quando os desenterramos. E como começasse a faltar o necessário, saímos e desencalhamos a nave presa ao gelo; desfraldamos a vela e deixamo-nos arrastar como se tivéssemos navegando a deslizar sobre o gelo, suave e facilmente. No quinto dia, com a chegada do calor, o gelo derreteu e tudo novamente virou água.

⁷⁵ Pouco mais de 530 m. Tal profundidade pareceu exagerada a editores (Nilén, Harmon) de NV, os quais adotaram a correção proposta por Schwartz. Com isso, perdem de vista o cômico da imagem, efetuada por amplificação.

3. Πλεύσαντες οὖν ὅσον τριακοσίους σταδίους νήσῳ μικρᾷ καὶ ἐρήμῃ προσηνέχθημεν, ἀφ' ἧς ὕδωρ λαβόντες – ἐπελελοίπει γὰρ ἤδη – καὶ δύο ταύρους ἀγρίου κατατοξεύσαντες ἀπεπλεύσαμεν. Οἱ δὲ ταῦροι οὗτοι τὰ κέρατα οὐκ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς εἶχον, ἀλλ' ὑπὸ τοῖς ὀφθαλμοῖς, ὥσπερ ὁ Μῶμος ἠξίου. Μετ' οὐ πολὺ δὲ εἰς πέλαγος ἐνεβαίνομεν, οὐχ ὕδατος, ἀλλὰ γάλακτος· καὶ νῆσος ἐν αὐτῷ ἐφαίνετο λευκὴ πλήρης ἀμπέλων. ἦν δὲ ἡ νῆσος τυρὸς μέγιστος συμπεπηγῶς, ὡς ὕστερον ἐμφαγόντες ἐμάθομεν, σταδίων εἴκοσι πέντε τὸ περίμετρον· αἱ δὲ ἄμπελοι βοτρυῶν πλήρεις, οὐ μέντοι οἶνον, ἀλλὰ γάλα ἐξ αὐτῶν ἀποθλίβοντες ἐπίνομεν. Ἰερὸν δὲ ἐν μέσῃ τῇ νήσῳ ἀνωικοδόμητο Γαλατείας τῆς Νηρηίδος, ὡς ἐδήλου τὸ ἐπίγραμμα. Ὅσον οὖν χρόνον ἐκεῖ ἐμείναμεν, ὄψον μὲν ἡμῖν καὶ σιτίον ἢ γῆ ὑπῆρχεν, ποτὸν δὲ τὸ γάλα τὸ ἐκ τῶν βοτρυῶν. Βασιλεύειν δὲ τῶν χωρίων τούτων ἐλέγετο Τυρῶ ἢ Σαλμωνέως, μετὰ τὴν ἐντεῦθεν ἀπαλλαγὴν ταύτην παρὰ τοῦ Ποσειδῶνος λαβοῦσα τὴν τιμὴν.

3. Navegando uns trezentos estádios⁷⁶, chegamos a uma ilha pequena e deserta, na qual recolhemos água – que já nos faltava – e, após flechamos dois touros selvagens, zarpamos. Estes touros tinham os chifres, não sobre a cabeça, mas sob os olhos, como pretendia Momo. Pouco depois, avançamos para o mar, não de água, mas de leite e, nele, uma ilha se revelava, branca, cheia de vinhas. Era a ilha um grande queijo consistente, como depois compreendemos ao comê-la; tinha vinte e cinco estádios de perímetro⁷⁷. As vinhas estavam carregadas de cachos, e bebíamos, não vinho, mas leite, ao espremê-los. No meio da ilha, ergueu-se um santuário a Nereida Galateia, o que a inscrição evidenciava. No tempo em que lá ficamos, a carne e o pão provinham da terra, a bebida, do leite dos cachos. Reinava naquelas regiões, dizia-se, Tiro, filha de Salmoneu, a qual, tendo as deixado, assim recebeu a recompensa de Posídon⁷⁸.

⁷⁶ Cerca de 53 km.

⁷⁷ Cerca 4,4 km.

⁷⁸ O passo “[...] μετὰ τὴν ἐντεῦθεν ἀπαλλαγὴν ταύτην [...]” significa “após a partida dela daqui”, portanto, quando Tiro deixa a ilha-queijo. Nada fica mencionado acerca de seu destino. A tradução apresentada em algumas edições, “após ter deixado/ partido/ abandonado nosso mundo/terra” (respectivamente, Bompaire, Grimal, Lacaze, Mestre & Gómez, Magueijo), constitui uma inferência homérica (*Od.* XI, 235), pois, ao descer à região dos mortos com o fito de ouvir as profecias de Tirésias, Odisseu lá encontra vários fantasmas, dos quais, o de Tiro, que lhe conta que, além de ser filha de Salmoneu, está enamorada do divino rio Enipeu, mas é Posídon que, assumindo a forma desse, tem relações com ela. Por fim, o deus dos mares revela sua verdadeira identidade e que engendrará filhos dele. Em um dos *Diálogos Marinhos* (13), Luciano traz à baila o referido episódio, inventando uma conversa burlesca de um brejeiro sedutor Posídon com um enciumado Enipeu. Este o reprova por ter-se passado por ele e por ter desvirginado a jovem; Posídon replica dizendo que ele era indiferente ao amor de Tiro e que a desprezara, mas o indignado Enipeu acusa o deus dos mares de ter iludido uma jovem ingênua e de ter gozado do que lhe pertencia, ao que Posídon respondeu que assim agira porque não a quis. Com efeito, a *τιμή* (vertida aqui por recompensa, mas que significa também estima, honra, compensação, dignidade régia, cargo honorífico) que Tiro recebe de Posídon foi não apenas a de ter tido dois filhos dele, Pélias e Neleu (ambos escudeiros de Zeus, como diz Homero), como também a de reinar, ou pelo menos qualificar, uma ilha de queijo com mais de 4 km de perímetro, visto que o nome da jovem, *Τυρώ*, tem relação com o queijo, *τυρός*. Na mesma chave, em um mar de leite com uma ilha-queijo, é verossímil encontrar um santuário consagrado a Galateia, cujo nome deriva de *γάλα* (leite).

4. Μείναντες δὲ ἡμέρας ἐν τῇ νήσῳ πέντε, τῇ ἕκτῃ ἐξωρμήσαμεν, αὔρας μὲν τινος παραπεμπούσης, λειοκύμονος δὲ οὔσης τῆς θαλάττης· ὀγδόῃ δὲ ἡμέραι πλέοντες οὐκέτι διὰ τοῦ γάλακτος, ἀλλ' ἤδη ἐν ἀλμυρῷ καὶ κυανέῳ ὕδατι, καθορῶμεν ἀνθρώπους πολλοὺς ἐπὶ τοῦ πελάγους διαθέοντας, ἅπαντα ἡμῖν προσεικότητας, καὶ τὰ σώματα καὶ τὰ μεγέθη, πλὴν τῶν ποδῶν μόνων· ταῦτα γὰρ φέλλινα εἶχον, ἀφ' οὔ δή, οἶμαι, καὶ ἐκαλοῦντο Φελλόποδες. Ἐθαυμάσαμεν οὖν ἰδόντες οὐ βαπτίζομένους, ἀλλὰ ὑπερέχοντας τῶν κυμάτων καὶ ἀδεῶς ὁδοιποροῦντας. Οἱ δὲ καὶ προσήεσαν καὶ ἠσπάζοντο ἡμᾶς Ἑλληνικῇ φωνῇ· ἔλεγον δὲ εἰς Φελλῶ τὴν αὐτῶν πατρίδα ἐπείγεσθαι. Μέχρι μὲν οὖν τινος συνωδοιπόρου ἡμῖν παραθέοντες, εἶτα ἀποτραπόμενοι τῆς ὁδοῦ ἐβάδιζον εὐπλοῖαν ἡμῖν ἐπευξάμενοι. Μετ' ὀλίγον δὲ πολλαὶ νῆσοι ἐφαίνοντο, πλησίον μὲν ἐξ ἀριστερῶν ἢ Φελλῶ, ἐς ἣν ἐκεῖνοι ἔσπευδον, πόλις ἐπὶ μεγάλου καὶ στρογγύλου φελλοῦ κατοικουμένη· πόρρωθεν δὲ καὶ μᾶλλον ἐν δεξιᾷ πέντε μέγισται καὶ ὑψηλόταται, καὶ πῦρ πολὺ ἀπ' αὐτῶν ἀνεκαίετο.

4. Ficamos cinco dias na ilha e, no sexto, zarpamos, transportados pela brisa em um mar de suaves ondas. No oitavo, navegando, não mais no leite, mas já em águas salgadas e de um azul profundo, víamos a correr sobre o mar muitos homens, em tudo semelhantes a nós, em corpo e estatura, à parte apenas dos pés: tinham-nos de cortiça e, por isso, penso eu, eram chamados *Pés-cortiças*. Maravilhávamo-nos vendo que não afundavam, mas sobre as ondas se mantinham, caminhando, sem medo. Eles se aproximaram, saudando-nos em fala grega: diziam que iam com pressa à sua pátria, Cortícia. Viajaram um pouco conosco, correndo ao nosso lado; depois, desviando a rota, seguiram, desejando-nos uma boa navegação. Pouco depois, muitas ilhas apareceram: à esquerda, próxima, Cortícia, cidade estabelecida em uma grande cortiça redonda, em direção da qual aqueles se apressavam; à direita, mais longe, cinco grandes e elevadíssimas, por muito fogo queimadas.

5. Κατὰ δὲ τὴν πρῶϊραν μία πλατεῖα καὶ ταπεινὴ, σταδίου ἀπέχουσα οὐκ ἐλάττους πεντακοσίων. Ἦδη δὲ πλησίον ἤμεν, καὶ θαυμαστὴ τις αὔρα περιέπνευσεν ἡμᾶς, ἠδεῖα καὶ εὐώδης, οἷαν φησὶν ὁ συγγραφεὺς Ἡρόδοτος ἀπόζειν τῆς εὐδαίμονος Ἀραβίας. Οἷον γὰρ ἀπὸ ῥόδων καὶ ναρκίσσων καὶ ὑακίνθων καὶ κρίνων καὶ ἴων, ἔτι δὲ μυρρίνης καὶ δάφνης καὶ ἀμπελάνθης, τοιοῦτον ἡμῖν τὸ ἠδὺ προσέβαλλεν. Ἠσθέντες δὲ τῆι ὀσμῆι καὶ χρηστὰ ἐκ μακρῶν πόνων ἐλπίσαντες κατ' ὀλίγον ἤδη πλησίον τῆς νήσου ἐγινόμεθα. ἔνθα δὴ καὶ καθεωρῶμεν λιμένας τε πολλοὺς περὶ πᾶσαν ἀκλύστους καὶ μεγάλους, ποταμούς τε διαυγεῖς ἐξιέντας ἡρέμα εἰς τὴν θάλατταν, ἔτι δὲ λειμῶνας καὶ ὕλας καὶ ὄρνεα μουσικά, τὰ μὲ ἐπὶ τῶν ἠϊόνων αἰδοντα, πολλὰ δὲ καὶ ἐπὶ τῶν κλάδων· ἀήρ τε κοῦφος καὶ εὔπνους περιεκέχυτο τὴν χώραν· καὶ αὔραι δὲ τινες ἠδεῖαι πνέουσαι ἡρέμα τὴν ὕλην διεσάλευον, ὥστε καὶ ἀπὸ τῶν κλάδων κινουμένων τερπνὰ καὶ συνεχῆ μέλη ἀπεσυρίζετο, ἐοικότα τοῖς ἐπ' ἐρημίας αὐλήμασι τῶν πλαγίων αὐλῶν. Καὶ μὴν καὶ βοῆ σύμμικτος ἠκούετο ἄθρους, οὐ θορυβώδης, ἀλλ' οἷα γένοιτ' ἂν ἐν συμποσίῳ, τῶν μὲν αὐλούντων, τῶν δὲ ἐπαιούντων, ἐνίων δὲ κροτούντων πρὸς αὐλὸν ἢ κιθάραν.

5. À proa, só uma apareceu, plana e baixa, distante não menos de quinhentos estádios⁷⁹. E quando estávamos perto, soprou à nossa volta uma maravilhosa brisa, agradável e perfumada, como a que o historiador Heródoto afirma exaladora na Arábia Feliz; pois, como o de rosas, narcisos, jacintos, lírios, violetas e, ainda, mirto, loureiro, flor da videira, o perfume se lançava sobre nós⁸⁰. Deliciados com o aroma e expectantes de um proveito após muitas provações, estávamos, logo mais, perto da ilha. Vimos então muitos portos, abrigados e grandes em toda a volta, bem como rios límpidos a desaguar vagarosamente no mar e, ainda, prados, florestas e aves canoras que cantavam, algumas em praias, muitas em ramagens. Leve e puro, o ar se difundia pela região: deliciosas brisas sopravam, agitando suavemente a floresta e, assim, o movimento das ramagens silvava melodias, alegres e ininterruptas, semelhantes aos flauteios solitários dos aulos transversais. Ouvia-se, pois, um clamor misto e compacto, nada tumultuoso, como o que surge em um simpósio, uns fazendo ouvir os aulos, uns, panegíricos, e uns, ainda a cadência do aulo ou da cítara.

⁷⁹ Logrando avistar em alto-mar uma porção de terra plana (*πλατύς*) e baixa (*ταπεινός*), mesmo estando à distância de uns 90 km, a tripulação luciânica tem olhos de lince. Mas a hipótese da visão penetrante traz o atributo do argonauta Linceu, apto a ver o mais profundo, inclusive o da terra (APOLÔNIO DE RODES. *Arg.* I, 151). O *adýnaton*, aqui, prescreve, efetuando o reconhecimento de um alcançável pela visão, de modo que o invisível não se acrescenta ao visível, mas o modela com fantasia.

⁸⁰ Amplificando Heródoto, que afirma exalar a Arábia uma fragrância divinamente agradável (*Hist.* III, 113), Diodoro Sículo a faz propagar-se até o alto-mar, de sorte que os navegantes mesmo distantes da terra firme podem sentir seu perfume (*Bibliot.* III, 46). Também Plínio, o Velho, retoma as narrativas arábicas de Heródoto, mas para censurar como *fabula* a que diz que sob os raios do sol do meio-dia a península arábica inteira exala um perfume indizível composto de todos os aromas; menos digno de fé é ainda, segundo o mesmo Plínio, afirmar que a brisa perfumada anuncia a Arábia em alto-mar à frota de Alexandre Magno antes mesmo que esta a tenha divisado (*Hist. Nat.* XII, 86). Quanto a Luciano, ele repropõe a Arábia herodotiana como país dos aromas, mas desconsidera em NV as plantas e os modos prodigiosos de obtê-los referidos pelo historiador (*Hist.* III, 107 - 112). Isso porque toma a referência historiográfica como metáfora de uma região paradisíaca. Com isso, Luciano aproxima a Arábia da não menos feliz ilha dos mortos ilustres cantada por poetas, matéria motejada nesse episódio (NV, 6 - 29).

6. Τούτοις ἅπασι κηλούμενοι κατήχθημεν, ὀρμίσαντες δὲ τὴν ναῦν ἀπεβαίνομεν, τὸν Σκίνθαρον ἐν αὐτῇ καὶ δύο τῶν ἐταίρων ἀπολιπόντες. Προϊόντες δὲ διὰ λειμῶνος εὐανθοῦς ἐντυγχάνομεν τοῖς φρουροῖς καὶ περιπόλοις, οἱ δὲ δήσαντες ἡμᾶς ῥοδίνοις στεφάνοις - οὗτος γὰρ μέγιστος παρ' αὐτοῖς δεσμός ἐστιν - ἀνήγον ὡς τὸν ἄρχοντα, παρ' ὧν δὴ καὶ καθ' ὁδὸν ἠκούσαμεν ὡς ἡ μὲν νῆσος εἶη τῶν Μακάρων προσαγορευομένη, ἄρχοι δὲ ὁ Κρής Ῥαδάμανθυς. Καὶ δὴ ἀναχθέντες ὡς αὐτὸν ἐν τάξει τῶν δικαζομένων ἔστημεν τέταρτοι.

6. Encantados com tudo isso, acostamos, fundeamos a nave e desembarcamos, nela deixando Cíntaro com dois companheiros. Avançávamos pelo prado florido quando topamos com os vigilantes e os patrulheiros, os quais nos prenderam com guirlandas de rosas – que, entre eles, eram o laço mais apertado – e nos conduziram ao arconte; no caminho ouvimos que esta era a por eles chamada *ilha dos Bem-aventurados* e governada por Radamanto de Creta. Conduzidos a ele, ficamos em quarto lugar na ordem dos julgamentos.

7. Ἦν δὲ ἢ μὲν πρώτη δίκη περὶ Αἴαντος τοῦ Τελαμῶνος, εἴτε χρὴ αὐτὸν συνεῖναι τοῖς ἥρωσιν εἴτε καὶ μὴ· κατηγορεῖτο δὲ αὐτοῦ ὅτι μεμήνοι καὶ ἑαυτὸν ἀπεκτόνοι. Τέλος δὲ πολλῶν ῥηθέντων ἔγνω ὁ Ῥαδάμανθς, νῦν μὲν αὐτὸν πιόμενον τοῦ ἐλλεβόρου παραδοθῆναι Ἴπποκράτει τῷ Κώϊω ἰατρῷ, ὕστερον δὲ σωφρονήσαντα μετέχειν τοῦ συμποσίου.

8. Δευτέρα δὲ ἦν κρίσις ἐρωτική, Θησέως καὶ Μενελάου περὶ τῆς Ἑλένης διαγωνιζομένων, ποτέρῳ χρὴ αὐτὴν συνοικεῖν. Καὶ ὁ Ῥαδάμανθς ἐδίκασε Μενελάῳ συνεῖναι αὐτὴν ἅτε καὶ τοσαῦτα πονήσαντι καὶ κινδυνεύσαντι τοῦ γάμου ἕνεκα· καὶ γὰρ αὐτῷ Θησεῖ καὶ ἄλλας εἶναι γυναῖκας, τὴν τε Ἀμαζόνα καὶ τὰς τοῦ Μίνωος θυγατέρας.

7. O primeiro julgamento era o de Ájax, filho de Télamon, para decidir se ele devia, ou não, ficar entre os heróis: acusavam-no de estar louco e de se ter matado. Enfim, após muita discussão, Radamanto decidiu que, por ora, ele seria confiado a Hipócrates, o médico de Cós, para beber heléboro e que, uma vez moderado, participaria no simpósio.

8. O segundo era um processo amoroso. Teseu e Menelau disputavam Helena: com qual dos dois ela devia viver. E Radamanto sentenciou que ela ficaria com Menelau, pois ele muito penou e se arriscou pelo casamento, enquanto Teseu tinha outras mulheres, a Amazona e as filhas de Minos.

9. Τρίτη δ' ἐδικάσθη περὶ προεδρίας Ἀλεξάνδρῳ τε τῷ Φιλίππου καὶ Ἀννίβαι τῷ Καρχηδονίῳ, καὶ ἔδοξε προέχειν ὁ Ἀλέξανδρος, καὶ θρόνος αὐτῷ ἐτέθη παρὰ Κῦρον τὸν Πέρσῃν τὸν πρότερον.

10. Τέταρτοι δὲ ἡμεῖς προσήχθημεν· καὶ ὁ μὲν ἤρετο τί παθόντες ἔτι ζῶντες ἱεροῦ χωρίου ἐπιβαίημεν· ἡμεῖς δὲ πάντα ἐξῆς διηγησάμεθα. Οὕτω δὴ μεταστησάμενος ἡμᾶς ἐπὶ πολὺν χρόνον ἐσκέπτετο καὶ τοῖς συνέδροις ἐκοινοῦτο περὶ ἡμῶν. Συνήδρευον δὲ ἄλλοι τε πολλοὶ καὶ Ἀριστείδης ὁ δίκαιος ὁ Ἀθηναῖος. Ὡς δὲ ἔδοξεν αὐτῷ, ἀπεφήναντο, τῆς μὲν φιλοπραγμοσύνης καὶ τῆς ἀποδημίας, ἐπειδὴν ἀποθάνωμεν, δοῦναι τὰς εὐθύνας, τὸ δὲ νῦν ῥητὸν χρόνον μείναντας ἐν τῇ νήσῳ καὶ συνδιαιτηθέντας τοῖς ἥρωσιν ἀπελθεῖν. Ἔταξαν δὲ καὶ τὴν προθεσμίαν τῆς ἐπιδημίας μὴ πλέον μηνῶν ἑπτὰ.

9. O terceiro julgamento era sobre a precedência, se de Alexandre, filho de Felipe, ou de Aníbal de Cartago.⁸¹ Decidiu-se pela preeminência de Alexandre, e seu trono foi colocado ao lado do de Ciro, o Grande, da Pérsia.

10. Os quartos a comparecer fomos nós: ele interrogou sobre o que passamos, pois, embora vivos, pisávamos terra sagrada. Nós relatamos tudo, ponto por ponto. Dispensou-nos, assim, e por muito tempo meditou a nosso respeito, como também consultou os seus conselheiros. Aristides, o Justo, de Atenas fazia, como muitos outros, parte do conselho. De acordo com a opinião dele, declarou-se que, de nossa intrusão e excursões, prestaríamos contas depois de mortos, mas que, por ora, ficaríamos na ilha e viveríamos com os heróis pelo tempo designado; depois partiríamos. Fixaram o prazo de nossa estada em não mais de sete meses.

⁸¹ Cf. LUCIANO. *Diálogos dos Mortos*, 25.

11. Τοῦντεῦθεν αὐτομάτων ἡμῖν τῶν στεφάνων περιρρυέντων ἐλελύμεθα καὶ εἰς τὴν πόλιν ἠγόμεθα καὶ εἰς τὸ τῶν Μακάρων συμπόσιον. Αὐτὴ μὲν οὖν ἡ πόλις πᾶσα χρυσῆ, τὸ δὲ τεῖχος περικεῖται σμαράγδινον· πύλαι δὲ εἰσιν ἑπτὰ, πᾶσαι μονόξυλοι κινναμώμιοι· τὸ μέντοι ἔδαφος τῆς πόλεως καὶ ἡ ἐντὸς τοῦ τείχους γῆ ἐλεφαντίνη· ναοὶ δὲ πάντων θεῶν βηρύλλου λίθου ὠικοδομημένοι, καὶ βωμοὶ ἐν αὐτοῖς μέγιστοι μονόλιθοι ἀμεθύστινοι, ἐφ' ὧν ποιοῦσι τὰς ἑκατόμβας. Περὶ δὲ τὴν πόλιν ῥεῖ ποταμὸς μύρου τοῦ καλλίστου, τὸ πλάτος πήχεων ἑκατὸν βασιλικῶν, βάθος δὲ «πέντε» ὥστε νεῖν εὐμαρῶς. Λουτρὰ δὲ ἐστὶν αὐτοῖς οἴκοι μεγάλοι ὑάλιοι, τῷ κινναμώμωι ἐγκαϊόμενοι· ἀντὶ μέντοι τοῦ ὕδατος ἐν ταῖς πυέλοις δρόσος θερμὴ ἔστιν.

11. Neste instante, as guirlandas ao nosso redor caíram por si sós; ficamos livres e fomos levados à cidade, assim como ao simpósio dos Bem-aventurados. Esta cidade é toda de ouro, a muralha à sua volta, de esmeralda: os portões são sete, todos monóxilos de cinamomo; o pavimento da cidade e o chão no interior da muralha, de marfim; os templos de todos os deuses, edificadas com gema de berilo, os seus altares, grandes monólitos de ametista, sobre os quais fazem as hecatombes. Em volta da cidade flui um rio de belíssima mirra com cem côvados régios de largura⁸² e cinco de profundidade⁸³, de modo que nele facilmente se nada. Seus balneários são grandes casas de vidro, aquecidas com cinamomo, mas, nas banheiras, em vez de água, há orvalho quente.

⁸² 50 m.

⁸³ 2,5 m.

12. Ἐσθῆτι δὲ χρῶνται ἀραχνίοις λεπτοῖς, πορφυροῖς. Αὐτοὶ δὲ σώματα μὲν οὐκ ἔχουσιν, ἀλλ' ἀναφεῖς καὶ ἄσαρκοὶ εἰσιν, μορφήν δὲ καὶ ιδέαν μόνην ἐμφαίνουσιν, καὶ ἀσώματοι ὄντες ὁμῶς συνεστᾶσιν καὶ κινουῦνται καὶ φρονοῦσι καὶ φωνὴν ἀφιᾶσιν, καὶ ὅλως ἔοικε γυμνῇ τις ἢ ψυχῇ αὐτῶν περιπολεῖν τὴν τοῦ σώματος ὁμοίότητα περικειμένη· εἰ γοῦν μὴ ἄψαιτό τις, οὐκ ἂν ἐξελέγξειε μὴ εἶναι σῶμα τὸ ὀρώμενον· εἰσὶ γὰρ ὥσπερ σκιαὶ ὀρθαί, οὐ μέλαιναί. Γηράσκει δὲ οὐδεὶς, ἀλλ' ἐφ' ἧς ἂν ἡλικίας ἔλθῃ παραμένει. Οὐ μὴν οὐδὲ νύξ παρ' αὐτοῖς γίνεται, οὐδὲ ἡμέρα πάνυ λαμπρά· καθάπερ δὲ τὸ λυκαυγὲς ἤδη πρὸς ἕω, μηδέπω ἀνατείλαντος ἡλίου, τοιοῦτο φῶς ἐπέχει τὴν γῆν. Καὶ μέντοι καὶ ὥραν μίαν ἴσασιν τοῦ ἔτους· αἰεὶ γὰρ παρ' αὐτοῖς ἕαρ ἐστὶ καὶ εἷς ἄνεμος πνεῖ παρ' αὐτοῖς ὁ ζέφυρος.

12. Usam como vestes finas teias de aranha , purpúreas. Não têm corpos, pois são impalpáveis e desencarnados, e apenas mostram configuração e forma. Embora sejam incorpóreos, constituem-se, movimentam-se, pensam e emitem fala, e no todo a alma deles afigura algo de nu, pois vaga envolta pela semelhança ao corpo; se alguém o tocasse, não poderia refutar que aquilo que vê não seja corpo: são como sombras em pé, não negras. Ninguém envelhece, pois se mantém com a idade com que chegou. Entre eles, nem noite nasce, nem dia, de todo brilhante: como o arrebol já perto da aurora, antes do despontar do sol, assim é a luz que se derrama naquela terra. E conhecem apenas uma estação do ano, pois, entre eles, é sempre a primavera e, entre eles, só um vento sopra, o Zéfiro.

13. Ἡ δὲ χώρα πᾶσι μὲν ἄνθεσιν, πᾶσι δὲ φυτοῖς ἡμέροις τε καὶ σκιεροῖς τέθληλεν· αἱ μὲν γὰρ ἄμπελοι δωδεκάφοροί εἰσιν καὶ κατὰ μῆνα ἕκαστον καρποφοροῦσιν· τὰς δὲ ῥοιάς καὶ τὰς μηλέας καὶ τὴν ἄλλην ὀπώραν ἔλεγον εἶναι τρισκαιδεκάφορον· ἐνὸς γὰρ μηνὸς τοῦ παρ' αὐτοῖς Μινώιου δις καρποφορεῖν· ἀντὶ δὲ πυροῦ οἱ στάχυες ἄρτον ἕτοιμον ἐπ' ἄκρων φύουσιν ὥσπερ μύκητας. Πηγαὶ δὲ περὶ τὴν πόλιν ὕδατος μὲν πέντε καὶ ἐξήκοντα καὶ τριακόσiai, μέλιτος δὲ ἄλλαι τοσαῦται, μύρου δὲ πεντακόσiai, μικρότεραι μέντοι αὗται, καὶ ποταμοὶ γάλακτος ἑπτὰ καὶ οἴνου ὀκτώ.

13. A terra floresce com todas as flores e todas as plantas, tanto as cultivadas, quanto as silvestres⁸⁴; as vinhas carregam-se duodecimalmente, e a cada mês frutificam; as romãzeiras, as macieiras e as outras frutíferas, dizia-se, carregam-se tredecimalmente, pois, entre eles, em um mês, o de Minos, essas frutificam duas vezes. Nas pontas das espigas cresce, como cogumelos, não trigo, mas pão já pronto. Há fontes em torno da cidade, trezentas e sessenta e cinco de água, outras tantas de mel, quinhentas, embora menores, de mirra, mas também rios, sete de leite e oito de vinho.

⁸⁴ Plantas “cultivadas” e “silvestres” são designações que não dão conta da oposição entre *ἡμέροις* e *σκιεροῖς*, pois ambos os termos consideram igualmente o contraste claridade/ obscuridade, dado que o adjetivo *ἡμερος* (domesticado, adocicado) provém de *ἡμέρα*, que significa “dia” e, por extensão, “luz”; do mesmo modo, *σκιερός* quer dizer o que fornece sombra, pois o termo derivado de *σκιά* (sombra, obscuridade), muito empregado no léxico pictórico, a ponto de *skiagrâphos* ser uma acepção corrente para pintor. Luciano joga, conseqüentemente, com a duplicidade “plantas cultivadas/ plantas silvestres” e “plantas diurnas ou luminosas/ plantas noturnas ou umbrosas.

14. Τὸ δὲ συμπόσιον ἔξω τῆς πόλεως πεποίηται ἐν τῷ Ἡλυσίῳ καλουμένῳ πεδίῳ· λειμῶν δὲ ἐστὶν κάλλιστος καὶ περὶ αὐτὸν ὕλη παντοῖα πυκνή, ἐπισκιάζουσα τοὺς κατακειμένους. Καὶ στρωμνὴν μὲν ἐκ τῶν ἀνθῶν ὑποβέβληται, διακονοῦνται δὲ καὶ παραφέρουσιν ἕκαστα οἱ ἄνεμοι πλήν γε τοῦ οἰνοχοεῖν· τούτου γὰρ οὐδὲν δέονται, ἀλλ' ἐστὶ δένδρα περὶ τὸ συμπόσιον ὑάλινα μεγάλα τῆς διαυγεστάτης ὑάλου, καὶ καρπὸς ἐστὶ τῶν δένδρων τούτων ποτήρια παντοῖα καὶ τὰς κατασκευὰς καὶ τὰ μεγέθη. Ἐπειδὴν οὖν παρίηι τις ἐς τὸ συμπόσιον, τρυγῆσας ἐν ἧ καὶ δύο τῶν ἐκπωμάτων παρατίθεται, τὰ δὲ αὐτίκα οἴνου πλήρη γίνεται. Οὕτω μὲν πίνουσιν, ἀντὶ δὲ τῶν στεφάνων αἱ ἀηδόνες καὶ τὰ ἄλλα τὰ μουσικὰ ὄρνεα ἐκ τῶν πλησίον λειμώνων τοῖς στόμασιν ἀνθολογοῦντα κατανίφει αὐτοὺς μετ' ὠιδῆς ὑπερπετόμενα. Καὶ μὴν καὶ μυρίζονται ὧδε· νεφέλαι πυκναὶ ἀνασπᾶσασαι μύρον ἐκ τῶν πηγῶν καὶ τοῦ ποταμοῦ καὶ ἐπιστᾶσαι ὑπὲρ τὸ συμπόσιον ἡρέμα τῶν ἀνέμων ὑποθλιβόντων ὕουσι λεπτὸν ὥσπερ δρόσον.

14. Fazem o simpósio⁸⁵ fora da cidade, no assim chamado *Campo Elísio*: belíssimo prado cercado por floresta diversa e fechada que sombreia os recostados. E em leito de flores eles se deitam, e os ventos, servindo-os, trazem-lhes tudo, mas não lhes vertem o vinho; nem disso precisam, porque há em torno do simpósio grandes árvores vítreas, de vidro transparentíssimo e os frutos dessas árvores são copos de diversíssimas formas e tamanhos. Quando alguém chega ao simpósio, colhe um ou dois vasos e os coloca diante de si, os quais imediatamente se enchem de vinho: bebem assim. Como guirlandas, rouxinóis e outras aves canoras colhem com os bicos flores dos prados vizinhos e, sobrevoando e cantando, fazem-nas sobre eles cair como neve. E assim se perfumam: nuvens carregadas, que absorvem a mirra das fontes e do rio, pairam sobre o simpósio e, premidas por ventos brandos, fazem chover levemente tal qual orvalho.

⁸⁵ É comum nas línguas latinas, à exceção do italiano, se traduzir *συμπόσιον* por “banquete”, o que se aplica também ao título do conhecido diálogo de Platão *Symposium*. Embora os dois termos se refiram à solenidades festivas, “banquete” é comumente associado à comida, enquanto “simpósio”, à bebida, ou mais especificamente ao rito de “beber junto”, como indica o verbo *συμπίνω* e a prática dos simposiastas de Luciano dá a ver. “Banquete” foi utilizado para verter “*δείπνον*”, grafado no início do parágrafo seguinte, por tratar-se de uma designação genérica para refeição.

15. Ἐπὶ δὲ τῷ δείπνῳ μουσικῇ τε καὶ ὠδαῖς σχολάζουσιν· αἰδεῖται δὲ αὐτοῖς τὰ Ὀμήρου ἔπη μάλιστα· καὶ αὐτὸς δὲ πάρεστι καὶ συνευχεῖται αὐτοῖς ὑπὲρ τὸν Ὀδυσσεῖα κατακείμενος. Οἱ μὲν οὖν χοροὶ ἐκ παίδων εἰσὶν καὶ παρθένων· ἐξάρχουσι δὲ καὶ συνάιδουσιν Εὐνομὸς τε ὁ Λοκρὸς καὶ Ἄριων ὁ Λέσβιος καὶ Ἀνακρέων καὶ Στησίχορος· καὶ γὰρ τοῦτον παρ' αὐτοῖς ἔθεασάμην, ἥδη τῆς Ἑλένης αὐτῷ διηλλαγμένης. Ἐπειδὴν δὲ οὗτοι παύσωνται αἰδοντες, δεύτερος χορὸς παρέρχεται ἐκ κύκνων καὶ χελιδόνων καὶ ἀηδόνων. Ἐπειδὴν δὲ καὶ οὗτοι αἰσωσιν, τότε ἤδη πᾶσα ἡ ὕλη ἐπαυλεῖ τῶν ἀνέμων καταρχόντων.

15. Durante o banquete, divertem-se com música e cantos; cantam principalmente versos de Homero, que está presente, recostado logo acima de Odisseu, e que com todos festeja. Há coros de meninos e meninas, dirigem-nos, com eles cantando, Êunomo da Lócria, Árion de Lesbos, Anacreonte e Estesícoro, pois a este vi entre eles, agora que Helena com ele se reconciliou⁸⁶. Quando param de cantar, entra o segundo coro, o de cisnes, andorinhas, rouxinóis. E quando estes cantam, toda a floresta ressoa, regida pelos ventos, como aulo.

⁸⁶ Acompanhando a cantoria haveria provavelmente uma cítara, instrumento associado aos dois primeiros regentes corais referidos. Segundo consta, Êunomo da Lócria levou a palma num certame musical graças em parte à intervenção de uma cigarra que pousara em sua cítara para entoar uma faltante nota, já que uma corda do seu instrumento se tinha rompido em meio a apresentação. Conta-se também que, tomada de admiração, a cidade de Delfos mandou erguer um monumento em bronze tendo a figura de Êunomo com a cítara e a cigarra (CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Protréptico*, I, 1.2). Também êmulo de Orfeu, no canto que encanta homens e bichos, é Árion de Lesbos, considerado o inventor do ditirambo. Dizem, pois, que em uma travessia a Corinto, a tripulação ávida por roubar a fortuna que Árion carregava consigo, o obriga a se jogar no mar; antes, porém, o citaredo, paramentado, empunha seu instrumento para entoar um hino litúrgico, o que lhe salva a vida, uma vez que um golfinho vem acolhê-lo em seu dorso e o depõe em lugar seguro (HERÓDOTO. *Hist.* I, 23-24). Luciano reconta, com variantes, o mesmo episódio do músico náufrago, porém, o faz da perspectiva do cetáceo que o resgata, num diálogo travado com o deus Posídon (*Diálogos dos Deuses Marinhos*, 5 (8)). Já Anacreonte, poeta jônico do século VI a.C., é incluído nesse rol por versar sobre matérias simposiastas, sobretudo o amor e o vinho, como se infere dos fragmentos recolhidos de suas obras por fontes indiretas. Quanto a Estesícoro (c. 630 a.C.? – 555 a.C.?) e a dita *reconciliação* com Helena, alude-se, aqui, a notória e não menos prodigiosa narrativa acerca de sua cegueira e ulterior recuperação; é que Helena lhe havia punido com a privação da visão devido às invectivas que o poeta sobre ela lançara num poema homônimo. Então, com o fito de aplacar a cólera da filha de Leda, cultuada como deidade em localidades gregas, e de recobrar a própria visão, o mesmo Estesícoro compõe *Palinódia*, como recantação à sua precedente *Helena*, onde, entre outros, a inculpara da guerra de Troia, pelo que, como sugere Luciano, ele obteve acolhida favorável.

16. Μέγιστον δὲ δὴ πρὸς εὐφροσύνην ἐκεῖνο ἔχουσιν· πηγαί εἰσι δύο παρὰ τὸ συμπόσιον, ἡ μὲν γέλωτος, ἡ δὲ ἡδονῆς· ἐκ τούτων ἑκατέρας πάντες ἐν ἀρχῇ τῆς εὐωχίας πίνουσιν καὶ τὸ λοιπὸν ἡδόμενοι καὶ γελῶντες διάγουσιν.

17. Βούλομαι δὲ εἰπεῖν καὶ τῶν ἐπισήμων οὐστinas παρ' αὐτοῖς ἐθεασάμην· πάντας μὲν τοὺς ἡμιθέους καὶ τοὺς ἐπὶ Ἴλιον στρατεύσαντας πλήν γε δὴ τοῦ Λοκροῦ Αἴαντος, ἐκεῖνον δὲ μόνον ἔφασκον ἐν τῷ τῶν ἀσεβῶν χώρῳ κολάζεσθαι, βαρβάρων δὲ Κύρους τε ἀμφοτέρους καὶ τὸν Σκύθην Ἀνάχαρσιν καὶ τὸν Θρᾶκα Ζάμολξιν καὶ Νομᾶν τὸν Ἰταλιώτην, καὶ μὴν καὶ Λυκοῦργον τὸν Λακεδαιμόνιον καὶ Φωκίωνα καὶ Τέλλον τοὺς Ἀθηναίους, καὶ τοὺς σοφοὺς ἄνευ Περιάνδρου. Εἶδον δὲ καὶ Σωκράτη τὸν Σωφρονίσκου ἀδολεσχοῦντα μετὰ Νέστορος καὶ Παλαμῆδους· περὶ δὲ αὐτὸν ἦσαν Ὑάκινθος τε ὁ Λακεδαιμόνιος καὶ ὁ Θεσπιεὺς Νάρκισσος καὶ Ὑλας καὶ ἄλλοι καλοί. καί μοι ἐδόκει ἐρᾶν τοῦ Ὑακίνθου· τὰ πολλὰ γοῦν ἐκεῖνον διήλεγχεν. Ἐλέγετο δὲ χαλεπαίνειν αὐτῷ ὁ Ῥαδάμανθς καὶ ἠπειληκέναι πολλάκις ἐκβαλεῖν αὐτὸν ἐκ τῆς νήσου, ἣν φλυαρήϊ καὶ μὴ ἐθέλει ἀφείς τὴν εἰρωνείαν εὐωχεῖσθαι. Πλάτων δὲ μόνος οὐ παρῆν, ἀλλ' ἐλέγετο [καὶ] αὐτὸς ἐν τῇ ἀναπλασθείσῃ ὑπ' αὐτοῦ πόλει οἰκεῖν χρώμενος τῇ πολιτείᾳ καὶ τοῖς νόμοις οἷς συνέγραψεν.

16. A maior alegria deles são as duas fontes ao lado do simpósio, uma de riso, a outra de prazer. Todos bebem nas duas no começo do festim e passam o tempo subsequente aprazerados e ridentes.

17. Quero mencionar, entre os que vi, os ilustres: todos os semideuses e os que avançaram sobre Ílion, exceto Ájax da Lócria, do qual diziam ter sido o único punido na Terra dos Ímpios; entre os bárbaros, os dois Ciros, Anacársis da Cítia, Zalmoxis da Trácia, Numa da Itália, mas também Licurgo da Lacedemônia, Fócion e Telo de Atenas, assim como os sábios, exceto Periandro. Vi também Sócrates, filho de Sofronisco, a tagarelar com Nestor e Palamedes; ao redor dele estavam Jacinto da Lacedemônia, Narciso da Téspia, Hilas e outras tantas belezuras. A mim me parecia que ele estava apaixonado por Jacinto, porque o refutava muito. Diziam que Radamanto estava furioso com ele e que o ameaçara muitas vezes com a expulsão da ilha se ficasse a taramelar e não desejasse, abandonando a ironia, festar. Só Platão não estava presente, pois, dizia-se, que morava na cidade que ele mesmo remodelou, aplicando a *República*⁸⁷ e as *Leis*⁸⁸ que ele escrevera.

⁸⁷ Trocadilho entre *pólis* (cidade) e *Politeia*, que nomeia a notória obra de Platão traduzida comumente por *República*.

⁸⁸ Título de outro diálogo platônico.

18. Οἱ μέντοι ἀμφ’ Ἀρίστιππόν τε καὶ Ἐπίκουρον τὰ πρῶτα παρ’ αὐτοῖς ἐφέροντο ἠδεῖς τε ὄντες καὶ κεχαρισμένοι καὶ συμποτικώτατοι. Παρῆν δὲ καὶ Αἴσωπος ὁ Φρύξ· τούτῳ δὲ ὅσα καὶ γελοιοποιῶι χρῶνται. Διογένης μὲν γε ὁ Σινωπεὺς τοσοῦτον μετέβαλεν τοῦ τρόπου, ὥστε γῆμαι μὲν ἐταίραν τὴν Λαΐδα, ὀρχεῖσθαι δὲ πολλάκις ὑπὸ μέθης ἀνιστάμενον καὶ παροινεῖν. Τῶν δὲ Στωϊκῶν οὐδεὶς παρῆν· ἔτι γὰρ ἐλέγοντο ἀναβαίνειν τὸν τῆς ἀρετῆς ὄρθιον λόφον. Ἦκούομεν δὲ καὶ περὶ Χρυσίππου ὅτι οὐ πρότερον αὐτῷ ἐπιβῆναι τῆς νήσου θέμις, πρὶν τὸ τέταρτον ἑαυτὸν ἐλλεβορίσει. Τοὺς δὲ Ἀκαδημαϊκοὺς ἔλεγον ἐθέλειν μὲν ἐλθεῖν, ἐπέχειν δὲ ἔτι καὶ διασκέπτεσθαι· μηδὲ γὰρ αὐτὸ τοῦτό πω καταλαμβάνειν, εἰ καὶ νῆσός τις τοιαύτη ἐστίν. Ἄλλως τε τὴν ἐπὶ τοῦ Ῥαδαμάνθου, οἶμαι, κρίσιν ἐδεδοίκεσαν, ἅτε καὶ τὸ κριτήριον αὐτοὶ ἀνηρηκότες. πολλοὺς δὲ αὐτῶν ἔφασκον ὀρμηθέντας ἀκολουθεῖν τοῖς ἀφικνουμένοις ὑπὸ νωθείας ἀπολείπεσθαι μὴ καταλαμβάνοντας καὶ ἀναστρέφειν ἐκ μέσης τῆς ὁδοῦ.

18. Aristipo e Epicuro com os seus adeptos levaram a palma, pois eram prazenteiros, engraçados, muito festeiros. Também estava presente Esopo da Frígia, a quem usaram como bufão. Diógenes de Sinope mudara tanto sua atitude que se casara com a cortesã Laís e que, embriagado, muitas vezes se levantou para dançar e desvairar. Dos estóicos, ninguém compareceu: dizia-se que ainda estavam subindo ao empinado cume da virtude. E ouvimos que Crisipo só teria autorização para desembarcar na ilha se tomasse heléboro pela quarta vez. Quanto aos Acadêmicos, dizia-se que desejavam vir, mas, examinantes, suspenderam o juízo, pois nem mesmo decidiram sobre se uma ilha como aquela existe. Suponho entretanto que temiam o julgamento de Radamanto, porque foram eles mesmos que suprimiram os critérios de juízo. Dizia-se que muitos deles se moviam para seguir os que chegavam, mas, lentos, ficavam para trás, sem nada entender e, no meio do caminho, voltavam.

19. Οὗτοι μὲν οὖν ἦσαν οἱ ἀξιολογώτατοι τῶν παρόντων. Τιμῶσι δὲ μάλιστα τὸν Ἀχιλλέα καὶ μετὰ τοῦτον Θησέα. Περὶ δὲ συνουσίας καὶ ἀφροδισίων οὕτω φρονούσιν· μίσγονται μὲν ἀναφανδὸν πάντων ὁρώντων καὶ γυναιξὶ καὶ ἄρρεσι, καὶ οὐδαμῶς τοῦτο αὐτοῖς αἰσχρὸν δοκεῖ· μόνος δὲ Σωκράτης διώμνυτο ἢ μὴν καθαρῶς πλησιάζειν τοῖς νέοις· καὶ μέντοι πάντες αὐτοῦ ἐπιорκεῖν κατεγίνωσκον· πολλάκις γοῦν ὁ μὲν Ὑάκινθος ἢ ὁ Νάρκισσος ὠμολόγουν, ἐκεῖνος δὲ ἠρνεῖτο. Αἱ δὲ γυναικῆς εἰσι πᾶσι κοιναὶ καὶ οὐδεὶς φθονεῖ τῷ πλησίον, ἀλλ' εἰσὶ περὶ τοῦτο μάλιστα Πλατωνικώτατοι· καὶ οἱ παῖδες δὲ παρέχουσι τοῖς βουλομένοις οὐδὲν ἀντιλέγοντες.

19. Eram esses, entre os presentes, os estimadíssimos. Honram-se principalmente Aquiles e, em seguida, Teseu. Quanto à copulação e à afrodisia, assim excogitam: unem-se com mulheres e com homens abertamente, à vista de todos, e de modo nenhum têm isso por vergonhoso. O único a jurar que tinha comércio imaculado com os jovens era Sócrates, embora todos o acusassem de perjúrio: Jacinto e Narciso frequentemente o admitiam, ao passo que ele o negava. As mulheres são comuns a todos e ninguém inveja o vizinho, mas nisso são platonicíssimos. Também os meninos se entregam sem se opor a quem os quiser.

20. Οὐπω δὲ δύο ἢ τρεῖς ἡμέραι διεληλύθεσαν, καὶ προσελθὼν ἐγὼ Ὀμήρωι τῷ ποιητῆι, σχολῆς οὐσης ἀμφοῖν, τά τε ἄλλα ἐπυνθανόμην καὶ ὅθεν εἶη, λέγων τοῦτο μάλιστα παρ' ἡμῖν εἰσέτι νῦν ζητεῖσθαι. Ὁ δὲ οὐδ' αὐτὸς μὲν ἀγνοεῖν ἔφασκεν ὡς οἱ μὲν Χῖον, οἱ δὲ Σμυρναῖον, πολλοὶ δὲ Κολοφώνιον αὐτὸν νομίζουσιν· εἶναι μέντοι γε ἔλεγεν Βαβυλώνιος, καὶ παρά γε τοῖς πολίταις οὐχ Ὅμηρος, ἀλλὰ Τιγράνης καλεῖσθαι· ὕστερον δὲ ὀμηρεύσας παρὰ τοῖς Ἑλλησιν ἀλλάξαι τὴν προσηγορίαν. Ἔτι δὲ καὶ περὶ τῶν ἀθετουμένων στίχων ἐπηρώτων, εἰ ὑπ' ἐκείνου εἰσὶ γεγραμμένοι. Καὶ ὃς ἔφασκε πάντα αὐτοῦ εἶναι. Κατεγίνωσκον οὖν τῶν ἀμφὶ τὸν Ζηνόδοτον καὶ Ἀρίσταρχον γραμματικῶν πολλὴν τὴν ψυχρολογίαν. Ἐπεὶ δὲ ταῦτα ἱκανῶς ἀπεκέκριτο, πάλιν αὐτὸν ἠρώτων τί δή ποτε ἀπὸ τῆς μνήδος τὴν ἀρχὴν ἐποιήσατο· καὶ ὃς εἶπεν οὕτως ἐπελθεῖν αὐτῷ μηδὲν ἐπιτηδεύσαντι. Καὶ μὴν κάκεῖνο ἐπεθύμουν εἰδέναί, εἰ προτέραν ἔγραψεν τὴν Ὀδύσειαν τῆς Ἰλιάδος, ὡς οἱ πολλοὶ φασιν· ὁ δὲ ἠρνεῖτο. Ὅτι μὲν γὰρ οὐδὲ τυφλὸς ἦν, ὁ καὶ αὐτὸ περὶ αὐτοῦ λέγουσιν, αὐτίκα ἠπιστάμην· ἐώρα γάρ, ὥστε οὐδὲ πυνθάνεσθαι ἐδεόμην. Πολλάκις δὲ καὶ ἄλλοτε τοῦτο ἐποίουν, εἴ ποτε αὐτὸν σχολὴν ἄγοντα ἐώρων· προσιὼν γὰρ ἄν τι ἐπυνθανόμην αὐτοῦ, καὶ ὃς προθύμως πάντα ἀπεκρίνετο, καὶ μάλιστα μετὰ τὴν δίκην, ἐπειδὴ ἐκράτησεν· ἦν γὰρ τις γραφὴ κατ' αὐτοῦ ἀπηνεγεγμένη ὕβρεως ὑπὸ Θερσίτου ἐφ' οἷς αὐτὸν ἐν τῇ ποιήσει ἔσκωψεν, καὶ ἐνίκησεν ὁ Ὅμηρος Ὀδυσσέως συναγορεύοντος.

20. Nem decorridos ainda dois ou três dias, eu já me aproximara do poeta Homero, pois estávamos ambos ociosos, e lhe perguntei, entre outras, de onde ele era, dizendo ser isso até hoje muito debatido entre nós. Afirmou ele que não ignorava que uns o considerassem de Quios, outros, de Esmirna, muitos, de Cólofon; declarou, porém, ser de Babilônia e que seus concidadãos não lhe chamavam “Homero”, mas “Tigranes”, pois, tendo sido refém dos gregos, mais tarde mudou seu nome. Indaguei ainda sobre se ele tinha escrito os versos espúrios: respondeu-me que todos eram seus. Condenei assim a gélida linguagem dos gramáticos Zenódoto e Aristarco, e de seus seguidores. Como respondeu satisfatoriamente, perguntei-lhe ainda por que tinha posto a cólera no começo: disse ele que havia a isso chegado sem nenhuma aplicação. E desejei ainda saber se ele escrevera a *Odisseia* antes da *Iliada*, como muitos afirmam; ele negou. Que não era cego, como sobre ele se propala, logo o notei pois ele enxergava, de sorte que nem mesmo precisei perguntar-lho. Frequentemente eu fazia o mesmo em outras ocasiões, quando o via ocioso: aproximava-me e o interrogava sobre algo e a tudo ele respondia de bom grado, principalmente após o processo que ganhou, tendo uma acusação de injúria contra ele sido ajuizada por Tersites, a quem ridicularizou em seu poema. E, defendido por Odisseu, Homero saiu-se vencedor.

21. Κατὰ δὲ τοὺς αὐτοὺς χρόνους ἀφίκετο καὶ Πυθαγόρας ὁ Σάμιος ἐπτάκις ἀλλαγείς καὶ ἐν τοσοῦτοις ζώοις βιοτεύσας καὶ ἐκτελέσας τῆς ψυχῆς τὰς περιόδους, ἦν δὲ χρυσοῦς ὅλον τὸ δεξιὸν ἡμίτομον. Καὶ ἐκρίθη μὲν συμπολιτεύσασθαι αὐτοῖς, ἐνεδοιάζετο δὲ ἔτι πότερον Πυθαγόραν ἢ Εὐφορβὸν χρὴ αὐτὸν ὀνομάζειν. Ὁ μέντοι Ἐμπεδοκλῆς ἦλθεν μὲν καὶ αὐτός, περίεφθος καὶ τὸ σῶμα ὅλον ὀπτημένος· οὐ μὴν παρεδέχθη καίτοι πολλὰ ἰκετεύων.

21. Naquele tempo chegou, depois de se ter transformado por sete vezes, de ter vivido em outros tantos animais e de ter completado os ciclos da alma, Pitágoras de Samos. Tinha todo o lado direito de ouro. Decidiu-se que seria concidadão dos mesmos, mas ainda duvidavam sobre se deviam chamá-lo *Pitágoras* ou *Euforbo*. Veio, também, todo assado, Empédocles com o corpo inteiramente grelhado: não o acolheram apesar de suas muitas súplicas.

22. Προϊόντος δὲ τοῦ χρόνου ἐνέστη ὁ ἀγὼν ὁ παρ' αὐτοῖς, τὰ Θανατούσια. Ἦγωνοθέτει δὲ Ἀχιλλεὺς τὸ πέμπτον καὶ Θησεὺς τὸ ἕβδομον. Τὰ μὲν οὖν ἄλλα μακρὸν ἂν εἴη λέγειν· τὰ δὲ κεφάλαια τῶν πραχθέντων διηγήσομαι. Πάλιν μὲν ἐνίκησεν Κάπρος ὁ ἀφ' Ἡρακλέους Ὀδυσσεά περὶ τοῦ στεφάνου καταγωνισάμενος· πυγμὴ δὲ ἴση ἐγένετο Ἀρείου τοῦ Αἰγυπτίου, ὃς ἐν Κορίνθῳ τέθραπται, καὶ Ἐπειοῦ ἀλλήλοισι συνελθόντων. Παγκρατίου δὲ οὐ τίθεται ἄθλα παρ' αὐτοῖς. Τὸν μὲντοι δρόμον οὐκέτι μέμνημαι ὅστις ἐνίκησεν. Ποιητῶν δὲ τῆι μὲν ἀληθείαι παρὰ πολὺ ἐκράτει Ὅμηρος, ἐνίκησεν δὲ ὅμως Ἡσίοδος. Τὰ δὲ ἄθλα ἦν ἅπασι στέφανος πλακεῖς ἐκ πετρῶν ταωνείων.

22. Avançando o tempo, aconteceram por lá os jogos: os Mortuórios⁸⁹. Aquiles os presidia pela quinta vez e Teseu, pela sétima. Como falar de tudo seria longo, vou narrar os principais momentos: na luta, Capro⁹⁰, sucessor de Hércules, na disputa da coroa venceu Odisseu. No pugilato, Ário do Egito, enterrado em Corinto, enfrentou Epeio⁹¹: deu empate. No pancrácio, não propuseram premiação. Já na corrida, não lembro quem a venceu. Quanto aos poetas, na verdade, Homero era muito superior, mas Hesíodo saiu vencedor⁹². Todos os prêmios eram coroas entrelaçadas com penas de pavão⁹³.

⁸⁹ Adota-se a tradução castelhana sugerida por Andrés Espinosa Alarcón, porquanto também no português o substantivo “mortuório” designa, segundo Houaiss, “cerimônia ou honra fúnebre, realizada como última homenagem a um morto; funeral”, no que é mais apropriado para verter *Θανατούσια*, hápax formado a partir de *θάνατος* (morte). Como a crítica recorda, Luciano parodia, entre outros jogos, os funerários descritos na *Ilíada* (XXIII, 260 - 897), instituídos por Aquiles, que figura também em NV como um dos *ἀγωνοθετης* – vocábulo técnico que qualifica o organizador ou o presidente dos jogos públicos –, sendo o outro Teseu, talvez como evocação de *τὰ Θήσεια*, celebração realizada em Atenas, que incluía jogos com memoração fúnebre.

O Aquiles homérico, após fazer as exéquias de Pátroclo e trazer os prêmios das naus, promove competições em memória do seu fiel escudeiro, como o pugilato e a luta, referidos por Luciano, que se declara amnésico em relação ao vencedor da corrida, o que soa paradoxal para quem anuncia no início narrar os principais momentos (*τὰ δὲ κεφάλαια τῶν πραχθέντων διηγήσομαι*), mas pode remeter o leitor ao inesquecível desfecho da corrida vencida por Odisseu com o auxílio da deusa Atena, quando Ájax, preste a triunfar, escorrega e cai de boca na merda bovina (*Ilíada*, XXIII, 777). Enquanto na *Ilíada* os jogos mortuórios são realizados pelos vivos em homenagem ao herói morto, em NV os próprios mortos os realizam como homenagem a si mesmos na ilha dos Bem-aventurados; daí, a pavonesca condecoração que recebem: os prêmios, em Homero, consistem em caldeirões, trípodes, ouro, cavalos, bois, mulas, mulheres, ao passo que em Luciano, tão somente coroas de penas de pavão, inversão jocosa das de louro apolíneas.

⁹⁰ Segue-se, aqui, Bompaire que, a partir da proposição de Paulmier, corrige *Κάρανος* por *Κάπρος*.

⁹¹ Diferentemente do que escreve Luciano, Homero (*Ilíada*, XXIII, 690) afirma que o terrível Epeio vence, incontestemente, no pugilato, Eumíalo, aqui substituído pelo egípcio Ário. Este, segundo a hipótese de Ollier, seria um filósofo estoico de Alexandria, amigo de Augusto, inclusão devida ao seu nome belicoso, pois derivado do cruel deus da guerra, Ares.

⁹² A agonística entre poetas circula em discursos antigos – Aristófanes descreve a disputa no Hades de Ésquilo contra Eurípides pelo trono honorífico da tragédia (*As Rãs*, 830) – e se torna matéria de retórica escolar, que retém passos de obras conhecidas na elaboração de biografias, antilogias, e com elas polemiza. Luciano graceja, em não poucas partes de NV, com os relatos feácios de Odisseu na corte de Alcino. Hesíodo, por sua vez, menciona ter embarcado para os Jogos do rei Anfidamante em Cálcis e de ter, com seu hino, saído vencedor (*Trabalhos e Dias*, 650-662). Ora, os participantes desse concurso, bem como seus meandros, figuram não no referido texto hesiódico, senão em obras posteriores, epidíticas, como o *Certamen Homeri et Hesiodi* (*Περὶ Ὁμήρου καὶ Ἡσιόδου καὶ τοῦ γένους καὶ ἀγῶνος αὐτῶν*), de um compilador anônimo, conhecido por um manuscrito quatrocentista e que pode remeter a um texto sofístico do gorgiano Alcídante. No *Certamen*, Homero mostra-se superior porque logra responder às inúmeras perguntas, aporias, anfibologias de Hesíodo, as quais encantam o público, que reclama seja a coroa outorgada a Homero. Mas, na prova final, a situação muda: o rei Panedes pede que ambos recitem o mais belo trecho de seus poemas, no que Hesíodo recebe a coroa porque o rei alega que sua poesia exorta a agricultura e a paz (*Trabalhos e Dias*, 383-392), enquanto a de Homero, apesar de admiradíssima, descreve combates e matanças (*Ilíada*, XIII, 126-133).

⁹³ Em Esopo, o pavão é associado não só à beleza, mas também à vaidade e à ostentação, como na fábula em que essa ave despreza outra, o grou, dizendo que este nada tem de belo em suas asas, diferentemente do ouro e da púrpura que lhe tingem a plumária. Mas o grou replica, argumentando que voa muito alto e canta perto das estrelas, ao passo que ele, pavão, não passa de animal rastejante, pois anda no chão junto das galinhas, como um galo. Cf. *Fábulas*, 333.

23. Ἄρτι δὲ τοῦ ἀγῶνος συντετελεσμένου ἠγγέλλοντο οἱ ἐν τῷ χώρῳ τῶν ἀσεβῶν κολαζόμενοι ἀπορρήξαντες τὰ δεσμὰ καὶ τῆς φρουρᾶς ἐπικρατήσαντες ἐλαύνειν ἐπὶ τὴν νῆσον· ἠγεῖσθαι δὲ αὐτῶν Φάλαριν τε τὸν Ἀκραγαντῖνον καὶ Βούσιριν τὸν Αἰγύπτιον καὶ Διομήδη τὸν Θραῖκα καὶ τοὺς περὶ Σκείρωνα καὶ Πιτυοκάμπτην. Ὡς δὲ ταῦτα ἤκουσεν ὁ Ῥαδάμανθος, ἐκτάσσει τοὺς ἥρωας ἐπὶ τῆς ἠϊόνοσ· ἠγεῖτο δὲ Θησεύς τε καὶ Ἀχιλλεὺς καὶ Αἴας ὁ Τελαμώνιος ἤδη σοφρονῶν· καὶ συμμίζαντες ἐμάχοντο, καὶ ἐνίκησαν οἱ ἥρωες, Ἀχιλλέως τὰ πλεῖστα κατορθώσαντος. Ἡρίστευσε δὲ καὶ Σωκράτης ἐπὶ τῷ δεξιῷ ταχθεὶς, πολὺ μᾶλλον ἢ ὅτε ζῶν ἐπὶ Δηλίῳ ἐμάχετο. Προσιόντων γὰρ τεττάρων πολεμίων οὐκ ἔφυγε καὶ τὸ πρόσωπον ἄτρεπτος ἦν· ἐφ' οἷς καὶ ὕστερον ἐξηιρέθη αὐτῷ ἀριστεῖον, καλὸς τε καὶ μέγας παράδεισος ἐν τῷ προαστείῳ, ἔνθα καὶ συγκαλῶν τοὺς ἐταίρους διελέγετο, Νεκρακαδημίαν τὸν τόπον προσαγορεύσας.

23. Assim que os jogos terminaram, anunciou-se que os punidos na Terra dos Ímpios rebentaram suas correntes, dominaram os vigilantes e avançaram sobre a Ilha: comandavam-nos Fálaris de Agrigento, Busíris do Egito, Diomedes da Trácia, bem como Escíron e Pítiocamptes. Assim que isso lhe chegou aos ouvidos, Radamanto perfilou os heróis na costa; eram comandados por Teseu, Aquiles e Ájax, filho de Télamon, agora já moderado. Do combate corpo a corpo saíram vencedores os heróis e Aquiles, com o aprumo maior. Posicionado à direita, Sócrates foi muito mais valoroso do que quando, todavia vivo, combatera em Délio, pois, mesmo atacado por quatro inimigos, não fugiu, e manteve inalterado o semblante. Por isso, atribui-se a ele mais tarde o prêmio da bravura, um belo e grande jardim no subúrbio onde reuniria seus companheiros para discutir; chamaria ao lugar “Mortacademia”.

24. Συλλαβόντες οὖν τοὺς νενικημένους καὶ δήσαντες ἀπέπεμψαν ἔτι μᾶλλον κολασθησομένους. Ἐγραψεν δὲ καὶ ταύτην τὴν μάχην Ὅμηρος καὶ ἀπιόντι μοι ἔδωκεν τὰ βιβλία κομίζειν τοῖς παρ' ἡμῖν ἀνθρώποις· ἀλλ' ὕστερον καὶ ταῦτα μετὰ τῶν ἄλλων ἀπωλέσαμεν. Ἦν δὲ ἡ ἀρχὴ τοῦ ποιήματος αὕτη, Νῦν δέ μοι ἔννεπε, Μοῦσα, μάχην νεκύων ἡρώων. Τότε δ' οὖν κῦάμους ἐψήσαντες, ὥσπερ παρ' αὐτοῖς νόμος ἐπειδὴν τὸν πόλεμον κατορθώσωσιν, εἰσιῶντο τὰ ἐπινίκια καὶ ἐορτὴν μεγάλην ἤγον· ὁ μόνος δὲ αὐτῆς οὐ μετεῖχε Πυθαγόρας, ἀλλ' ἄσιτος πόρρω ἐκαθέζετο μυσαιτόμενος τὴν κυαμοφαγίαν.

24. Capturados e acorrentados, os vencidos foram mandados para punições ainda maiores. Homero escreveu sobre esta batalha e, quando parti, deu-me os livros para que os levasse aos homens de nosso mundo. Mais tarde, porém, os perdemos com outras coisas. Eis o início do poema: “Canta-me agora, ó musa, dos heróis defuntos, a batalha”⁹⁴. Em seguida, cozinharam favas, como era costume entre eles quando venciam uma guerra, cuja vitória comemoravam com grande festa. Somente Pitágoras dela não participou, pois, jejuando, sentou-se, distante, por abominar a favofagia.

⁹⁴ Paródia do primeiro verso da Odisseia: *ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα.*

25. Ἦδη δὲ μηνῶν ἕξ διεληλυθότων περὶ μεσοῦντα τὸν ἕβδομον νεώτερα συνίστατο πράγματα· Κινύρας ὁ τοῦ Σκινθάρου παῖς, μέγας ὢν καὶ καλός, ἦρα πολὺν ἤδη χρόνον τῆς Ἑλένης, καὶ αὐτὴ δὲ οὐκ ἀφανῆς ἦν ἐπιμανῶς ἀγαπῶσα τὸν νεανίσκον· πολλάκις γοῦν καὶ διένευον ἀλλήλοις ἐν τῷ συμποσίῳ καὶ προὔπινον καὶ μόνοι ἐξανιστάμενοι ἐπλανῶντο περὶ τὴν ὕλην. Καὶ δὴ ποτε ὑπ' ἔρωτος καὶ ἀμηχανίας ἐβουλεύσατο ὁ Κινύρας ἀρπάσας τὴν Ἑλένην - ἐδόκει δὲ κάκείνη ταῦτα - οἴχεσθαι ἀπιόντας ἕξ τινα τῶν ἐπικειμένων νήσων, ἥτοι ἐς τὴν Φελλῶ ἢ ἐς τὴν Τυρόεσσαν. Συνωμότας δὲ πάλαι προσειλήφεσαν τρεῖς τῶν ἐταίρων τῶν ἐμῶν τοὺς θρασυτάτους. Τῷ μέντοι πατρὶ οὐκ ἐμήνυσε ταῦτα· ἠπίστατο γὰρ ὑπ' αὐτοῦ κωλυθησόμενος. Ὡς δὲ ἐδόκει αὐτοῖς, ἐτέλουν τὴν ἐπιβουλήν. Καὶ ἐπειδὴ νύξ ἐγένετο - ἐγὼ μὲν οὐ παρήμην· ἐτύγχανον γὰρ ἐν τῷ συμποσίῳ κοιμώμενος - οἱ δὲ λαθόντες τοὺς ἄλλους ἀναλαβόντες τὴν Ἑλένην ὑπὸ σπουδῆς ἀνήχθησαν.

25. Passados já seis meses, produziram-se em meados do sétimo acontecimentos novos. Cíniras, filho de Cíntaro, moço alto e belo, amava há muito tempo Helena, e esta também não escondia estar loucamente enamorada dele. No simpósio muitas vezes se comunicavam com a cabeça e trocavam brindes: partiram, a vagar, sós, pela floresta. Certa feita, Cíniras resolveu, movido pelo desespero de amor, raptar Helena – que assentiu – e fugir para uma das ilhas vizinhas, Cortícia ou Queijeira. Como conjurados já antigos tinham, dos meus companheiros, os três audacíssimos. Porém, nada revelou ao seu pai, pois sabia que ele o impediria. Quando lhes pareceu oportuno, executaram o plano. Ao cair da noite – eu não estava presente, pois dormia no simpósio – eles, ocultando-se dos outros, carregaram Helena e zarparam velozmente.

26. Περὶ δὲ τὸ μεσονύκτιον ἀνεγρόμενος ὁ Μενέλαος ἐπεὶ ἔμαθεν τὴν εὐνήν κενὴν τῆς γυναικός, βοήν τε ἠφίει καὶ τὸν ἀδελφὸν παραλαβὼν ἦλθε πρὸς τὸν βασιλέα τὸν Ῥαδάμανθυν. Ἡμέρας δὲ ὑποφαιούσης ἔλεγον οἱ σκοποὶ καθορᾶν τὴν ναῦν οὐ πολὺ ἀπέχουσαν· οὕτω δὴ ἐμβιβάσας ὁ Ῥαδάμανθυς πενήκοντα τῶν ἡρώων εἰς ναῦν μονόξυλον ἀσφοδελίνην παρήγγειλε διώκειν· οἱ δὲ ὑπὸ προθυμίας ἐλαύνοντες περὶ μεσημβρίαν καταλαμβάνουσιν αὐτοὺς ἄρτι ἐς τὸν γαλακτώδη τοῦ ὠκεανοῦ τόπον ἐμβαίνοντας πλησίον τῆς Τυροέσσης· παρὰ τοσοῦτον ἦλθον διαδρᾶναι· καὶ ἀναδησάμενοι τὴν ναῦν ἀλύσει ῥοδίνῃ κατέπλεον. Ἡ μὲν οὖν Ἑλένη ἐδάκρυνεν τε καὶ ἠισχύνετο καὶ ἐνεκαλύπτετο, τοὺς δὲ ἀμφὶ τὸν Κινύραν ἀνακρίνας πρότερον ὁ Ῥαδάμανθυς, εἴ τινες καὶ ἄλλοι αὐτοῖς συνίσασιν, ὡς οὐδένα εἶπον, ἐκ τῶν αἰδοίων δήσας ἀπέπεμψεν ἐς τὸν τῶν ἀσεβῶν χῶρον μαλάχῃ πρότερον μαστιγωθέντας.

26. Por volta da meia-noite, Menelau despertou e notou que o leito de sua mulher estava vazio. Deu um grito e foi ao rei Radamanto, levando consigo o irmão. Ao raiar do dia, as sentinelas anunciaram que uma nave, não muito distante, fora avistada. Radamanto fez assim embarcar cinquenta heróis numa nave monóxila de asfódelo e ordenou-lhes que os perseguissem. Avançando com ímpeto, capturaram-nos por volta do meio-dia, no momento mesmo em que eles entravam no lugar do Oceano, que é de leite, próximo à Queijeira, mas eles quase escaparam. Tendo amarrado a nave a uma corrente de rosas, navegaram de volta. Helena chorava e, envergonhada, cobria o rosto. Radamanto começou por interrogar Cíniras e os seus para saber se havia outros conjurados; como disseram “ninguém”, foram mandados à Terra dos Ímpios, amarrados pelas partes, sendo, antes, açoitados com malva.

27. Ἐψηφίσαντο δὲ καὶ ἡμᾶς ἐμπροθέσμους ἐκπέμπειν ἐκ τῆς νήσου, τὴν ἐπιούσαν ἡμέραν μόνην ἐπιμείναντας. Ἐνταῦθα δὴ ἐγὼ ἐποτνιώμην τε καὶ ἐδάκρουν οἷα ἔμελλον ἀγαθὰ καταλιπὼν αὐτίς πλανήσεσθαι. Αὐτοὶ μέντοι παρεμυθοῦντο λέγοντες οὐ πολλῶν ἐτῶν ἀφίξεσθαι πάλιν ὡς αὐτούς, καὶ μοι ἤδη εἰς τοῦπιόν θρόνον τε καὶ κλισίαν ἐπεδείκνυσαν πλησίον τῶν ἀρίστων. Ἐγὼ δὲ προσελθὼν τῷ Ῥαδαμάνθῳι πολλὰ ἰκέτευον εἰπεῖν τὰ μέλλοντα καὶ ὑποδείξαι μοι τὸν πλοῦν. Ὁ δὲ ἔφασκεν ἀφίξεσθαι μὲν εἰς τὴν πατρίδα πολλὰ πρότερον πλανηθέντα καὶ κινδυνεύσαντα, τὸν δὲ χρόνον οὐκέτι τῆς ἐπανόδου προσθεῖναι ἠθέλησεν· ἀλλὰ δὴ καὶ δεικνὺς τὰς πλησίον νήσους – ἐφαίνοντο δὲ πέντε τὸν ἀριθμόν, ἄλλη δὲ ἕκτη πόρρωθεν – ταύτας μὲν εἶναι ἔφασκεν τῶν ἀσεβῶν, τὰς πλησίον, « Ἀφ’ ὧν, ἔφη, ἤδη τὸ πολὺ πῦρ ὀραῖς καιόμενον, ἕκτη δὲ ἐκείνη τῶν ὀνείρων ἡ πόλις· μετὰ ταύτην δὲ ἡ τῆς Καλυψοῦς νῆσος, ἀλλ’ οὐδέπω σοι φαίνεται. Ἐπειδὴν δὲ ταύτας παραπλεύσης, τότε δὴ ἀφίξῃ εἰς τὴν μεγάλην ἤπειρον τὴν ἐναντίαν τῇ ὑφ’ ὑμῶν κατοικουμένῃ· ἐνταῦθα δὴ πολλὰ παθῶν καὶ ποικίλα ἔθνη διελθὼν καὶ ἀνθρώποις ἀμίκτοις ἐπιδημήσας χρόνῳ ποτὲ ἤξεις εἰς τὴν ἑτέραν ἤπειρον».

27. Decidiu-se também que nós partiríamos da ilha antes do aprazado e que nela ficaríamos só mais um dia. Por isso eu me lamentava e chorava pelos bens que eu iria abandonar por estar destinado à errância. Mas consolaram-me dizendo que eu voltaria para junto deles em não muitos anos, e mostraram-me o meu futuro trono e o leito de mesa junto aos melhores. Aproximando-me, então, a Radamanto, supliquei-lhe insistentemente que falasse sobre o futuro e me orientasse na navegação. Ele respondeu que eu chegaria à minha pátria após muita errância e perigo, mas não quis predizer o momento do meu regresso. Mostrou-me ainda as ilhas próximas, – apareceram em número de cinco, e uma outra mais distante, a sexta –, dizendo que as mais próximas eram as dos Ímpios e continuou: “veja o grande fogo nelas ardendo, e aquela ali, a sexta, é a Cidade dos Sonhos. Além dessas, está a Ilha de Calipso, que ainda não aparece para você. Tendo-as costeadas, você chegará ao grande continente, oposto ao que nós habitamos; lá você padecerá muito, peregrinará entre povos astutos, conviverá com homens insociáveis e, com o tempo, chegará ao outro continente”.

28. Τοσαῦτα εἶπεν, καὶ ἀνασπᾶσας ἀπὸ τῆς γῆς μαλάχης ρίζαν ὄρεξέν μοι, ταύτη κελεύσας ἐν τοῖς μεγίστοις κινδύνοις προσεύχεσθαι· παρήνευσε δὲ εἰ καὶ ποτε ἀφικοίμην ἐς τήνδε τὴν γῆν, μήτε πῦρ μαχαίραι σκαλεύειν μήτε θέρμους ἐσθίειν μήτε παιδι ὑπὲρ τὰ ὀκτωκαίδεκα ἔτη πλησιάζειν· τούτων γὰρ ἂν μεμνημένον ἐλπίδας ἔχειν τῆς εἰς τὴν νῆσον ἀφίξεως. Τότε μὲν οὖν τὰ περὶ τὸν πλοῦν παρεσκευασάμην, καὶ ἐπεὶ καιρὸς ἦν, συνειστιώμην αὐτοῖς. Τῆι δὲ ἐπιούσῃ ἐλθὼν πρὸς Ὅμηρον τὸν ποιητὴν ἐδεήθην αὐτοῦ ποιῆσαί μοι δίστιχον ἐπίγραμμα· καὶ ἐπειδὴ ἐποίησεν, στήλην βηρύλλου λίθου ἀναστήσας ἐπέγραψα πρὸς τῷ λιμένι. Τὸ δὲ ἐπίγραμμα ἦν τοιόνδε·

Λουκιανὸς τάδε πάντα φίλος μακάρεσσι θεοῖσιν
εἶδέ τε καὶ πάλιν ἦλθε φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν.

28. Ele assim falou e, tendo arrancado da terra uma raiz de malva, ofereceu-a a mim, exortando-me, quando eu corresse muito perigo, a fazer orações a ela. Recomendou-me também que, se porventura eu chegasse àquela terra, não deveria atizar o fogo com faca, nem comer tremoços, nem ter comércio com menino maior de dezoito anos, pois, se me lembrasse disso, eu poderia ter a esperança de regressar à ilha. Preparei-me então para a viagem e, no momento oportuno, fui com eles banquetear. No dia seguinte fui ao poeta Homero pedir-lhe que me fizesse um dístico epigramático. Assim que ele o fez, erigi uma estela de pedra de berilo perto do porto e nela gravei esse epigrama:

*Luciano, o amado dos deuses bem-aventurados, tudo isso viu
e, de novo, à terra amada, sua pátria, partiu.*

29. Μείνας δὲ κάκεινῃν τὴν ἡμέραν, τῇ ἐπιούσῃ ἀνηγόμεν τῶν ἡρώων παραπεμπόντων. Ἐνθα μοι καὶ Ὀδυσσεὺς προσελθὼν λάθραι τῆς Πηνελόπης δίδωσιν ἐπιστολὴν εἰς Ὠγυγίαν τὴν νῆσον Καλυψοῖ κομίζειν. Συνέπεμψε δέ μοι ὁ Ῥαδάμανθυς τὸν πορθμέα Ναύπλιον, ἵν' ἐὰν καταχθείμην ἐς τὰς νήσους, μηδεὶς ἡμᾶς συλλάβῃ ἄτε κατ' ἄλλην ἐμπορίαν καταπλέοντας. Ἐπεὶ δὲ τὸν εὐώδη ἀέρα προϊόντες παρεληλύθειμεν, αὐτίκα ἡμᾶς ὁσμὴ τε δεινὴ διεδέχετο οἶον ἀσφάλτου καὶ θείου καὶ πίττης ἅμα καιομένων, καὶ κνῖσα δὲ πονηρὰ καὶ ἀφόρητος ὥσπερ ἀνθρώπων ὀπρωμένων, καὶ ὁ ἀῆρ ζοφερός καὶ ὀμιγλώδης, καὶ κατέσταζεν ἐξ αὐτοῦ δρόσος πιττίνῃ ἠκούομεν δὲ καὶ μαστίγων ψόφον καὶ οἰμωγὴν ἀνθρώπων πολλῶν.

29. Naquele dia permaneci ali e, no seguinte, embarcado pelos heróis, levantei ferros. Odisseu veio então a mim, às escondidas de Penélope, e deu-me uma carta a ser entregue a Calipso na Ilha de Ogígia. Radamanto deu-me por companhia o barqueiro Náuplio, para que, se acostássemos nas ilhas, ninguém nos prenderia como navegantes a serviço de um comércio enganoso. Ao avançarmos, já ultrapassado o ar perfumado, sentimos de chofre um cheiro horrível, como o de betume, enxofre e breu a queimar juntos, mas também o fumego penoso e insuportável, como o de homens grelhados, e ainda o ar sombrio e nebuloso, do qual gotejava um orvalho de breu. Ouvíamos também o estalo de chicotes e o lamento de muita gente.

30. Ταῖς μὲν οὖν ἄλλαις οὐ προσέσχομεν, ἧς δὲ ἐπέβημεν, τοιάδε ἦν· κύκλωι μὲν πᾶσα κρημνώδης καὶ ἀπόξυρος, πέτραις καὶ τράχωσι κατεσκληκυῖα, δένδρον δ' οὐδὲν οὐδὲ ὕδωρ ἐνῆν· ἀνερπύσαντες δὲ ὅμως κατὰ τοὺς κρημνοὺς προσήειμεν διὰ τινος ἀκανθώδους καὶ σκολόπων μεστῆς ἀτραποῦ, πολλὴν ἀμορφίαν τῆς χώρας ἐχούσης. Ἐλθόντες δὲ ἐπὶ τὴν εἰρκτὴν καὶ τὸ κολαστήριον, πρῶτα μὲν τὴν φύσιν τοῦ τόπου ἐθαυμάζομεν· τὸ μὲν γὰρ ἔδαφος αὐτὸ μαχαίραις καὶ σκόλοπι πάντη ἐξηνθήκει, κύκλωι δὲ ποταμοὶ περιέρρεον, ὁ μὲν βορβόρου, ὁ δὲ δεύτερος αἵματος, ὁ δὲ ἔνδον πυρός, πάνυ μέγας οὔτος καὶ ἀπέρατος, καὶ ἔρρει ὥσπερ ὕδωρ καὶ ἐκυματοῦτο ὥσπερ θάλαττα, καὶ ἰχθῦς δὲ εἶχεν πολλούς, τοὺς μὲν δαλοῖς προσεικίότας, τοὺς δὲ μικροὺς ἄνθραξι πεπυρωμένοις· ἐκάλουν δὲ αὐτοὺς λυχνίσκους.

30. Não aportamos nas outras, mas aquela em que desembarcamos assim era: tinha toda a sua volta escarpada e abrupta, ressequida, com rochas e seixos, sem árvore ou água. Escalando precipícios, avançamos por uma senda cheia de espinhos e espetos: a região era muito feia. Mal chegados à prisão e ao local dos suplícios, assombramo-nos com a natureza do lugar: em todo o solo afloram facas e espetos, e rios correm em derredor, um, de lama, um, segundo, de sangue, e, um, interno, de fogo; este, muito grande e intransponível, corre como a água, agita-se como o mar e tem muitos peixes, uns, semelhantes a tições, outros, pequenos, a carvões ardentes, a que eles chamam “candeiazinhas”.

31. Εἴσοδος δὲ μία στενὴ διὰ πάντων ἦν, καὶ πυλωρὸς ἐφειστήκει Τίμων ὁ Ἀθηναῖος. Παρελθόντες δὲ ὄμως τοῦ Ναυπλίου καθηγουμένου ἐωρῶμεν κολαζομένους πολλοὺς μὲν βασιλέας, πολλοὺς δὲ καὶ ιδιώτας, ὧν ἐνίους καὶ ἐγνωρίζομεν· εἶδομεν δὲ καὶ τὸν Κινύραν καπνῶι ὑποτυφόμενον ἐκ τῶν αἰδοίων ἀπηρητημένον. Προσετίθεσαν δὲ οἱ περιηγηταὶ καὶ τοὺς ἐκάστων βίους καὶ τὰς ἀμαρτίας ἐφ' αἷς κολάζονται· καὶ μεγίστας ἀπασῶν τιμωρίας ὑπέμενον οἱ ψευδάμενοί τι παρὰ τὸν βίον καὶ οἱ μὴ τὰ ἀληθῆ συγγεγραφότες, ἐν οἷς καὶ Κτησίας ὁ Κνίδιος ἦν καὶ Ἡρόδοτος καὶ ἄλλοι πολλοί. Τούτους οὖν ὁρῶν ἐγὼ χρηστὰς εἶχον εἰς τοῦπιόν τὰς ἐλπίδας· οὐδὲν γὰρ ἐμαυτῶι ψεῦδος εἰπόντι συνηπιστάμην.

31. No meio disso tudo havia, estreita, uma só entrada, de que se encarregava Tímon de Atenas como porteiro⁹⁵. Entretanto, avançamos guiados por Náuplio e vimos o suplício de muitos reis e muitas pessoas, das quais reconhecemos algumas. Também vimos Cíniras, pendurado pelas partes, a arder sobre a fumaça. Os guias contavam a vida de cada um deles e os crimes pelos quais eram punidos: as maiores de todas as penas eram infligidas aos que alguma vez durante a vida mentiram, assim como aos que não escreveram a verdade, entre os quais, Ctésias de Cnido, Heródoto e muitos outros. Tendo-os visto, tive a boa esperança quanto ao futuro, ciente de que eu nunca contara mentira.

⁹⁵ Tímon de Atenas é um personagem histórico, coetâneo da Guerra do Peloponeso, sendo conhecido por sua proverbial misantropia. Por isso, virou figura histriônica, sobretudo na Comédia Nova. Luciano lhe dedica um diálogo, *Tímon ou o Misanthropo*, muito admirado no Renascimento. Contudo, a obra mais notória sobre a mesma personagem, *The Life of Tymon of Athens*, de Shakespeare, toma por referência um texto de Plutarco. Em NV, a galhofa é evidente: põe-se aquele que é o mais avesso ao convívio com os homens para recepcionar os piores dentre eles. Tímon está condenado a tomar conta dos condenados.

32. Ταχέως δ' οὖν ἀναστρέψας ἐπὶ τὴν ναῦν - οὐδὲ γὰρ ἠδυνάμην φέρειν τὴν ὄψιν - ἀσπασάμενος τὸν Ναύπλιον ἀπέπλευσα. Καὶ μετ' ὀλίγον ἐφαίνετο πλησίον ἢ τῶν ὀνείρων νῆσος, ἀμυδρὰ καὶ ἀσαφῆς ἰδεῖν· ἔπασχε δὲ καὶ αὐτὴ τι τοῖς ὀνείροις παραπλήσιον· ὑπεχώρει γὰρ προσιόντων ἡμῶν καὶ ὑπέφευγε καὶ πορρωτέρω ὑπέβαινε. Καταλαβόντες δὲ ποτε αὐτὴν καὶ εἰσπλεύσαντες εἰς τὸν Ὑπνον λιμένα προσαγορευόμενον πλησίον τῶν πυλῶν τῶν ἐλεφαντίνων, ἧτι τὸ τοῦ Ἀλεκτρυόνος ἱερόν ἐστιν, περὶ δεῖλιν ὄψιαν ἀπεβαίνομεν· παρελθόντες δὲ ἐς τὴν πόλιν πολλοὺς ὀνείρους καὶ ποικίλους ἐωρῶμεν. Πρῶτον δὲ βούλομαι περὶ τῆς πόλεως εἰπεῖν, ἐπεὶ μηδὲ ἄλλωι τινὶ γέγραπται περὶ αὐτῆς, ὅς δὲ καὶ μόνος ἐπεμνήσθη Ὅμηρος, οὐ πάνυ ἀκριβῶς συνέγραψεν.

32. Retornei rapidamente à nave – pois não podia suportar tal visão –, despedi-me de Náuplio e zarpei. Pouco depois, apareceu, próxima, a Ilha dos Sonhos, que se mostrou sombria e embaraçada. Tinha ela também algo de semelhante aos sonhos, pois recuava quando nos aproximávamos, esquivava-se e, mais longe, ressurgia. Tendo-a depois alcançado, entramos no porto chamado “Sono”, perto das portas de marfim, onde está o santuário do Galo e desembarcamos à noitinha. Percorrendo a cidade, víamos muitos e multifários sonhos. Mas, quero primeiramente falar sobre a cidade, pois nenhum outro a assinalou, e mesmo Homero, o único a memorá-la, tampouco escreveu sobre ela com cabal exatidão.

33. Κύκλωι μὲν περὶ πᾶσαν αὐτὴν ὕλη ἀνέστηκεν, τὰ δένδρα δὲ ἐστὶ μήκωνες ὑψηλαὶ καὶ μανδραγόραι καὶ ἐπ' αὐτῶν πολὺ τι πλῆθος νυκτερίδων· τοῦτο γὰρ μόνον ἐν τῇ νήσῳ γίνεται ὄρνεον. Ποταμὸς δὲ παραρρέει πλησίον ὁ ὑπ' αὐτῶν καλούμενος Νυκτιπόρος, καὶ πηγαὶ δύο παρὰ τὰς πύλας· ὀνόματα καὶ ταύταις, τῇ μὲν Νήγγρετος, τῇ δὲ Παννουχία. Ὁ περίβολος δὲ τῆς πόλεως ὑψηλὸς τε καὶ ποικίλος, ἴριδι τὴν χροάν ὁμοιότατος· πύλαι μέντοι ἔπεισιν οὐ δύο, καθάπερ Ὅμηρος εἴρηκεν, ἀλλὰ τέσσαρες, δύο μὲν πρὸς τὸ τῆς Βλακείας πεδῖον ἀποβλέπουσαι, ἡ μὲν σιδηρᾶ, ἡ δὲ κεράμου πεποιημένη, καθ' ἧς ἐλέγοντο ἀποδημεῖν αὐτῶν οἱ τε φοβεροὶ καὶ φονικοὶ καὶ ἀπηνεῖς, δύο δὲ πρὸς τὸν λιμένα καὶ τὴν θάλατταν, ἡ μὲν κερατίνη, ἡ δὲ καθ' ἣν ἡμεῖς παρήλθομεν ἐλεφαντίνη. Εἰσιόντι δὲ εἰς τὴν πόλιν ἐν δεξιᾷ μὲν ἐστὶ τὸ Νυκτῶιον - σέβουσι γὰρ θεῶν ταύτην μάλιστα καὶ τὸν Ἀλεκτρυόνα· ἐκείνῳ δὲ πλησίον τοῦ λιμένος τὸ ἱερὸν πεποιήται - ἐν ἀριστερᾷ δὲ τὰ τοῦ Ὑπνου βασιλεία. Οὗτος γὰρ δὴ ἄρχει παρ' αὐτοῖς σατράπας δύο καὶ ὑπάρχους πεποιημένους, Ταραξιώνά τε τὸν Ματαιογένους καὶ Πλουτοκλέα τὸν Φαντασίωνος. Ἐν μέσῃ δὲ τῇ ἀγορᾷ πηγή τις ἐστίν, ἣν καλοῦσι Καρεῶτιν· καὶ πλησίον ναοὶ δύο, Ἀπάτης καὶ Ἀληθείας· ἔνθα καὶ τὸ ἄδυτόν ἐστιν αὐτοῖς καὶ τὸ μαντεῖον, οὗ προεστήκει προφητεύων Ἀντιφῶν ὁ τῶν ὀνείρων ὑποκριτής, ταύτης παρὰ τοῦ Ὑπνου λαχὼν τῆς τιμῆς.

33. Ergue-se em toda a sua volta uma floresta, cujas árvores são papoulas altas e mandrágoras, e sobre elas vive uma plethora de morcegos, a única ave da ilha. O rio que corre por perto é chamado “Noctâmbulo” por eles e junto às portas há duas fontes, que têm nomes: “Dorminhoca” e “Vara-a-noite”. A muralha da cidade é elevada e versicolor, de cor muito semelhante ao arco-íris. Porém, suas portas não são duas, como afirmou Homero, mas quatro: duas mirando a planície da Indolência, uma delas feita de ferro, a outra, de argila – dizia-se que por elas partem em viagem os sonhos, assustadores, sangrentos, desumanos –; e duas, para o porto e o mar, uma delas de chifre, a outra, pela qual entramos, de marfim. Penetrando-se na cidade, à direita está o Noctuário – pois a Noite é a divindade venerabilíssima, como também o Galo, cujo santuário ergue-se perto do porto –, e, à esquerda, o palácio do Sono. É este, para eles, que governa com dois sátrapas, ou hiparcas, por ele nomeados: Turbador, filho de Frivoliano, e Tilintador, filho de Fantasiano. No meio da ágora há uma fonte a que chamam de “Soporífera” e, perto, dois templos, o da Falsidade e o da Verdade. Ali eles guardam o sacrário e o oráculo, à frente do qual está, como profeta, Antifonte, o intérprete de sonhos que obteve essa honraria do Sono.

34. Αὐτῶν μέντοι τῶν ὀνείρων οὔτε φύσις οὔτε ἰδέα ἢ αὐτή, ἀλλ' οἱ μὲν μακροὶ ἦσαν καὶ καλοὶ καὶ εὐειδεῖς, οἱ δὲ μικροὶ καὶ ἄμορφοι, καὶ οἱ μὲν χρύσειοι, ὡς ἐδόκουν, οἱ δὲ ταπεινοὶ τε καὶ εὐτελεῖς. Ἦσαν δ' ἐν αὐτοῖς καὶ πτερωτοὶ τινες καὶ τερατώδεις, καὶ ἄλλοι καθάπερ ἐς πομπὴν διεσκευασμένοι, οἱ μὲν ἐς βασιλέας, οἱ δὲ ἐς θεοὺς, οἱ δὲ εἰς ἄλλα τοιαῦτα κεκοσμημένοι. Πολλοὺς δὲ αὐτῶν καὶ ἐγνωρίσαμεν, πάλαι παρ' ἡμῖν ἐωρακότες, οἱ δὴ καὶ προσήεσαν καὶ ἠσπάζοντο ὡς ἂν καὶ συνήθεις ὑπάρχοντες, καὶ παραλαβόντες ἡμᾶς καὶ κατακοιμίσαντες πάνυ λαμπρῶς καὶ δεξιῶς ἐξένιζον, τὴν τε ἄλλην ὑποδοχὴν μεγαλοπρεπῆ παρασκευάσαντες καὶ ὑπισχνόμενοι βασιλέας τε ποιήσειν καὶ σατράπας. Ἐνιοὶ δὲ καὶ ἀπῆγον ἡμᾶς εἰς τὰς πατρίδας καὶ τοὺς οἰκείους ἐπεδείκνυον καὶ αὐθημερὸν ἐπανῆγον.

34. Quanto aos sonhos, nem a natureza, nem a forma deles eram a mesma, pois uns eram grandes, belos e formosos, outros, pequenos e feios; uns eram, como parecia, de ouro, outros, baratos e vis. Alguns eram alados e monstruosos, outros, como que paramentados para um cortejo: uns ornados como reis, outros como deuses, outros, ainda, como esses. Reconhecemos muitos deles por já os termos visto antes entre nós; eles se aproximaram para nos saudar como se fôssemos velhos camaradas, levaram-nos e nos fizeram dormir, hospedando-nos mui esplêndida e cortesmente, oferecendo-nos magnífica recepção e prometendo fazer de nós reis e sátrapas. Uns deles, aliás, nos levaram às nossas pátrias, mostraram-nos os de nossa casa e nos trouxeram de volta no mesmo dia.

35. Ἡμέρας μὲν οὖν τριάκοντα καὶ ἴσας νύκτας παρ' αὐτοῖς ἐμείναμεν καθεύδοντες εὐωχούμενοι. Ἐπειτα δὲ ἄφνω βροντῆς μεγάλης καταρραγείσης ἀνεγρόμενοι καὶ ἀναθορόντες ἀνήχθημεν ἐπισιτισάμενοι. Τριταῖοι δ' ἐκεῖθεν τῆι Ὠγυγίαι νήσωι προσσχόντες ἀπεβαίνομεν. Πρότερον δ' ἐγὼ λύσας τὴν ἐπιστολὴν ἀνεγίνωσκον τὰ γεγραμμένα. Ἦν δὲ τοιάδε· Ὀδυσσεὺς Καλυψοῖ χαίρειν. Ἴσθι με, ὡς τὰ πρῶτα ἐξέπλευσα παρὰ σοῦ τὴν σχεδίαν κατασκευασάμενος, ναυαγίαι χρησάμενον μόλις ὑπὸ Λευκοθέας διασωθῆναι εἰς τὴν τῶν Φαιάκων χώραν, ὑφ' ὧν ἐς τὴν οἰκείαν ἀποπεμφθεὶς κατέλαβον πολλοὺς τῆς γυναικὸς μνηστῆρας ἐν τοῖς ἡμετέροις τρυφῶντας· ἀποκτείνας δὲ ἅπαντας ὑπὸ Τηλεγόνου ὕστερον τοῦ ἐκ Κίρκης μοι γενομένου ἀνηιρέθην, καὶ νῦν εἶμι ἐν τῆι Μακάρων νήσωι πάνυ μετανοῶν ἐπὶ τῶι καταλιπεῖν τὴν παρὰ σοὶ δίαιταν καὶ τὴν ὑπὸ σοῦ προτεινομένην ἀθανασίαν. Ἦν οὖν καιροῦ λάβωμαι, ἀποδράς ἀφίξομαι πρὸς σέ. Ταῦτα μὲν ἐδήλου ἢ ἐπιστολή, καὶ περὶ ἡμῶν, ὅπως ξενισθῶμεν.

35. Por trinta dias e outras tantas noites ficamos por lá a dormir, regalando-nos. Mas eis que, repentino, um estrondoso trovão estalou; sobressaltados, despertamos e, tendo reunido provisões, zarpamos. Três dias depois chegamos à ilha de Ogígia e desembarcamos. Eu logo abri a carta, li o escrito, e era: “Odisseu saúda Calipso. Saiba que tão logo daí parti numa balsa que eu fabricara, naufraguei e fui, por Leucótea, salvo por pouco e levado ao país dos Feácios, que me enviaram para casa, onde encontrei muitos pretendentes de minha mulher que dilapidavam o que era meu. Tendo a todos matado, fui mais tarde morto por Telégono, o filho que eu tivera com Circe. Agora estou na ilha dos Bem-aventurados, lamentando ter deixado a vida junto a você, assim como a imortalidade que você me ofereceu. Assim que surgir a oportunidade, fujo para ficar com você”. Eis o que declarava a carta e, no que nos concerne, que fôssemos recebidos com hospitalidade.

36. Ἐγὼ δὲ προελθὼν ὀλίγον ἀπὸ τῆς θαλάττης εὔρον τὸ σπήλαιον τοιοῦτον οἶον Ὅμηρος εἶπεν, καὶ αὐτὴν ταλασιουργοῦσαν. Ὡς δὲ τὴν ἐπιστολὴν ἔλαβεν καὶ ἐπελέξατο, πρῶτα μὲν ἐπὶ πολὺ ἐδάκρυεν, ἔπειτα δὲ παρεκάλει ἡμᾶς ἐπὶ ξένια καὶ εἰστία λαμπρῶς καὶ περὶ τοῦ Ὀδυσσέως ἐπυνθάνετο καὶ περὶ τῆς Πηνελόπης, ὅποια τε εἶη τὴν ὄψιν καὶ εἰ σωφρονοίη, καθάπερ Ὀδυσσεὺς πάλαι περὶ αὐτῆς ἐκόμπαζεν· καὶ ἡμεῖς τοιαῦτα ἀπεκρινάμεθα, ἐξ ὧν εἰκάζομεν εὐφρανεῖσθαι αὐτήν. Τότε μὲν οὖν ἀπελθόντες ἐπὶ ναῦν πλησίον ἐπὶ τῆς ἠϊόνος ἐκοιμήθημεν.

36. Afastando-me um pouco do mar, encontrei a caverna cantada por Homero, bem com Calipso a fiar lã. Ela pegou a carta, leu-a e começou a chorar copiosamente, depois nos ofereceu hospitalidade com um esplêndido banquete, e nos perguntou por Odisseu e Penélope: que viso era o dela e se era prudente, como Odisseu outrora a gabara. Respondemos com o que supúnhamos fosse alegrá-la. Regressamos então para perto da nave e dormimos na praia.

37. Ἐωθεν δὲ ἀνηγόμεθα σφοδρότερον κατιόντος τοῦ πνεύματος· καὶ δὴ χειμασθέντες ἡμέρας δύο τῆι τρίτῃ περιπίπτομεν τοῖς Κολοκυνθοπειραταῖς. Ἄνθρωποι δὲ εἰσιν οὗτοι ἄγριοι ἐκ τῶν πλησίον νήσων ληιστεύοντες τοὺς παραπλέοντας. Τὰ πλοῖα δὲ ἔχουσι μεγάλα κολοκύνθινα τὸ μήκος πήχεων ἐξήκοντα· ἐπειδὴν γὰρ ξηράνωσι τὴν κολόκυνθαν, κοιλάναντες αὐτήν καὶ ἐξελόντες τὴν ἐντεριώνην ἐμπλέουσιν, ἰστοῖς μὲν χρώμενοι καλαμίνοις, ἀντὶ δὲ τῆς ὀθόνης τῷ φύλλῳ τῆς κολοκύνθης. Προσβαλόντες οὖν ἡμῖν ἀπὸ δύο πληρωμάτων ἐμάχοντο καὶ πολλοὺς κατετραυμάτιζον βάλλοντες τῷ σπέρματι τῶν κολοκυνθῶν. Ἀγγωμάλως δὲ ἐπὶ πολὺ ναυμαχοῦντες περὶ μεσημβρίαν εἶδομεν κατόπιν τῶν Κολοκυνθοπειρατῶν προσπλέοντας τοὺς Καρυονάτας. Πολέμιοι δὲ ἦσαν ἀλλήλοις, ὡς ἔδειξαν· ἐπεὶ γὰρ κάκεῖνοι ἦισθοντο αὐτοὺς ἐπιόντας, ἡμῶν μὲν ὀλιγόρησαν, τραπόμενοι δὲ ἐπ' ἐκείνους ἐναυμάχουν.

37. No levantar do dia, enquanto um vento forte descia, levantamos ferros. Fustigados por dois dias de tempestade, no terceiro topamos com os Abóboras-piratas, homens selvagens, que, das ilhas próximas, assaltam os que por lá navegam⁹⁶. Têm eles grandes embarcações de abóboras com sessenta côvados⁹⁷ de comprimento; secando a abóbora, escavam-na, removem-lhe o miolo e com ela navegam com o emprego de mastros de junco e, à guisa de vela, de folha de abóbora. Avançando sobre nós com duas tripulações, atacaram-nos e a muitos feriram com os disparos de sementes de abóboras⁹⁸. Equilibrada, essa naumaquia se prolongou até que, por volta do meio-dia, vimos a navegar, por trás dos Abóboras-piratas, os Nozes-nautas. Eram uns dos outros inimigos,

⁹⁶ Eis a quinta batalha, sendo a segunda naumaquia e a primeira por incursão de piratas, referidos ainda nos dois parágrafos seguintes. Consta, aliás, que a pirataria surge como ofício glorioso, aventurosamente ligada tanto ao desenvolvimento da navegação, quanto à expansão das cidades, requerentes cada mais vez de recursos para seu aprovisionamento. Tucídides escreve que os gregos em Troia, premidos pela carência de suprimentos, se dedicam a cultivar terras do Quersoneso e à pirataria (*Hist. da Guerra do Peloponeso*, I, 11). Sob esse aspecto, já Odisseu porta-se como pirata quando, em seu périplo de regresso, investe selvagememente contra Ísmaro, saqueando-lhe a cidade e massacrando os Cícones, cujos tesouros e mulheres, espoliados, são divididos igualmente entre todos os marujos itacenses (Homero, *Od.*, IX, 40-42). Também filósofos há que têm a pirataria em boa conta. Aristóteles, na esteira de Platão (*Leis*, VIII, 823b), a considera um *modus vivendi* tão natural quanto o pastoreio, a agricultura, a pesca e a caça (*Política*, I, 1256b). O mesmo Tucídides julga Minos de Creta o primeiro soberano a intentar desembaraçar o mar dos piratas (*Hist. da Guerra do Peloponeso*, I, 9), tarefa exigida para o controle das rotas marítimas, com o que eles passaram a ser combatidos como rapinas do mar, ameaçadoras do bom funcionamento do comércio. Diferentemente da guerra, regrada por tratados internacionais e por interesse público, a pirataria atua tirando proveito da clandestinidade, ainda que por vezes institucionalize-se como esquadra mercenária, seja para controlar regiões, seja a serviço de um Estado para assediar eventuais inimigos. As duas práticas se assemelham, entretanto, não só pela violência que exercem, como também pela fortuna que geram, quer através da pilhagem, quer através de prisioneiros, ora resgatados mediante pagamento, ora negociados em grandes mercados de escravos, como o de Delos (ESTRABÃO, *Geografia*, XIV, 5, 2). Uma abordagem rápida a surpreender incautos marujos, como a aqui referida, constitui uma das táticas levadas a cabo por piratas, conhecidos também por manter informantes junto aos portos, ou vigias, em atalaias insulares, à espreita de ricas embarcações que passem ao largo, de sorte a interceptarem-nas com suas próprias naves. A eficácia destas depende, com efeito, de serem mais velozes, manejáveis, e não imediatamente reconhecíveis por seus propósitos predatórios (ARNAUD, Pascal. *L'Antiquité classique et la piraterie*. In: BUTI, Gilbert; HRODEJ, Philippe (dir. geral). *Histoire des pirates et des corsaires. De l'Antiquité à nos jours*. Paris: CNRS, 2016, p. 57.) A notória contrafação associada à arte da pirataria – os piratas, sendo mestres do disfarce, costumam passar por comerciantes e suas embarcações, por naves pesqueiras –, ganha inflexão fantástica no relato de Luciano, onde a ligeireza requerida das embarcações piratas opera sob novo disfarce, ainda mais leve, o da camuflagem fitomórfica: os cascos delas, por transposição cômica, viram cascas de plantas, abóbora ou noz (II, 38), metaforização extensiva às mais partes náuticas que as compõem.

⁹⁷ 26 m.

⁹⁸ Apoiadas em alguns manuscritos de NV, mas não em outros, edições como a de Harmon ou Grimal, aditam a locução *ἀντι λίθων*, ausente da de Bompaire, com o que o passo assim ficaria: “Avançando sobre nós com duas tripulações, atacaram-nos e a muitos feriram com os disparos, em vez de pedras, de sementes de abóboras”. Note-se que, além de pedras, balas de chumbo e serpentes venenosas integravam o arsenal náutico usado como projéteis.

como ficou demonstrado, pois, quando sentiram a aproximação destes, nos negligenciaram, voltando-se contra eles em outra naumaquia.

38. Ἡμεῖς δὲ ἐν τοσούτῳ ἐπάραντες τὴν ὀθόνην ἐφεύγομεν ἀπολιπόντες αὐτοὺς μαχομένους, καὶ δῆλοι ἦσαν κρατήσοντες οἱ Καρυοναῦται ἅτε καὶ πλείους - πέντε γὰρ εἶχον πληρώματα - καὶ ἀπὸ ἰσχυροτέρων νεῶν μαχόμενοι· τὰ γὰρ πλοῖα ἦν αὐτοῖς κελύφανα καρύων ἡμίτομα, κεκενωμένα, μέγεθος δὲ ἐκάστου ἡμιτομίου εἰς μῆκος ὀργυιαὶ πεντεκαίδεκα. Ἐπεὶ δὲ ἀπεκρύψαμεν αὐτούς, ἰώμεθα τοὺς τραυματίας, καὶ τὸ λοιπὸν ἐν τοῖς ὅπλοις ὡς ἐπίπαν ἦμεν, ἀεὶ τινὰς ἐπιβουλάς προσδεχόμενοι· οὐ μάτην.

38. Enquanto isso, desfraldamos a vela e fugimos, deixando-os a lutar; era evidente que os Nozes-nautas venceriam por serem mais numerosos – tinham cinco tripulações – e combaterem com naves mais robustas: suas embarcações eram cascas de nozes bipartidas, esvaziadas, tendo cada metade umas quinze braças de comprimento⁹⁹. Quando os perdemos de vista, tratamos os feridos; doravante portaríamos armas, sempre na expectativa de uma cilada. Não em vão.

⁹⁹ 26 m. Isso quer dizer que as embarcações dos Nozes-nautas equivalem, em termos de tamanho, as dos Abóboras-piratas. A ironia do narrador está em variar a unidade de medida para obter o mesmo resultado, o qual, corresponde verossimilmente ao comprimento de uma nave pirata antiga. Cf. *infra* o texto *Medidas e desmedidas*.

39. Οὕτω γοῦν ἐδεδύκει ὁ ἥλιος, καὶ ἀπὸ τινος ἐρήμου νήσου προσήλαυνον ἡμῖν ὅσον εἴκοσι ἄνδρες ἐπὶ δελφίνων μεγάλων ὀχούμενοι, ληισταὶ καὶ οὗτοι· καὶ οἱ δελφῖνες αὐτοὺς ἔφερον ἀσφαλῶς, καὶ ἀναπηδῶντες ἐχρεμέτιζον ὥσπερ ἵπποι. Ἐπεὶ δὲ πλησίον ἦσαν, διαστάντες οἱ μὲν ἔνθεν, οἱ δὲ ἔνθεν ἔβαλλον ἡμᾶς σηπῖαις ξηραῖς καὶ ὀφθαλμοῖς καρκίνων. Τοξευόντων δὲ ἡμῶν καὶ ἀκοντιζόντων οὐκέτι ὑπέμενον, ἀλλὰ τρωθέντες οἱ πολλοὶ αὐτῶν πρὸς τὴν νῆσον κατέφυγον.

39. Mal posto o sol, eis que, de uma ilha erma, avançaram contra nós, montados em grandes golfinhos, vinte homens, também eles corsários¹⁰⁰. Os golfinhos os levavam, firmes, saltando e relinchando como cavalos. Já próximos, eles se separaram, uns de um lado, outros de outro, e atiravam em nós sépias secas e olhos de caranguejos. Como disparássemos com arcos e dardos, eles não resistiram e, com muitos feridos, fugiram para a ilha.

¹⁰⁰ Evocam-se os piratas-golfinhos assimilados a uma narrativa de Dioniso, difundida por iconografia vascular e parietal, atestada também em um Hino Homérico (*h. Hom. 7: a Dioniso*), o qual canta o rapto do deus e sua ulterior vingança contra os piratas tirrenos: vendo Baco como um adolescente de manto púrpura sobre um promontório e julgando tratar-se de um príncipe, eles decidem sequestrá-lo com o fito de obter recompensa. Durante a expedição, entretanto, sobrevêm acontecimentos prodigiosos por encantamento do mesmo Baco, que não apenas modifica a forma da barca corsária, como também transforma os piratas – com medo, eles se lançam ao mar – em golfinhos. De bandoleiros das costas a benfeitores dos mares, esses piratas-golfinhos são doravante encarregados, como diz Luciano em *Diálogos dos Deuses Marinhos*, 5 (8), de resgatar marujos e banhistas náufragos, de que o citado Áríon de Lesbos exemplifica (cf. nota *supra* NV, II, 15). Daí a inversão: os corsários-golfinhos que a partir do mito báquico devem zelar pela vida dos navegantes, são os mesmos que aqui se põem a soçobrá-los. Luciano também alude, ao menos em parte, a uma conhecida técnica de abordagem segundo a qual as naus agressoras se separam, delineando círculos ao redor da nave alvo, de modo a bloquear a rota, o que lhes permite, posicionando-se perpendicularmente e junto a ela, utilizarem o comprimento do flanco como posto de tiro (ARNAUD, Pascal. *L'Antiquité classique et la piraterie*, op. cit. p. 62). Heliodoro descreve tal investida corsária, mas não o lançamento de projéteis que habitualmente decorre disso (*Etiópicas*, V, 24, 4). Já Luciano, aludindo aos piratas de arqueria, ressalta outro aspecto: com as naves-golfinhos, repropõe a imagem dos corsários como mestres da camuflagem, cujo aspecto mais visível são suas barcas, feitas para parecerem ser diferentes: ligeiras como as embarcações pesqueiras, as dos piratas costumam se apresentar como navios de pesca. Contudo, a transformação dos animais de pesca nas próprias naves convém a uma encenação cômica, porquanto rebaixa os golfinhos, montaria divina de Posídon, a bestiais cavalgadas de salteadores, no que se alude também a uma prática condenada nos poemas ditos *didáticos*: Opiano opina que a captura de golfinhos, considerados os reis do mar, é abominável (*Haliêutica*, V, 417).

40. Περὶ δὲ τὸ μεσονύκτιον γαλήνης οὔσης ἐλάθομεν προσοκείλαντες ἀλκυόνος καλιᾶι παμμεγέθει· σταδίων γοῦν ἦν αὕτη ἐξήκοντα τὸ περίμετρον. Ἐπέπλεεν δὲ ἡ ἀλκυὼν τὰ ὠιά θάλπουσα οὐ πολὺ μείων τῆς καλιᾶς. Καὶ δὴ ἀναπταμένη μικροῦ μὲν κατέδυσε τὴν ναῦν τῶι ἀνέμῳ τῶν πτερῶν. Ὁλιχτο δ' οὖν φεύγουσα γοεράν τινα φωνὴν προΐεμένη. Ἐπιβάντες δὲ ἡμεῖς ἡμέρας ἤδη ὑποφαινούσης ἐθεώμεθα τὴν καλιᾶν σχεδίαι μεγάλῃ προσεοικυῖαν ἐκ δένδρων μεγάλων συμπεφορημένην· ἐπὶ δὲ καὶ ὠιά πεντακόσια, ἕκαστον αὐτῶν Χίου πίθου περιπληθέστερον. Ἦδη μέντοι καὶ οἱ νεοττοὶ ἔνδοθεν ἐφαίνοντο καὶ ἔκρωζον. Πελέκεσιν γοῦν διακόψαντες ἐν τῶν ὠιῶν νεοττὸν ἄπτερον ἐξεκολάψαμεν εἴκοσι γυπῶν ἀδρότερον.

40. Caía a meia-noite e, com a calma, encalhamos, sem termos notado, em um ninho gigante de alcíone que tinha uns sessenta estádios de perímetro¹⁰¹. A alcíone, que não era muito menor do que o ninho, navegava com ele, chocando seus ovos. Ao alçar voo, ela quase afundou a nave com o vento de suas asas; partiu entoando um canto triste. Com o raiar do dia, desembarcamos e vimos o ninho, semelhante a uma grande balsa feita de grandes árvores reunidas; nele havia quinhentos ovos, cada qual mais volumoso que um vaso¹⁰² de Quios. Os filhotes se manifestavam dentro deles, piando. Quebramos a machadadas um ovo, do qual extraímos um filhote sem penas, mais robusto do que vinte abutres.

¹⁰¹ Cerca de 11 km.

¹⁰² Trata-se, não de um tonel que, aliás, os gregos ignoravam e que os romanos teriam tomado de empréstimo aos gauleses, mas, sim, de um grande vaso ovalado de terracota usado para armazenar, entre outras provisões, vinho, azeite, cereais; no caso, continha o vinho de Quios, antes referido pelo narrador (I, 7), muito apreciado pelos Antigos. O termo aqui empregado, *píthos*, designa também o artefato presenteado pelos deuses por ocasião das núpcias de Pandora. Fontes gregas dizem mesmo que Zeus enviou esse *píthos* ao marido dela, Epimeteu. Assim, a notória “caixa de Pandora” nunca foi para os gregos antigos uma caixa, nem um recipiente portátil, e menos ainda um objeto pertencente à própria Pandora. (Sobre a questão, ver o estudo de Dora e Erwin PANOFSKY. *A caixa de Pandora. As transformações de um símbolo mítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009). Além de males e mantimentos, um *píthos* chegou a abrigar o filósofo cínico Diógenes, que fez dele morada. (Cf. DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, VI, 23; LUCIANO. *Como se deve escrever a História*, 3 e 63).

41. Ἐπει δὲ πλείοντες ἀπείχομεν τῆς καλιᾶς ὅσον σταδίους διακοσίους, τέρατα ἡμῖν μεγάλα καὶ θαυμαστά ἐπεσήμανεν· ὃ τε γὰρ ἐν τῇ πρύμνῃ χηνίσκος ἄφνω ἐπετεύξατο καὶ ἀνεβόησεν, καὶ ὁ κυβερνήτης ὁ Σκίνθαρος φαλακρὸς ἤδη ὦν ἀνεκόμησεν, καὶ τὸ πάντων δὴ παραδοξότατον, ὁ γὰρ ἰστός τῆς νεῶς ἐξεβλάστησεν καὶ κλάδους ἀνέφυσεν καὶ ἐπὶ τῷ ἄκρῳ ἐκαρποφόρησεν, ὁ δὲ καρπὸς ἦν σῦκα καὶ σταφυλὴ μέλαινα, οὕτω πέπειρος. Ταῦτα ἰδόντες ὡς εἰκὸς ἐταράχθημεν καὶ ηὐχόμεθα τοῖς θεοῖς διὰ τὸ ἀλλόκοτον τοῦ φαντάσματος.

41. Quando navegávamos, e já distantes do ninho uns duzentos estádios¹⁰³, surgiram-nos grandes e admiráveis portentos: o gansinho da popa¹⁰⁴ bateu asas de repente e gritou; o calvo piloto Cíntaro ficou cabeludo e, ainda, de tudo o mais extraordinário, o mastro da nave germinou, soltando ramagens e frutificandonas pontas. Os frutos eram figos e uvas pretas, ainda não maduras. Vendo isso como verossímil, ficamos turbados e oramos aos deuses face à monstruosa aparição.

¹⁰³ Pouco mais de 35 km.

¹⁰⁴ Alusão ao formato curvo da popa, usualmente ornamentada com o desenho da cabeça e pescoço de um ganso. Recolhem-se, em *Epítome de Tito Lívio*, os prodígios anunciados por diversas regiões; um deles refere o rebrotar de um louro na popa de uma embarcação na Macedônia (*Periochae*, XXXII).

42. Οὐπω δὲ πεντακοσίους σταδίους διελθόντες εἶδομεν ὕλην μεγίστην καὶ λάσιον πιτύων καὶ κυπαρίττων. Καὶ ἡμεῖς μὲν εἰκάσαμεν ἠπειρον εἶναι· τὸ δ' ἦν πέλαγος ἄβυσσον ἄρριζοις δένδροις καταπεφυτευμένον· εἰστήκει δὲ τὰ δένδρα ὅμως ἀκίνητα, ὀρθὰ καθάπερ ἐπιπλέοντα. Πλησιάσαντες δ' οὖν καὶ τὸ πᾶν κατανοήσαντες ἐν ἀπόρῳ εἰχόμεθα τί χρῆ δρᾶν· οὔτε γὰρ διὰ τῶν δένδρων πλεῖν δυνατὸν ἦν – πυκνὰ γὰρ καὶ προσεχῆ ὑπῆρχεν – οὔτε ἀναστρέφειν ἐδόκει ράϊδιον· ἐγὼ δὲ ἀνελθὼν ἐπὶ τὸ μέγιστον δένδρον ἐπεσκόπουν τὰ ἐπέκεινα ὅπως ἔχοι, καὶ ἐώρων ἐπὶ σταδίους μὲν πενήκοντα ἢ ὀλίγωι πλείους τὴν ὕλην οὔσαν, ἔπειτα δὲ αὐθις ἕτερον ὠκεανὸν ἐκδεχόμενον. Καὶ δὴ ἐδόκει ἡμῖν ἀναθεμένους τὴν ναῦν ἐπὶ τὴν κόμην τῶν δένδρων – πυκνὴ δὲ ἦν – ὑπερβιβάσαι, εἰ δυναίμεθα, εἰς τὴν θάλατταν τὴν ἐτέραν· καὶ οὕτως ἐποιοῦμεν. Ἐκδήσαντες γὰρ αὐτὴν κάλωι μεγάλωι καὶ ἀνελθόντες ἐπὶ τὰ δένδρα μόλις ἀνιμησάμεθα, καὶ θέντες ἐπὶ τῶν κλάδων, πετάσαντες τὰ ἰστία καθάπερ ἐν θαλάττῃ ἐπλέομεν τοῦ ἀνέμου προωθοῦντος ἐπισυρόμενοι· ἔνθα δὴ καὶ τὸ Ἀντιμάχου τοῦ ποιητοῦ ἔπος ἐπεισιῆλθέ με – φησὶν γάρ που κάκεϊνος·

Τοῖσιν δ' ὑλήεντα διὰ πλόον ἐρχομένοισιν.

42. Percorridos quase quinhentos estádios¹⁰⁵, vimos uma floresta grandíssima e espessa de pinheiros e ciprestes. Imaginávamos uma terra firme, mas era um mar abissal, completamente tomado por árvores sem raízes, que ficavam em pé, imóveis, direitas, como se flutuassem. Já próximos, compreendemos tudo: estávamos em apuros por não sabermos o que fazer; nem era possível navegar entre as árvores – eram espessas e contíguas – nem fácil decidir-se por retornar. Subi então na árvore mais alta a observar o que havia adiante e vi que a floresta se estendia por cinquenta estádios ou um pouco mais, seguindo-se, de novo, um outro oceano. Decidimos içar a nave para a copa das árvores – que eram espessas – e, se pudéssemos, transpô-la ao outro mar, o que fizemos. Com um grande cabo a amarramos, subimos nas árvores, erguêmo-la com dificuldade, colocamo-la sobre as ramagens e desfraldamos as velas como se no mar navegássemos propelidos por um vento arrastante. Ocorreu-me então o verso em algum lugar recitado pelo poeta Antímaco:

“Prosseguiam por uma nemorosa navegação” .

¹⁰⁵ Aproximadamente 89 km.

43. Βιασάμενοι δὲ ὅμως τὴν ὕλην ἀφικόμεθα ἐς τὸ ὕδωρ, καὶ πάλιν ὁμοίως καθέντες τὴν ναῦν ἐπλέομεν διὰ καθαροῦ καὶ διαυγοῦς ὕδατος, ἄχρι δὴ ἐπέστημεν χάσματι μεγάλῳ ἐκ τοῦ ὕδατος διεστῶτος γεγενημένῳ, καθάπερ ἐν τῇ γῆι πολλάκις ὀρῶμεν ὑπὸ σεισμῶν γεγόμενα διαχωρίσματα. Ἡ μὲν οὖν ναῦς καθελόντων ἡμῶν τὰ ἱστία οὐ¹⁰⁶ ῥαιδίως ἔστη παρ' ὀλίγον ἐλθοῦσα κατενεχθῆναι. Ὑπερκύψαντες δὲ ἡμεῖς ἐωρῶμεν βάθος ὅσον σταδίων χιλίων μάλα φοβερόν καὶ παράδοξον· εἰστήκει γὰρ τὸ ὕδωρ ὥσπερ μεμερισμένον· περιβλέποντες δὲ ὀρῶμεν κατὰ δεξιὰ οὐ πάνυ πόρρωθεν γέφυραν ἐπεξευγμένην ὕδατος συνάπτοντος τὰ πελάγη κατὰ τὴν ἐπιφάνειαν, ἐκ τῆς ἐτέρας θαλάττης εἰς τὴν ἐτέραν διαρρέοντος. Προσελάσαντες οὖν ταῖς κώπαις κατ' ἐκεῖνο παρεδράμομεν καὶ μετὰ πολλῆς ἀγωνίας ἐπεράσαμεν οὔποτε προσδοκῆσαντες.

¹⁰⁶ Conserva-se o termo “οὐ”, presente em algumas edições, mas ausente da de Bompaire.

43. Vencida a floresta, atingimos a água; com os mesmos meios, tornamos a baixar a nave e singramos por águas puras e translúcidas até nos depararmos com a voragem gerada da bipartição da água, grande como as falhas geradas de terremotos que amiúde vemos na terra. A nave se deteve com dificuldade apesar do arriamento das velas e por pouco não despencou. Inclinando-nos, vimos embaixo um abismo de uns cem estádios¹⁰⁷, terrível e extraordinário, pois a água, como dividida, erguia-se a pique. Olhando à volta, vimos à direita, não muito distante, uma ponte na junção das águas, unindo os pélagos¹⁰⁸ pela superfície e correndo de um mar ao outro. Impelidos por remos, corremos ao longo dela e, após muito esforço, fizemos, contra qualquer expectativa, a travessia.

¹⁰⁷ Cerca de 177 km.

¹⁰⁸ Tomando “pélago” (πελάγη) como sinônimo de “mar” (θαλάττης), aludido logo em seguida, os tradutores costumam verter os dois termos pelo segundo, apagando a especificidade do primeiro, que o passo ressalta na imagem da divisão radical das águas ao modo bíblico: “pélago” designa o mar profundo ou o abismo oceânico, pelo que a descrição maravilhosa joga com o contraste entre a verticalidade abissal dos dois blocos pelágicos e a horizontalidade da ponte de água que os ligam pela superfície.

44. Ἐντεῦθεν ἡμᾶς ὑπεδέχετο πέλαγος προσηνὲς καὶ νῆσος οὐ μεγάλη, εὐπρόσιτος, συνοικουμένη· ἐνέμοντο δὲ αὐτὴν ἄνθρωποι ἄγριοι, Βουκέφαλοι, κέρατα ἔχοντες, οἷον παρ' ἡμῖν τὸν Μινώταυρον ἀναπλάττουσιν. Αποβάντες δὲ προήειμεν ὑδρευσόμενοι καὶ σιτία ληψόμενοι, εἴ ποθεν δυνηθείημεν· οὐκέτι γὰρ εἶχομεν. Καὶ ὕδωρ μὲν αὐτοῦ πλησίον εὔρομεν, ἄλλο δὲ οὐδὲν ἐφαίνετο, πλὴν μυκηθμὸς πολὺς οὐ πόρρωθεν ἠκούετο. δόξαντες οὖν ἀγέλην εἶναι βοῶν, κατ' ὀλίγον προχωροῦντες ἐπέστημεν τοῖς ἀνθρώποις. οἱ δὲ ἰδόντες ἡμᾶς ἐδίωκον, καὶ τρεῖς μὲν τῶν ἐταίρων λαμβάνουσιν, οἱ δὲ λοιποὶ πρὸς τὴν θάλατταν καταφεύγομεν. Εἶτα μέντοι πάντες ὀπλισάμενοι - οὐ γὰρ ἐδόκει ἡμῖν ἀτιμωρήτους περιδεῖν τοὺς φίλους - ἐμπίπτομεν τοῖς Βουκεφάλαις τὰ κρέα τῶν ἀνηρημένων διαιρουμένοις· φοβήσαντες δὲ πάντας διώκομεν, καὶ κτείνομέν γε ὅσον πενήκοντα καὶ ζῶντας αὐτῶν δύο λαμβάνομεν, καὶ αὖθις ὀπίσω ἀναστρέφομεν τοὺς αἰχμαλώτους ἔχοντες. Σιτίον μέντοι οὐδὲν εὔρομεν. Οἱ μὲν οὖν ἄλλοι παρήνουν ἀποσφάττειν τοὺς εἰλημμένους, ἐγὼ δὲ οὐκ ἐδοκίμαζον, ἀλλὰ δήσας ἐφύλαττον αὐτούς, ἄχρι δὴ ἀφίκοντο παρὰ τῶν Βουκεφάλων πρέσβεις ἀπαιτοῦντες ἐπὶ λύτροις τοὺς συνειλημμένους· συνίεμεν γὰρ αὐτῶν διανευόντων καὶ γοερὸν τι μυκωμένων ὥσπερ ἰκετευόντων. Τὰ λύτρα δὲ ἦν τυροὶ πολλοὶ καὶ ἰχθύες ξηροὶ καὶ κρόμμυα καὶ ἔλαφοι τέτταρες, τρεῖς ἐκάστη πόδας ἔχουσα, δύο μὲν τοὺς ὀπισθεν, οἱ δὲ πρόσω ἐς ἓνα συμπεφύκεσαν. Ἐπὶ τούτοις ἀποδόντες τοὺς συνειλημμένους καὶ μίαν ἡμέραν ἐπιμείναντες ἀνήχθημεν.

44. Fomos acolhidos ali por um mar calmo e uma não grande ilha de fácil acesso; habitada, ocupavam-na homens selvagens com chifres, os Cabeças-bois, como o Minotauro figurado entre nós. Tendo desembarcado, saímos em busca de água e à cata de comida, se em algum lugar houvesse, pois nada mais tínhamos. Encontramos água por perto, mas nada mais aparecia, senão muito mugido, que se ouvia a alguma distância. Persuadidos de que se tratava de um rebanho de bois, avançamos algum tanto, topando com aqueles homens; tendo-nos visto, eles nos perseguiram e prenderam três dos nossos companheiros, enquanto os restantes fugiram para o mar. Mais tarde, porém, estando todos armados – decididos a não deixar sem vingança os nossos amigos –, atacamos os Cabeças-bois, que partilhavam a carne dos vitimados. Pondo-os todos em debandada, perseguimo-los; matamos uns cinquenta, capturamos dois deles vivos e regressamos com os prisioneiros. Comida, entretanto, não encontramos. Alguns exortaram que se matasse os prisioneiros, mas eu não concordei com isso. Depois de amarrá-los, montei guarda até a chegada dos embaixadores dos Cabeças-bois a reivindicar, mediante pagamento de resgate, os capturados; a eles entendemos por seus acenos de cabeça e alguns mugidos tristes, como os de suplicantes. O resgate consistia em muitos queijos, peixes secos, cebolas e quatro veados, cada qual com três patas, duas atrás, e, à frente, as unidas numa só¹⁰⁹. Nessas condições, restituímos os prisioneiros; permanecemos por um só dia e zarpamos.

¹⁰⁹ O pagamento de resgate constitui uma atividade rentável na Antiguidade, e a cotação, por mais oscilante que fosse, considerava o estatuto do prisioneiro, o que gerou situações cômicas. Plutarco conta que o montante exigido pelos piratas cilícios com vistas a soltarem Júlio César chegava a 20 talentos, valor que fez o próprio César soltar gargalhadas, julgando-os, no mínimo, simplórios. Como ignorassem quem era ele, prometeu dar-lhes, então, uma quantia à altura de sua grandeza: 50 talentos (PLUTARCO. *Vida de César*, 2). Não menos zombeteiros que o ditador romano de Plutarco são os filósofos gregos que Luciano põe em cena num conhecido diálogo (*Vidas em Leilão*), em que são vendidos como escravos, tendo Hermes como leiloeiro e Zeus como supervisor do pregão. A precificação das vidas dos filósofos é o pano de fundo para a apreciação cômica de suas doutrinas, caricaturadas em cada uma das cenas de proclamas: vende-se Sócrates/Platão por 2 talentos (ou quase 65.000 óbolos), como também Pitágoras por 10 minas (ou 6.000 óbolos); já Diógenes, o cínico, é arrematado por 2 óbolos, enquanto Demócrito e Heráclito sequer encontram compradores.

No tocante aos Cabeças-bois, note-se que eles resgatam os seus reféns mediante pagamento feito, não em moeda, senão em escambo, o que soa coerente com a condição deles de homens selvagens, além de ocasião para evocar os prodígios de ordem animal. Esses Cabeças-bois (*βουκέφαλος*) apresentam, além disso, traços do Minotauro cretense, aos quais agregam características dos Cabeças-cães, também chamados de *Cinocéfalos*, que várias fontes antigas discutem e representam em imagens. Do Minotauro, os Cabeças-bois retêm tanto a aparência, quanto o canibalismo; dos Cinocéfalos, muito mais: eles se lhes assemelham enquanto uma etnia zoomórfica, desprovida de fala humana, que vive da caça (CTÉSIAS. *Indica*, 37- 40), mora em terra distante e pratica o escambo. No relato de Luciano, entretanto, o escambo é uma merce de resgate que inclui cervídeos de valor excepcional, pois os quadrúpedes com três patas eram vistos como prodígios, manifestações dos deuses, que, intervêm no nascimento dos animais a engendrar monstros de toda sorte. Narrativas gregas e latinas descrevem teratologias, sendo Tito Lívio

45. Ἦδη δὲ ἰχθύες τε ἡμῖν ἐφαίνοντο καὶ ὄρνεα παρεπέτετο καὶ ἄλλ' ὅποσα γῆς πλησίον οὔσης σημεῖα προφαίνεται. Μετ' ὀλίγον δὲ καὶ ἄνδρας εἶδομεν καινῶι τωι τρόπωι ναυτιλίας χρωμένους· αὐτοὶ γὰρ καὶ ναῦται καὶ νῆες ἦσαν. Λέξω δὲ τοῦ πλοῦ τὸν τρόπον· ὕπτιοι κείμενοι ἐπὶ τοῦ ὕδατος ὀρθώσαντες τὰ αἰδοῖα - μεγάλα δὲ φέρουσιν - ἐξ αὐτῶν ὀθόνην πετάσαντες καὶ ταῖς χερσὶν τοὺς ποδεῶνας κατέχοντες ἐμπίπτοντος τοῦ ἀνέμου ἔπλεον. Ἄλλοι δὲ μετὰ τούτους ἐπὶ φελλῶν καθήμενοι ζεύξαντες δύο δελφίνας ἤλαυνόν τε καὶ ἠνιόχουν· οἱ δὲ προϊόντες ἐπεσύροντο τοὺς φελλούς. Οὗτοι ἡμᾶς οὔτε ἠδίκουν οὔτε ἔφευγον, ἀλλ' ἤλαυνον ἀδεῶς τε καὶ εἰρηνικῶς τὸ εἶδος τοῦ ἡμετέρου πλοίου θαυμάζοντες καὶ πάντοθεν περισκοποῦντες.

um dos historiadores a contar a aparição, não de veados, mas de um mulo com três patas (*Hist. de Roma desde sua fundação*. XL, 45), de outro mulo com cinco patas, além de animais policéfalos (cf. CUNY-LE CALLET, Blandine. *Rome et ses monstres. Naissance d'un concept philosophique et rhétorique*. Grenoble: Jérôme Millon, 2005, p. 252 -257).

45. Logo apareceram os peixes, esvoaçaram as aves, assim como outros sinais a indiciar uma terra próxima. Pouco depois vimos homens praticando um modo de navegar insólito, pois eram e navegantes e naus. Direi como eles navegavam: deitam-se de costas na água, erguem seus membros – são grandes –, nestes desfraldam a vela e, tendo as bolinas nas mãos, navegam impelidos pelo vento¹¹⁰. Outros vinham, a seguir, sentados em cortiças, às quais estavam atrelados dois golfinhos, que, conduzidos por rédeas, avançavam, arrastando-as. Eles nem nos afrontaram nem fugiram, pois apenas passavam, confiantes e pacíficos, admirando a forma de nossa nave, à qual observavam por todos os lados.

¹¹⁰ Homens-barcos já figuram na Mesopotâmia, mostrados em selos cilíndricos acádios, como no que aparece o deus sol *Šamaš* (*Shamash*) em embarcação conduzida por um remador, que é também a proa da mesma: figura barbada de longas madeixas, cuja cintura se prolonga na forma da barca, sendo esta, assim, antropomorfizada no rosto, mas animalizada na popa e encimada por cabeça viperina com língua bífida aparente. Coroado com a sagrada tiara cornuta, o referido remador é tido por uma personificação da barca de um deus, identificado por vezes com Sirsir, celebrado em viagens e procissões (BLACK, Jeremy; GREEN, Anthony. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia: An Illustrated Dictionary*. Londres: British Museum Press, 2004, p. 45. E também DUMAS-REUNGOAT, Christine. *Créatures composites de Mésopotamie et de Grèce: classification et comparaison*. Schedae, prépublication n°2, fascicule n°1, p. 16, 2009). Enquanto na iconografia acádia o homem aparece misturado com a barca, como prótomo animado, em NV eles se convertem nas próprias barcas, no que a verticalidade do busto dá lugar a eritilidade do pênis, e com as costas se faz o casco. Mas, longe das venerandas águas do deus-barco mesopotâmico, os falos-naves luciânicos bordejam o domínio do obsceno, documentado desde a Comédia Antiga, de modo que a conversão de falos túrgidos em mastros, por analogia e amplificação da forma, constitui uma das metáforas náuticas associadas a diversos movimentos corporais que insinuam a excitação erótica ou mesmo a prática do coito (HENDERSON, Jeffrey. *The Maculate Muse: Obscene Language in Attic Comedy*. Oxford: University Press, 1991, p. 48-49). Quanto ao manejar os instrumentos, o remo e as âncoras, mais do que o mastro, são associados à genitália masculina.

46. Ἐσπέρας δὲ ἤδη προσήχθημεν νήσωι οὐ μεγάλης· κατωικεῖτο δὲ ὑπὸ γυναικῶν, ὡς ἐνομίζομεν, Ἑλλάδα φωνὴν προΐεμένων· προσήρισαν γὰρ καὶ ἐδεξιοῦντο καὶ ἡσπάζοντο, πάνυ ἐταιρικῶς κεκοσμημένοι καὶ καλάι πᾶσαι καὶ νεάνιδες, ποδήρεις τοὺς χιτῶνας ἐπισυρόμεναι. Ἡ μὲν οὖν νῆσος ἐκαλεῖτο Κοβαλοῦσα, ἡ δὲ πόλις αὐτὴ Ὑδαμαργία. Λαχοῦσαι δ' οὖν ἡμᾶς αἱ γυναῖκες ἐκάστη πρὸς ἑαυτὴν ἀπήγεν καὶ ξένον ἐποιεῖτο. Ἐγὼ δὲ μικρὸν ἀποστάς – οὐ γὰρ χρηστὰ ἐμαντευόμην — ἀκριβέστερόν τε περιβλέπων ὀρῶ πολλῶν ἀνθρώπων ὅστ᾽ αἰ κρανία κείμενα. Καὶ τὸ μὲν βοὴν ἰστάναι καὶ τοὺς ἐταίρους συγκαλεῖν καὶ ἐς τὰ ὄπλα χωρεῖν οὐκ ἐδοκίμαζον. Ἐπροχειρισάμενος δὲ τὴν μαλάχην πολλὰ νηρόμην αὐτῇ διαφυγεῖν ἐκ τῶν παρόντων. Κακῶν μετ' ὀλίγον δὲ τῆς ξένης διακονουμένης εἶδον τὰ σκέλη οὐ γυναικός, ἀλλ' ὄνου ὀπλάς· καὶ δὴ σπασάμενος τὸ ξίφος συλλαμβάνω τε αὐτὴν καὶ δῆσας περὶ τῶν ὄλων ἀνέκρινον. Ἡ δέ, ἄκουσα μὲν, εἶπεν δὲ ὅμως, αὐτὰς μὲν εἶναι θαλαττίους γυναῖκας Ὀνοσκελέας προσαγορευομένας, τροφήν δὲ ποιεῖσθαι τοὺς ἐπιδημοῦντας ξένους. Ἐπειδὴν γάρ, ἔφη, μεθύσωμεν αὐτούς, συνευνηθεῖσαι κοιμωμένοις ἐπιχειροῦμεν. Ἀκούσας δὲ ταῦτα ἐκείνην μὲν αὐτοῦ κατέλιπον δεδεμένην, αὐτὸς δὲ ἀνελθὼν ἐπὶ τὸ τέγος ἐβόων τε καὶ τοὺς ἐταίρους συνεκάλουν. Ἐπεὶ δὲ συνῆλθον, τὰ πάντα ἐμήνυον αὐτοῖς καὶ τὰ γε ὅστ᾽ ἐδείκνυον καὶ ἦγον ἔσω πρὸς τὴν δεδεμένην· ἡ δὲ αὐτίκα ὕδωρ ἐγένετο καὶ ἀφανὴς ἦν. Ὅμως δὲ τὸ ξίφος εἰς τὸ ὕδωρ καθῆκα πειρώμενος· τὸ δὲ αἷμα ἐγένετο.

46. Anoitecendo, chegamos a uma não grande ilha, habitada por mulheres que, como acreditávamos, falavam a língua grega. Elas se aproximaram, saudaram-nos e nos beijaram; enfeitadíssimas como cortesãs, eram belas e jovens, arrastando todas elas túnicas talares. A ilha se chamava “Embusteira”¹¹¹ e a cidade, “Água-desregrada”. As mulheres sortearam-nos e levaram cada um de nós às suas casas, tratando-nos como hóspedes. Eu, porém, me afastei um tanto – pois não tinha bons pressentimentos – e, olhando em volta atentamente, vi, jacentes, muitas ossadas humanas e crânios. Cuidei em não dar gritos, chamar os companheiros ou pegar em armas e, tendo, malva à mão, muito orei para que esta nos livrasse dos males iminentes. Pouco depois, enquanto a anfitriã me servia, vi suas pernas: não eram de mulher, porque tinha cascos de asno. Sacando então da espada, agarrei-a, amarrei-a e interoguei-a acerca de tudo. A contragosto, ela disse que eram mulheres marinhas, chamadas “Pernas-asnos” e que se alimentavam dos estrangeiros de passagem. “Depois de embebedá-los, deitamo-nos com eles e os atacamos enquanto dormem”, ela confessou. Ouvindo isso, eu a deixei ali mesmo amarrada, subi ao telhado e convoquei aos brados os meus companheiros. Uma vez reunidos, revelei-lhes tudo, mostrei-lhes as ossadas e os levei para junto da prisioneira. Ela, subitamente, tornou-se água, ficando oculta. Mergulhei, entretanto, a espada na água para comprovar: a água se tornou sangue.

¹¹¹ A designação tanto da ilha, quanto da cidade das mulheres-asnos, são imprecisas nos códices, dando margem a interpretações diversas. Segue-se a sugestão de Ollier que, partindo da correção de Schwartz, propõe derivar *Κοβαλοῦσα* de *κόβαλος*, termo que significa trapaceiro, enganador.

47. Ταχέως οὖν ἐπὶ ναῦν κατελθόντες ἀπεπλεύσαμεν. Καὶ ἐπεὶ ἡμέρα ὑπηύγαζεν, ἤδη τὴν ἡπειρον ἀπεβλέπομεν εἰκάζομέν τε εἶναι τὴν ἀντιπέρας τῆι ὑφ' ἡμῶν οἰκουμένην κειμένην. Προσκυνήσαντες δ' οὖν καὶ προσευξάμενοι περὶ τῶν μελλόντων ἐσκοποῦμεν, καὶ τοῖς μὲν ἐδόκει ἐπιβᾶσιν μόνον αὐθις ὀπίσω ἀναστρέφειν, τοῖς δὲ τὸ μὲν πλοῖον αὐτοῦ καταλιπεῖν, ἀνελθόντας δὲ εἰς τὴν μεσόγαιαν πειραθῆναι τῶν ἐνοικούντων. Ἐν ὅσῳ δὲ ταῦτα ἐλογιζόμεθα, χειμῶν σφοδρὸς ἐπιπεσὼν καὶ προσαράξας τὸ σκάφος τῷ αἰγιαλῷ διέλυσεν. Ἡμεῖς δὲ μόλις ἐξενηξάμεθα τὰ ὅπλα ἕκαστος καὶ εἴ τι ἄλλο οἷός τε ἦν ἀρπασάμενοι. Ταῦτα μὲν οὖν τὰ μέχρι τῆς ἐτέρας γῆς συνενεχθέντα μοι ἐν τῇ θαλάττῃ καὶ παρὰ τὸν πλοῦν ἐν ταῖς νήσοις καὶ ἐν τῷ ἀέρι καὶ μετὰ ταῦτα ἐν τῷ κήτει καὶ ἐπεὶ ἐξήλθομεν, παρὰ τε τοῖς ἥρωσι καὶ τοῖς ὄνειροις καὶ τὰ τελευταῖα παρὰ τοῖς Βουκεφάλοις καὶ ταῖς Ὀνοσκελείαις, τὰ δὲ ἐπὶ τῆς γῆς ἐν ταῖς ἐξῆς βίβλοις διηγῆσομαι.

47. Regressamos rapidamente à nave e fizemo-nos ao mar. Com o romper do dia, avistamos o continente¹¹², que imaginamos fosse o que fica no lado oposto à terra por nós habitada. Tendo-nos prosternado e orado, examinamos o que estava por vir: uns opinavam por apenas pisarmos a terra e logo regressarmos, enquanto outros, por lá deixarmos a embarcação, explorarmos o território e conhecermos seus habitantes. Em meio à discussão, sobreveio uma violenta tempestade, que arrojou o barco à costa e o destroçou. Escapamos, com dificuldade, a nado levando cada de um de nós suas armas e tudo quanto conseguisse. Eis o que, precedendo a chegada à terra oposta, aconteceu-me no mar e nas ilhas durante a navegação, bem como no ar, depois na Besta Marinha e, quando desta saímos, também com os heróis, com os sonhos, enfim, com os Cabeças-bois e com as Pernas-asnos; quanto ao que me aconteceu nesta terra, vou contá-lo em livros vindouros.

¹¹² Cf. *supra*, II, 27.

Prosa paradoxal

O contraste mais evidente na articulação do discurso de Luciano se dá entre as narrações – construídas em torno da sucessão das errâncias do narrador-protagonista –, e o prêmio que as precede¹¹³, conciso e didático, o qual pode ser lido na chave de uma arte poético-retórica, uma vez que firma seus preceitos, autoridades emuladas, além de estabelecer o destinatário, modelado não à imagem da turba, inepta para apreciar camelos negros e homens bicolores¹¹⁴, mas de doutos que se comprazem com cavalos-abutres, homens-lamparinas e outros de análoga sideração.

Trata-se, pois¹¹⁵ de duas monstruosidades articuladas a dois discursos distintos; em *Prometeu em teus discursos*, as monstruosidades não são mais que símiles remissivos a um novo gênero discursivo, cuja paternidade Luciano reivindica, modelado pela mescla de comédia antiga e diálogo platônico, sobre o qual entretanto pairam dúvidas se se logra um conjunto belo, obtido pela proporção harmoniosa desses componentes heterogêneos, ou disparatado, qual o hipocentauro¹¹⁶. Quanto ao *Das Narrativas Verdadeiras*, ele não só figura variantes de hipocentauros¹¹⁷, mas, como fabulador de incongruências, é, ele mesmo, um hipocentauro, pela infestação teratológica que o marca de cabo a rabo.

Para um escritor conhecido por compor textos breves que por vezes começam *ex abrupto*, como o *Elogio da Mosca*, pode surpreender o longo prelúdio de NV, requerido também por ressaltar as dificuldades ou novidades do que vai ser contado. *Captatio benevolentiae*, portanto: “trago ideias inéditas, nunca iguais umas às outras”¹¹⁸, diz Aristófanes, arauto de uma comédia que propõe-se a superar a de seus rivais. Luciano repropõe essa tópica proemial¹¹⁹ pondo em relevo tanto a matéria do seu discurso, que,

¹¹³ NV, I, 1-4.

¹¹⁴ LUCIANO. *Àquele que disse: tu és um Prometeu em teus discursos*, 4.

¹¹⁵ Já Aristóteles, quando alude à competições musicais, distingue os espectadores entre homens livres e cultivados, da gente vulgar formada por artífices, serviçais e outros de mesma classe (*Política*, VIII, 1342 a 18).

¹¹⁶ LUCIANO. *Àquele que disse: tu és um Prometeu em teus discursos*, 5.

¹¹⁷ Como os Centauros-nuvens (I, 18) e o Centauro-éolo (I, 42).

¹¹⁸ ARISTÓFANES. *As Nuvens*, 544.

¹¹⁹ Sobre a tópica exordial, ver CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 129 -133. E, sobre o exórdio em geral, ver LAUSBERG, Heinrich. *Manual de retórica literaria: fundamentos de una ciencia de la literatura*. Madri: Gredos, 1966, tomo I, p. 240 - 260.

longe de ser trivial ou já trilhada encontra no estranho sua subjacência (*ξένον τῆς ὑποθέσεως*)¹²⁰, quanto o gênero em que ele se inscreve, o epidítico-paradoxal, no qual, operantes sentenças antitéticas, remata o *incipit*. Assim, *Das Narrativas Verdadeiras*:

Logo, dizendo que minto, direi ao menos uma verdade. Parece-me assim que eu absolvo a mim mesmo da acusação de outros confessando que não digo verdade alguma. Escrevo, por conseguinte, acerca do que não vi, não padeci, não soube por outros e, ainda, acerca do que de nenhum modo é e, por princípio, nem mesmo pode vir a ser. Ora, os que se depararem com isso não devem de modo algum dar-lhe fé.¹²¹

Antevendo eventuais imputações de terceiros por se valer de um *psêudos logos*, Luciano faz autoconfissão de mentiroso, com o que a um tempo arrevesa a posição assumida por narradores de fábulas – estes se põem a dissimular inverdades em seus relatos, ao passo que nos seus elas ficam às claras – e assume-se como Epimênides, aludido no oxímoro inicial. A remissão ao Cretense não é casual, porquanto o paradoxo do mentiroso, estampado já no título antifrástico da obra, instala-se nas malhas do discurso mediante traços de duplicidades que, articulados a procedimentos de amplificação, mistura e inversão, incidem em pelo menos três níveis; pois não se atém apenas ao das figuras com a veiculação de uma pletora de monstros, mas prolonga-se ao da narração enquanto paródia de relatos de viagens, e não menos ao da enunciação pela interposição de comentários reiterativos do maravilhoso que se vai contar. As marcas de duplicidade afetam, assim, a instância das personagens, delineadas ora como mistos mais exagerados quando cotejados com os de outros bestiários, ora como objetos simples que efetuam duplos¹²²; a relação com autores de périplos, tratando com burlas códigos épicos e historiográficos que associam expedições e batalhas à varões gloriosos e conquistadores; a pragmática dos enunciados pelos artifícios evidenciadores de prodígios. Com efeito, o mesmo discurso que faz acontecer duplicidades, é duplo no ato de evidenciá-las: *sei que parece incrível o que vou contar, mas, ainda assim, vou dizer*¹²³, declara o narrador em uma das fórmulas epidíticas, tingidas de ironia cética e

¹²⁰ NV, I, 2.

¹²¹ NV, I, 4.

¹²² Como o espelho no episódio da Lua.

¹²³ NV, I, 40.

indulgente, visante a atrair a atenção do leitor após ter apresentado uma sequência de eventos extraordinários e ao iniciar uma nova: quando anuncia que vai contar um conto maravilhoso, Luciano já produz o maravilhoso, pois, às avessas dos retores que preceituam ocultar a técnica empregada para que o relato pareça natural, ele não apaga o artifício nesse ato. O leitor se depara com duas narrações: aquilo que é efetivamente narrado, e a narração do narrar. Tem-se assim a figuração de um evento extraordinário que varia a cada episódio e, simultaneamente, a evidenciação do preceito aplicado no figurar o extraordinário, o qual também varia elocutivamente, mas sempre aparece na forma de comentários irônicos que põem a nu o *modus operandi* do discurso. Modernamente, o preceito ficou conhecido como metalinguístico.

Das Narrativas Verdadeiras encena, *grosso modo*, o paradoxo do mentiroso à maneira de um conto feácio homérico, entremeando-o com mais discursos de outros gêneros que fornecem material para inúmeras facécias, a começar pela transposição dos papéis, pois oferecem-se aqui os cretenses mentirosos do referido paradoxo como sendo antigas autoridades de relatos de viagens fabulosas, e o não menos cretense Epimênides, como sendo Luciano, também ele narrador de seus périplos. Como o paradoxo se presta à comédia¹²⁴, Luciano faz comédia com o paradoxo, podendo este ser lido de modo silogístico¹²⁵, pois ele afirma que poetas, filósofos e historiadores, quando escrevem

¹²⁴ Alexandre Koyré, em seu excelente estudo sobre o paradoxo do mentiroso e análogos, se pergunta como “sofismas que não perturbaram por um instante sequer um discípulo de Aristóteles ou um estudante da Faculdade de Artes da Universidade de Paris puderam ser levados a sério por figuras eminentes como Russell, Frege, etc?”. O mesmo Koyré discute, ademais, as causas que converteram uma “brincadeira grega”, qual a do paradoxo atribuído a Epimênides, em uma “antinomia moderna”. Cf. *Épiménide le menteur. Ensemble et catégorie*. Paris: Hermann, 1947, p. 24.

¹²⁵ Luciano nunca perde a oportunidade de caçoar dos arrazoados silogísticos e aporéticos, tomando-os por exercícios inúteis próprios de filósofos, sobretudo os estoicos (*Hermótimo*, 81), embora se saiba que eles remontam aos peripatéticos. Tirésias aconselha a Menipo a escarrar nos silogismos dos sábios, considerando tais coisas disparates (LUCIANO, *Menipo ou a Descida*, 21). Quanto a Crisipo, um dos expoentes do estoicismo, ele aparece como escravo apregoado em praça pública, a patentear, entre outros saberes, a excelência no silogismo. E é lançando mão desse arrazoado que ele logra enredar o interlocutor, o qual, encurralado por seu fraseado artiloso, se vê forçado a calar-se (LUCIANO, *Vidas em Leilão*, 22). No mesmo passo, Crisipo traz à baila o conhecido sofisma do crocodiliano raptor: se um crocodilo raptar um menino, que andava com seu pai pelas margens de um rio, prometendo o restituir à condição que o progenitor descubra a verdade decidida por ele quanto a devolver ou devorar a criança. O jogo paradoxal recai assim na figura do interlocutor-progenitor, variante da do cretense mentiroso ou da do Luciano fabulista, pois também ela acaba por ser enredada na articulação aporética do argumento, dado que a sua alegação sempre se volta contra si. Com efeito, caso o progenitor afirme que o crocodilo deseja comer a criança, como a afirmação é verdadeira, então o crocodilo a devora; e caso afirme, inversamente, que ele não deseja comer a criança, o crocodilo também a devora, uma vez que a afirmação é falsa. Ao cabo e ao fim, como o filho, o pai também é devorado, mas não pelo réptil, senão pelo dilema. O assim designado sofisma “crocodilites” (*κροκοδειλίτης*), circula entre os estoicos como um dos tipos de raciocínios insolúveis (DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos Filósofos*, VII, 82), mas também, por admitir variantes – o crocodilo raptor se converte em piratas sequestradores – e se prestar a diversos propósitos, é cultivado como exercício escolar que simula debates oratórios na chave das *στάσεις*, ou estados de causa (cf. DUARTE, Rui Miguel. *Crocodilites: retrato de um sofisma sem solução*. Brasil: *Classica*, v.

sobre prodígios (*τεράστια*) e fábulas (*μυθώδη*)¹²⁶, mentem; ora, como escritor de mesma lavra, reivindicando inclusive a licença no fabular (*μυθολογεῖν ἐλευθερία*)¹²⁷, também Luciano é mentiroso. Logo, sua afirmação é falsa, conseqüentemente, as autoridades que narram fábulas não são de modo algum mentirosas; daí se segue que Luciano ainda o é menos. Por conseguinte, ele não mente, mas diz a verdade, do que se deduz que os antigos fabulistas são mentirosos. E nisso se instala a circularidade das proposições com predicacões sempre reversíveis, que incidem umas nas outras. Essa circularidade do paradoxo é mimetizada em NV, animado por jogos com a reversibilidade dos argumentos que se desdobram no decorrer da narração em dois momentos.

De início, como se disse, Luciano toma por enganosas as declarações de narradores ou das personagens que asseveram a verdade de seus contos. É o que ocorre com a epopeia homérica; na contramão de Alcino, para quem as façanhas cantadas por Odisseu não se confundem com as de um “tecelão de falsidades” que inventa “mentiras de coisas”¹²⁸ que nunca alguém viu, Luciano as tem na conta de “bufonaria” (*βωμολοχία*)¹²⁹, rebaixando não só Odisseu a bobo de corte feácia, mas também a esta e a Alcino como simplórios¹³⁰.

A mesma artilharia se volta contra a historiografia, de que ressalta a de matriz ctesiana. Com efeito, ao término de sua obra dedicada à Índia, Ctésias esclarece que diz a verdade nas fábulas que havia contado, e que sua escritura é calcada no que ele mesmo viu e no que soube através dos indianos. Acrescenta, no epítome de Fócio, que deixou de lado narrativas ainda mais admiráveis a fim de não parecer, aos que não testemunham o narrado, ter escrito histórias incríveis¹³¹. Pegando-o no contrapé, Luciano ironiza o epílogo de Ctésias, cujos argumentos retém para refutá-los: nada do que o historiador

23.1/2, p. 20-41, 2010). Acrescente-se ainda que, no tocante à comédia, Pascal Thiery propõe que o enredo de não poucas peças aristofânicas trabalha com um fundamento silogístico, quase sempre absurdo, de sorte que o herói possa encenar, com base em técnicas cômicas de inversão e exagero, seu plano mirabolante. Em *Os Acarnenses*, por exemplo, Diceópolis, um velho camponês ático, afetado pela guerra do Peloponeso, define, às avessas do que delibera a Assembleia cidadina, uma estratégia particular de ação: Atenas não quer fazer a paz com Esparta. Então, Diceópolis se propõe a selar a paz com os espartanos por sua própria conta e risco, logo, sem a anuência dos atenienses e dos demagogos da cidade. Cf. THIERY, Pascal. *Aristophane et l'ancienne comédie*. Paris: PUF, 1999, p. 45- 50.

¹²⁶ NV, I, 2.

¹²⁷ NV, I, 4.

¹²⁸ HOMERO. *Odisseia*, XI, 362-3. Tradução de Frederico Lourenço.

¹²⁹ NV, I, 3.

¹³⁰ Idem, *ibidem*.

¹³¹ FÓCIO. *Biblioteca*, 72.

de Cnido relata tem fundamento em seu próprio testemunho ou no de indianos comprometidos com a verdade.¹³²

Dessa agonística não se extrai qualquer condenação de ordem moral relativa às figuras interpeladas, mas apenas os pressupostos de uma prosa paradoxal, desenhada com duas facetas complementares, já que anuncia de antemão uma coisa e enuncia em seguida outra oposta: lugar de passagem, que sobressai como o murmúrio cretense contrário a qualquer fechamento, explicitado até na promessa que epiloga a narrativa de que se vão contar mais aventuras em livros vindouros nunca, todavia, escritos.

É nessa chave que se apresenta o passo proemial supracitado, do qual se destacam as cinco afirmações disjuntivas (*não vi, não padeci* etc), articuladas com o mesmo advérbio “*μήτε*”, que só qualificam NV por aquilo que ele recusa ser. Alçados a pilares da narração, tais qualificativos serão solapados na sucessão das histórias, as quais os denegam um a um, enquanto simultaneamente estes a denegam como narração gerada dos preceitos de diégese que remontam a Platão¹³³. Eis aí o segundo momento de NV, que põem em confronto os preceitos proemiais com as aventuras de Luciano, as quais sendo, ademais, paródias de peripécias épicas e historiográficas põem igualmente em confronto sua narrativa com a dos autores que ela mimetiza: superposição que instaura a diferença entre elas derivada de uma técnica de produzir maravilhas, visante a tornar inverossímil o verossímil dos discursos imitados.

No mesmo lance, o narrador desmancha a própria convenção que finge seguir, ironizando o que diz fazer, mas, não faz, procedimento cômico, já presente em Aristófanes¹³⁴, com que o enunciador mantém distanciamento em relação ao que relata. Com efeito, Luciano antecipa tratar do que não viu, não sofreu, nem soube por terceiros, enquanto suas expedições, avançando na abertura das negações, versam inversamente sobre eventos aos quais ele assegura que viu, sofreu ou recolheu mediante testemunhos. Acrescenta, ademais, centrar seu escrito no que *não é* e no *que não pode vir a ser*, mas, do princípio ao fim, só se ocupa com a descrição de seres e devires, ilustrados pelas metamorfoses prodigiosas das figuras femininas do primeiro e do

¹³² NV, I, 3.

¹³³ *República*, 392a e sqq.

¹³⁴ Em *As Nuvens* (536 e sqq.), o comediógrafo enaltece sua peça como sábia por não haver nela nem zombaria dos calvos, nem personagem a surrar outra, nem tochas acesas no palco, nem ainda ator a urrar ‘ui, ui’. Argumenta, pois, que sua comédia valida-se nela mesma, pela força dos versos. Tais artifícios a priori condenados, entretanto, sobrevivem no decurso das cenas: a autoironia do autor vem reforçar a comicidade da representação, seja por denunciar o dispositivo cênico usado por outros poetas, não mais que apelação grosseria para produzir o ridículo, seja por surpreender o público, expectante de nada disso encontrar no espetáculo.

penúltimo episódio, determinação para um discurso que se deixa indeterminar pelo estranho, a dar guarida ao que não existe, que, no limite, se já não é o nada, pelo menos se confunde com o vazio que ele instala.

Admitindo-se, pois, que o ser desabe, todos os elementos que estruturam uma narração são arrastados para o mesmo limbo, personagens, ações, tempos, lugares, causas. Afinal, o *que de nenhum modo é* não pode ter existência alguma, logo, lugares e tempos, articulando-se a uma periplografia que os abone a esta serão relegados a efetuação de nenhuns e nadas: viagens inscritas em atopias (ilha de queijo, mar de leite, ilha de cortiça¹³⁵, rio de vinho¹³⁶) e acronias (temporada na Lua ou dentro de um animal marinho), o que leva à pergunta sobre se o naufrágio da embarcação luciânica no derradeiro episódio também não é o da própria narração, naufraga desde o início anunciada.

Em tese, se os princípios que ordenam NV fossem seguidos à risca, Luciano nada teria a dizer e, na esteira de Crátilo, deveria se calar. Mas, se Luciano insiste em dizer, o faz em nome do falso decalcado de um mundo às avessas, o dos *adynata* (impossíveis), que, modelares de inversões cômicas, fazem existir e falar coisas que por natureza não existem e não falam (mulheres-videiras, mortos na ilha dos Bem-aventurados etc.), ou que tornam habitáveis e cultiváveis lugares que por definição são inabitáveis e incultiváveis, como a Lua e o Sol. Já os *impossibilia* de Crátilo ocorrem em registro diverso: ele desiste de dizer – e é falado por Aristóteles – porque avalia que nenhuma verdade resiste face a um mundo sempre cambiante, o dos fluxos. Eis um seguidor intransigente de Heráclito, a quem censura por considerar que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, como, nem mesmo, sequer se pode fazê-lo uma única vez¹³⁷. Desse Crátilo, conclui-se não se dever dizer nada, bastando apontar-se às coisas¹³⁸.

O gesto derrisório de Luciano, como que a afundar o heraclitismo em águas gorgianas – Górgias, o fundador filostratiano da “paradoxologia”¹³⁹ –, não é decerto o de agitar o dedo à maneira de Crátilo, mas, sim, o do envergar a língua de Epimênides, poeticamente fabuladora de paradoxos a ponto de fazer do que não tem matéria discursiva, *álogon*, a matéria de seu discurso, *logos*: descortinando no visível possibilidades figurativas tocantes a uma figuração do não-ser, aberta e inclusiva porque

¹³⁵ NV, II, 3-4.

¹³⁶ Idem, I, 7.

¹³⁷ ARISTÓTELES. *Metafísica*, IV, 1010a 10-5.

¹³⁸ Idem, *ibidem*.

¹³⁹ FILÓSTRATO. *Vida dos Sofistas*, I, 9, 493.

liberta do peso ontológico com suas exigências de adequação, o par *logos-álogon* gera inadequações. Se o ser, como preconiza Aristóteles, se diz de muitos modos¹⁴⁰, o não-ser se diz, decerto, de muitos mais em suas infidáveis variações.

Coteje-se a definição platônica de narração (*διήγησις*)¹⁴¹ – exposição de acontecimentos que foram, que são, ou que serão, levados a cabo por poetas e fabulistas (*μυθολόγων*) –, ou a aristotélica¹⁴² – que a repropõe no sentido de distinguir a de poetas, que versam sobre eventos que poderiam ter sucedido, em relação à de historiadores, os quais só tratam dos que efetivamente se sucederam –, com a luciânica de NV. No contraste entre elas ressalta a de Luciano que faz tábua rasa do verossímil e, mesmo, das supostas verdades reivindicadas por esses regimes narrativos¹⁴³, propondo narrar acontecimentos que não aconteceram e que nunca poderiam ter acontecido. Se NV à primeira vista se anula enquanto narração é porque, programaticamente inverossímil, se faz entrever como narração de segundo grau, a um tempo antiépica, anti-historiográfica, antiontológica.

À luz das categorias narrativas estabelecidas por retores e filósofos gregos e latinos da época imperial, NV orbita em redor da fábula (*μῦθος/ fabula*) e do *plasma* (*πλάσμα/argumentum*) ou ainda “ficção”, como esse termo é frequentemente transladado. Repondo com variações Cícero, Quintiliano, entre outros, Sexto Empírico qualifica a fábula de exposição acerca de “acontecimentos que não ocorreram e falsos”¹⁴⁴, como as metamorfoses dos companheiros de Diomedes em pássaros marinhos, de Odisseu em cavalo, de Hécuba em cão; quanto ao *plasma*, também ele trata de “acontecimentos que não ocorreram”¹⁴⁵, mas são “semelhantes aos que

¹⁴⁰ ARISTÓTELES. *Metafísica*, IV, 2, 1003a 33.

¹⁴¹ *República*, III, 392d -398c.

¹⁴² *Poética*, 1451 b.

¹⁴³ Também Luciano, em um opúsculo dedicado aos preceitos da historiografia, reafirma, ironicamente ou não, que o único compromisso da história é com a verdade (*Como se deve escrever a história*, 39), entendida, em chave tucidiana, como exposição exata e adequada dos acontecimentos. Dessa feita, por mais desastrosas e insentadas que se apresentem as ações, devem tal e qual ser reveladas: em uma batalha naval, por exemplo, não é o historiador que afunda as embarcações (idem, 38), pelo que historiadores diferem de poetas, os quais podem tudo afundar, fabricar, omitir ou remediar a respeito de qualquer matéria.

¹⁴⁴ *Contra os Gramáticos*, 263-264.

¹⁴⁵ Idem, *ibidem*.

ocorreram”¹⁴⁶. Enquanto a fábula está associada aos gêneros altos, notadamente a epopeia e a tragédia, o *plasma* se associa aos baixos, peças cômicas e pantomimas¹⁴⁷.

Jogando comicadamente com a fábula, Luciano move sua narrativa: a comédia e a fábula se deformam mutuamente, mas também risivelmente, pois em nenhuma delas ele se fixa. O *plasma/argumentum*, como *ficta res*¹⁴⁸ ciceroniano, é matéria cômica ainda medida pela escala do verossímil, ao passo que NV lança-se na desmedida do inverossímil. Luciano estabelece uma relação de semelhança com modelos de fábulas e prodígios veiculados em epopeias, comédias, histórias, mas a estes faz operar com referência ao inverossímil e ao não-ser (*álogon*). Condenando autoridades que cultivam arrazoados paradoxais, tidos não mais do que vanidades elevadas a descobertas insólitas, Isócrates traz à baila seu antigo mestre, interrogando-se: “Como se pode superar Górgias que ousa declarar que nada do que é seja (*οὐδὲν τῶν ὄντων ἔστιν*)?”¹⁴⁹

Luciano não responde, mas relança a questão sob uma perspectiva diversa da que se supõe a gorgiana, pois enquanto Górgias compõe um tratado dedicado ao não-ser ou à natureza como refutação ao ser de Parmênides, Luciano aloja o *álogon* no cerne de seu livro de viagens, tornando-o tão fantástico a ponto de, por contraste, desmanchar comicadamente os prodígios que ornamentam as narrativas de Homero e seus imitadores.

Conquanto não haja aplicação das três teses gorgianas do não-ser em NV, este repercute a formulação cética delas¹⁵⁰ no interior de uma periplografia, como que a dizer através de suas lentes paradoxológicas que os episódios homéricos não ocorreram – daí o *logos-álogon* ancorando a viagem luciânica –, ou, se ocorreram, não foram da forma como estão relatados – por isso as inversões e exageros contínuos em NV –, ou, se ocorreram como relatados, têm significação diferente: isso se nota também nas etopeias encenadas no episódio da ilha dos Bem-aventurados que se riem das interpretações operadas por e sobre Homero. Com efeito, pela etopeia, afigura-se um Homero sofista ora a refutar, ora a referendar tópicos referentes à chamada *questão homérica*, debatida

¹⁴⁶ Idem, ibidem. Sexto Empírico não fornece exemplo algum para o *plasma*, ao passo que Cícero (*Da Invenção*, I, XIX, 27) quando trata do *argumentum* cita de passagem um passo cômico de Terêncio, em que Simão fala ao escravo liberto Sósia acerca de seu filho, “com efeito, depois que ele deixou a juventude, Sósia [...]” (*Andria*, 51).

¹⁴⁷ Idem, ibidem.

¹⁴⁸ CÍCERO. *Da Invenção*, I, XIX, 27.

¹⁴⁹ ISÓCRATES. *Elogio de Helena*, 3.

¹⁵⁰ Uma doxografia do referido tratado gorgiano figura em Sexto Empírico: “Em seu escrito, *Sobre o não-ser ou sobre a natureza*, ele [Górgias] coloca em questão três preceitos que se seguem: um, o primeiro, que nada é; o segundo, que mesmo se é, não pode ser apreendido pelo homem; o terceiro, que mesmo se pode ser apreendido, não pode, portanto, ser formulado e explicado a seu próximo”. *Contra os Matemáticos*, VII, 65. (Tradução de Paulo Pinheiro in: CASSIN, Barbara. *Efeito Sofístico*. São Paulo, Editora 34, 2005, p. 283.

desde gramáticos de Alexandria, que Luciano achincalha por sua afetação¹⁵¹. Quanto à etopeia de Odisseu, é por meio de uma carta de próprio punho que ele se revela uma alma pranteada por ter deixado Calipso e a imortalidade que ela lhe oferecera, pelo que se decide a voltar para os braços dela¹⁵². Com o motejo de Luciano, surge um Odisseu póstumo a fazer seu necrológio, a contar parte de sua vida, a pôr em dúvida o valor de suas façanhas.

Zombando da rapsódia homérica, da sofística gorgiana, da indagação isocrática, da cavilação epimenidiana, Luciano compõe uma prosa de paradoxos, operante com dois sentidos simultâneos: tem o não-ser por referência, como se disse, e, quando o narrador passa a apresentá-lo ele é, mas como não-ser, no que um sobre o outro se deslocam indefinidamente, e é essa fronteira que instala a narrativa, que se move segundo passagens pelos não-lugares que a recortam. Uma das passagens, a ponte de água¹⁵³, fornece na singularidade da ação a imagem eficaz de uma narração não menos escorregadia, pois efetuada de vertigem que joga com profundezas e alturas ao arpejo do platonismo. Se a embarcação, logrando atravessar essa ponte de água, que une, pela superfície, dois blocos de mares erguidos a prumo, não despenca no abismo oceânico, figura no micro o macro da narração, ela mesma abissal e fluída na superfície sem profundidade desse *logos-álogon*, onde tudo ocorre em torno do seu núcleo binário.

A inverossimilhança constitui a verossimilhança do discurso de Luciano, donde a proliferação de hipérboles como técnica de amplificação maravilhosa, encarecida em pulgas grandes como doze elefantes, aranhas maiores que as ilhas Cíclades, besta marinha de dimensão quase continental.

O excesso efetuado pelo espichamento descomunal dos bichos é, evidentemente, risível, o qual, nascendo do inesperado, rompe com a expectativa do leitor, o que significa que a comédia, como efetuação paródica, opera subvertendo os discursos que Luciano simula. Nessa chave, ele esclarece que cada uma de suas histórias “alude, não sem comédia, a alguns dos antigos poetas, historiadores e filósofos que também escreveram sobre muitos prodígios e fábulas”.¹⁵⁴

¹⁵¹ NV, II, 20.

¹⁵² Idem, II, 35.

¹⁵³ Idem, II, 43.

¹⁵⁴ Idem, I, 2.

Caracteres cômicos

A obra de Luciano acolhe uma galeria de tipos ou caracteres estabelecidos pela comédia grega¹⁵⁵. Mesmo em NV eles se destacam, embora o tratamento conferido a eles aqui destoa se comparados com outros discursos seus que se ocupam dos mesmos tipos. A diferença de tratamento se deve, decerto, ao gênero discursivo em que eles se inscrevem; com efeito, não poucos tipos veiculados em seus diálogos ditos “cômicos” aderem mais ou menos diretamente aos representados, por exemplo, em peças de Menandro, ao passo que em NV os mesmos quase sempre se transfiguram fantasticamente.

A título de exemplo têm-se as heteras ou cortesãs. Luciano lhes dedica um diálogo homônimo, em que retém da Comédia Média e da Nova inclusive o nome de conhecidas cortesãs, conquanto as pinte, como aos clientes delas, com traços mais carregados¹⁵⁶. Já em NV, elas são modelares para o primeiro e o penúltimo episódios, onde, despojadas tanto de nomes próprios quanto da civilidade grega, são relegadas à regiões finisterras, agrupadas em etnias prodigiosas, seja como mulheres-videiras¹⁵⁷, seja como mulheres-asininas¹⁵⁸; sortes de bacantes burlescas que fazem de marujos incautos suas vítimas. A duplicidade que recobre seus corpos transparece também nas atitudes: como cortesãs, são acolhedoras e charmosas; como monstros, embusteiras e devoradoras.

As heteras teratológicas de Luciano se oferecem em figuração lúdica a contrapelo do tom moralizante encampado por outros tipos de relatos, e não só cômicos, que imputam traços viciosos a elas, equiparando-as à bestas-feras. Com efeito, em uma encenação cômica de Anáxilas se enumeram cortesãs notórias, comparando-as, a partir de seus atributos e ardis, com portentos épicos¹⁵⁹.

¹⁵⁵ Cf. BOMPAIRE, Jacques. *Lucien écrivain: imitation et création*. Paris: E. de Boccard, 1958, p. 203-221.

¹⁵⁶ LEGRAND, Philippe-Ernest. Les dialogues des courtisanes comparés avec la comédie. *Revue des Études Grecques*, tom. 20, fasc. 88, p. 176-231, 1907.

¹⁵⁷ NV, I, 6-8.

¹⁵⁸ *Idem*, II, 46.

¹⁵⁹ “Dos humanos que já se enamoraram de uma hetera, qual deles poderia citar uma classe mais criminosa do que essa? Que criatura, pois, dragoa tosca, quimera cuspidora de fogo, Caríbdis, Cila tricéfala, a cadela marinha, Esfinge, Hidra, leoa, víbora ou Harpias aladas, teria conseguido alguma vez superar tão abominável classe? Não há. Elas excedem todas as calamidades. Podemos, observá-las, começando com Plangão, a que, como a quimera com o fogo, aos bárbaros aniquila. Mas um cavaleiro se apoderou de seus recursos: deixando a casa dela, ele leva consigo todo o mobiliário. E não é verdade que os homens que têm relações com Sinope lidam com uma hidra? Decerto, ela é velha, mas Gnatena brota do seu lado, de sorte que os que escapam da primeira tem dupla calamidade. E Nanio, em que parece distinguir-se de

Em registro diverso, mas como o mesmo sentido depreciativo, a historiografia exegética de Paléfato e do Pseudo-Heráclito, propositiva de explicações verossímeis para os inverossímeis épicos, trata prodígios e feiticeiras que devoram ou metamorfoseiam homens (Sereias, Circe, Cila)¹⁶⁰ como personificações da luxúria, sendo elas antes cortesãs ávidas pelas riquezas de navegantes que, consideradas personagens “históricas”, fornecem material dramático para relatos míticos catalogados em Homero¹⁶¹.

Sendo representações com que o autor configura convenientemente as maneiras de agir de suas personagens, os caracteres consignados em comédias operam nos de NV, que deleita pela galeria de tipos farsescos, formados por combatentes, piratas, filósofos, poetas, cortesãs. A comédia é entendida aqui não só pelo risível que efetua, mas pela desproporção que estabelece entre a elocução e a matéria considerada¹⁶²; regra de decoro (*prépon*) marcada pelo indecoro regente também no epidítico-paradoxal: fala-se de coisas pequenas com grandeza (*τὰ μικρὰ μεγάλως λέγειν*)¹⁶³, a exemplo do que faz Luciano em seu *Elogio da mosca*, mas também falar de coisas grandiosas com pequenez¹⁶⁴, uma vez que o preceito, pautando as antíteses, se move nas duas direções.

Cila? Acaso ela não estrangulou dois de seus companheiros e já anda à caça de um terceiro? Mas sua nave tocou a terra com um remo de confíera. Quanto à Frine, em algum lugar não distante, ela se faz de Caríbdis e, atracada ao capitão, devora-o com barco e tudo. E não é Teano uma sereia depilada? Cara e voz de mulher, mas pernas de gralha. Esfinge tebana poderiam chamar-se todas as putas, elas que não parolam nada às claras, senão lançam enigmas sobre como amam, beijam e se juntam prazerosamente. [...] Em suma, nem uma única fera poderia ser mais abominável do que uma hetera”. ANÁXILAS. *Neotís*, (fr. 22). Tradução adaptada da versão castelhana: *Fragmentos de la comedia media*. Introdução, tradução e notas de LLOPIS, Jordi S.; MONTAÑÉS GÓMEZ, Rubén J.; ASENSIO, Jordi P. Madri: Gredos, 2007, p. 284-286.

¹⁶⁰ PSEUDO-HERÁCLITO. *Das coisas incríveis*, XIV (Sereias); XVI (Circe). Paléfato, por sua vez, propõe, em seu compêndio (*Das coisas incríveis*, XX), interpretação distinta para Cila: este portento, dito “tirreno”, misto de mulher com serpentes e cabeças caninas, estaria vinculado as conhecidas trirremes tirrenas que vasculhavam a zona costeira da Sicília e do Golfo Jônico, tomando de assalto os barcos que por lá passavam. Segundo o mesmo Paléfato, uma dessas velozes naves estampava na proa justamente o nome “Cila”, da qual Odisseu consegue escapar valendo-se de uma ventania. No rastro de um modo poético de falar ou do deleite do vulgo por teratologias, converteu-se, palefatiano, uma nave pirata em monstro marítimo.

¹⁶¹ Sobre a questão, ver os comentários em BUFFIÈRE, Félix. *Les mythes d'Homère et la pensée grecque*. Paris: Belles Lettres, 1956, p. 228-237.

¹⁶² ARISTÓTELES. *Retórica*, III, 7, 1408a.

¹⁶³ DEMÉTRIO. *Sobre o Estilo*, 120. Essa técnica de produzir incongruências, prevista em elogios paradoxais, índice da potência incomum (*ὑπερβαλλούσης δυνάμεως*) de certos retores – no caso a de Polícrates referido em seguida pelo mesmo Demétrio –, é repudiada quando aplicada em narrativas históricas, como prescreve Políbio (*Histórias*, VII, 7, 6; II, 17, 6).

¹⁶⁴ Frontão esclarece, tratando de seu louvor a fumaça e ao pó, que é “como se falasse de um assunto importante e grande”, no que “as pequenas coisas devem ser tomadas e colocadas no nível das grandes”. *Epístolas*, LCL, 112: 40-41. Nesse sentido, Sócrates censura a sofística de Tísias e de Górgias, os quais, apenas pela força do *lógos*, logram fazer o pequeno aparecer grande, e o grande, por sua vez, pequeno. PLATÃO. *Fedro*, 267a.

Dessa feita, a guerra, matéria elevadíssima da epopeia homérica ou da historiografia (Heródoto, Tucídides, Xenofonte), é tratada como coisa de pouca monta em NV, que a peleja sideral exemplifica. Nesta, em vez de varões valorosos, são convocadas figuras ínfimas ou não existentes: guerreiros monstruosos ornamentados com nomes, armamentos e atitudes triviais, extraídos, entre outros, do léxico alimentar (Asas-verduras; Lança-painços; Cogumelos-talos) ou de reles animais (Arqueiros-pulgas; Mosquitos-ares): elocução baixa aplicada a uma matéria heroica, sorte de polemografia cômica já encenada na *Batracomiomaquia* do Pseudo-Homero.

Quanto ao narrador Luciano, seu *éthos* zombeteiro convém na paródia ao Odisseu homérico antes referido, a quem toma por modelo no registro baixo do bufão de corte, assim, o convertendo em navegador fanfarrão que se gaba de contar proezas como se elas tivessem efetivamente ocorrido. Aplica-se, assim, uma tópica periplográfica assinalada em Estrabão: todo narrador de suas próprias viagens não passa de um gabola¹⁶⁵. Daí o distanciamento irônico de Luciano em relação às errâncias odisseicas e aos autores que as imitam, compondo ele um relato que as inverte e as exagera.

Da perspectiva dos caracteres elencados por Teofrasto, o narrador de NV intercepta os do ironista (*εἴρων*)¹⁶⁶ e do enredador (*λογοποιῶν*)¹⁶⁷, pois ambos constituem tipos cômicos que cultivam o *psêudos* mediante técnicas de produzir fingimento ou contrariedade; permeiam assim seus discursos com armadilhas, conduzindo o leitor através de uma trama escorregadia.

Com efeito, o ironista teofrastiano, esquematicamente apresentado em situações diversas que encenam suas duplicidades, não se furta a enredar seu interlocutor com expressões e interjeições dissimuladoras de pensamentos e atitudes que se supõe serem os seus. Ilustrativas disso são as apóstrofes, como “o que ouviu diz não ter ouvido”; “o que viu finge não ter visto”¹⁶⁸. Elas ressurgem invertidas na elocução de Luciano, “escrevo sobre o que não vi, não padeçi, não soube por outros”, que as reinterpreta num quadro geral de facécia dos preceitos historiográficos, balizadores da verdade de um relato em termos de *ὄψις* (visão) e *ακούω* (audição).

¹⁶⁵ ESTRABÃO. *Geografia*, I,2, 23.

¹⁶⁶ TEOFRASTO. *Caracteres*, I.

¹⁶⁷ Idem, *Caracteres*, VIII. Dada a dificuldade em se precisar um equivalente em português que dê conta da polissemia inscrita em *λογοποιῶν*, literalmente um “artífice de discursos”, adota-se “enredador”, como proposto por Maria de Fátima Sousa e Silva. Cf. TEOFRASTO. *Caracteres*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2014, p. 70.

¹⁶⁸ Idem, I, 5.

Em Teofrasto, além disso, o ironista ornamenta sua argumentação com tiradas que simulam estranhamento, “a coisa é paradoxal para mim”; “estou pasmo”, ignorância, “não entendo”, ou ceticismo, “não creio nisso”; “não seja crédulo”; “vá contar isso a outro”¹⁶⁹.

Tais traços de enunciação repercutem na paradoxologia de Luciano, que os amplifica na forma de apelos ao leitor; antes de narrar uma coisa espantosa, o narrador chama atenção para o aspecto espantoso da coisa a ser narrada e, de quebra, para o pouco fiável que a mesma narrativa comporta.

A estratégia narrativa se estende por dois planos, sendo que no da enunciação que põe em dúvida a credibilidade do narrado, ela também se reveste de dupla significação. Pois, seu efeito suspensivo pode ser interpretado, em primeiro lugar, como sinal de advertência. Que o leitor-ouvinte, ciente de que se trata de um conto de maravilhas, não se deixe levar por esse canto de sereias a ponto de ser devorado por ele, tampouco se esquivé, como os companheiros de Odisseu, de tal espetáculo. Pois deve antes avaliar a arte implicada na produção de prodígios, feita com regras críveis para contar o incrível¹⁷⁰. Exercício lúdico em que só homens cultivados, como Luciano indica serem os seus leitores¹⁷¹, tomam parte, já que compartilham das regras de produção dos discursos. Daí Luciano dar a conhecer não só as autoridades que simula¹⁷², como também os preceitos com que simula; o périplo luciânico estabelece relações com modelos de livros de viagens, cujas tópicas de invenção (expedição aos confins do mundo, exposição de coisas raras) refere e transfigura, propondo combinações inusitadas ao leitor, que, ao reconhecer as fontes citadas e os operadores discursivos de paradoxos, refaz parcialmente a ordenação retórico-poética do fingimento periplográfico efetuado no texto. Nesse jogo, o mesmo leitor pode, prazer de um saber compartilhado, admirar o novo brilhando no velho, logo, a demonstração (*ἐπίδειξις*) engenhosa, ou “não desprovida de Musas”¹⁷³, do narrador em produzir variações (*ποικίλα*).

Em segundo lugar, o efeito suspensivo pode ser considerado um dispositivo amplificador do assombro a serviço do evento ao qual a enunciação previamente

¹⁶⁹ Idem, *Caracteres*, I, 6.

¹⁷⁰ HANSEN, João Adolfo. Categorias epidíticas da ekphrasis. São Paulo: REVISTA USP, nº 71, p. 101, 2006.

¹⁷¹ NV, I, 1-2

¹⁷² Idem, I, 3

¹⁷³ Idem, I, 2.

remete. Portanto, redobro do assombro delineado na forma de paralipses, como “nada escrevo sobre a quantidade deles, pois pareceria incrível”¹⁷⁴; “sei que parece incrível o que vou contar, mas, ainda assim, vou dizer”¹⁷⁵. Esvaídas do peso da *pístis*, essas paralipses fazem proliferar cenas improváveis, no que se evidencia que a máquina de produzir paradoxos nunca cessa, reativada a cada episódio na engrenagem da enunciação, pois articula o registro do ver-acontecer algo incomum com o do dizer-escrever que o acompanham:

“[...] vimos homens praticando um modo de navegar insólito, pois eram [...]. Direi como eles navegavam”.¹⁷⁶

O narrador-viajante preludia, assim, face a um evento admirável sobre o qual firma seu testemunho mediado por um olhar coletivo – o da tripulação consignada no plural “vimos” –, autenticador de algo da ordem do existente, autenticador provisório, já que a descrição que se segue, irônica na prática do *hístor*, só reafirma que nada daquilo pode ter existência. Para isso, o narrador se vale uma vez mais de figuras duplas: o de navegantes-naves, de vez que são homens que se deitam de costas na água e usam seus enormes e rígidos falos como mastros em que atam as velas que os movem como embarcações.

Atente-se, ademais, para a enunciação que conclui NV. Após o breve epílogo – enumeração de todos os episódios que compõem o segundo livro –, o narrador promete que, a propósito do que lhe teria ocorrido na terra dos antípodas, vai “contá-lo em livros vindouros”¹⁷⁷, os quais o leitor até hoje espera que venham a lume. A enunciação evidencia antes de tudo o giro interminável, circular e aporético próprio dos paradoxos, à feição da zenoniana corrida de Aquiles. Diz-se que o herói grego, apesar de muito veloz, em hipótese alguma consegue alcançar a tartaruga com que trava disputa; o assim chamado “paradoxo do movimento”¹⁷⁸ se converte aqui em paradoxo da navegação, pois, convergentes no mesmo impasse, a corrida de Aquiles se revela não menos inglória que a viagem de Luciano. Afinal, a perambulação do protagonista de NV, por mais que avance por mares, terras, ares de toda sorte, nunca chega a lugar algum, pois, continuamente atravessada por nenhuns e atopias, depara em algum ponto da narrativa

¹⁷⁴ Idem, I, 18.

¹⁷⁵ Idem, I, 40.

¹⁷⁶ Idem, II, 45.

¹⁷⁷ Idem, II, 47.

¹⁷⁸ Cf. KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, F. *Os Filósofos Pré-Socráticos. História Crítica com Seleção de Textos*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994, p. 280- 292.

uma ardilosa tartaruga, seja sob a forma de um monstro marinho, terrestre, aéreo, ou de uma ilha qualquer: trata-se aqui da mesma técnica de produzir duplos, o que significa que também os antípodas – os outros dos gregos, seus reversos selváticos, como propõe o nome –, caso fossem contados num eventual livro terceiro de NV, seriam não mais que variações figurativas dos povos prodigiosos precedentes, pois reguladas pela mesma geratriz de maravilhas, as inversões, as hipérboles, os mistos.

Com efeito, a promessa descumprida de um continuar um conto que não continua é a rubrica não de ruptura do pacto enunciativo, mas de confirmação do mesmo pacto, porque põe a nu o seu *modus operandi*: nunca tendo fim e sendo retroalimentado à maneira de um moto-contínuo pela circularidade das proposições com predicções reversíveis¹⁷⁹, como se disse, o discurso paradoxal opera segundo a equação $n + 1$, pelo que a inclusão de uma nova sequência narrativa no conjunto está prevista. Isso significa que ele pode propagar-se qual uma hidra hercúlea, gerando mais e mais sequências. Daí, êmulos modernos de Luciano, como Frémont d’Ablancourt¹⁸⁰ e Francisco de la Reguera¹⁸¹, se aventurarem em narrativas que prolongam as de NV.

À falta de fecho, o texto de Luciano pode alargar-se indefinido, espiralado à imagem da progressão da nave luciânica à Lua, não se inferindo disso que as novas narrativas se dobrariam à espontaneísmos¹⁸², pois, caso fossem redigidas, também elas

¹⁷⁹ O paradoxo atribuído a Epimênides espalha-se até nas letras modernas. Hugh Kenner o identifica na articulação de uma narrativa de Samuel Beckett: “Uma personagem chamada Moran começa a sua metade do romance *Molloy* escrevendo: ‘É meia-noite. A chuva está batendo nas janelas. Estou calmo. Tudo está dormindo. Entretanto levanto-me e vou até a escrivãzinha [...] Chamo-me Moran, Jacques. Chamam-me assim. Estou acabado [...]’.* Ele procede então a nos contar, em 38 mil claras e simples palavras, a narrativa de como ele empobreceu, partiu em viagem e regressou à casa despojado, desacreditado, arruinado. A narrativa termina: ‘Então voltei para a casa, e escrevi, É meia-noite. A chuva está batendo nas janelas. Não era meia-noite. Não estava chovendo’.* Este é, mui explicitamente, o paradoxo do cretense mentiroso [...]”. KENNER, Hugh. *The Stoic Comedians: Flaubert, Joyce and Beckett*. Los Angeles: University of California Press Berkeley, 1974, p. 69. *As passagens citadas do *Molloy* beckettiano derivam da tradução de Ana Helena Souza, publicada pela Ed. Globo (2007).

¹⁸⁰ Cf. CORRÉARD, Nicolas. *Le Supplément de l’Histoire véritable de Frémont d’Ablancourt : gratuité ludique ou sens allégorique ?* Presses Universitaires de France, Dix-septième siècle, n° 286, p. 99-117, 2020/2.

¹⁸¹ Cf. GRIGORIADU, Teodora. Francisco de la Reguera: un traductor más y único continuador de Luciano de Samósata en el Siglo de Oro. *Cuadernos De Filología Clásica. Estudios Griegos e Indoeuropeos*, 16, p. 181- 193, 2006.

¹⁸² NV está longe de ser afetado pela subjetividade romântica, como estudiosos oitocentistas propõem, ou de ser surrealisticamente movido pela associação livre de ideias, como uma vulgata vigente aponta ao fazer dele até o pai da “ficção científica” [*sic*]. Com isso, Luciano acabou por virar um sujeito empírico, gênio dotado de imaginação “desbragada”, no dizer de um excelente tradutor. E haja *céu estrelado* sobre Kant e sobre a cabeça de críticos ulteriores, que veneram egípcianamente uma estrela cadente. Por exemplo, Maurice Croiset, em seu *Essai sur la vie et les oeuvres de Lucien*, publicado desde 1882, propõe a “fantasia” como noção norteadora no sentido de dar conta da profusão de imagens fantásticas em Luciano. O problema é o anacronismo, porquanto ele a inscreve no horizonte kantiano da *Crítica do Juízo*.

seriam extraídas das mesmas tópicas de viagens empenhadas nas precedentes, logo, tecidas em paralelo com as Odisseu entre os Feácios, as de Jasão e dos Argonautas na Cólquida, as de Heródoto no Egito e na Cítia, as de Ctésias e as de historiadores alexandrinos na Índia, tingidas, ademais, por análogas inflexões de um narrador-Epimênides efabulando em burlas e em veras. Um escoliasta propõe que a referida proposição que põe termo a NV consiste na maior de todas as mentiras contadas¹⁸³ por Luciano; levando-se em conta que NV encena o paradoxo do mentiroso, decerto, a maior mentira significa, em cavilação epimenideana, a maior verdade. O cretense serve de autorreferência a Luciano contar falsidades pósticas¹⁸⁴.

Croiset define, assim, a fantasia em Luciano: “o desenvolvimento livre e caprichoso de uma imaginação que se representa em suas próprias ficções” (p. 365). Para o estudioso, ela se apresenta sob distintas formas na obra luciânica, com o que faz o inventário delas. Tem-se então o que ele designa por “fantasia poética”, entendida como “aquela que evoca pouco a pouco imagens graciosas ou risonhas”, (p. 368), mas há também a “fantasia irônica” que se apresenta nos textos luciânicos como um “gênero de brincadeira [...] que consiste em tratar com seriedade aparente as coisas mais loucas do mundo”, (p. 374); segundo o mesmo helenista francês, entretanto, NV prepondera como “fantasia espiritual”, pois é “a que opera combinações variadas e engenhosas com [...] descrições galhofas” (p. 369). Questiona-se, enfim, sobre se é a fantasia de Luciano ou se é a do glosador que está em discussão, como projeção fantasmática. (Por falar em “miragens”, “fantasmagorias”, Deleuze, em circunstância discursiva mui diversa, a propósito da célebre gravura de Goya *El sueño de la razón produce monstruos*, de 1799, faceciava afirmando que o gravador aragonês estava coberto de razão: o sonho da razão não só engendra monstros, como também insônia). Eis que, sob a égide da revolução romântica, surge dos escombros da instituição retórica um Luciano a brandir a bandeira, não da liberdade, mas da fantasia, elevada a incondicionada expressividade.

¹⁸³ Cf. RABE, Hugo (edit.). *Scholia in Lucianum*. Leipzig: B.G. Teubner, 1906, p. 24.

¹⁸⁴ Leitor de Luciano e dos comediógrafos e satiristas antigos, Miguel de Cervantes tira partido quixotesco do paradoxo do mentiroso, encenando-o em um episódio em que Sancho Pança, feito governador de uma ilha, é requerido a tomar uma decisão acerca da questão formulada por um forasteiro, que indaga o mesmo Sancho nesses termos:

“— Senhor, um rio caudaloso dividia uma mesma propriedade em duas partes, e esteja vossa mercê atento, porque o caso é muito importante e muito difícil... Bem, digo que sobre esse rio estava uma ponte, e ao cabo dela uma forca e uma casa de audiência, em que comumente havia quatro juízes que aplicavam a lei (estabelecida pelo dono do rio, da ponte e da propriedade), que rezava o seguinte: ‘Se alguém passar por esta ponte de um lado para o outro, deve dizer antes, sob juramento, aonde vai e por quê; se disser a verdade, deixem-no passar, mas, se mentir, deve morrer pendurado na forca que está ali, sem perdão algum’. Conhecida a lei e sua aplicação rigorosa, muita gente passou a usar a ponte. Se os juízes viam que o sujeito dizia a verdade ao jurar, deixavam-no seguir livremente. Mas aconteceu um dia que um homem, depois de jurar, disse que por esse juramento ia morrer naquela forca que estava ali, não por outra coisa. Os juízes examinaram o juramento e disseram: ‘Se deixarmos esse homem passar livremente, mentiu ao jurar, e deve morrer, conforme a lei. Mas, se o enforcarmos, ele disse a verdade, ao jurar que iria morrer naquela forca, de modo que pela mesma lei deve ficar livre’. Pede-se a vossa mercê, senhor governador, que diga o que devem os juízes fazer com esse homem, porque ainda estão surpresos e indecisos. Como tiveram notícias de sua grande e penetrante inteligência, enviaram-me para que suplicasse a vossa mercê que desse sua opinião sobre caso tão intrincado e duvidoso.

Sancho respondeu:

— Com certeza esses senhores juízes que vos enviaram a mim poderiam ter se poupado o incômodo, porque sou um homem que tem muito mais de ignorância que de argúcia; mas, mesmo assim, repeti outra vez o negócio de modo que eu o entenda. Talvez aí eu possa acertar o alvo.

O homem da pergunta contou de novo e de novo tudo o que tinha dito antes, e Sancho disse:

— Em minha opinião, pode-se resumir esse negócio em duas palavras: o tal homem jura que vai morrer na forca e, se morrer nela, jurou a verdade e pela lei merece ficar livre e passar pela ponte; mas, se o enforcarmos, jurou mentira e, pela mesma lei, merece que o enforcuem.

Ficando em aberto, a narração arrasta para o seu vazio tudo quanto toca – Midas tornado Momo em aurífero sarcasmo –, inclusive o leitor, o qual, habituado com discursos de gênero baixo, pelo menos se diverte contrariado com a expectativa de haver um final feliz – que tanto as comédias¹⁸⁵, quanto as narrativas de aventuras amorosas¹⁸⁶, convencionalmente encenam –, ou mesmo de haver um desfecho qualquer. Por isso, não cai do céu luciânico algum *deus ex machina* que assegure um desenlace ao drama do navegante errante. Logo, não há divindade ou qualquer outra figura providencial que venha interromper a sisífica periegesis de Luciano, como faz Palas Atena em relação às errâncias de Odisseu¹⁸⁷, ou Afrodite¹⁸⁸ quanto às perenigrações e desencontros do casal amoroso Quéreas e Calíroo.

Nesse sentido, o anunciado regresso de Luciano à sua pátria é, antes, um motejo às tópicas de invenção de epopeias de viagens, das quais um segmento, calcado em modelos homéricos, versa sobre os *Nóstoi* (*Retornos*)¹⁸⁹, *i. e.*, a volta dos guerreiros gregos após a tomada de Troia, o que corresponde tanto às aventuras em alto-mar e em terras estranhas, quanto às que se desdobram em solo pátrio¹⁹⁰.

Luciano evoca os *nóstoi* a título irônico, evidentemente, pondo seu relato de proezas insignificantes à distância dos heroicos regressos de guerreiros, tão à distância deles que narra uma navegação sem volta, embora o navegante se ponha sempre a

— É exatamente como o senhor governador diz — disse o mensageiro. — O senhor entendeu totalmente o caso, não há mais o que acrescentar nem esclarecer.

— Muito bem, então digo que deixem passar a metade desse homem que jurou a verdade — disse Sancho — e enforcem a metade que mentiu. Dessa maneira se cumprirá a lei ao pé da letra.

— Bem, senhor governador — disse o mensageiro —, será necessário dividir esse homem em duas partes, a mentirosa e a veraz; mas, se for dividido, com certeza irá morrer, e assim não se conseguirá aplicar a lei como se deve [...] ". MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA. *Segunda parte del ingenioso caballero don Quijote de la Mancha*, cap. LI. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2012, p. 654- 655.

¹⁸⁵ E não apenas as de Menandro, pois grande parte da comediografia de Aristófanes trabalha com um desenlace ditoso. A exceção aristofânica mais grandiloquente está no incendiário final de *As Nuvens*, com as labaredas a consumir o pensatório de Sócrates.

¹⁸⁶ Como as de Xenofonte de Éfeso, *Efestiacas*; Cáriton de Afrodísias, *Quéreas e Calíroo*; Aquiles Tácio, *Leucipe e Clitofonte*; Longo, *Dáfnis e Cloé*. Sobre os finais felizes apresentados em tais narrações, ver, por exemplo, GUAL, Carlos García. *Los orígenes de la novela*. Madri: Istmo, 1972, p. 171- 174.

¹⁸⁷ HOMERO. *Odisseia*, XIII.

¹⁸⁸ CÁRITON DE AFRODÍSIAS. *Quéreas e Calíroo*, VIII, 1.

¹⁸⁹ José L. S. BUZELLI compila e traduz os testemunhos remanescentes ligados aos *vóstoi* em sua edição: *Fragments de poesia épica e cômica da Grécia antiga & Vidas de Homero*. São Paulo: Odysseus, 2019, p. 169 - 175.

¹⁹⁰ Se as gestas domésticas de Odisseu, voltadas a reaver o reino e a esposa, são levadas a bom termo, o mesmo não ocorre com as de Agamêmnon: como se sabe, o comandante supremo das tropas aqueias, ao pisar em casa, é assassinado por sua mulher, Clitemnestra, ou, segundo versões mais antigas, pelo amante dela, Egisto. No registro épico, Agamêmnon e Menelau são valorosos heróis atridas. No registro cômico, porém, se pode glosar do fato de ambos os irmãos terem sido traídos por suas respectivas esposas. Pelo palco micênico desfilam grandes varões, assim como célebres cornudos. E é com as convenções do cômico que também Aquiles e Heitor se convertem em reles animais (*Batracomiomaquia*).

caminho; contudo, não se sabe a certa altura que rumo pretende tomar¹⁹¹, pois insiste em dizer que vai chegar à sua pátria, mas em nenhum momento especifica onde ela fica. Esse lugar de indeterminação¹⁹² importa como marcador de contraste: *tópos* acionado na produção de atopias, dado que na generalidade do modelo periplográfico, a ancoragem discursiva é helênica.

“Pátria” é o lugar onde se estabelece o ser das coisas, o familiar para figurar o estranho. Luciano só faz menção da sua casa ou pátria no rasto de elementos dualistas que jogam com a aparência, como o espelho, o sonho, o fogo. Assim, visto da perspectiva do que o *oikos* não é, ele se dá a ver, simulacro: estando na ilha dos Sonhos, o protagonista é posto a dormir. Então, alguns sonhos o transportam à sua pátria, trazendo-o de volta após terem revelado seu lar¹⁹³. Já na Cidade-lamparina, isso ocorre por meio da personificação: tendo Luciano nela encontrado sua própria lamparina, esta lhe responde sobre questões atinentes ao lar¹⁹⁴. O modelo é replicado no relato selenita, pois, no final do episódio, vem à tona o *oikos*. Através do espelho e do poço instalados na Lua, o protagonista logra vislumbrar na Terra o que considera ser a sua pátria e seus familiares¹⁹⁵. Montam-se, assim, jogos de oposições (longe/ perto; ausente/ presente; várias vezes/ uma vez)¹⁹⁶, de modo a evidenciar a construção do efeito ilusionista, porquanto o ilusionismo efetuado pelo sonho, espelho ou lamparina descortinam as convenções com que se opera a fabulação do maravilhoso: a duplicidade, a deformação, a inversão, o excesso. Luciano amplifica, inverte e estabelece a medida (*o oikos*) com

¹⁹¹ Radamanto vaticina (II, 27) que Luciano chegará à sua “pátria após muita errância e perigo”.

¹⁹² Artífice de paradoxos, Lewis Carroll encena *en passant* esse tipo de impasse em seu *Alice no País das Maravilhas*. Trata-se do conhecido diálogo entre a protagonista e o Gato Cheshire:

“Alice [...] prosseguiu: – Podia me dizer, por favor, qual é o caminho pra sair daqui?”

– Isso depende muito do lugar para onde você quer ir – disse o Gato.

– Não me importa muito onde ... – disse Alice.

– Nesse caso não importa por onde você vá – disse o Gato.

– ... contanto que eu chegue a algum lugar – acrescentou Alice como explicação.

– É claro que isso acontecerá – disse o Gato – desde que você ande durante algum tempo”.

LEWIS CARROLL. *Alice no País das Maravilhas*. Cap. 6. *Porco e Pimenta*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Fontana e Summus Editorial, 1977, p. 82.

¹⁹³ NV, II, 34

¹⁹⁴ Idem, I, 29.

¹⁹⁵ Idem, I, 26.

¹⁹⁶ Por Luciano se reportar quase exclusivamente aos autores gregos, ignora-se se ele foi ou não leitor de Horácio. Como quer que seja, o *ut pictura poesis* horaciano (*Arte Poética*, 361-365) encontra ressonância nos pares opositivos figurados em NV. A título de esclarecimento acerca do funcionamento do *ut pictura poesis* em Horácio, convida-se a leitura do artigo de TRIMPI, Trimpi. Horace Ut pictura poesis. The Argument for Stylistic decorum. *Traditio: Studies in Ancient and Medieval History, Thought and Religion*, vol. 34, p. 29-73, 1978. Esclarecimentos suplementares sobre o preceito, assim como seu *modus operandi* nas letras seiscentistas, ver HANSEN, João Adolfo. Ut Pictura Poesis e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII colonial. Lima-Berkeley: *Revista de Critica Literaria Latinoamericana*. vol. 45, p. 177-191, 1997.

que comicamente avalia a desmedida cômica de eventos e figuras: referindo a Terra no final do episódio selenita, ele dá a entender que tudo quanto antes descrevera sobre a Lua diz respeito a *pólis* grega, tratada pelo avesso, no que desdobra também o artifício teatral de Aristófanes, que inventa a cidade sideral de Cucos-nas-nuvens a fim de dramatizar as deformações que julga haver em Atenas¹⁹⁷. Dessa feita, o espelho lunar, como dispositivo cenográfico, apreende e condensa em sua superfície dilatada as coisas da cidade grega cristalizadas em diversas narrativas, replicando-as em representações fantásticas. Se o estranho tem aspecto familiar – nascimentos, mortes, pelejas ocorrem na Lua, a exemplo do que se vê na Terra, – é para tornar o que parece familiar ainda mais estranho: tais nascimentos, mortes, pelejas, por impossíveis de ocorrer, são personificados por monstros. Como a Lua é o duplo da Terra¹⁹⁸, os selenitas são os duplos dos homens, mas, como machos e fêmeas, que põem em dúvida o valor do varão grego¹⁹⁹.

¹⁹⁷ Mas o moralismo representado em *As Aves* e em outras peças aristofânicas, está, evidentemente, ausente do horizonte de NV, porque este se inscreve em gênero distinto. Luciano emprega, decerto, as convenções do cômico, mas as faz operar no interior de uma paradoxologia. Assim, por mais que apresente deformações em inúmeras figuras bestiais, Luciano não empreende nenhuma cruzada de salvação moral através dos monstros de NV, de modo a denunciar, como fazem alguns comediógrafos e satiristas, os vícios e maledicências que assolam o Império Romano.

¹⁹⁸ A Lua como espelho da Terra deriva de especulações já firmadas por autores pré-socráticos, que consideram serem ambas da mesma natureza. Com efeito, Anaxágoras sustenta que a Lua é feita de terra com planícies e ravinas (HIPÓLITO. *Refutações*, I, 3, 8, 3-10). Do mesmo modo, Heráclito julga ser a Lua uma terra circundada pela névoa (PSEUDO-PLUTARCO. *Das Opiniões dos Filósofos sobre a Natureza*, II, 25). Pitágoras, por sua vez, afirma que a Lua consiste em um corpo similar a um espelho (idem, *ibidem*), metáfora que Luciano materializa ao introduzir um espelho no palácio real selenita. A questão que permeia esse debate é a de se saber se a Lua abriga seres vivos. Nesse sentido, Plutarco, evocando doutrinas precedentes, conjectura que se a Lua e os astros têm habitantes, estes só poderiam ser simples, frugais e de corpo delgado, uma vez que se alimentam unicamente dos vapores exalados da Terra (*Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*, 940 C). Quanto aos pitagóricos, eles trabalham com a premissa de que a Lua não apenas é habitada, como também possui plantas mais belas e animais 15 vezes maiores em relação aos da Terra, e estes não produzem excrementos (PSEUDO-PLUTARCO. *Das Opiniões dos Filósofos sobre a Natureza*, II, 30). Tais teorias, embora não constituam a única fonte, fornecem material para Luciano produzir encenações farsescas. Assim, em seu conto selenita, se não aparecem “belas plantas” pelo menos brotam homens-árvores (I, 22). No tocante ao tamanho hiperbólico dos animais lunares, os cavalos-abutres atestam a escala colossal com que são delineados (I, 11). Quanto à escatologia dos bichos, ela é deslocada para a fisiologia dos Selenitas, que não urinam nem defecam (I, 23), paródia remissiva também as crianças de uma tribo indiana que, segundo Ctésias (FÓCIO. *Bibl.* 72, 48), nascem sem o orifício excremental. Através de Menipo, Luciano ridiculariza a validade das teses astronômicas, dado que seus filósofos as tomam, não por meras hipóteses, mas por verdades indiscutíveis, entre elas, a de que a Lua é habitada (*Icaromenipo*, 8). Esse *tópos* cínico-cético, ligado às pretensões e dogmatismos inerentes a doutrinas filosóficas, recorta opúsculos do *Corpus Lucianum*. Em um deles se afirma: todos filósofos não fazem mais que brigar pela sombra de um asno (LUCIANO. *Hermótimo*, 71), máxima grega que se refere à busca por algo inútil.

¹⁹⁹ Luciano encena os pressupostos do *ἀνὴρ* associados a tipos como o aristocrata, o sábio ou o guerreiro valoroso. Com efeito, os Selenitas fazem comédia com a pederastia e misoginia atribuídas a eles pelo costume grego; são também a prova de que o pedido de um herói trágico pode se materializar pelo menos na esfera extraterrestre: Hipólito suplicava a Zeus que os homens não fossem engendrados por mulheres

A paradoxologia de Luciano vai devorando, como monstro insaciável, quaisquer discursos à mão, por encenar esse corpo excessivo de linguagem, o *álogon*: a narrativa luciânica transborda na superfície de inúmeras narrativas, arremedadas na proliferação de eventos e figuras teratológicos. Daí a paródia, no sentido etimológico de contracanto ou canto paralelo, ser o veículo para a produção dos paradoxos. Desde de Platão se sabe que o fabuloso é relacional: uma imagem fantástica só ocorre como deformação de outra, icástica, assim, a cópia em relação ao modelo²⁰⁰. O leitor de NV, com efeito, não se surpreende em ver que nada de propriamente lunar sucede na Lua, ou de solar no Sol, de todo desprovido, como essa, de corpo estelar. Pois o Sol, cuja fronteira a nave do narrador bordeja, afigura-se como uma ilha austral paradisíaca transplantada para o plano celeste²⁰¹. Assim também *kêtos*, que, como não-ser, assume qualquer configuração. Mostra-se, além de animal marinho, ilha flutuante, embarcação veloz, cidade povoada, floresta exuberante.

Jogos análogos se estendem aos mais episódios e, por extensão, atravessam o próprio Luciano, *persona* cômica. Sabe-se que seus discursos, designam-no, em contraste ao heleno, como um sírio: escritor ou declamador egresso das bordas orientais do Império Romano que atende por um nome latino e cultivava frequentemente um grego aticista. Dessa feita, quando Homero canta em dístico a partida do Luciano nomeado pelo texto para a sua “pátria amada”²⁰², o leitor fica sem saber ao certo se ele embarca rumo a Atenas ou a Samósata, só para que se atenha a duas coordenadas verossímeis. Esses destinos, importados do *Corpus Lucianeum*, são evocados a título de gracejo, por estarem abolidos das paragens infixas que recortam a cartografia paradoxal de NV, não menos desmesurada e ineficaz que o mapa imperial descrito por Borges²⁰³. Quanto à

(EURÍPIDES. *Hipólito*, 616- 620). O mundo lunar luciânico, entretanto, vai além: não apenas os homens são gerados de outros homens, como as mulheres não existem, sequer em palavra, o que não deixa de evocar em parte a era mítica anterior a Pandora, a primeira mulher, pois, no relato hesiódico (*Trabalhos e Dias*, 59- 105), ela surge, na esteira do roubo do fogo divino por Prometeu, como a portadora da desgraça aos mortais. Como *tópos* poético no gênero baixo, a misoginia remonta à iambografia, da qual remanesce um fragmento atribuído a Hipônax de Éfeso: “São dois os dias mais agradáveis da mulher: aquele em que alguém com ela se casa e aquele em que a morte a leva”. Nesse sentido, o comediógrafo Queremão ironiza seu predecessor dizendo ser “melhor enterrar uma mulher do que casar com ela”. (Cf. SUAREZ DE LA TORRE, Emilio. *Yambógrafos griegos*. Madri: Gredos, 2002, p. 270)

²⁰⁰ Cf. *Sofista*, 235 b - 236 a.

²⁰¹ “Notamos, porém, que a região [o Sol] era verdejante, fértil, abundante em água e cheia de tudo o que é bom”. NV, I, 28.

²⁰² NV, II, 28.

²⁰³ “...Naquele Império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Afeitas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o

predição de Radamanto sobre a chegada de Luciano à sua “pátria após muita errância e perigo”²⁰⁴, ela não tem, como normalmente ocorre em livros de viagens, o valor de um desenlace preditivo, sendo antes uma galhofa em relação à fala oracular, replicada em outro opúsculo do escritor²⁰⁵.

No curso de seu relato, Luciano, como se disse, intervém servindo-se igualmente de fórmulas epidíticas marcadas por adjetivações comparativas ou superlativas (“e vimo-los chegar, o mais extraordinário dos espetáculos”²⁰⁶; “vimos [...] de todos os espetáculos que eu já vi, o mais extraordinário”²⁰⁷), as quais figuram na prosa de historiadores desde Heródoto, que já apresenta sob o signo do maravilhoso (*θῶμα*)²⁰⁸ não poucas coisas sobre as quais vai discorrer, julgando-as dignas de memória, como ele patenteia logo no proêmio²⁰⁹.

Essa técnica historiográfica – exposição de eventos pontuada por enunciados enfáticos destinados a continuamente reavivar a atenção do leitor, de sorte que ele não se disperse na proliferação de portentos sucessivos – é visitada na segunda parte do episódio lunar, voltada à apreciação dos seres e costumes locais. Luciano principia: “Nessa estada na Lua notei o novo e o extraordinário, de que quero falar”²¹⁰, no que traz à baila a figura do narrador-viajante na condição de testemunha, dando mostras de ter efetuado uma apuração selenográfica.

Tendo contado a primeira sequência de paradoxos, com recurso à etimologia para atribuir credibilidade à gênese fantástica dos selenitas a partir da “barriga da perna”²¹¹, Luciano interrompe o curso da exposição, propondo relançá-la amplificadamente: “E contarei algo ainda maior”²¹². Após outras mais apóstrofes não menos irônicas

entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas”. BORGES, Jorge Luis. *Del rigor en la ciencia*, 1946. Tradução de Josely Vianna Baptista. *Obras Completas de Jorge Luis Borges.*, São Paulo: ed. Globo, volume II., 1999, p. 247.

²⁰⁴ NV, II, 27.

²⁰⁵ LUCIANO. *Zeus Trágico*, 20; 28 -31. Cf. GEORGIADOU, A ; LARMOUR, D. *Lucian's Science fiction*, op. cit. p. 211; CASTER, M. *Lucien et la pensée religieuse de son temps*. Paris: Belles lettres, 1937, p. 225- 267.

²⁰⁶ NV, I, 18.

²⁰⁷ Idem, I, 40.

²⁰⁸ Histórias, I, 53; II, 35, 153. Sobre a questão do maravilhoso em Heródoto, ver HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto. Ensaio Sobre a Representação do Outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 245-251. HUNZINGER, Christine. La notion de *θῶμα* chez Hérodote. Estrasburgo: Ktèma, Civilisations de l'Orient, de la Grèce et de Rome antiques, N°20, p. 47-70, 1995. Hunzinger enumera 93 ocorrências de termos ligados à família do *θῶμα* em Heródoto.

²⁰⁹ Heródoto, *Hist.* I, 1.

²¹⁰ NV, I, 18.

²¹¹ Idem, I, 22.

²¹² Idem, *ibidem*.

intercaladas à narração, Luciano finaliza o episódio pondo novamente em questão o valor de verdade de seu relato: “Quem não acreditar que isso seja assim, se um dia for para lá [Lua], ficará sabendo que digo a verdade”.²¹³

O leitor encenado como crédulo é confrontado com um relato incrível, pautado pela noção de “autópsia”, entendida no sentido etimológico de “ver com os próprios olhos”. Esse critério, fundante da prática historiográfica na chave do ver para crer, Luciano o reinterpreta em outro opúsculo por meio do adágio “os ouvidos são menos fiáveis que os olhos”²¹⁴, atribuindo-o a Heródoto²¹⁵.

Em Heródoto, a enunciação dos *thômata* ordena a exposição deles por meio de uma escala virtual que vai do menos ao mais maravilhoso²¹⁶. Em Luciano, porém, a enunciação não obedece ao mesmo critério de progressão, embora eventualmente o incorpore parodicamente no interior de um episódio, como o referido selenita, porquanto ela se desdobra horizontalmente na narração como índice genérico de apresentação, reiterativo das matérias. Nisso, as fórmulas de anunciar coisas maravilhosas se aplicam zombeteiramente tanto ao que o narrador diz que vai contar, quanto ao que diz que não vai contar, sendo a última não menos portadora de maravilhas que a primeira, pois a denegação, ao denunciar a montagem da operação paradoxal, automaticamente a põe em ação. No mesmo lance, elas evidenciam a artificialidade do procedimento, enquanto indicam seu campo ilimitado de intervenção a embaralhar as situações discursivas, de sorte a minar as categorias de determinação eventualmente evocadas, como o ser (“não me atrevi a escrever acerca de sua natureza: deles se diziam coisas prodigiosas e incríveis”²¹⁷), a quantidade (“nada escrevo sobre a quantidade deles, pois pareceria incrível: eram muitíssimos”²¹⁸).

A autópsia tem fortuna na comédia como lugar de argumentação irônica, frequentemente associada ao supracitado fanfarrão: tipo que alardeia com termos pomposos conhecer regiões e coisas nas quais nunca esteve, nem tampouco conhece²¹⁹. Em Luciano, a convenção serve, não só para ilustrar a fanfarrice estratosférica do narrador de NV, como também para escarnecer da figura de um historiador que, afirmando desprezar as fontes secundárias, vangloria-se por ter escrito apenas sobre o

²¹³ NV, I, 26.

²¹⁴ LUCIANO. *A Dança*, 76; *Como se Deve Escrever a História*, 44.

²¹⁵ HERÓDOTO. *Histórias*, I, 8.

²¹⁶ Cf. HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*, op. cit. p. 245- 251.

²¹⁷ NV, I, 13.

²¹⁸ *Idem*, I, 18.

²¹⁹ TEOFRASTO. *Caracteres*, XXIII, 3.

que viu, pondo-se a dissertar com propriedade acerca de animais notáveis da Pártia sem jamais ter colocado seus pés fora de Corinto²²⁰.

A autópsia em registro cômico abona ainda não pouco chiste com os mitos, sobretudo com os que têm sua ocorrência creditada a um território conhecido. Trata-se, portanto, de submetê-los ao crivo do olho do viajante. Exemplar é a morte de Faetonte; contam os poetas que seu carro celestial, fulminado por Zeus, precipitou-se no Erídano, nas margens do qual as enlutadas Helíades, irmãs do jovem, à força de muito o prantearem, foram transformadas pelos deuses em choupos, tendo suas lágrimas sido destiladas em âmbar. Com efeito, Luciano narra em um opúsculo sua expedição ao mesmo rio Erídano em busca de informações sobre o fim trágico de Faetonte, além de buscar vestígios sobre a origem miraculosa do âmbar²²¹; o critério autóptico serve para por à prova tanto o relato de poetas, quanto o seu próprio relato lunar, pelo que, revezada a posição do narrador e do destinatário, o último é instado a fazer uma odisséia sideral. Desnecessário, enfim, perorar sobre os barqueiros locais interpelados por Luciano, que se riram da ingenuidade dele por empreender tal investigação. Como figuras socráticas extraídas de um diálogo platônico, esses barqueiros retorquem que os poetas que cuidam de semelhantes contos não passam de charlatões e artífices de falsidades (*pseudologos*).²²²

Não se subestime, aliás, a presença de Platão em Luciano²²³; depois de Homero, Platão figura a autoridade mais discutida em seus textos, pois a metafísica platônica é motivo frequente de galhofa²²⁴. Ela é referida, de passagem, no episódio das almas reunidas em festejo na ilha dos Bem-aventurados. Platão é o único dos ilustres a não dar as caras nesse festim²²⁵, como que a dizer que a armadilha se volta contra o caçador: enredado, lucianicamente, pela engenhosidade com que plasmou seu mundo de ideias, notadamente em *República* e em *Leis*, Platão está condenado a viver nele e, quem sabe, a morrer pela boca como um Ugolino dantescamente cômico que acaba por encerrar-se em sua torre suprassensível para melhor regalar-se com sua própria prole eidética.

Em termos gerais, Platão é arrastado na mesma espiral de paradoxos com que Luciano dissolve tudo quanto menciona; se, por um lado, NV genericamente acolhe a

²²⁰ LUCIANO. *Como se deve Escrever a História*, 29.

²²¹ LUCIANO. *Sobre o Âmbar ou Os Cisnes*, 1-3.

²²² Idem, 3.

²²³ Cf. BRANHAM, R. Bracht. *Unruly Eloquence Lucian and the Comedy of Tradition*. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 67 - 123.

²²⁴ Cf. *A Dupla Acusação os Tribunais*, 34; *Vidas em Leilão*, 18; *Menipo ou A descida*, 4.

²²⁵ NV, II, 17.

censura platônica nas fábulas de poetas como sendo mentirosas, por outro ostenta um antiplatonismo facecioso, pois opera na contramão dos preceitos preconizados pelo filósofo; com efeito, em lugar do discurso ortótico²²⁶, Luciano firma o duplo ou paralogístico; em detrimento do sério e do verdadeiro, propõe o lúdico e o falso. Em suma, em vez de se ater aos seres e imagens icásticas, NV se abre à proliferação de não-seres, deformações fantásticas, monstros de múltiplas formas.

Na agonística de Luciano²²⁷, Platão não é senão um dos alvos de uma artilharia multifária; ainda assim ressalta porque Luciano mobiliza o mesmo aparato discursivo que Platão combate, o dos oradores ditos “sofistas”. Também por isso Luciano é associado à sofística, principalmente à “segunda sofística”, apesar de o próprio Filóstrato, inventor do termo, em nenhum momento o referir em seu *Vida dos Sofistas*; a crítica antiga tende a pintá-lo como comediógrafo²²⁸ ou filósofo, sobretudo de dentada cínica²²⁹, o que mostra a dificuldade de colocar uma etiqueta ao fugidio Luciano. Tudo depende, evidentemente, do que se entende por “sofista”, já que o termo é polissêmico²³⁰ e a figura, polimorfa. Ironicamente, Luciano fica conhecido como “sofista”, embora seja provavelmente a autoridade antiga que mais escarneceu dele, pois aplica a máscara aristofânica do sofista a figuras como Sócrates, Anaxágoras, Pitágoras, Aristóteles ou Jesus Cristo²³¹.

Se, por um lado, Platão faz do sofista uma caricatura do filósofo que mente por se ocupar com coisas fantásticas, Luciano, por outro, faz de poetas, historiadores e filósofos, caricaturas de sofistas, mas não quando simplesmente inserem fábulas em

²²⁶ Em *Amigo da Mentira ou o Incrédulo*, obra do *Corpus Lucianum* mais avizinhada com NV em termos de relatos de prodígios, o discurso ortótico (λόγον ὀρθόν) é referido no remate desse diálogo (40), como um antídoto contra as falsidades contadas.

²²⁷ Ver *infra* o texto *Luciano polemista*.

²²⁸ Fócio enfatiza: Luciano faz “comédia em prosa contra os helenos”. *Biblioteca*, 126.

²²⁹ Condenando os debates infundáveis envolvendo as escolas de pensamento à luz da φιλαρκία (amor ao poder, ambição de se impor), Isidoro de Pelúcio, autoridade cristã do quinto século, comenta as polêmicas travadas entre retores, poetas, historiadores e seus seguidores afirmando: o mesmo Platão que “os havia ridicularizado em seus diálogos”, foi, por sua vez, ridicularizado pelos cínicos, entre os quais Luciano, cujos diálogos visavam quase todo o mundo [...]. Pois, tendo ele [Luciano] encenado os deuses fabricados pelos poetas, recebeu a aprovação dos platônicos. Mas os discípulos dos poetas o trataram de blasfemador, de vez que ele havia zombado dos deuses que eles celebravam”. Ver a edição francesa das epístolas desse anacoreta egípcio editada por Pierre Evieux. ISIDORE DE PELUSE. *Lettres*. Volume I. carta 1338. Paris: Editions du Cerf, 1997, p. 385.

²³⁰ No argumento (ὕποθεσις) aposto a *Contra os Sofistas* de Isócrates, o Gramático Anônimo distingue três significados para “sofista”: o primeiro deles, calcado no étimo, nomeia o sábio (σοφός) em busca da verdade e do bem, cujo exemplo seria o filósofo Platão; já o segundo qualifica genericamente o retor que ensina a arte da eloquência; quanto ao último, pejorativo, ele concerne aos que sofismam sobre a verdade. Lembra-se que Platão enumera seis definições de sofista, entre elas ressalta a de caçador interesseiro de jovens ricos, de negociante das ciências da alma, de mercenário erístico (*Sofista*, 222a - 233a).

²³¹ Ver *infra* o texto *Luciano e a sofística*.

vista do deleite, senão a partir do momento em que as veiculam como portadoras de verdade. Com isso, de encantação para crianças, a fábula se converte em macaqueação de adultos, pois se inscreve num horizonte discursivo que escapa à ordem do provável, argumento de fundo tucidiano²³² que Luciano amplifica em sua fábula selenita, a brincar também com os filósofos que julgam a Lua habitada.

A afirmação de Luciano de que os filósofos escrevem inverdades que não se fazem notar²³³ é interpretada por um escoliasta como menção da fábula de Er, que epiloga a platônica *República*. Trazer Platão importa, sabendo-se que em meio à polissemia que recobre “*mythos*”²³⁴, embora não seja ele a primeira autoridade a conferir uma acepção negativa ao termo²³⁵, marca uma inflexão conceitual relevante na distinção clara de “*mythos*” e “*logos*”, opostos como o falso e o verdadeiro²³⁶.

Esse campo conceitual interessa às facécias de Luciano pelas incongruências suscitadas no interior da argumentação platônica: embora conceitue fábula (*μῦθος*) como um relato falso destinado a crianças, Platão não se cansa de semear seus diálogos com fábulas e alegorias diversas para interlocutores exortados a nelas se fiarem. Daí, os referidos comentários irônicos do narrador de NV parodiarem não menos as apóstrofes platônicas, do que as dos historiadores. Pois, à diferença de Heródoto, que põe em dúvida parte dos contos prodigiosos que expõe, Sócrates conta fábulas, insistindo em que todas são verdadeiras e fiáveis, mesmo que verse sobre uma refrega na insular Atlântida ou sobre as aventuras de uma alma penada, como a de Er, o ressuscitado que lhe serve de testemunha²³⁷.

²³² Cf. TUCÍDIDES. *Hist. da Guerra do Peloponeso*, I, 21.

²³³ NV, I, 4.

²³⁴ Marcel Detienne chama atenção para a “história polifônica” do termo “*mythos*”, o qual desde a epopeia até a metade do quinto século fazia parte do campo semântico da fala (*parole*): “fala concreta como se diz em uma assembleia, em um conselho ou entre gente que conversa, mas sem que em nenhum lugar haja uma divisão necessária entre o que é público e o privado, o que é político e o que não é. Quando Peleu confia a Fênix o cuidado de educar Aquiles, pede-lhe que faça de seu filho um bom ‘conselheiro’ e um bom ‘fazedor de façanhas’. O ‘conselheiro’ é, literalmente, o ‘orador de mitos’ (*múthon ... rhetér*): nem o orador de profissão do século IV, nem o cidadão adulto quando toma da palavra e discute os projetos do prítaneu, mas um homem que sabe dizer sua opinião, falar como é preciso e como convém. Neste registro, como aliás em muitos outros, *mythos* é e continuará a ser sinônimo de *logos* no decorrer do século VI e ainda na primeira metade do século V”. DETIENNE, Marcel. *L'invention de la mythologie*. Paris: Gallimard, 1981, p. 93.

²³⁵ Isso já ocorre em passagens de Heródoto, como também em Píndaro. Cf. DETIENNE, Marcel. *L'invention de la mythologie*, op. cit. p. 96 e sqq.

²³⁶ Cf. BRISSON, Luc. *Platon: les mots et les mythes*. Paris: Maspero, 1982.

²³⁷ Tendo contado a fábula (*μῦθος*) de Er, que alegoriza a imortalidade da alma (*República*, 621c), Sócrates diz a Gláucon que se fie nela. O mesmo ocorre em outros diálogos, epiloados por semelhantes relatos de cunho escatológico. Assim, no *Górgias* (523 e sqq.), Sócrates, tratando do julgamento no mundo dos mortos, considera-o não uma fábula (*μῦθος*), mas um discurso (*λόγος*), o que gera implicações ulteriores, pois, ao término dessa narração, o mesmo Sócrates diz a seu interlocutor que a desprezará,

Um abismo separa a ironia luciânica da ironia socrática: enquanto a última, arte interrogatória inscrita em uma maiêutica na qual se simula ignorância sobre as matérias debatidas e se visa ao desmascaramento ou à confusão do oponente: mostrando-o errado e a Sócrates, o interpelante refutador, certo, reestabelece-se a verdade²³⁸ ou pelo menos

provavelmente por tomá-la por fábula (*μῦθος*) recitada por uma velha (*Górgias*, 527 a). Não pouco se escreveu sobre essa controvérsia à luz do conhecido passo da *República*, em que Sócrates, discorrendo sobre o modelo pedagógico adequado aos guardiões da *pólis*, relega a fábula ao campo do *psêudos* que se veicula a crianças:

- “ – Então que educação há-de ser? Será difícil achar uma que seja melhor do que a encontrada ao longo dos anos?
– a ginástica para o corpo e a música para alma?
– Pois não!
– Na música, disse eu, tu incluis os discursos (*λόγους*), ou não?
– Incluo.
– E não há duas espécies de discursos, os verdadeiros (*ἀληθείς*), de um lado, os falsos (*ψευδοίς*), de outro?
– Sim.
– E não devemos educá-los em ambos, mas primeiro nos falsos?
– Não entendo o que queres dizer.
– Não compreendes - disse eu - que primeiro ensinamos fábulas (*μύθοις*) às crianças? Ora, no conjunto, as fábulas são mentiras, embora contenham algumas verdades. E servimo-nos de fábulas para as crianças, antes de as mandarmos para os ginásios.
– Assim é.
– Pois era isso o que eu dizia, que se deve começar pela música, antes da ginástica.
– Perfeitamente”. PLATÃO. *República*, 376e - 377a. (Utilizou-se aqui tanto a versão de Maria H. da Rocha Pereira, quanto a de Daniel R. N. Lopes.)

A questão ganha contornos não menos irônicos nos textos em que Platão caricatura os historiadores, como no *Menexêno*, onde se encena uma paródia da oração fúnebre do tucididiano Péricles (*Hist. da Guerra do Peloponeso*, II, 35 - 46). Charles Kahn enumera a propósito cinco tópicos com vistas a solucionar o que chama de "enigma de *Menexêno*", *i.e.*, as dificuldades que ele suscita na recepção: “1. Por que a oração fúnebre que Sócrates profere é atribuída a Aspásia, a amante de Péricles? 2. Por que o anacronismo flagrante? [...] Sócrates se põe a recitar um discurso evocando eventos históricos ocorridos 13 anos após sua morte, enquanto a suposta autora do discurso provavelmente já estava morta há mais tempo [...]. 3. Por que a distorção sistemática da história ateniense [...] ? 4. Por que Platão pela primeira vez redige uma oração fúnebre? 5. Se, como diz Sócrates, o discurso é um jogo farsesco, ou [...] uma paródia [...], por que mais tarde foi levado tão a sério a ponto de ser lido anualmente por ocasião da cerimônia fúnebre pública?” KAHN, Charles H. *Plato's Funeral Oration: The Motive of the Menexenus*. Chicago: The University of Chicago Press. *Classical Philology*, vol. 58, nº 4, p. 220, outubro de 1963.

Algo semelhante ocorre em *Timeu* e em *Crítias*, ambos atravessados por burlas a Heródoto. Crítias arremeda do historiador de Halicarnasso a expressão “grandes e maravilhosos feitos” (*Timeu*, 20e), enfatizando que vai pronunciar um discurso “totalmente verdadeiro”, mas “deveras insólito” (*Timeu*, 20e), pois centrado na ilha Atlântida. De modo geral, as Guerras Médicas fornecem o modelo para Platão compor o que Luc Brisson designa como uma narrativa “pseudo-histórica” (*Les mots et les mythes*, op. cit. p.22), pois teria sido travada entre Atenas e Atlântida há mais de 9 mil anos. Mas a ironia não para aí: tendo ouvido de Crítias parte de seu conto atlante, Sócrates o ratifica (*Timeu*, 26e), julgando ter ele exposto um “discurso verdadeiro” (*ἀληθινὸν λόγον*), e não uma “fábula forjada” (*πλασθέντα μῦθον*). Discutindo o valor de verdade em textos platônicos onde *μῦθος* e *λόγος* correm lado a lado, Kathryn Morgan interpreta a fábula atlante como encenação da “nobre mentira”, aduzida na *República* (414b e sqq), em que se admite que um relato falso se inscreva no seio da sociedade, contanto que ele atue sobre os afetos dos habitantes, tornando-os mais favoráveis e dedicados às questões da *pólis*. Cf. MORGAN, Kathryn. *Myth and Philosophy from the Presocratics to Plato*. Cambridge: University Press, 2000, p. 263-265.

²³⁸ Cf. PERRIN, Laurent. *L'ironie mise en trope*. Paris: Kime, 1996, p. 7. Pierre Chantraine rejeita a hipótese que faz derivar *εἰρωνεία* de *εἰρομαι* (interrogar, pedir), ou de *εἶρω* (dizer, declarar). *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris, Klincksieck, 1999, p. 326. Sabe-se que desde a comédia antiga o referido termo é assimilado ao astucioso. Nessa chave, Aristófanes (*As Vespas*, 174) apresenta como "irônico" (*ὄς εἰρωνικῶς*) o intento de Filocleão de escapar de seu filho agarrando-se ao ventre de um asno. O ironizado é, evidentemente, Odisseu, o herói das mil astúcias (*polymetis*), que, diferentemente

se indica o caminho pelo qual se pode a ela aceder; a ironia de Luciano, por sua vez, consiste em lançar por terra os enunciados que as autoridades alçam a verdades, porquanto ele não tem um mundo de ideias a defender, não assumindo o papel de pregador dos bons costumes: com as ironias, Luciano relativiza as certezas alheias, mas, diferentemente de Sócrates, o nietzschiano pastor platônico do ser, nada instaura em seu lugar. NV assim se oferece ao leitor: ruínas narrativas forjadas no vazio cômico dos paradoxos que se sucedem na fronteira das colunas de Hércules com as constelações do Zodíaco.

Sob esse aspecto, Luciano endossa a ironia atribuída a Górgias, a qual, dissolvendo os universais e mais posições fixas, opera com inversões contínuas, refutando tudo quanto se discute, comicamente. Lembra-se que Aristóteles define a ironia gorgiana como um recurso argumentativo útil em debates, que consiste em desfazer a seriedade dos adversários por meio do riso, e, inversamente, o riso por meio da seriedade²³⁹.

Essa técnica zombeteira se materializa em NV por seu duplo movimento negativo, giro talvez mais radical que a da erística gorgiana, porque nem mesmo o narrador sai ileso desse *quodlibet*: Luciano faz a um tempo ironia de outrem, ridicularizando os argumentos com que os autores conferem legitimidade às suas fábulas enquanto ironiza a si mesmo, referindo continuamente o *psêudos* que preside sua narração de errâncias inerentes à uma navegação insólita. Esta opera por acúmulo de atopias no interior das quais Luciano afigura-se o protagonista de suas façanhas jocossérias para com elas se desmanchar em meio ao tufão que lança a nave no espaço sideral, à tripulação tragada pelo monstro marinho, ao naufrágio junto aos antípodas.

Além do ironista, outro tipo cômico teofrastiano que intervêm no *éthos* do narrador luciânico é o do enredador (*λογοποιῶν*). Dois aspectos dele sobressaem na

desse herói cômico, cujo estrategema fracassa, consegue fugir da caverna de Polifemo enroscado debaixo de uma lanzuda ovelha (*Odisseia*. IX, 433).

Supõe-se, com efeito, que o significado primevo de *eironeia* seja o de “dissimulado”. Vale dizer que Cícero quando traslada esse vocábulo grego para o latim, propõe *dissimulatio* (*Lucullus*. 9, 15). Quanto à ignorância simulada de Sócrates, apoiada no arrazoado délfico “como não sei mesmo, também não julgo saber algo” (PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 21d), ela é sintetizada no comentário de Trasímaco: “Cá está a célebre e costumeira ironia de Sócrates! Eu bem o sabia, e tinha prevenido os que aqui estão de que havias de te esquivar a responder, que te fingirias ignorante, e que farias tudo quanto há para não responder, se alguém te interrogaste” (*República*, I, 337a. Tradução de Maria H. da Rocha Pereira). Sobre os matizes da ironia socrática, ver GOURINAT, Michel. *Socrate était-il un ironiste ?* Presses Universitaires de France: Revue de Métaphysique et de Morale, 91e., nº 3, p. 339-353, julho-setembro de 1986.

²³⁹ ARISTÓTELES. *Retórica*, III, 1418a.

paródia do historiador reproposta em NV: anunciar coisas inéditas²⁴⁰, deleitáveis ao interlocutor²⁴¹; tomar a narração como falácia, ainda assim abonável.

Teofrasto qualifica o enredador como aquele que expõe ditos e ações falsos, querendo sejam eles críveis²⁴². Já o narrador de NV afirma contar “variegadas mentiras” (*ψεύσματα ποικίλα*), expostas, entretanto, de “modo crível e verdadeiro”²⁴³. Esse enunciado antitético é a primeira evidência fornecida pelo texto acordada com o título da obra de sua natureza paradoxal, e que está articulado com a sentença final do proêmio. A contrapelo de autoridades que alegam a verdade de seus relatos, requerendo dos leitores a adesão a esses, já previamente Luciano se desacredita, advertindo para não se fiarem em nada do que vão ler de seu. A facécia de Luciano se inscreve, não numa *captatio malevolentiae*, como a que dirige Cyrano de Bergerac ao “tolo leitor e ao não sábio”²⁴⁴, mas, sim, numa benevolência de um discurso urbano de circunstância que distende o pensamento de leitores cultíssimos empenhados em obras mais sérias. Por “mais sérias” (*σπουδαιότερων*)²⁴⁵ se entendem, evidentemente, as que pertencem aos gêneros elevados²⁴⁶, como as enumeradas no proêmio (I, 3) ou evocadas nos episódios a fim de serem arremedadas. Por contraste, a obra menos séria de Luciano – nada tendo a ver com a negligência, pois ele insiste no engenho implicado para compô-la –, a cômica, gerada na dissimetria entre a insignifância das coisas narradas e a seriedade afetada do narrador, move o riso, como quando o protagonista peleja contra piratas embarcados em abóboras.

²⁴⁰ No plano da invenção, NV acolhe a novidade expressa no desejo do narrador-viajante por “coisas novas” (I, 5). Seu alcance implica três episódios, todos anunciados sob a perspectiva do insólito: os acontecimentos selenitas (I, 22), o sequestro de Helena (II, 25), o modo de navegar de uma etnia fabulosa.

²⁴¹ TEOFRASTO. *Caracteres*, VIII, 2.

²⁴² Idem, VIII, 1. O enredador teofrastiano parte de um acontecimento histórico, a guerra de sucessão pelo reinado macedônico após a morte de Alexandre Magno, apresentando uma versão que julga fiável, porquanto apoiada no depoimento em primeira mão de participantes recém-saídos da refrega. O farsesco está na simulação de testemunhas, discriminadas por nomes ou ofícios de sorte a lhes conferir autenticidade (VIII, 4), nas menções patéticas ao prisioneiro de guerra – “ó infeliz” – (VIII, 9), e no tom confidencial ao interlocutor – “convém que você seja o único a saber disso” –, que nada tem de segredo, pois o enredador corre em seguida por toda a cidade a proparlar o mesmo relato (VIII, 10).

²⁴³ NV, I, 2.

²⁴⁴ Cyrano de Bergerac escreve “Au sot lecteur et non sage” a título de prefácio do *Le jugement de Pâris en vers burlesques* (1648), de Charles Coyneau d'Assoucy. Ver a reedição, CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres comiques, galantes et littéraires*. Paris : Adolphe Delahays, 1858, p. 107- 108.

²⁴⁵ NV, I, 1.

²⁴⁶ Em Aristóteles, o termo “*σπουδαῖος*” (apressado, honesto, sério, zeloso, ativo, elevado) recorta os gêneros sérios, fazendo parte tanto da poesia épica (*Poética*, 1449 b, 10), quanto da trágica (idem, 1449 b, 25), uma vez que duas são definidas como imitações de ações elevadas.

O campo semântico e iconográfico de *kêtos*

Traduções de *Das Narrativas Verdadeiras*, das mais antigas, quinhentistas, às mais recentes²⁴⁷, coincidem em pelo menos um aspecto: o de *kῆτος* reduzido a “baleia”²⁴⁸ e seus análogos vernaculares²⁴⁹:

“*Balena*” (Lonigo, 1525); “*ballena*” (Enzinas, 1551)²⁵⁰; “*baleine*” (Bretin, 1583); “*ballena*” (Villaquirán, 1617)²⁵¹; “*baleine*” (d’Ablancourt, 1654); “*ballena*” (1729, Reguera); “*baleine*” (Abade Massieu, 1787); “*baleine*” (de Ballu, 1788); “*balena*” (Manzi, 1834); “*balena*” (Settembrini, 1862); “*baleine*” (Talbot, 1874); “*baleine*” (Chambry, 1934); “*baleine*” (Grimal, 1958); “*balena*” (Montanari, 1971); “baleia” (Fernandes, 1981); “*balena*” (Matteuzzi, 1995); “*ballena*” (Gual, 1996); “*baleine*” (Terreaux, 2002); “*ballena*” (Alarcón, 2002); “*baleine*” (Lacaze, 2003); “*ballena*” (Mestre & Gómez, 2007); “baleia” (Sano, 2008); “*baleine*” (Bompaire, 2012); “baleia” (Magueijo, 2012); “baleia” (Piqueira, 2012); “*balena*” (Cataudella, 2017).

Divergindo delas²⁵², propõe-se aqui o composto “besta marinha”, que acolhe a latitude semântica e a profusão imagética de *kêtos*; assim, não se o limita a uma das categorias mastozoológicas, evitando-se associá-lo ao animal existente, a baleia. *Grosso modo*, cinco aspectos compõem *kêtos*: figura pavorosa²⁵³; bicho aquático,

²⁴⁷ Enumeram-se cronologicamente as versões que repertoriam *kêtos* em português, castelhano, francês e italiano.

²⁴⁸ A referência é I, 27, primeira ocorrência do termo *kῆτος* em NV.

²⁴⁹ Desconsidera-se, portanto, as versões latinas da obra, pois nelas é grafado o homônimo “*cetus*”, como se lê, por exemplo, nas de Tifernate (1475), de Bracciolini (1546) ou de Dindorf (1842).

²⁵⁰ Francisco de Enzinas, considerado o primeiro tradutor castelhano da obra sob o título *Historia Verdadeira*, suprime de sua versão, em I, 27, o passo em que Luciano menciona ter deixado os presentes que recebera de Endimião na besta marinha. Em relação ao episódio, o tradutor escreve que os navegantes teriam encontrado em alto-mar “*muitas bestas como se fossem baleias mui grandes*”. No transcorrer do episódio, *kêtos* é frequentemente traduzido por “*ballena*”.

²⁵¹ A tradução de Villaquirán interpreta livremente o referido passo (I, 27), a ponto de alterar o texto grego, porquanto menciona que os presentes oferecidos na lua aos tripulantes da nave perderam-se “no mar”, não no “*kêtos*” como escreve Luciano. E quando trata propriamente do episódio, Villaquirán adota frequentemente o termo *ballena*, cambiando-o, entretanto, por vezes por *bestia* e por *monstro*.

²⁵² Em seu comentário, Ollier considera *kῆτος* um “monstro marinho”, mas em seguida o refere em termos de um “cachalote”, pois o mesmo bicho tem dentes. *Lucien: Histoire Vraie*, op. cit. p. 37.

²⁵³ Sobre as adversidades enfrentadas pelos pescadores, Opiano afirma (*Haliêutica*, I, 48) que eles tremem de horror frente as intempéries do mar e com as bestas marinhas (*κῆττα*). O mesmo autor (I, 360) acrescenta que as bestas marinhas (*κῆττα*) causam pavor a quem os vê.

eventualmente terrestre²⁵⁴; predador insaciável²⁵⁵; corpo gigantesco; forma cambiante, variável dos peixes aos cavalos, das serpentes às lacraias²⁵⁶, dos mamíferos marinhos aos animais mistos. Por isso, “besta marinha” não prefigura o imaginário do leitor, nem domestica o bestiário do autor, acolhendo, ainda, as definições perifrásticas da lexicografia antiga: Elio Herodiano qualifica *κῆτος* de “grande animal marinho”²⁵⁷; algo semelhante se lê na *Suda*, qualificando *κῆτος*, “fera (*θηρίον*) marinha polimorfa (*πολυειδής*)”²⁵⁸.

Como na *Suda*, em Luciano *kêtos* e *thêrion* são sinônimos, por qualificarem em NV o mesmo monstro que engole a nave do protagonista. O uso do *θηρίον* se explica: também ele é polissêmico²⁵⁹, no que se aplica a muitos animais, mormente selvagens²⁶⁰, pequenos e grandes, naturais e imaginários. Em Políbio, ele designa alguns elefantes de Asdrúbal, mortos em campo de batalha contra os romanos²⁶¹; em Heródoto²⁶², o termo refere os monstros que habitam o trecho marítimo junto ao Monte Atos: estes devoraram não poucos marinheiros persas quando a frota deles foi parcialmente destruída pela borrasca. Já em Platão, o referido termo especifica Tífon²⁶³, enquanto em Aristóteles, o não menos monstruoso Marticora. É Aristófanes que se ri do aspecto ameaçador de

²⁵⁴ Diodoro Sículo escreve que uma região pantanosa da Arábia alimenta manadas de elefantes, assim como outros animais terrestres monstruosos (*ἄλλα ζῶα κητώδη χερσαῖα*), biformes, de aparência estranha (*Biblioteca Histórica*, II, 54).

²⁵⁵ “As bestas (*κῆται*) que se alimentam nos mares são numerosas e de tamanho desmesurado. Não sobem com frequência à superfície, pois, devido ao seu peso, habitam a profundidade marinha e, sempre famintas, enfurecem-se incessantemente por comida. Nunca cedem à voracidade do seu terrível estômago, pois qual alimento seria suficiente para preencher a cavidade do seu ventre, ou para satisfazer e deter suas mandíbulas insaciáveis?” OPIANO. *Haliêutica*, V, 46 sqq.

²⁵⁶ C. Eliano considera a lacraia (*σκολόπενδρα*) não apenas uma besta marinha (*θαλάττιον κῆτος*), como também uma das maiores bestas (*μέγιστον κητῶν*), de sorte que, ao surgir na praia, ninguém se atreve a encará-la. Segundo o mesmo autor, ela tem cauda plana, semelhante à da lagosta, sendo que em tamanho, pode-se compará-la a uma perfeita trirreme (*História dos Animais*, XIII, 23).

²⁵⁷ *Partitiones*, 66, 1: *Kêtos* (*κῆτος*): grande animal marinho, daí *kêtodes* (*κητώδης*), grande peixe.

²⁵⁸ *Kappa*, 1555.1: <*Κῆτος*> *θαλάσσιον θηρίον πολυειδής*.

²⁵⁹ Cf. ZUCHER, Arnaud. *Les classes zoologiques en Grèce ancienne: d'Homère (VIIIe av. J.-C.) à Élien (IIIe ap. J.-C.)*. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, Col. Héritages méditerranéens, 2012, p. 67.

²⁶⁰ Como explica P. Chantraine, (*Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1999, p. 435), *θηρίον* deriva de *θήρ* e, apesar do sufixo, só formalmente é seu diminutivo, ainda que *θηρίον* também designe pequenos animais, como as abelhas (TEÓCRITO. *Idílio*, XIX, 6). Ele se impõe antes como substituto de *θήρ*, tanto no jônico, quanto no ático. Por ser um qualificativo geral para “animal feroz ou selvagem” (BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. PARIS: Hachette, 2000, p. 936), *θηρίον* aparece, por vezes, em chave opositiva, nos casos em que se distingue o homem do animal, o civilizado do selvagem, o racional do irracional, como se vê em Aristóteles (*Ética a Eudemo*, 1215b, 36), bem como em Diógenes Laércio (*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, I, 33.13), que, comentando a doutrina de Tales, atribui a este um pensamento segundo o qual a Fortuna (*Τύχη*) lhe havia propiciado três vantagens, das quais a primeira é a de ter nascido homem (*ἄνθρωπος*) e não animal (*θηρίον*).

²⁶¹ POLÍBIO. *Histórias*, XI,1.12.

²⁶² *Histórias*, VI, 44.3.

²⁶³ *Fedro*, 230a.

Empusa: fera enorme (*θηρίον μέγα*)²⁶⁴, com o rosto coberto de fogo e pernas heteróclitas, das quais uma é de bronze, e a outra, de merda bovina²⁶⁵. Cagado de medo, o deus Dioniso fica com a veste tingida de amarelo e foge de Empusa, que pode assumir todas as formas, afigurando-se ora como boi, ora como mula, ora como mulher, ora como cão.

Também em Luciano, *θηρίον* tem acepções múltiplas; com efeito, designa algumas espécies de serpentes, como a víbora²⁶⁶ e a dípsade²⁶⁷, assim como a aranha²⁶⁸, a manada de elefantes²⁶⁹, o grifo²⁷⁰, os monstros²⁷¹ que Hércules extermina e, não menos, os homens²⁷². Já em NV, o vocábulo caracteriza os animais fantásticos de tamanho colossal e surge já no próêmio da obra como uma das matérias fabulosas sobre a qual filósofos, historiadores e poetas versam: “a enormidade das feras” (*θηρίων τε μεγέθη*)²⁷³, a qual Luciano impõe tratamento cômico lançando mão de hipérbolos e misturas. Assim, os Cavalos-formigas recebem o epíteto “feras grandíssimas”²⁷⁴, por constituírem um dos povos guerreiros que, aliados dos Heliotas na guerra contra Selenitas, só se conhecem pela montaria: eles lutam sobre formigas aladas de sessenta m de altura.

Thêrion é mais abrangente que *kêtos*, que só é frequente no episódio da besta marinha, onde mais aparece; aqui, em onze ocorrências Luciano chama ao monstro *κῆτος*, ao passo que em outras quatro, *θηρίον*, o qual, não apresenta singularidades nas situações em que é referido²⁷⁵, o que não impede o autor de jogar com esses termos. O episódio começa quando os navegantes, após longa viagem sideral, regressam ao mar; este, ao cabo de poucos dias, está infestado por toda a sorte de monstros, como “feras (*θηρία*), muitas bestas marinhas (*κῆτη*) e também outras (*μὲν καὶ ἄλλα*)”²⁷⁶, sendo que

²⁶⁴ ARISTÓFANES. *As Rãs*, 288.

²⁶⁵ *Idem*, 295.

²⁶⁶ *Amigo da Mentira ou o Incrédulo*, 11.

²⁶⁷ *As Dípsades*, 6.

²⁶⁸ *Elogio da Mosca*, 5.

²⁶⁹ *Zêuxis ou Antíoco*, 10.

²⁷⁰ *O Navio ou Os Desejos*, 44.

²⁷¹ *Zeus Trágico*, 32.

²⁷² Em dois casos o vocábulo se aplica a filósofos: um deles é um cínico censurado por levar uma vida de bicho (*Cínico*, 12); o outro é Aristóteles chamado de “fera aprisionada” (*Os Ressuscitados ou O Pescador*, 2).

²⁷³ NV, I, 3.

²⁷⁴ *Idem*, I, 16.

²⁷⁵ Assim, na primeira conversa que travam (I, 33), Luciano e Cíntaro designam o animal, no interior da qual se encontram aprisionados, uma fera (*θηρίον*). Em outro momento (I, 40), tendo ouvido muito barulho no mar e sem compreender a causa disso, Luciano e seus companheiros decidem subir à boca da fera (*θηρίον*) e, ficando aquém dos dentes dela, observam a batalha das ilhas-naves em alto-mar, vencida pelos guerreiros de Centauro-éolo (I, 42), os quais não só erigem um troféu sobre a cabeça da besta marinha (*κῆτος*), como também decidem acampar por lá (*θηρίον*) uma noite.

²⁷⁶ NV, I, 30.

o maior deles mede mil e quinhentos estádios²⁷⁷. Enumerados, *thêrion* e *kêtos* nomeiam bichos marinhos distintos, mas, no decurso da narrativa, ambos os termos, como se disse, convergem para só qualificar o maior deles. A besta marinha que traga a nave e os navegantes é também a fera (*θηρίον*) que devora muitas feras (*πολλὰ θηρία*)²⁷⁸: de devoração em devoração, também são deglutidos os nomes dos dois monstros, que, por muito reiterados ao longo da narração, acabam por perder a particularidade de sua designação.

Atestado desde Homero, *kêtos*²⁷⁹ marca presença não apenas nos discursos de gênero alto – epopeia, tragédia, historiografia –, mas também nos chamados “instrutivos e didáticos” – zoologia, astrologia, medicina, venatória –, e não menos nos de gênero baixo, pois, além de figurar numa comédia de Aristófanes²⁸⁰, ele ressalta em Luciano: *kêtos* é a um tempo personagem e cenário do segundo episódio mais longo de NV.

Figurado aqui e ali em diversas narrações, *kêtos* é coadjuvante nos ciclos narrativos de Perseu, de Hércules, de Jonas. Em Aristóteles, como veremos adiante, ocorre uma viragem conceitual, pois este discute *kêtos* não mais como um animal fantástico, mas como um gênero animal, como até hoje vigente: o cetáceo, considerado em termos de fisiologia e taxionomia. Quanto aos tratados médicos, estes reduzem-no ainda mais: *kêtos* não é senão carne, nem sempre suculenta, ainda que o interesse recaia em suas propriedades alimentares²⁸¹.

Dos *kétea*, álias, quase tudo se aproveita; de sua gordura se obtém óleo²⁸²; de seus nervos, cordas para harpas e instrumentos de guerra²⁸³; de sua carcaça, estrutura de casas, pois, segundo consta, as bestas marinhas que encalham e morrem na praia, são desmembradas pelos nativos, que dos ossos delas se servem na construção de suas

²⁷⁷ Idem, ibidem.

²⁷⁸ NV, I, 31.

²⁷⁹ O adjetivo, muita vez substantivado, *κητώδης* tem um campo de significação equivalente ao substantivo *κῆτος*. ZUCKER, Arnaud. *Les classes zoologiques en Grèce ancienne*, op. cit. p. 65.

²⁸⁰ Na parábase de *As Nuvens* (556), Aristófanes fala em uma velha bêbada a dançar o córdax e a ser devorada por um monstro marinho (*κῆτος*). Tal personagem feminina, incluída numa comédia de Êupolis, é posta em cena pelo também comediógrafo Frínico.

²⁸¹ ORIBÁSIO, em *Coleções Médicas*, II, 57, afirma que os cetáceos (*τῶν κητωδῶν*), como as focas (*φῶκαι*), as baleias (*φάλαιναι*), os golfinhos (*δελφίνες*), os peixes-martelo (*ζύγαιναι*), os grandes atuns (*θύννων οἱ μεγάλοι*), os galhudos (*κύνες*), assim como os que se lhes assemelham, têm a carne dura, além de serem impregnados de maus humores e de matérias excrementícias; por isso só são comidos depois de salgados. Argumento semelhante se lê em GALENO, *De Alimentorum Facultatibus*, III, 738. Também em chave culinária, Heródoto (*Hist.*, IV, 53) conta que o sal cristaliza-se naturalmente na foz do rio Borístenes; este fornece grandes peixes (*κῆτέα τε μεγάλα*) sem espinhos, chamados “esturjões”, para a salga.

²⁸² C. ELIANO. *História dos Animais*, XII, 41.

²⁸³ Idem, XVII, 6.

moradas, dos quais, os dos flancos usados como vigas, e os das mandíbulas, como portas²⁸⁴.

Em Homero, *kêtos* é recorrente, mas não tem forma precisa, porquanto nenhum atributo físico dele se menciona: ligado ao mar e quase sempre aos deuses, *kêtos* surge ora sozinho, ora em grupo, ora predador, ora presa, ora enfim a participar em um cortejo. Na *Odisseia*, o termo refere: os grandes animais que, como os golfinhos e os cães-marinhos, são caçados por Cila²⁸⁵; o monstro enorme (*κῆτος μέγα*) que Odisseu teme lhe seja enviado por algum deus como um castigo²⁸⁶; as focas de Proteu²⁸⁷. Já na *Ilíada*, o mesmo termo se aplica tanto ao monstro feroz que persegue Hércules, o qual só encontra refúgio nas muralhas de Troia²⁸⁸, quanto aos animais, nada terríveis, que acompanham a viagem de Posídon pelos mares²⁸⁹.

Em Hesíodo, registra-se a variante *Κητώ*: nome próprio a especificar uma divindade marinha primordial²⁹⁰, filha de Ponto e Gaia, que copula com o próprio irmão, Fórcis, e engendra uma prole monstruosa formada por Equidna e pelas Graias, Górgones²⁹¹.

As quatro acepções correntes de “*kêtos*”²⁹² são: (1) monstro marinho; (2) grandes peixes; (3) animais, principalmente os mamíferos da família dos cetáceos; (4) constelação austral. Com a flutuação de acepções, *kêtos* se define pela especificidade do termo em cada narrativa, levando-se em conta o gênero discursivo que a ele se remete; assim, regida pelo maravilhoso, a primeira acepção figura em epopeias, tragédias, como também em comédias e, nestas, como paródia. Já a segunda acepção,

²⁸⁴ ARRIANO. *Anábase de Alexandro Magno*, VIII, 30.

²⁸⁵ HOMERO. *Odisseia*, XII, 97.

²⁸⁶ Idem, V, 421.

²⁸⁷ Menelau conta a Telêmaco (*Od.* IV, 332 sqq.) que, graças a artimanha de Idoteia, ele e três companheiros puderam se esconder nas areias da ilha egípcia de Faros sob a pele de focas recém-esfoladas por ela. Assim, quando Proteu chega à praia para tomar sol e verificar suas focas, não os viu disfarçados. Ao se deitar na areia, Proteu é agarrado por eles de tal sorte que, mesmo se transformando em vários seres, não logra escapar. Menelau o solta com a condição de que ele, vaticinador, conte-lhes como poderiam regressar à Esparta. *Κῆτος* é aqui empregado duas vezes: a primeira é quando Idoteia insere ambrosia nas narinas dos heróis a fim de anular o cheiro desagradável das focas (*κῆτος*) esfoladas; a segunda, quando Proteu passa em revista as focas (*φώκη*) deitadas na praia, acrescentando na contagem os heróis ocultos sob as peles de focas (*κῆτος*).

²⁸⁸ HOMERO. *Ilíada*, XX, 147.

²⁸⁹ Idem, XIII, 28. Nesse passo, uma vez mais o vocábulo se presta à interpretações divergentes, sendo ora vertido por “golfinhos” (F. Lourenço, Companhia das Letras, 2013), ora por “baleias” (Boileau), ora ainda por “monstros marinhos” (E. Lassarre, GF-Flammarion, 1965). Odorico Mendes, por sua vez, utiliza aqui “cetáceos”, mas para o *kêtos* a caçar o Hércules antes referido emprega “tremenda orca”.

²⁹⁰ HESÍODO. *Teogonia*, 238.

²⁹¹ Idem, 270- 276.

²⁹² LIDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996. p. 949. BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. PARIS: Hachette, 2000, p. 1089.

por sua abrangência morfológica, pode transportá-lo para a primeira ou para a terceira; esta, por sua vez, se restringe à história natural. Quanto à última acepção, astronômica ou astrológica, deriva ela da primeira, porque, ao morrer em combate contra Perseu, *kêtos* transforma-se na constelação homônima – a fim de memorar a façanha do herói – , formada por treze brilhantes estrelas, demarcadoras da silhueta desse monstro no firmamento²⁹³.

A primeira acepção é, por conseguinte, a mais corrente em textos e imagens, de Homero aos bestiários hoje conhecidos como “medievais”. Seu polimorfismo permite identificá-lo com um grande peixe, como o que engole o profeta Jonas. Não por acaso, Hesíquio qualifica *κῆτος* de “peixe marinho gigantesco” (*θαλάσσιος ἰχθὺς πομπυρέθης*)²⁹⁴, enquanto Eliano chama ao atum *κητώδης*²⁹⁵.

Como monstro, *kêtos* tem dois sentidos, complementares: prodígio divino, *mirabile* da natureza, diferenciáveis tanto pelo papel desempenhado pelo monstro, principal ou secundário, quanto pela visada e extensão das narrativas. Assim, no primeiro caso, a presença dos deuses e o protagonismo do herói fazem com que o monstro não seja mais do que um instrumento, de vingança para aqueles, de glória para este. Portanto, seu surgimento miraculoso consiste em levar a cabo um castigo mortal, infligido a alguém que, direta ou indiretamente, desobedeceu a uma ordem divina, como se vê nas referidas narrativas sobre Perseu, Hércules, Jonas, em que o monstro, como coadjuvante, coloca à prova o herói, testando-lhe o valor. Já no segundo caso, sem a presença dos deuses e sem um papel necessariamente funesto, *kêtos* protagoniza acontecimentos admiráveis: narrativas curtas, independentes entre si, em que é descrito transformado em um outro ser ou, simplesmente, pintado como figura colossal e heteróclita, semi-homem e semianimal, habitante de regiões remotas, *tóπος* epidítico não pouco explorado em discursos históricos, de geografia ou de história natural. Cláudio Eliano conta que o Grande Mar²⁹⁶, nas cercanias da ilha de Taprobana, é o *habitat*, não só de peixes, mas também de monstros (*κῆτη*), tendo uns cabeça de leão, leopardo, lobo, carneiro, enquanto outros, a forma de um sátiro com aspecto de mulher

²⁹³ ERATÓSTENES DE CIRENE. *Catasterismos*, XXXVI. Estudiosos notam que o mito de Perseu, Andrômeda e *Kêtos* se impõe como o mais representado no espaço celeste: grupo constituído pelas constelações de Cefeu (XV), Cassiopeia (XVI), Andrômeda (XVII), Perseu (XXII), além do referido *Kêtos* (XXXVI).

²⁹⁴ Cf. *Hesychii Alexandrini. Lexicon*, K 2575.

²⁹⁵ C. ELIANO. *Hist. dos Animais*, I, 40.

²⁹⁶ O Grande Mar é identificado com o Oceano Índico, enquanto a ilha de Taprobana, o atual Sri Lanka.

e, em vez de madeixas, espinhos²⁹⁷. Há também tritões: o mesmo Eliano rediz uma narrativa propalada de que no mar há monstros (*κήτη*) com a forma humana da cabeça à cintura, enquanto propõe a existência deles com recurso a Demóstrato, que, em seu hoje perdido *Tratado de Pesca*, afirma ter visto um tritão dissecado em Tânagra²⁹⁸. Já Estrabão escreve que o pescador Glauco se transforma num *kêtos*²⁹⁹ e que monstros anfíbios (*κήτη δ'ἀμφίβια*) vivem perto da mesma Taprobana, uns se assemelhando a bois, outros, a cavalos, outros ainda a mais animais terrestres³⁰⁰. Ateneu, por sua vez, reconta, evocando o naturalista Sóstrato, uma metamorfose ictioide em que *kêtos* surge no auge do crescimento de um tipo de atum: “Sóstrato diz, no segundo livro de seu *Sobre os Animais*, que bonito (*πηλαμύδα*)³⁰¹ chama-se *atum* (*θυννίδα*) e, quando fica grande, *thýnnos* (*θύννον*) e ficando ainda maior, *órkyinos* (*ὄρκυνον*), mas, ao alcançar um tamanho desmedido, *besta marinha* (*κῆτος*)”³⁰². Quanto ao Fisiólogo, nele se descreve o “áspide-tartaruga” (*ἀσπιδοχελώνη*), *kêtos* dotado de duas naturezas: uma, de víbora, cuja boca exala perfume por toda parte e atrai para si os peixes pequenos que ela devora; outra, de um grande ser, ilha, que os marinheiros, por não reconhecê-la como um monstro, nela prendem suas naves e desembarcam; ao acenderem o fogo para cozinhar, esse *kêtos*, sentindo o calor, mergulha e leva tudo consigo³⁰³. Assinale-se que a ilha-cetáceo ou ilha-errante que emerge e submerge é exemplo recorrente em narrativas de viagens extraordinárias, sendo que nas de Alexandre Magno, situadas na Índia, o monarca só escapa porque um seu companheiro desembarca antes e desaparece com o monstro que volta para as profundezas. Com variantes, a ilha-cetáceo³⁰⁴ é

²⁹⁷ *História dos Animais*, XVI, 18.

²⁹⁸ *Idem*, XIII, 21.

²⁹⁹ ESTRABÃO. *Geografia*, IX, 2,13. Outras fontes divergem: Pausânias afirma que Glauco transformase, não em *kêtos*, mas em uma divindade marinha (*δαίμων*) por ter comido uma erva que lhe deu o poder dos vaticínios. *Periegesis da Grécia*. IX, 22,7. Para o Escoliasta da *República* de Platão, Glauco se tornou imortal após se ter banhado numa fonte sagrada. Na qualidade de divindade marinha, foi assimilado a Proteu (*apud* PLATÃO. *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996, p. 482).

³⁰⁰ *Idem*, *Geografia*, XV, 1,15.

³⁰¹ É usualmente identificado com um pequeno atum. THOMPSON, D´Arcy. *A Glossary of Greek Fishes*, op. cit. p. 197. Em NV, ele nomeia um monstro guerreiro alçado a comandante de uma tropa (I, 38).

³⁰² ATENEU. *Banquete dos Sofistas*, VII, 66.

³⁰³ ANÔNIMO. *Fisiólogo*, XVII.

³⁰⁴ Ela suscita também ceticismo nos autores. Estrabão evoca Nearco, que nega a existência de uma ilha misteriosa na Índia capaz de fazer sumir os marinheiros que nela fundeiam, porque ele mesmo nela desembarcou e a percorreu por inteiro sem encontrar vestígios de homens desaparecidos, concluindo que a ilha não teve nenhuma responsabilidade nisso (*Geografia*, XV, 2,13). Na mesma chave, em *O Livro dos Animais*, Al-Jahiz, zoólogo árabe do séc. IX, declara: “Quanto ao *Zaratán*, nunca encontrei ninguém que garantisse tê-lo visto com os próprios olhos. Alguns marinheiros contam que aconteceu de se aproximarem de certas ilhas marítimas e que nelas havia bosques e vales e gretas e que acenderam uma grande fogueira; e que quando o fogo chegou ao dorso do *Zaratán*, este começou a deslizar (sobre as águas) com eles (em cima) e com todas as plantas que sobre ele havia, a tal ponto que só quem conseguiu

recontada não só em Luciano, mas também na primeira viagem de Sindabād no *Livro das Mil e Uma Noites*, na fábula irlandesa de São Brandão, no *Orlando Furioso* de Ariosto, no *Paraíso Perdido* de Milton, mas é a versão latina do *Fisiólogo* que ressurge em diversos *Bestiários*, como os de Philippe de Thaon e de Guillaume le Clerc.

Difundidas em textos e imagens, as pelejas de Perseu e de Hércules contra *kêtos* integram esquemas narrativos similares, variando os nomes das personagens e dos lugares, os motivos da cólera divina³⁰⁵, as cenas de combate. Em ambas as narrações, o herói (ora Perseu, ora Hércules) chega a uma região devastada (ora Etiópia, ora Troia) e se depara, à beira-mar, com uma princesa (ora Andrômeda, ora Hesíone) amarrada a uma rocha e oferecida a um *kêtos* enviado por Posídon: a cólera deste contra os monarcas (ora Cassiopeia, ora Laomedonte) desaparecerá desde que as filhas deles sejam devoradas pelo monstro, como preconizam os oráculos. O epílogo é conhecido: matando a besta marinha, o herói salva a princesa.

Tal matéria floresce em não poucas ecfases de quadros, como no de Filóstrato, o Moço, que pinta *kêtos* com os olhos enormes, as sobranceiras recobertas por espinhos, a língua afiada, os dentes pontiagudos dispostos em três fileiras, dos quais uns se voltam para dentro com a forma de anzol, e outros se elevam a grandes alturas; tem ele tamanho desmesurado, corpo flexível e curvilíneo em muitas partes, ficando umas submersas, umas, emersas, que “se assemelham a ilhas aos que não estão familiarizados com o mar”.³⁰⁶ Aquiles Tácio descreve, por sua vez, a pintura de Evantes no templo de Pelúcio, em que se vê *kêtos* a emergir das profundezas com o fito de devorar Andrômeda: “grande parte do seu [*κῆτος*] corpo ainda se encontra cercado por ondas e apenas sua cabeça surge do mar. Sob as ondas se revelam na pintura, entretanto, a sombra do seu dorso, assim como as suas escamas volumosas, o pescoço arqueado, a crina espinhosa e a cauda enrodilhada. A mandíbula dele, larga e grande, se abre toda até a junção dos ombros e prossegue até a barriga”.³⁰⁷ Ambos os autores figuram *kêtos* como um animal aterrador com atributos reptilianos, tendente a um crocodilo colossal em Aquiles Tácio e a uma não menos desmesurada serpente marinha com dentes de Cila em Filóstrato.

fugir pode salvar-se. Essa história deixa para trás todos os relatos mais fabulosos e atrevidos” (*apud* BORGES, Jorge Luis. *O Livro dos Seres Imaginários*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 215-216).

³⁰⁵ No caso do rei Laomedonte, este rompe o juramento firmado com Apolo e Posídon, negando-se a pagá-los por o terem auxiliado a construir as muralhas de Troia. Quanto à rainha Cassiopeia, esta é acometida pela *hýbris*: ela ousa desafiar as Nereidas, filhas de Posídon, em um certame de beleza, vangloriando-se de ser mais bela do que elas.

³⁰⁶ FILÓSTRATO, O MOÇO. *Imagens*, XII, Hesíone.

³⁰⁷ AQUILES TÁCIO. *Leucipe e Clitofonte*, III, 6-7.

Luciano trata da mesma imagem, elogiando o pintor que também figurou o “aspecto invencível da fera (*θηρίον*)”, a qual “avança, espinhos eriçados, escancarando sua boca horrenda, enquanto Perseu exhibe a Górgone com a mão esquerda e, com a espada na direita, a transpassa: a parte da besta marinha (*κῆτος*) que viu a Medusa virou pedra, mas a parte que remanesceu viva foi destruída pela foice”.³⁰⁸ Comparem-se as duas bestas marinhas luciânicas: a de *Ἀληθῶν Διηγημάτων* tem brânquias, enquanto a de *Περὶ τοῦ Οἴκου*, espinhos eriçados. Nos dois textos, a besta marinha recebe os mesmos nomes – tanto *κῆτος*, quanto *θηρίον* –, ataca de modo similar – avança com a boca aberta –, e sempre conhece um final funesto, pois, com os golpes de Perseu e o olhar de Medusa, ela morre rapidamente, mas, com o fogo ateadado por Luciano, morre lentamente.³⁰⁹

Conquanto a efrase não se ocupe de pintura conhecida – pressupõe, aliás, como emulação verbal a inexistência dela³¹⁰ –, as imagens que ela produz de *kêtos* nos referidos autores, convergem, entretanto, com a iconografia do mesmo prodígio animal em antigas pinturas, relevos e esculturas, pois nas artes tanto letradas, quanto nas pictóricas, *kêtos* é sempre *ποικίλος*: ondulante, cambiante, fluido, diverso e polimorfo como Proteu, *kêtos* é figurado ora como peixe, ora como serpente, ora como cavalo, ora ainda como mistos de seres.

No tocante ao episódio de Jonas e da besta marinha, incluído no livro homônimo do Antigo Testamento, é o próprio profeta, e não um outro, a desobedecer à ordem divina e sofrer castigo, porque embarca, não para Nínive, como lhe ordenara Jeová, mas, para Társsis, fugindo de sua missão. Por isso, o mesmo Jeová manda-lhe dois portentos: um deles é a forte e repentina tempestade que sobreveio às ondas, ameaçando destroçar a nave de Jonas que só resistiu porque os marinheiros o lançaram ao mar enfurecido, que, então, se acalma; o outro portento é o grande peixe que, em seguida, oingere, mas não o digere³¹¹, pois, ao cabo de pouco dias, o animal o regurgita vivo em terra firme.

³⁰⁸ LUCIANO. *Acerca da Casa*, 22. Tal narrativa ressurgiu, com variantes, em um diálogo que as Nereidas travam com Tritão; este anuncia que o *kêtos* por elas enviado com o fito de matar a princesa, não só não conseguiu matá-la, como também foi ele quem acabou por morrer. Surpresas, as Nereidas o questionam acerca do ocorrido, no que Tritão conta tudo o que sucedera, inclusive o casamento de Perseu e Andrômeda no palácio de Cefeú (LUCIANO. *Diálogos Marinhos*, 14).

³⁰⁹ NV, II, 1-2.

³¹⁰ HANSEN, João Adolfo. *Categorias epidíticas da ekphrasis*, op. cit. p. 86.

³¹¹ DOUCHET, Sébastien. Dans le ventre du grand poisson : mer et parole prophétique dans le livre de Jonas et son iconographie, in: CONNOCHIE-BOURGNE, Chantal (dir.). *Mondes Marins du Moyen Âge*. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 2006, p. 115.

Sabe-se da dificuldade no verter para as línguas vernáculas os nomes dos bichos figurados em textos antigos³¹². É o exemplo do animal que engole Jonas: no hebraico, ele é referido como דָג גָדוֹל (*dâg gadol*), que, significa “grande peixe”³¹³, sem determinação de gênero ou espécie. No grego bíblico, se o traduz ora por μέγα κῆτος³¹⁴, como na *Septuaginta*³¹⁵, ora apenas por κῆτος, como em são Mateus³¹⁶. Também em são Jerônimo: em sua *Vulgata*, latiniza *dâg gadol* por *piscis grandis* (peixe grande) e mantêm o homônimo *cetus* para o κῆτος referido em são Mateus; procedimento que os tradutores latinos de Luciano seguem quando vertem o *kêtos* de NV.

Assim, tanto o κῆτος que engole e aprisiona Luciano e sua nave por quase dois anos, quanto o que engole e aprisiona Jonas por três dias, são ambos conhecidos por “baleia”, como na fórmula “Jonas e a baleia”³¹⁷. Que Luciano tenha aqui parodiado Jonas direta ou indiretamente via textos gregos que referem o prodígio, não se pode afirmar com certeza; porém, que tenha conhecido o cristianismo, parodiado suas práticas e seus representantes, é o que aparece em sua obra.³¹⁸

À força de muito engolir, *kêtos* é engolido no vernáculo pelo grandíssimo mamífero marinho, transposição metonímica, na medida em que a baleia, como o maior dos cetáceos, se impõe como o cetáceo por excelência. Tal argumento, mesmo que pautado pela história natural, nesta encontra um contra-argumento. Afinal, como se disse, o animal jonasiano é qualificado de “peixe” no hebraico e no latim. Ora, “peixe” não é baleia nem para Aristóteles, nem para Rondelet, autoridade quinhentista em ictiologia. Este afirma que Jonas foi engolido, não por uma baleia, mas, sim, por uma

³¹² Cf. AVENAS, Pierre; WALTER, Henriette. Noms d’animaux et difficultés de traduction. Montreal: Revue Meta, vol. 55, n° 4, p. 769 -778, dezembro de 2010.

³¹³ VIGOUROUX, Fulcran. *Dictionnaire de la Bible*. Paris: Letouzey et Ané, 1908, p. 498.

³¹⁴ *Septuaginta, Jonas*, 2:1.

³¹⁵ Na *Septuaginta*, *kêtos* também é polissêmico, pois conota, entre outros prodígios, os primeiros e grandes animais (*tá Kête ta mégala*) engendrados pelo Senhor no quinto dia da Criação Universal (*Livro do Gênesis*, I:21), bem como o monstro, que alguns traduzem por Leviatã, Rahab ou Serpente, destruído pelo mesmo Senhor (*Livro de Jó*, 26:12).

³¹⁶ *Evangelho segundo são Mateus*, 12:40.

³¹⁷ Embora seja um dos episódios mais conhecidos do Antigo Testamento, o da estada do profeta no interior do animal pisciforme, não é o mais relevante no *Livro de Jonas*, ainda que tenha valor paradigmático na cristologia.

³¹⁸ Cf. *Da Morte de Peregrino*, 13.

lâmia³¹⁹. Para o naturalista Lineu, nem esta, nem aquela: Jonas foi tragado por um tubarão³²⁰.

Isso se explica em parte pela natureza proteiforme de *kêtos*, cambiante como as divindades marinhas. Na iconografia, ele é mostrado ora a combater heróis, ora a engolir e a regurgitar Jonas, ora ainda como montaria para Nereidas e outras divindades, fazendo parte, ou não, de um cortejo (*θίασος*) marinho.

Três tipos de bichos preponderam na iconografia de *kêtos*: o peixe, o cavalo, a serpente, os quais podem se misturar com outros, produzindo variações teratológicas.

O tipo pisciforme figura principalmente em cenas jonasianas, como na de um sarcófago bizantino em que o animal abocanha a cabeça e parte do tronco do profeta (fig. 1); na pintura de uma Bíblia dos séculos XII-XIII que o mostra com o corpo retorcido e a boca escancarada, pronto a tragar Jonas (fig. 2); ou ainda, no teto da Capela Sistina em que Michelangelo, alterando a convenção, pinta um animal de porte médio fora da água em contraste com o gigantismo do profeta sentado ao seu lado (fig. 3).



FIG. 1. *Jonas e kētos*, mármore, sem data. Museu Arqueológico de Cônia.

³¹⁹ Em Rondelet, a lâmia aparece não só como um peixe, mas também como o maior de todos, por isso pode devorar até homens, sendo que alguns, afirma o autor, foram encontrados inteiros no estômago de uma lâmia, tanto em Marselha, quanto em Nice. RONDELET, Guillaume. *L'Histoire entière des poissons*. Lion: Chez Mathieu Bonhomme, 1558. p. 306.

³²⁰ *Apud* AVENAS, Pierre; WALTER, Henriette. Noms d'animaux et difficultés de traduction, op. cit. p. 775.



FIG. 2. *Jonas lançado ao mar*. Bíblia, séculos XII-XIII. Bourges, Bibliothèque Municipale de Bourges, ms. 3, f.º 246 r. Coleção Biblioteca Municipal de Bourges.



FIG. 3. Michelangelo. *O Profeta Jonas*, 1511, afresco [detalhe]. Vaticano, Capela Sistina.

Já o tipo equino, ora bípede, ora quadrúpede, assemelhado, como cavalgadura, ao hipocampo, é bastante figurado. Nessa chave, há ainda um conjunto escultórico, admiradíssimo na Antiguidade, executado por Escopas e conhecido pela descrição de Plínio, o Velho, que o localiza no Santuário de Domício: “Netuno, Tétis, Aquiles e Nereidas sentados sobre golfinhos, bestas marinhas (*cete*) ou hipocampos (*hippocampos*), além de Tritões, do cortejo de Fórcis, das pistris (*pistrices*) e de muitos outros [seres] marinhos”.³²¹ Em uma taça ática, *kêtos*, transportando às costas Tétis a carregar uma greva para Aquiles, aparece com pescoço alongado, crinas pontudas, rosto canídeo estilizado, orelhas erguidas, tendo somente as pernas dianteiras, pois sua dorsal, serpentinada, encerra, como cauda, uma grande pinça ou garra (fig. 4). Com aspecto análogo, tem-se um monstro a enfrentar Perseu; todo escamado, o bicho tem focinho crocodiliano e pernas tentaculares (fig. 5).

³²¹ PLÍNIO, O VELHO. *Hist. Natural*, XXXVI, 26.



FIG. 4. Atribuído ao Pintor Londres E 130. *Tétis cavalga um kêtos* [detalhe], sem data, taça ática. Londres, British Museum.



FIG. 5. Atribuído ao Grupo Métopa. *Perseu contra kêtos*, c. 320 a.C., ânfora apuliana, [detalhe]. Outrora na Coleção J. Paul Getty Museum.

Quanto ao tipo serpentiforme, é não só o mais frequente, como também o que mais apresenta variações na iconografia de *kêtos*; sua tipologia remete ao dragão marinho. Fala-se aqui em “tipos”, devido a abrangência imagética dos animais, tanto mais que o supramencionado equino constitui uma variante dragontina dos *kétea*. Uma gema do século VIII a.C. é considerada a mais antiga representação de *kêtos*³²². Nela se vê uma grande serpente de corpo delgado e escamado, mandíbulas abertas, longas barbatanas, a nadar junto à proa de uma nave (fig. 6). Figura semelhante reaparece em um mosaico de Aquileia, tendo aqui grandes barbatanas, corpo espiralado e a mesma cauda tricúspide (fig. 7).



FIG. 6. Anônimo, Selo Amigdalino de Epidauro Limera. *Uma flor, a proa de uma nave e um monstro marinho (kêtos)*. Nova York , GGFR pl. 244.

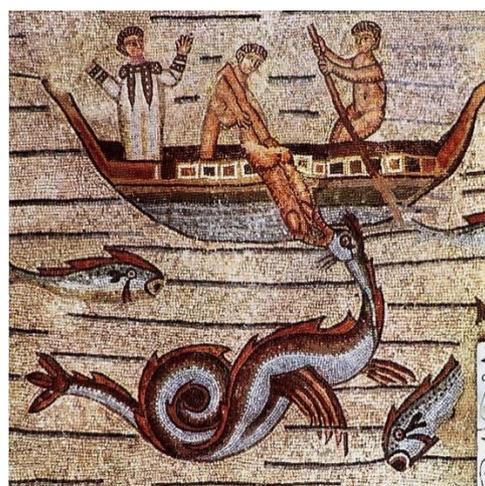


FIG. 7. *Monstro marinho engole Jonas*, [detalhe] mosaico de pavimento, início do século IV. Basílica de Santa Maria Assunta, Aquileia.

³²² Cf. SHEPARD, Katrine. *The Fish-Tailed Monster in Greek and Etruscan Art*. Darke County: Coachwhip Publications, 2011, p. 29.

Fusiforme ou anguiforme, o *kêtos* tem forma oscilante, porque seu corpo aparece às vezes robusto e estirado, às vezes, delgado e enrodilhado, ou ainda mais encorpado e enrodilhado, como Tiziano o pinta em cena de Perseu e Andrômeda (fig. 8). Os apêndices dele podem ser nadadeiras, mas também patas de felinos ou asas de rapinas, no que o *kêtos* alado, em chave funerária, é interpretado como animal psicopompo principalmente em sarcófagos romanos³²³; escamas, crinas, espinhos são frequentemente associados a ele, como ornamentos multifários.



FIG. 8. Tiziano. *Perseu, Andrômeda e kêtos*, 1554 -1556, óleo sobre tela, 175 × 189 cm. Londres, The Wallace Collection.

³²³ RICCIONI, Stefano. Dal *kêtos* al *sênmurv*? Mutazioni iconografiche e transizioni simboliche del *kêtos* dall'antichità al medioevo (secolo XIII), in: *Hortus Artium Medievalium. Journal of the International Research Center for Late Antiquity and Middle Ages*. Volume 22, p. 134, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10278/3674793>.

Mas é na cabeça que a variação mais se faz notar: o focinho de *kêtos* é ora de peixe, ora de porco, ora de leão, ora de crocodilo, ora ainda de cão. Com focinho comprido e pontudo a evocar um crocodiliano, é o monstro figurado em uma ânfora do século VI a.C. Trata-se da mais antiga obra pictórica remanescente com a inscrição *Kêtos*³²⁴ (fig. 9). Mais abundante é o de focinho canídeo, orelhas pontudas, pescoço retorcido com patas ou nadadeiras na parte anterior do corpo anguiforme, como se vê em cenas de Jonas (fig. 10-11), de Perseu (fig. 12) e de Nereida (fig. 13).



FIG. 9. Anônimo. *Perseu, Andrômeda e kêtos*, ânfora coríntia [detalhe], c. 550 a.C. Staaliche Museum, Berlim.



FIG. 10. Anônimo. *Kêtos engole e regurgita Jonas*, c. 200-250, mármore. Roma, Catacumba de S. Callisto, Capelle dei Sacramenti.

³²⁴ As inscrições que identificam as personagens têm letras arcaicas do alfabeto grego, como o emprego da letra san (M), em lugar do sigma, para KETOS, o qual é também grafado com épsilon quase retangular em vez do convencional eta.



FIG. 11. Anônimo, Jonas regurgitado, c. 280-290, mármore, 41 x 36 x 18 cm. Cleveland Museum of Art.



FIG. 12. Anônimo. *Perseu, Andrômeda e kêtos* [detalhe], da Villa Imperial em Boscotrecase, século I a.C., afresco, 159 x 118 cm. Metropolitan Museum of Art, Nova York.



FIG. 13. Anônimo. *Nereida cavalga um kētos* [detalhe], caixa de *Secundus* e *Proiecta*, prata e ouro, c. 380. Londres, British Museum.

Lembrem-se de que monstros marinhos predadores, como Cila, frequentam não poucas narrativas antigas. Eliano conta a pescaria de Epopeu e seu filho na Ilha Icária, pesca malfadada porque a rede só conseguiu pegar peixes-pilotos, os quais eles comem. Como esses peixes são consagrados a Posídon, este se vinga: manda um monstro (*kētos*) atacar a embarcação de Epopeu e devorá-lo na presença do filho³²⁵. Pseudo-Calístenes rediz Alexandre Magno, que descreve em carta sua aventura submarina em busca de pérolas, semelhantes às que ele e seus soldados haviam extraído do corpo moribundo de um gigantesco caranguejo. Suspeitando de que tais pedras preciosas provinham do mar profundo, Alexandre mergulha em um vaso (*πίθος*) gigantesco de vidro externamente reforçado por uma jaula de ferro, amarrada a uma longa corrente sustentada por mais de trezentos homens dispostos em quatro naves. Mesmo assim o vaso acabou arrastado por um grandíssimo peixe (*παμμεγέθειστατος ἰχθύς*), que o abocanha, despedaça a jaula, e arremessa Alexandre Magno à terra firme³²⁶. Na versão de Lícofron, no referido episódio de Hércules, de Hesíone e de *Kētos*, é o herói que se deixa engolir pelo prodígio marinho – aqui designado pelos epítetos “cão de dentes agudos” (*κάρχαρος κύων*)³²⁷ e “cão glauco” (*γλαυκός κύων*)³²⁸ –, para em seguida matá-lo, destroçando-lhe as entranhas com sua arma; mas Hércules não sai incólume: o tórrido calor das entranhas do animal fez com que ele perdesse todos os cabelos³²⁹. Essas cenas gregas de

³²⁵ *História dos Animais*, XV, 23.

³²⁶ PSEUDO-CALÍSTENE. *Historia Alexandri Magni*, II, 38b [Manuscrito L].

³²⁷ LÍCOFRON. *Alexandra*, 34.

³²⁸ *Idem*, 471.

³²⁹ *Idem*, 37.

devoração, bem como as narrativas de combates contra seres fabulosos das profundezas, são precedidas por cosmogonias e epopeias mesopotâmicas, egípcias, ugaríticas³³⁰.

No tocante à antes referida terceira acepção de *kêtos* – à dos animais chamados “cetáceos” –, deriva ela de Aristóteles e tem fortuna crítica na história natural. Com efeito, nos tratados aristotélicos de zoologia, *kêtos* designa não mais os seres prodigiosos e gigantes, associados não raro com divindades, mas, simplesmente, os mamíferos marinhos, como golfinhos e baleias. A zoologia se impõe assim à epopeia, como a anatomia comparada dos bichos, à descrição hiperbólica dos monstros. Na taxonomia de Aristóteles, “cetáceo” estabelece um dos grandes gêneros de animais sanguíneos:

“Os grandes gêneros (*γένη*) em que se dividem os outros animais são: o das aves (*ὀρνίθων*), o dos peixes (*ἰχθύων*), o dos cetáceos (*κῆτος*). Todos são sanguíneos”.³³¹ Tal classificação dos animais, embora parcial, implica a separação de peixes e cetáceos em categorias distintas³³², sendo a característica determinante dos peixes, em relação aos demais sanguíneos, as brânquias³³³, enquanto os cetáceos têm pulmões e respiram através de espiráculos³³⁴, os quais, como os das baleias, estão situados no alto da cabeça. Isso importa porque nem Plínio, o Velho, nem os naturalistas posteriores distinguem

³³⁰ No poema babilônico *Enûma Elish*, a cena em que Tiâmat (deusa primordial dos Oceanos) tenta devorar Marduk (demiurgo e protetor da Babilônia) constitui o momento decisivo da batalha pelo poder supremo: “Quando Tiâmat abriu a boca para devorá-lo, Marduk lançou o Vento Maligno que não se deteve nos lábios dela. Pois os ventos ferozes incharam a barriga de Tiâmat, distendendo-lhe o corpo, escancarando-lhe a boca. Então Marduk jogou a lança que rasgou a barriga de Tiâmat, cortando-lhe as entranhas, rasgando-lhe o coração. Tendo assim a subjogado, Marduk acabou com a vida dela”. Cf. *Enûma Elish*, tabuinha IV, 98-102. Traduzido da versão inglesa: PRITCHARD, James. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton: University Press, 1969, p. 67. Há estudiosos que apontam semelhanças da narrativa de Tiâmat e Marduk não apenas com a de *kêtos* e Hércules, mas também com a ugarítica em que Mot (deidade do Inframundo e dos mortos) traga Baal (deus do trovão e da fertilidade). Cf. FONTENROSE, Joseph. *Python: a Study of Delphic Myths and Its Origins*. Berkeley: University of California Press, 1980, p. 161. Diferentemente das narrativas supracitadas, na da Tifonomaquia de Apolodoro, Zeus não é tragado, mas apenas mutilado por Tífon – misto de homem e fera (*θηρίον*) de 100 cabeças dragontinas –, que o abandona numa caverna da Cilícia. Reatados seus tendões ao corpo e recobradas suas forças, Zeus persegue e vence Tífon, lançando sobre este o monte Etna (*Bibl.*, I, 6, 3). Na versão de Opiano, entretanto, Tífon é um monstro marinho enganado por Pã, que, tendo-lhe prometido um banquete de peixes, fá-lo sair de sua cova para beira-mar, onde foi abatido pelos raios de Zeus (*Haliêutica*, III, 15). Mencionem-se ainda os não poucos combates contra serpentes ou dragões, como o de Jeová *versus* Leviatã (ISAÍAS, 27:1), e o de Rê *versus* Apópis (Papiro Bremner-Rhind, British Museum, 10188).

³³¹ ARISTÓTELES. *História dos Animais*, 490b 10.

³³² O caso das focas é curioso: ao explicar a reprodução e a respiração de cetáceos (*História dos Animais*, 566b), Aristóteles não inclui as focas, discutidas no capítulo subsequente. Comentando, porém, as orelhas dos animais (*Hist. dos Animais*, 492a), o mesmo autor explica que todos os vivíparos as têm, exceto “a foca, o golfinho, como os outros cetáceos”, o que sugere que também a foca faça parte desse gênero. Em Homero, como se viu, *kêtos* é sinônimo de “foca”, embora ele não estabeleça taxinomia alguma.

³³³ ARISTÓTELES. *Das Partes dos Animais*, 696b.

³³⁴ Idem, 697a 17.

claramente entre cetáceos e peixes. Mesmo Lineu só os distingue a partir da 11ª edição, a penúltima, de seu *Systema Naturae*³³⁵. Ademais, *kêtos* continua a oscilar nos discursos pós-aristotélicos, sendo que Eliano e Opiano compõem um inventário de cetáceos³³⁶ de que constam também animais fantásticos; também neles não faltam cenas dos *kétea* como prodígios marinhos, o que mostra o alcance limitado das distinções aristotélicas na Antiguidade.

O mesmo Aristóteles esclarece ainda que os cetáceos, como animais tanto terrestres, quanto aquáticos, têm natureza dupla, porquanto “respiram ar como os [animais] terrestres, mas não têm pés e extraem seu alimento da água como os [animais] aquáticos”³³⁷. Mas não se infere disso que a zoografia aristotélica seja refratária ao maravilhoso: supõe-se, pelo contrário, que Aristóteles tenha escrito um tratado sobre a fauna fantástica denominado *Dos Animais Mitológicos*³³⁸; quanto aos tratados remanescentes³³⁹, neles há alusões a animais fabulosos. Ao discutir as diferenças relativas aos dentes, Aristóteles, em um excuro, descreve o Marticora: bicho com três fileiras de dentes em cada maxilar, sendo que em tamanho, pelos e patas se assemelha ao leão, mas, em rosto e orelhas, ao homem, além de ter olhos azulados e pele avermelhada; a cauda dele se assemelha à do escorpião terrestre pelo ferrão e pelos espinhos eriçados, jogados como dardos: é feroz, come carne humana e vive na Índia. Aristóteles afirma que se apoia na descrição de Ctésias, a quem, aliás, considera pouco fiável³⁴⁰.

³³⁵ Apud SANCHÉZ-ESCARICHE, Elvira J. Aristóteles. *Las Partes de los Animales*. Madri: Gredos, 200, p. 245. Mas, de acordo com o zoologista oitocentista Cuvier, a distinção entre cetáceos e peixes remete a naturalistas mais recentes como Bernard de Jussieu (1699 - 1777) e Jacques Brisson (1723 - 1806): “Esses animais [cetáceos], que se apresentam sob tantas formas diferentes [...] foram durante muito tempo considerados peixes; mas, depois de Bernard de Jussieu e de Brisson, foi preciso reconhecer, enfim, que eles pertencem à classe dos mamíferos porque eles têm dupla circulação completa e porque alimentam seus filhotes com o leite de seus mamilos”. CUVIER, Frédéric. *De l'histoire naturelle des cétacés, ou Recueil et examen des faits dont se compose l'histoire naturelle de ces animaux*. Paris: Librairie Encyclopédique de Roret, 1836, p. v.

³³⁶ C. ELIANO. *Hist. dos Animais*, 9, 49. “Os maiores cetáceos (*κητῶν*) são o leão-marinho (*λέων*), o tubarão-martelo (*ζύγαινα*), o leopardo-do-mar (*πάρδαλις*), os cachalotes (*φύσαλοι*), a *pristis* (*πρήστις*) e o chamado ‘malta’ (*μάλθη*) [...]”. O mesmo Eliano menciona ainda bichos marinhos terríveis como, o carneiro (*κρίος*), a hiena (*ῥαινα*) e o peixe-cão (*κυνῶν*), que é também um nome genérico para os tubarões. A identificação dos referidos animais é controversa. Quanto à lista estabelecida por OPIANO, *Haliêutica*, I, 365, ela é similar à de Eliano e reaparece posteriormente na Suda.

³³⁷ ARISTÓTELES. *Das Partes dos Animais*, 697a 30.

³³⁸ *Dos Animais Mitológicos*, em um livro (*υπερ των μυθολογουμένων ζώων α.*), consta no catálogo aduzido por Diógenes Laércio (*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, V, 25).

³³⁹ De autoria controversa, uma obra marcada por narrativas fantásticas figura no *Corpus Aristotelicum*: *Das Maravilhosas Coisas Ouvidas* (*Περι θαυμασιων ακουσματων*).

³⁴⁰ ARISTÓTELES. *História dos Animais*, 501a 25.

Dada a ausência de registros em autores precedentes, é em Aristóteles que se nota pela primeira vez a vinculação da baleia ao *kêtos*, sendo este um tecnicismo a designar, como se disse, o grande gênero dos mamíferos aquáticos, vivíparos, constituídos por pelos, mamas e espiráculos. A argumentação aristotélica, entretanto, é de pouca utilidade para esclarecer a assimilação, entre os tradutores de NV, da baleia ao *kḗtos*. Primeiro porque em duas ocasiões, Luciano escreve que a besta marinha tem brânquias³⁴¹, não, espiráculos. Portanto, o *kḗtos* de NV seria, não uma baleia, mas um peixe, aristotelicamente. Segundo, porque “baleia” no léxico grego, e ainda mais no de Aristóteles, é especificada por *φάλαινα*, termo de pouca circulação nos discursos antigos em relação a “*kḗtos*”, a ponto de Luciano em nenhum momento o ter grafado em NV.

“Baleia”, por conseguinte, é restritiva e equivocada, além de retoricamente inadequada à amplificação cômico-epidítica de *kêtos* em NV. Enquanto a baleia-azul³⁴², tida como o maior bicho existente, mede menos³⁴³ de 40 m, a besta marinha de Luciano³⁴⁴ abarca mais de 260 km. Mas o bestiário luciânico apresenta exemplos comparáveis: os Cavalos-abutres – recobertos por penas que ultrapassam, em tamanho e espessura, o mastro de um navio cargueiro – são igualmente desmedidos, portanto, também não caberiam, como ela, numa zoografia moderna.

Mas por que os tradutores de Luciano são unânimes no verter o *kêtos* de NV por “baleia”? Seria só por uma atualização terminológica? Pelo que “baleia” seria não mais que um vocábulo conhecido do leitor moderno, de sorte que este pudesse facilmente identificá-la com um animal extraordinário? Mesmo a contrapelo de Luciano que nunca positivou seu portento marinho, seja a animalidade ou outra essência, pois *kêtos* é ora associado a um bicho aterrorizante, ora a uma cidade luxuriante, ora ainda a uma ilha flutuante.

Propõe-se, como hipótese, que a viragem conceitual tenha ocorrido na latinidade, e desta migrado para as línguas românicas, pois, hipervalorizada, “baleia” tem no latim a mesma relevância que *kḗtos*, no grego. Para isso contribuiu a história natural romana, que faz da baleia não só o maior dos mamíferos, mas também o monstro dos mares.

³⁴¹ Em I, 34, Cíntaro afirma que se alimenta dos peixes vivos que saem pelas brânquias da Besta Marinha; já em I, 39, são os Bodes-tritões que escapam pelas brânquias da mesma Besta em direção ao mar, temerosos de morrerem na guerra dos peixes-monstros contra Luciano e seus companheiros.

³⁴² Lineu (1758) a nomeia *Balaenoptera musculus*, cf. PERRIN, William et al. *Encyclopedia of Marine Mammals*. Londres: Academic Press, 2002, p.112.

³⁴³ Consta que as maiores baleias-azuis já capturadas nas Ilhas Shetland do Sul e Geórgia do Sul mediam 33, 6 m. Idem, *ibidem*.

³⁴⁴ NV, I, 30-31.

Coteje-se Aristóteles e Plínio, o Velho: na aristotélica *História dos Animais*, discute-se não pouco os cetáceos, mas nada se diz sobre o tamanho colossal das baleias, ao passo que na pliniana *História Natural*, o gigantismo corporal delas ressalta como seu aspecto principal; portanto, a grandeza se impõe como critério. Plínio escreve que os maiores animais habitam o Mar Índico, como as baleias (*ballaena*) de quatro jeiras³⁴⁵ e as pistris (*pistris*) de duzentos côvados³⁴⁶, e que, no Oceano Gálico, o de maior tamanho é o cachalote (*physeter*), que se eleva das águas como uma coluna, ficando maior que as velas das naveas³⁴⁷. O mesmo Plínio, também em chave epidítica, rediz Juba, que conta a aparição de um monstro (*cetus*) com 600 pés de comprimento por 300 de largura³⁴⁸ em um rio da Arábia, e que a gordura deste foi comercializada pelos mercadores³⁴⁹. Apesar disso, *belua* é o vocábulo mais corrente em Plínio na designação de monstros, inclusive os marinhos. Com efeito, o monstro (*belua*) a que Andrômeda foi exposta, teve os seus ossos levados de Jope, na Judeia, a Roma, onde foram mostrados com outros portentos (*miracula*). Tinha ele 40 pés³⁵⁰ e seu costado ultrapassava dois elefantes³⁵¹.

A lexicografia imperial romana vai *pari passu*. Em seu tratado, Festo assimila *kêtos* a baleia, e não o contrário, definindo-a como monstro marinho (*belluam marinam*): “baleia (*balænam*), monstro marinho: diz-se que é a mesma que *pistris* (*pistricem*)³⁵², a mesma também que *cetus*”³⁵³. Festo acrescenta que *balaena* deriva do grego *φάλαινα* pelo costume antigo (*antiqua consuetudine*), o que é contestado por filólogos modernos, que supõem terem ambos os termos origem comum, possivelmente ilírica³⁵⁴. Isidoro de Sevilha inscreve “baleia” e “*kêtos*” em entradas lexicais separadas, mas os aproxima pelo tamanho gigantesco, qualificando a primeira de *bestia* (besta), e o segundo de *bellua* (monstro). Segundo Isidoro, *ballena* deriva do grego *βάλλειν* (jogar,

³⁴⁵ *História Natural*, IX, 4. A jeira romana equivale a 2500 m² (0, 25 hectare).

³⁴⁶ Idem, ibidem. O côvado romano mede uns 45 cm.

³⁴⁷ Idem, IX, 8.

³⁴⁸ Cerca de 17.700 m por 8.850 m.

³⁴⁹ Idem, XXXII, 6.

³⁵⁰ Quase 12 m.

³⁵¹ Idem, IX, 11.

³⁵² Algumas edições críticas corrigem *pistricem* por *pistris*, por estes designarem atualmente os chamados “peixes-serra”: *πρίστις* ou *πρήστις* deriva do verbo *πρίω*, serrar. Thompson explica que a *pistris* em sua forma latina, *pistris*, se amplifica a ponto de designar um “monstro marinho fabuloso”; por isso, nem em grego, nem em latim, é claramente reconhecível como peixe-serra, embora nominalmente a identificação permaneça. THOMPSON, D’Arcy. *A Glossary of Greek Fishes*. op. cit. p. 219. Recorde-se ainda que *pistris* figura no inventário dos cetáceos em Eliano.

³⁵³ FESTO. *De Verborum Significatu*, II.

³⁵⁴ ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001, p. 65.

lançar)³⁵⁵, afirmando que as baleias fazem jorrar água dos espiráculos e produzem ondas maiores do que outros seres marinhos. De *cetus*, entretanto, Isidoro não propõe etimologia alguma, pois apenas evoca o episódio bíblico do Jonas tragado.

Apoiando-se em não poucas autoridades³⁵⁶, bestiários e outros discursos, em línguas vernáculas sobre animais escritos a partir do século XII, tendem não só a equiparar *kêtos* e baleia, mas também a enfatizar a última em detrimento do primeiro, pois, aquele só remanesce com o tecnicismo “cetáceo”, enquanto esta floresce: do latim *balaena*, advém no português do século XIII *balea*³⁵⁷ e, antes ou coetaneamente, no francês, castelhano e italiano, *baleine*³⁵⁸, *ballena*³⁵⁹ e *baléna*³⁶⁰, respectivamente, assim como os termos destes derivados. A primeira obra intitulada *Bestiário*, a de Philippe de Thaon, escrita em anglo-normando do início do séc. XII, reconta o “áspide-tartaruga” do supracitado Fisiólogo, designado tanto como *cetus*, quanto como *balain*³⁶¹. Na alegoria de Philippe de Thaon, *cetus* é o diabo, o mar, o mundo³⁶². Com variantes, o mesmo episódio do Fisiólogo é figurado em *Bestiários* subsequentes, sendo que, no de Pierre de Beauvais, o monstro marinho é chamado, sem maiores explicações, de *Lacovie*³⁶³. Em seu *Livre du Trésor*, Brunetto Latini afirma que *cete* é um grande peixe a que muitos chamam *balaine*.³⁶⁴

No proêmio de NV, Luciano menciona autoridades que emula em sua obra, das quais sobressai Homero, concernido já no início do episódio: o assalto da nave de Luciano pela besta marinha em parte moteja a arremetida de Cila contra a nave de Odisseu, que, seguindo conselhos, avança na direção desta³⁶⁵, desviando-se de Caríbdis, situada no lado oposto do mesmo estreito marítimo; por isso ela difere da inercial nave luciânica, que não avança, nem desvia, apenas voga à matroca. Nas atitudes, os

³⁵⁵ *Etimologias*, XII, vi, 7.

³⁵⁶ Plínio, o Velho; Solino; Isidoro de Sevilha; textos bíblicos; versões latinas do Fisiólogo.

³⁵⁷ CUNHA, A. Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007, p. 77.

³⁵⁸ DAUZAT, Albert. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*. Paris: Larousse, 1938, p. 70.

³⁵⁹ BARCIA, Roque. *Diccionario Etimológico de la Lengua Española*. Madri: Álvarez Hermanos, 1887, p. 609.

³⁶⁰ PIANIGIANI, Ottorino. *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana*. Roma: Società Editrice Dante Alighieri, 1907, p. 122.

³⁶¹ PHILIPPE DE THAON. *Bestiaire*, 940 - 963.

³⁶² Idem, *ibidem*.

³⁶³ *Bestiaire*, apud BIANCIOTTTO, Gabriel. *Bestiaires du Moyen Age*. Paris: Stock, 1995, p. 42.

³⁶⁴ BRUNETTO LATINI. *Li Livres dou Tresor*. Ed. de P. Chabaille. Paris: Imprimerie Imperial, 1863, p. 186.

³⁶⁵ *Odisseia*, XII, 201- 260.

protagonistas também se distinguem: o destemido Odisseu empunha armas para lutar contra o monstro, ao passo que o desarmado Luciano não é dado a bravuras: receando a morte, só se despede dos companheiros; enquanto a coragem é uma divisa do herói na epopeia e nos gêneros altos, a sobrevivência, ao implicar até a covardia, é um traço nada heroico do herói na comédia e nos gêneros baixos, como se lê tanto na *Batracomiomaquia* do Pseudo-Homero³⁶⁶, quanto no *Abandono do escudo*³⁶⁷, poema atribuído a Arquíloco de Paros, diversamente recontado na Antiguidade, concernente a um guerreiro que foge à luta³⁶⁸, o que não se aplica a Luciano, porque nas duas guerras em que toma parte, em nenhuma foge ou depõe o escudo, mesmo quando capturado na batalha sideral³⁶⁹. A voracidade dos monstros marinhos se impõe em ambas as narrativas, tendo consequências distintas, uma vez que Cila traga seis companheiros de Odisseu e os destroça com seus fortes e cerrados dentes³⁷⁰, ao passo que *kêtos*, apesar de tragar todos os marinheiros e a própria embarcação de Luciano, nada destroça, nem mesmo a nave, que passa incólume pelos interstícios imensos dos seus dentes. Na caverna de um rochedo marinho, Cila tem sua morada, diferentemente de *kêtos*, que, vagando pelo mar, mora em lugar nenhum e é seu interior que ressoa como uma caverna³⁷¹. À diferença de Odisseu – cujas navegações são regidas menos por sua vontade do que pelos desígnios dos deuses, intervenientes ora em sua proteção, como Atena, ora em sua perseguição, como Posídon –, Luciano se lança a navegar também movido pela “curiosidade do pensamento” e pelo “desejo por coisas novas”³⁷², propósitos opostos aos dos heróis épicos, submetidos tanto às injunções divinas, como Odisseu, quanto aos desafios impostos por um monarca, como Jasão³⁷³.

Uma vez que a narrativa se desloca do Oceano para o interior da besta marinha, esta também muda, pois, de personagem, ela se converte em cenário; portanto, o que por fora configura-se como um gigante predador oceânico, afigura-se, por dentro, como uma vasta região habitada: cidade-cetáceo.

³⁶⁶ *Batracomiomaquia*, 224 - 225.

³⁶⁷ Esse *tópos*, em chave menos cômica, é referido também por Horácio na conhecida sentença *relicta non bene parmula*, (*Odes*, II, 7, v.10). Eis o passo traduzido por Elpino Duriense: “Contigo a filipense guerra, e a fuga/ Veloz segui, deixando torpe o escudo, / Quando os minaces, rota a hoste, ó pejo! / Com o rosto o chão te tocaram”.

³⁶⁸ Sobre a questão, ver: CORRÊA, Paula da Cunha. *Armas e varões. A guerra na lírica de Arquíloco*. São Paulo: Editora Unesp, 1998, p. 112-137.

³⁶⁹ NV, I, 18.

³⁷⁰ *Odisseia*, XII, 92.

³⁷¹ NV, I, 38.

³⁷² *Idem*, I, 5.

³⁷³ APOLÔNIO DE RODES. *Argonáuticas*, I, 4 -18.

A imagem de uma *pólis* é, aliás, a primeira que se apresenta aos marinheiros no interior do animal, dominado por uma cavidade elevada, capaz de abrigar dez mil habitantes³⁷⁴. O corpo de *kêtos* é mais político do que fisiológico: um corpo sem órgãos físicos, pois, em vez de coração, cérebro, fígado, rins e afins, ele tem colina, lagoa, vegetação, fauna, moradias, templo. Anatomia geográfica: o *kêtos* de Luciano é o *análogon* da cidade habitada por homens e monstros, como também o *álogon* do animal composto por boca, dentes, brânquias, cauda, como um peixe. E esse heteróclito, por não figurar em autores precedentes, constitui uma novidade de Luciano nas letras greco-romanas.

Como se disse, o episódio de *kêtos* é marcado por não poucas referências a Homero; considere-se, além do supramencionado ataque do prodígio marinho, a exploração do interior desse monstro por Luciano e sete companheiros seus a evocar a de Odisseu e seus doze companheiros na caverna de Polifemo; os dois lugares são tidos como prisões em que os aventureiros receiam morrer, embora a ulterior fuga de Odisseu, preso à barriga lanzuda de um grande carneiro que sai para pastar, contrasta com a de Luciano, que prende sua nave aos dentes do monstro moribundo, fazendo-a então baixar ao mar; considerem-se, ademais, as cenas de hospitalidade: é durante o banquete oferecido por Alcino que Odisseu conta suas errâncias, assim como no oferecido por Cíntaro que Luciano narra suas aventuras.

O mesmo episódio de NV é também pontuado por referências a historiadores; assim, a recusa em pagar o tributo como causa para a guerra³⁷⁵ já aparece em Tucídides³⁷⁶, que quantifica o valor do tributo em dinheiro – quatrocentos e setenta talentos³⁷⁷ – ao passo que Luciano, em moluscos – quinhentas ostras³⁷⁸ –, o que é comicamente verossímil, já que os beneficiários desse imposto são, não a liga de Delos, mas peixes-monstros. Também a emboscada³⁷⁹, como expediente militar para surpreender o inimigo, é referida em termos análogos por Xenofonte³⁸⁰; além disso, a naumaquia que opõe Centauro-éolo a Bebe-mares³⁸¹ parodia, entre outros, o combate naval entre Corcireus e Coríntios, narrado por Tucídides³⁸².

³⁷⁴ NV, I, 31.

³⁷⁵ NV, I, 35.

³⁷⁶ *Hist. da Guerra do Peloponeso*, I, 99.

³⁷⁷ *Idem*, I, 96

³⁷⁸ NV, I, 35

³⁷⁹ NV, I, 37.

³⁸⁰ *Helênicas*, V.

³⁸¹ NV, I, 42.

³⁸² *Hist. da Guerra do Peloponeso*, I, 48

Na narrativa de *kêtos*, a historiografia é mimetizada por passos dedicados à etnografia, à geografia, à polemografia; agonística cômica, a propor a Cítia de Heródoto como um modelo da cidade-cetáceo de Luciano. Comece-se pela sequência narrativa, regida pelo mesmo encadeamento: como Heródoto, Luciano descreve primeiro os lugares, depois, os costumes. A Cítia e o Cetáceo se assemelham como territórios imensos, selváticos, habitados por povos fabulosos, mas também se distinguem, pois aquela é simétrica, superfície quadrada de quatro mil estádios, bordejada a sul e a leste pelo mar³⁸³, ao passo que este, multifário e muito menor, vaga pelo mar envolto por sua pele-parede pisciforme com boca.

A etnografia de Heródoto desloca para os confins setentrionais da ecúmena povos fabulosos, dos quais alguns não são Cítas, como os Hiperbóreos³⁸⁴, os Mantos-negros (*Μελάγχλαινος*)³⁸⁵ – assim chamados devido à cor de suas vestes –, os Arismapos³⁸⁶ que têm um só olho, os Neuros³⁸⁷ – assemelhados a feiticeiros por se metamorfosearem em lobos durante certos dias ao ano –, enquanto outros nem sequer são humanos, como os Grifos Guardiães do Ouro³⁸⁸. Apesar de menos variada que a de Heródoto, a etnografia do cetáceo de Luciano não é menos fantástica, pois constituída, não por homens, mas por monstros ictioides, mais de mil destes se repartem em seis povos písceos, cujos nomes, quase todos compostos e isotópicos com os seus *habitat*, derivam de animais aquáticos (atum, caranguejo), acrescidos de um qualificativo corporal (cabeça, pé), podendo este aludir a uma parte da anatomia animal destacada por natureza – as mãos dos assim chamados *Mãos-caranguejos* subentendem as grandes pinças dianteiras desses crustáceos –, ou evocar atributo de uma etnia: “velocíssimos” é um dos epítetos dos Pés-linguados, jocoso porque contraria a visão comum deste peixe, o qual, vivendo camuflado no fundo costeiro, não tem pés, menos ainda, velocidade.

Essa onomástica binária aplicada a etnias fabulosas já aparece em Heródoto, que trata os Pés-bodes³⁸⁹ como homens habitantes de montanhas altas, inacessíveis³⁹⁰, pelo que também divergem topograficamente dos Pés-linguados, distinguidos no território cetáceo, cujo centro ocupam. Heródoto não julga fiável a narrativa que ouve acerca dos

³⁸³ HERÓDOTO. *Histórias*, IV, 99.

³⁸⁴ *Idem*, IV, 13; 32-36.

³⁸⁵ *Idem*, IV, 20; 107.

³⁸⁶ *Idem*, IV, 13.

³⁸⁷ *Idem*, IV, 105.

³⁸⁸ *Idem*, III, 116; IV, 13, 27.

³⁸⁹ *Idem*, IV, 25.

³⁹⁰ O historiador diz ter recolhido esse relato dos Argipeus, cuja palavra ele julga não digna de confiança.

Pés-bodes, ficando implícita uma referência aos sátiros, mistos de homens com bodes. Quanto aos caprinos do Egito, o mesmo Heródoto afirma que por lá todos eles são sagrados e toma como exemplo o vocábulo *μένδης*, que no léxico egípcio qualifica tanto o “bode”, quanto o deus “Pã”³⁹¹. Este vocábulo é retomado por Luciano no composto “*Τριτωνομένδητες*” (Tritões-bodes), designativo de uma população biforme: homens na parte superior do corpo, e peixes-espada na inferior, o que explica a menção dos tritões, porém, não dos caprinos.

Uma região pode ser elogiada, escreve o retor Menandro, em termos de topografia (montanhosa ou plana), de solo (fértil ou estéril), de água (abundante ou escassa)³⁹²; tais elementos aparecem na geografia variada da Cítia e do Cetáceo, tendo ambos terras elevadas (colinas neste³⁹³; montanhas naquela³⁹⁴), desertos em seus confins³⁹⁵, bem como florestas, das quais a Hileia é encomiada por Heródoto não só como a grande região arbórea da Cítia, mas sobretudo como o lugar de acontecimentos maravilhosos, pois nela, em tempos remotos, Hércules encontra uma virgem monstruosa, misto de mulher e serpente, com quem copula e tem filhos, sendo o mais novo chamado *Cita*, do qual descendem os sucessivos reis da região³⁹⁶; também na Hileia o sábio Anacársis encontra não só refúgio ao regressar à Cítia após muitas viagens, mas também a morte, atingido por uma seta lançada pelo próprio irmão, o rei Sáulio³⁹⁷. Como a Hileia, a floresta do cetáceo abriga todas as espécies de árvores³⁹⁸; hipérbole extensiva às vinhas e à fonte da segunda, pois delas Cíntaro frui³⁹⁹. Essa floresta se impõe ainda como uma das coordenadas a situar as etnias písceas no interior do animal, exemplificadas pelos Ensalmourados: moradores do lado ocidental da mesma floresta, estes são vituperados como insolentes, belicosos e omófagos, no que ecoam os Andrófagos, os vizinhos semelhantes dos Citas, considerados os mais selvagens de todos por se alimentarem de carne humana⁴⁰⁰.

Suponha-se a discrepância nos resultados, pois, enquanto a campanha militar do Grande Dario na Cítia é um fracasso, a de Luciano no Cetáceo, um sucesso, e o triunfo

³⁹¹ Idem, *Hist.*, II, 46.

³⁹² MENANDRO, O RETOR. *Tratado de Retórica Epidítica I*, Livro II, 345.

³⁹³ NV I, 31.

³⁹⁴ Heródoto, *Histórias*, IV, 23.

³⁹⁵ Idem, IV, 22.

³⁹⁶ Idem, IV, 10.

³⁹⁷ Idem, IV, 76.

³⁹⁸ NV, I, 31.

³⁹⁹ Idem, I, 34.

⁴⁰⁰ HERÓDOTO. *Histórias*, IV, 106.

deste ocorre após pouca peleja e muita gritaria que faz o *kêtos* ressoar como uma caverna⁴⁰¹; alarido semelhante produzem, não os soldados, mas os asnos da Pérsia, cujo relinchar deixa a cavalaria cita em alvoroço e a faz recuar, segundo Heródoto⁴⁰²; este explica o extraordinário da situação por inexistirem asnos e mulos naquelas gélidas regiões, derivando disso o espanto que causam⁴⁰³. O relinchar dos asnos é tática dos Persas tanto para surpreender em combate os Citas, quanto para distraí-los no momento em que eles, deixando para trás esses animais, batem em retirada⁴⁰⁴. Os Citas triunfam fugindo, evitando o confronto direto com as tropas persas, deslocando sua gente e gado para regiões mais remotas, destruindo fontes e pastagens. Assim, vencido, Dario, depois de dois meses de malogradas expedições, sai da Cítia, forçado pela falta de provisões, ao passo que o vencedor Luciano permanece por quase dois anos no cetáceo, levando uma vida luxuosa⁴⁰⁵.

Como monstro, *kêtos* não tem essência nem unidade, mas aparência e multiplicidade; por isso muda de forma ao longo da narrativa, como exemplifica sua configuração, que o mostra ora como pele de animal, ora como muro de cidade, ora ainda como superfície de ilha. Com efeito, o polimorfismo de *kêtos* se evidencia no decurso dos acontecimentos seguindo as peripécias dos navegantes, e joga com as categorias longe/ perto, fora/ dentro, animado/ inanimado, que regulam suas mutações. À distância, *kêtos* surge como um colossal predador marinho, como se disse; mas, por dentro e de perto, ele se converte em um território tenebroso com luz intermitente, gerada das aberturas de sua boca⁴⁰⁶, e variadíssimo, constituído por flora, fauna, campo cultivado, campo santo. Suas brânquias também são lugares heteróclitos, consideradas tanto balneário⁴⁰⁷ para os marinheiros, quanto rota de fuga para os Bodes-tritões em fuga da guerra⁴⁰⁸. Por fora, contudo, o monstro moribundo afigura-se, no final desse episódio, como uma terra insular inanimada onde os marinheiros acampam após terem escapado de seu interior⁴⁰⁹.

A nave luciânica deixa o cetáceo, mas não a Cítia, referida ainda no episódio subsequente, em que a cavidade tenebrista do animal dá lugar a uma cavidade alvacenta

⁴⁰¹ NV, I, 38.

⁴⁰² *Hist.*, IV, 129.

⁴⁰³ *Idem*, *ibidem*.

⁴⁰⁴ *Idem*, IV, 135.

⁴⁰⁵ NV, I, 39.

⁴⁰⁶ *Idem*, I, 31.

⁴⁰⁷ *Idem*, I, 34.

⁴⁰⁸ *Idem*, I, 39.

⁴⁰⁹ *Idem*, II, 2.

no mar; é que, após fazer-se ao largo, a nave de Luciano se depara com um frio intenso e o mar a se congelar, o que impele seus marujos a cavarem, no deserto de gelo, um abrigo, dentro do qual se refugiem⁴¹⁰. A caverna e o fogo se impõem aos marinheiros nas duas narrativas, mas com visadas distintas. Enquanto a caverna animal de *Kêtos* é por eles considerada, como se disse, uma prisão, a cavidade glacial do mar, uma proteção, e nesta é o fogo que lhes permite ficarem vivos e aquecidos, enquanto o incêndio daquela é o que lhes propicia a fuga, morto o monstro. Luciano cita, no episódio do mar congelado, o rigoroso inverno cita; sendo este um *tópos* nos discursos antigos a tratar a Cítia como região antípoda à Grécia, inclusive no clima. Hipócrates escreve que o inverno na Cítia é prolongadíssimo, marcado anualmente por uns poucos dias estivais⁴¹¹, no que segue Heródoto, que, menos hiperbólico, reduz para oito meses a estação invernal da região, época em que se congela todo o mar, bem como o Bósforo Cimério a formar uma passagem atravessada por tropas citas e seus carros, os quais se dirigem então ao território dos Sindos⁴¹². Parodiando Heródoto, Luciano compõe uma imagem menos bélica e mais inverossímil: a de sua nave, impelida nas velas pelos ventos, a deslizar, como se navegasse, no manto glacial⁴¹³.

Tiâmat, Tannin, Rahab, Leviatã, Thêrion, Belua, Pistris, Gascônio, Lacovie, Porfírio, Zaratán, Fastitocalon, Orca, Moby Dick, são nomes de prodígios das profundezas frequentemente associados aos *kétea*, e não poucos deles são hoje conhecidos como baleias; entretanto, o campo imagético destas não abrange o daqueles, considerando-se a variadíssima iconografia de *kêtos*, que não o limita, como se viu, ao universo aquático. Também o léxico é objeto de debate; afinal, o bicho que os antigos designam por *kῆτος* é o mesmo bicho que os modernos designam por baleia, *ballena*, *balena*, *baleine*, no português, no espanhol, no italiano, no francês, respectivamente, ou por *Wal* e *whale*⁴¹⁴, no alemão e no inglês?

Para naturalistas, como Cuvier⁴¹⁵ e Lacépède⁴¹⁶, provavelmente *não*; provavelmente porque não se propõem discutir a literatura antiga dedicada à matéria,

⁴¹⁰ Idem, II, 2.

⁴¹¹ *Acerca de Ares, Águas e Lugares*, 19.

⁴¹² *Histórias*, IV, 28. Os Sindos, ou Sindis, ocupavam a costa sudeste do mar de Azove (na península de Taman), chegando as imediações ocidentais do Cáucaso.

⁴¹³ NV, II, 2.

⁴¹⁴ Traduções inglesas de NV vertem *kῆτος* por *whale*, como mostram as edições de Hickes (1634), de Tooke (1820), de Francklin (1887), de Willson (1899), de Davidson (1902), de Fowler & Fowler (1905), de Harmon (1913) e de Reardon (1989).

⁴¹⁵ CUVIER, Frédéric. *De l'Histoire Naturelle des Cétacés*. Paris: Librairie encyclopédique de Roret, 1836.

⁴¹⁶ LACÉPÈDE, Bernard Germain de. *Histoire Naturelle des Cétacés*. Paris: Chez Plassan, 1804.

senão deslindar empiricamente a variedade de baleias no interior dos ainda mais variados gêneros que compõem os cetáceos; entretanto, para romancistas, como Melville, *sim*, pois, no início do seu *Moby Dick*, o narrador esclarece a etimologia de *whale*, indica termos correspondentes em outras línguas, como *Κῆτος* e *Cetus*, além de compilar excertos de “baleia” (*whale*), tirados do Jonas do *Antigo Testamento* à *História Natural dos Cachalotes* de Thomas Beale, passando por Plínio, Luciano, Shakespeare, Milton e outros⁴¹⁷.

Ishmael, o narrador-baleeiro de *Moby Dick*, qualifica de “fraudes pictóricas”⁴¹⁸ as antigas representações egípcias, gregas, hindus de baleias, e constata equívocos semelhantes em imagens posteriores dos cetáceos, extensivos às ilustrações de obras científicas, como na de um cachalote, censurado por parecer uma “abóbora”⁴¹⁹, presente num tratado de Frédéric Cuvier. Ainda com a dicção oitocentista de um baleeiro, Ishmael põe em questão o que chama de “degenerescência do tamanho original”⁴²⁰ das baleias ao longo dos séculos, considerando fósseis remanescentes, bem como testemunhos de naturalistas, que as descrevem, não raro, com grandes dimensões – Lacépède atribui a uma baleia franca uns cem metros de comprimento⁴²¹ –, e julgando tais descrições não fiáveis, o mesmo Ishmael conclui que as baleias de seu tempo não são menores que as da época de Plínio⁴²².

A crítica de Melville ao tamanho das baleias pressupõe a positivação das descrições delas, que, por as amplificarem, não se confirmam empiricamente aos olhos de um baleeiro. Ocorre que as antigas descrições são epidíticas, adequadas à efetuação dos *kéte* como prodígios, daí figurados com hipérboles. Há monstros (*κῆτη*) no Oceano Índico, diz Cláudio Eliano, cujo tamanho excede em cinco vezes o do maior elefante⁴²³, enquanto os *κῆτη* do Golfo de Sirte são maiores que as trirremes⁴²⁴, mas os que habitam a costa da Gedrósia, não só são maiores – têm cerca de meio estádio⁴²⁵ – como também mais fortes, porque, quando respiram, fazem as ondas se elevar de sorte que os ignaros as tomam por redemoinhos⁴²⁶. Em Opiano, os monstros que aterrorizam os barqueiros

⁴¹⁷ MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. tradução de Irene Hirsch e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 12 - 24.

⁴¹⁸ Idem, p. 284.

⁴¹⁹ Idem, p. 286.

⁴²⁰ Idem, p. 478.

⁴²¹ Trata-se da obra antes referida de Bernard Germain de Lacépède.

⁴²² MELVILLE, Herman. *Moby Dick*, op. cit. p. 479.

⁴²³ *História dos Animais*, XVI, 12.

⁴²⁴ Idem, XVII, 6.

⁴²⁵ C. de 90 m.

⁴²⁶ *História dos Animais*, XVII, 6.

no Mar Ibérico se assemelham a naves de vinte remos⁴²⁷. Já o referido *κῆτος*, chamado pelo Fisiólogo de “áspide-tartaruga”, é tão grande quanto uma ilha⁴²⁸; do mesmo modo, Isidoro de Sevilha se refere a eles (*κῆτη*) como monstros imensos (*bellua*), considerando que seus corpos equivalem a montanhas⁴²⁹, amplificação semelhante se lê em Ovídio: o prodígio que vem arrebatrar Andrômeda é um monstro (*belua ponto*), cujo “peito cobre a extensão do mar”⁴³⁰.

Alheias, evidentemente, ao realismo, essas descrições de prodígios não efetuam a transposição de grandes animais presumivelmente encontrados em mares distantes, porquanto elas fazem parte de discursos diversos que, recorrendo aos mesmos *tópoi* de invenção de monstros fixados em epopeias (viagens de Odisseu, de Jasão, de Hércules, de Perseu), em historiografias (Ctésias sobre a Pérsia e a Índia, Heródoto sobre o Egito e a Cítia), bem como em narrativas diversas de périplos, competem entre si no figurar intensamente os *kéte*, variando elocutivamente os lugares, as circunstâncias e as metáforas.

Quintiliano escreve que a hipérbole frequentemente suscita o riso⁴³¹, e é Cícero que a emprega jocosamente a propósito de um homem de grande estatura, dizendo que ele “bateu com a cabeça no arco de Triunfo de Fábio”⁴³². Nessa chave, Demétrio afirma que toda a hipérbole, por ser um impossível (*adynatos*) é utilizada pelos poetas cômicos⁴³³: do impossível eles tiram o risível (*τὸ γελοῖον*)⁴³⁴; assim, um deles, atinente ao apetite insaciável dos persas, diz que estes “defecam planícies inteiras”⁴³⁵. Satirizando o apetite não menos voraz do rei Luís Filipe I, Daumier o litografa, não como um persa, mas como um gigante, o Gargântua rabelaisiano com boca escancarada; sua língua é uma imensa escada a tocar o solo pela qual sobem valetes da corte carregando cestas cheias de moedas, jogadas goela abaixo do monarca. Como um *kêtos* oitocentista, Luís Filipe é o rei-pera que traga toda a riqueza da França, como também a liberdade de Daumier, condenado a meio ano de prisão por *incitação ao ódio e desprezo ao governo*. Personagem cômica por excelência, o glutão é posto em verso por outro poeta cômico que descreve o rei Medoque da Trácia carregando “um boi inteiro

⁴²⁷ *Haliêutica*, V, 59.

⁴²⁸ *Fisiólogo*, I, 17.

⁴²⁹ *Etimologias*, XII, vi, 8.

⁴³⁰ *Metamorfoses*, IV, 690-691.

⁴³¹ *Instituição Oratória*, VII, 6, 74.

⁴³² *Apud* Quintiliano, *Instituição Oratória*, VI, 3, 67.

⁴³³ *Sobre o Estilo*, 126.

⁴³⁴ *Idem*, *ibidem*.

⁴³⁵ *Idem*, *ibidem*.

entre os dentes”⁴³⁶, no que difere de *kêtos* que, apesar de seu apetite voraz, não consegue mastigar a nave luciânica que atravessa os interstícios de seus dentes⁴³⁷. *Kêtos* mostra que o riso brota, não dos dentes que mordem, mas dos que deixam de morder.

A hipérbole é uma das figuras mais utilizadas por Luciano também em *kêtos*, sendo que a aplicada ao tempo dilata a duração dos eventos, como a estada dos cipriotas náufragos por mais de vinte e sete anos dentro da besta marinha, número que amplifica o inverossímil dos homens vivos no interior do bicho; contrasta ela com a redutiva dos três dias passados por Jonas dentro de outro *kêtos* e que abrevia a cronologia dos acontecimentos em Luciano: a esquemática *androictiomaquia* que opõe homens e peixes⁴³⁸, encenando uma peleja cômica, não excede duas jornadas, no que a distingue de polemografias, extensas e minuciosas, apresentadas em obras épicas e históricas – a guerra de Troia se arrasta por um decênio, enquanto a do Peloneponeso, por quase três –, mas a aproxima, em compensação, da *Batracomiomaquia* de Pseudo-Homero, em que a refrega de sapos e ratos ocorre num só dia com armamentos similares aos jocosamente descritos por Luciano. Há também hipérboles de quantidade, com as quais se exalta a riqueza da natureza presente em *kêtos*, feito de uma “floresta com todas as espécies de árvores”⁴³⁹, bem como uma “lagoa com toda a sorte de peixes”⁴⁴⁰. Às vezes, as hipérboles marcam assimetrias tanto nas tropas, quanto nos resultados bélicos: mais de mil bichos⁴⁴¹ contra cinquenta humanos, sendo que dos primeiros são assassinados cento e setenta e cinco, enquanto, dos últimos, apenas um⁴⁴². Outras vezes, elas ganham visibilidade hiperdimensionando os objetos, figurados como *adynata*: esponjas de trinta metros⁴⁴³; ostras do tamanho de carroça⁴⁴⁴; homens com quase noventa metros de altura⁴⁴⁵; leme com mais de oitocentos metros⁴⁴⁶.

A corpulência de *kêtos* tem extraordinária espessura paródica na condensação de antigas narrativas de prodígios marinhos dispersas em não poucos autores e obras. A aparição inicial de *kêtos* aos assombrados marinheiros luciânicos recicla não só o referido modelo homérico, mas também o historiográfico, posto em circulação na

⁴³⁶ DEMÉTRIO. *Sobre o Estilo*, 161.

⁴³⁷ NV, I, 4.

⁴³⁸ Idem, I, 36-39.

⁴³⁹ NV, I, 31.

⁴⁴⁰ Idem, I, 34.

⁴⁴¹ Idem, I, 36.

⁴⁴² Idem, I, 37.

⁴⁴³ Idem, I, 41.

⁴⁴⁴ Idem, ibidem.

⁴⁴⁵ Idem, I, 40.

⁴⁴⁶ Idem, ibidem.

viagem indiana de Alexandre Magno, cuja tripulação, aterrorizada, deixa os remos caírem ante a aproximação de um *kêtos* a agitar as águas, como uma violenta tempestade, descrita por Arriano recontando Nearco⁴⁴⁷. Quanto à estada no interior do animal, além das supostas alusões a Jonas e a Hércules, ela pode evocar tanto a reclusão em uma caverna, e já se propôs a de Platão⁴⁴⁸ como uma referência à de Luciano⁴⁴⁹, quanto a deambulação por uma cidade fortificada, que a não menos platônica Atlântida exemplifica; esta se distingue, entretanto, por seus anéis de terra alternados por outros de mar⁴⁵⁰ à semelhança da Ecbátana herodotiana, constituída de muralhas de círculos concêntricos⁴⁵¹. Já o *Kêtos* como ilha tem fortuna crítica considerável, como se viu.

Quanto mais exageradas e inverossímeis forem as cenas que Luciano produz, tanto mais elas efetuarão a irrisão dos modelos imitados, encenando ludicamente as contrafações que julgar haver⁴⁵² nesses discursos, especialmente nos de história. Como censurar os historiadores por mentirem é lugar-comum na Antiguidade greco-romana, reatualizada em Luciano, Ctésias de Cnido e Heródoto figuram, não nos Campos Elísios, mas na Terra dos Ímpios, castigados por terem escrito mentiras⁴⁵³.

Autoridades de périplos maravilhosos (Homero, Heródoto, Ctésias, Iambulo, etc) fornecem tópicos de invenção à discursos semelhantes, como o de Luciano, que elege dessas tópicos as que agradem ou assombrem o leitor e as transpõem para as matérias tratadas em NV. Destas, a “enormidade das feras”, referida no prólogo como uma das que figuram nos referidos périplos⁴⁵⁴, se aplica também a *Kêtos*, apresentado seja como *átupon*, massa insular a vagar pelo mar, seja como *ápeiron*, bicho oceânico indeterminado como as águas que o envolvem, no que emula as narrativas de *kêtos*, milenares já na época de Luciano.

⁴⁴⁷ *Anábase de Alexandre Magno*, VIII, 30.

⁴⁴⁸ *República*, VII, 514.

⁴⁴⁹ GEORGIADOU, Aristola; LARMOUR, David H. *Lucian's Science Fiction Novel True Histories*, op. cit. p. 158.

⁴⁵⁰ PLATÃO. *Crítias*, 113d.

⁴⁵¹ HERÓDOTO. *Histórias*, I, 98.

⁴⁵² NV, I, 3-4.

⁴⁵³ *Idem*, II, 31.

⁴⁵⁴ *Idem*, I, 3.

Medidas e desmedidas

O viajante Luciano marca seu itinerário recorrendo ora ao nictêmero (intervalo de tempo que abarca um dia e uma noite inteiros, ou uma jornada navegada durante 24 horas), ora ao estádio, no que mescla duas notações; a que assinala os deslocamentos por nictêmeros constitui o critério mais antigo, já referido por Odisseu em suas errâncias: a terra dos Lotófagos, por exemplo, ele só a alcançará depois de nove dias mareando à mercê de ventos terríveis⁴⁵⁵. Mas, ulteriormente, as distâncias também passam a ser contadas em termos matemáticos, sendo o estádio a medida itinerária mais corrente entre os gregos, registrada nos périplos mais antigos, como no de Hanão de Cartago, assim como na historiografia de Heródoto e de Tucídides. Conquanto o estádio seja um critério de avaliação náutica mais preciso, isso não significa ter sido ele padronizado, pois também nesta matéria o consenso passava ao largo: “cada autor está em desacordo com todos os outros, principalmente no que tange às distâncias [...]”, escreve Estrabão⁴⁵⁶. Tal discrepância se aplica ao estádio, pois, como mostra Pascal Arnaud, ele foi uma unidade de medida oscilante, cujo valor variou entre 150 m e mais de 298 m, a depender dos parâmetros adotados na conversão para milhas e pés⁴⁵⁷. Na convenção antiga, um estádio corresponde a 600 pés, e estes também foram diferentemente avaliados por cada região grega. Aulo Gélio⁴⁵⁸ atribui o surgimento dessa convenção a Hércules⁴⁵⁹. Inclina-mos aqui, para efeito de conversão, pelo onfálico estádio de Delfos (177, 96 m), porém, pelo arbitrário da convenção, nada impede o leitor de se valer ou do estádio olímpico (192, 50 m) ou do ateniense (184, 86 m), uma vez que o procedimento luciânico produz um inverossímil com exatidão cômica. Com efeito, o narrador aplica o estádio para calcular não só suas itinerâncias (marítimas, terrestres, siderais), mas também para tudo quanto se apresente como colossal, de homem (I, 40) a leme (I, 40), passando por animal (I, 30); do mesmo modo, no tocante à quantidade, ele emprega, como se viu, ora miríades, ora quilíades (I, 13,

⁴⁵⁵ HOMERO. *Odisseia*, IX, 82-84.

⁴⁵⁶ *Geografia*, VI, 3, 10, C 285.

⁴⁵⁷ ARNAUD, Pascal. *Les routes de la navigation antique. Itinéraires en Méditerranée*. Paris: Éditions Errance, 2005, p. 85.

⁴⁵⁸ *Noites Áticas*, I, 1.

⁴⁵⁹ Ver a nota de rodapé referente a NV, I, 7.

15, 16, 20, 27, 31, 36). Quanto aos objetos menores, o narrador os amplifica recorrendo a diversas unidades de medidas (pletro, côvado, côvado régio, braça), convencionalmente empregadas para coisas de escala menor. Usualmente, a medida é usada para unificar, mas Luciano a emprega para heterogeneizar. Assim opera a paradoxologia em NV. Ora, alternar o sistema de medidas aplicado aos objetos não é senão variar a mesma bitola geratriz de incongruências, procedimento irônico por insistir em fornecer medida a tudo o que é desmedido, *ápeiron*, posto como extraordinário: a medida ilustra a desmedida do fantástico. Ela estabelece, por conseguinte, falsa precisão a contrapelo das precisões empenhadas em discursos historiográficos, geográficos, outros, que visam a instruir sobre distâncias, tamanhos etc. A relevância disso na periplografia é atestada por uma obra chamada *O Estadismo do Grande Mar*, provavelmente ulterior a Luciano, e que mesmo em seu estado fragmentário, indica ser uma compilação de documentos de épocas distintas destinados a auxiliar na cabotagem, para a qual fornece distâncias, como diz o título, em estádios⁴⁶⁰.

Considere-se, assim, a braça, uma medida náutica com a qual Luciano afere tanto o comprimento de embarcações (II, 38), quanto a profundidade do mar congelado (II, 2). O jogo do verossímil e do inverossímil aparece em ambos os casos: naquele, o autor fornece uma medida verossímil (26 m) para naves inverossímeis quanto ao material de que são feitas, cascas bipartidas de nozes; neste, entretanto, é para um evento metereológico verossímil, o congelamento do mar, que se aplica uma medida inverossímil: a formação de neve pelágica superior a 530 m de profundidade.

⁴⁶⁰ Cf. ARNAUD, Pascal. *Les routes de la navigation antique*, op. cit. p. 49

Esquemáticamente falando, a pena polemista de Luciano pressupõe a mudança no estatuto da palavra e nas técnicas de produzir persuasão que a acompanham, desenhadas no âmbito da democracia ateniense desde o sexto século com suas instituições deliberativas e jurídicas protagonizadas por magistrados, retores, filósofos, sofistas, dialetas. Marcel Detienne⁴⁶¹ mostra que, antes do advento da democracia e da retórica, a figura do aedo era portadora de um saber mítico-religioso que, infundido pela deusa Mnemosine, celebrava com o seu canto mágico os feitos de heróis e deuses e, tal qual o adivinho, possuía acesso privilegiado ao invisível, de sorte a poder patentear as coisas presentes, pretéritas e vindouras. *Alétheia* enunciava uma verdade assertiva: poder eficaz de instaurar o ser. Por isso, a verdade ainda não se opunha ao *psêudos*, pois tinha seu reverso em *léthe*, silêncio e esquecimento, que, à feição do mítico rio que leva o seu nome, dissolvia a memória no fundo das águas infernais. Com a arena erística e dialética da *pólis* montada e ocupada por sofistas e filósofos, a enunciação ritual de um rapsodo, que, chancelado pelas Musas, assegurava a eficácia do seu relato é então deslocada para o exame da verdade de um enunciado, em relação ao qual o falso está sempre à espreita: o *lógos* em permanente conflito com o *álogon*, como Platão encena em seu *Sofista*⁴⁶². Passa-se então de um regime discursivo marcado pela ambiguidade ou ambivalência – ilustrado pelo adágio hesiódico segundo o qual as Musas sabem dizer muitas mentiras com aparência de verdades, mas também sabem, quando desejam, proclamar a verdade⁴⁶³ –, para um outro de natureza argumentativa calcado na adequação de uma

⁴⁶¹ *Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*. Paris: Pocket, 1995, p. 6.

⁴⁶² Michel Foucault sintetiza a mudança de paradigma do *lógos* em um conhecido passo: “Porque, ainda nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro – no sentido forte e valorizado do termo –, o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino. Ora, eis que um século mais tarde, a verdade a mais elevada já não residia mais no que *era* o discurso, ou no que ele *fazia*, mas residia no que ele *dizia*: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência. Entre Hesíodo e Platão uma certa divisão se estabeleceu, separando o discurso verdadeiro e o discurso falso; separação nova visto que, doravante, o discurso verdadeiro não é mais o discurso precioso e desejável, visto que não é mais o discurso ligado ao exercício do poder. O sofista é enxotado”. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996, p. 14 - 15.

⁴⁶³ HESÍODO. *Teogonia*, 27-28.

proposição com sua referência, cuja exigência de não-contradição se revela desde a conhecida tese parmediana: o ser é, o não-ser não é. Em sua genealogia da noção de verdade, Detienne localiza as marcas de um “processo de laicização da fala” antes mesmo das reformas políticas instauradas por Clístenes, na esteira de Sólon, já com a instituição da assembleia militar⁴⁶⁴. No rastro disso, há também a aparição e a disseminação da escrita com seus efeitos na memória coletiva e na prática discursiva. Assim, Platão a tem por nefasta⁴⁶⁵. Os relatos de natureza mítica passam então pelo crivo de vários tipos de interpretações atinentes ao seu valor pedagógico, moral, teológico, sendo ora legitimados, como na exegese evemerista⁴⁶⁶, ora refutados. Disso são patentes as teses atribuídas a Xenófanes de Cólofon, seja a que considera, antes do homem-medida protagoriano, o relativismo inerente a todo discurso: “Caso os bois, os cavalos ou os leões tivessem mãos e pudessem pintar e produzir obras com suas mãos, tal qual os homens fazem, os cavalos pintariam figuras semelhantes a cavalos, e os bois pintariam figuras semelhantes a bois, e fariam seus corpos como cada um deles o tem” (DK 21B15). Seja a que, prefigurando Platão, condena moralmente os poetas: “Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses tudo o que, entre os homens, é reprovável: roubar, cometer adultérios e enganarem-se uns aos outros” (DK 21B11).

Como Odisseu costuma pôr à prova os seus interlocutores, também os historiadores põem à prova Homero, cujas afirmações são submetidas à demonstração. Com efeito, Heródoto⁴⁶⁷ considera ridícula a noção mítica do rio Oceano assimilado a um cinturão caudal a rodear toda a Terra, argumentando que ninguém logrou fornecer evidências disso, no que diverge tanto de Homero, quanto de Hecateu de Mileto, que corrobora a posição homérica. Além de NV, o referido opúsculo luciânico, *Sobre o Âmbar ou Os Cisnes*, opera neste horizonte polemista, pois, ao se recusar, no curso de uma viagem investigativa, a propor interpretação ao mito de Faetonte, plausível ou risível que fosse, ele não só brinca com os poetas que cantam a fábula, mas sobretudo

⁴⁶⁴ DETIENNE argumenta que a assembleia militar confere “o direito igual de fala para todos os que fazem parte do círculo de guerreiros e podem assim discutir os negócios comuns. Quando a reforma hoplítica, por imposição de um novo tipo de armamento e comportamento na guerra entra nos usos da cidade, por volta de 650 a.C., quando essa reforma favorece a aparição de cidadãos-soldados ‘iguais e semelhantes’, a fala-diálogo, a fala profana, aquela que age sobre o outro, a fala que busca persuadir e que se refere às questões do grupo, esse tipo de fala ganha terreno e, pouco a pouco, torna obsoleta a fala eficaz e portadora da verdade. Por sua função nova e fundamentalmente política em relação à ágora, o logos, fala e linguagem, vem a ser um objeto autônomo, submetido às suas próprias leis”. *Les maîtres de vérité*, op. cit. p. 7.

⁴⁶⁵ Cf. *Fedro* 274c e sqq; Platão, *Carta VII*, 344c e spp.

⁴⁶⁶ Sobre Evêmero, cf. BUFFIÈRE, Félix. *Les mythes d'Homère et la pensée grecque*, op. cit. p. 245-248.

⁴⁶⁷ *História*, II, 21, 23; IV, 8, 36

com a prática historiográfica de procurar fornecer justificativas razoáveis aos relatos míticos, circunscrevendo-os ao domínio das causas naturais. Com efeito, um prodígio homérico, como Caríbdis, aparece em Tucídides como sendo não mais que “fortes correntes” de um estreito marítimo siciliano⁴⁶⁸. Nesse aspecto, Luciano está menos para a sisudez de Tucídides do que para a jocosidade de Eratóstenes, que, além de medir o perímetro da Terra, mede também a obtusidade dos letrados. Segundo Estrabão, Eratóstenes considera todos os poetas “declamadores de tolices”⁴⁶⁹, e tem igualmente na conta de ridículos os historiadores empenhados em situar as viagens de Odisseu em regiões conhecidas. O mesmo Eratóstenes conclui: só saberemos sobre os lugares que Odisseu teria percorrido durante suas errâncias no dia em que encontrarmos o sapateiro que costurou o odre dos ventos selado por Éolo⁴⁷⁰.

⁴⁶⁸ *Hist. da Guerra do Peloponeso*, IV, 24

⁴⁶⁹ *Geografia*, I, 2, 12, C22.

⁴⁷⁰ *Idem*, I, 2, 15, C24.

No *Corpus Lucianum*, o leque de significações para “sofista” é, como este, desdobrável em múltiplas acepções, em que as negativas, como a de embusteiro ou mentiroso, prevalecem, decalcadas das circunstâncias cômicas em que esteja representado. Em Luciano, com efeito, Pitágoras é alvo constante, pois é chamado de “sofista” e “charlatão”⁴⁷¹ por instituir dieta marcada pelo interdito à carne e à fava, chiste cultivado em NV⁴⁷². Também Aristóteles, educador de Alexandre Magno, é rotulado “sofista” pelo cartaginês Aníbal, que reivindica sua preeminência em relação ao rei macedônico em nome de sua “boa natureza” e não por saber recitar Homero⁴⁷³, no que evoca a velha controvérsia entre *physis* (natureza) e *nómos* (lei, convenção, costume). Do mesmo modo, a atitude ambivalente de Sócrates diante da morte lhe confere a rubrica “sofista”: em vida e antes de ir ao Hades, ele se mostra indiferente à morte, cedendo, porém, ao pavor quando se depara com Cérbero e as trevas infernais⁴⁷⁴. Já Jesus Cristo, apresentado sob o epíteto de “venerado sofista crucificado”⁴⁷⁵, é referido pontualmente em uma biografia burlesca dedicada a Peregrino Proteu, o qual, antes de se tornar filósofo cínico e imolar-se pelas chamas durante os Jogos Olímpicos, converteu-se ao cristianismo quando esteve na Palestina. “Sofista” tem aqui o sentido genérico de líder de seita religiosa, propalador de falácias aos fiéis, cuja ingenuidade convida a que se tire proveitos, a esses persuadindo a mudarem atitudes e ideias, de modo a renegarem os deuses gregos e a viverem segundo o regramento cristão. Pelo regramento, os fiéis se consideram irmãos uns dos outros, acreditam na imortalidade, desprezando a própria vida e, por extensão, os bens materiais⁴⁷⁶. A exploração da credulidade da gente simples (*ιδιώταις ἀνθρώποις*) por parte de um “charlatão” e “sofista” como Peregrino Proteu, designado também de “novo Sócrates”⁴⁷⁷, corresponde à sua habilidade, derivada do nome, em cambiar situações adversas: de seu encarceramento como milagreiro, sobrevém a comoção, do que resulta grande riqueza e muita gargalhada à custa da ingenuidade alheia.

⁴⁷¹ *O Sonho ou O Galo*, 4.

⁴⁷² II, 24.

⁴⁷³ *Diálogos dos Mortos*, 12, 3.

⁴⁷⁴ *Idem*, 21, 2.

⁴⁷⁵ *Da Morte de Peregrino*, 13.

⁴⁷⁶ *idem*, *ibidem*.

⁴⁷⁷ *idem*, 12.

Note-se, de passagem, que o gracejo de Luciano dirigido à primeira cristandade, no que vai de enfiada também o judaísmo e o socratismo, tem consequências: a *Suda*, enciclopédia bizantina do século X, o acusa de ateu afirmando que ele começa a carreira na Síria e termina a vida no Inferno, onde, com Satanás, vai arder no fogo eterno⁴⁷⁸. Quando Fernando Pessoa diz em *Tabacaria* que “as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria”, ele se insere em uma linhagem nada doce que remete a Protágoras, Epicuro, Luciano. Lembre-se o comentário mais antigo, denegatório, de uma autoridade cristã sobre o escritor de Samósata: segundo Lactâncio, conselheiro de Constantino I, Luciano não “poupa nem deuses, nem homens”⁴⁷⁹. A fórmula será parcialmente reproposta por Karl Marx ao assinalar dois casos dos deuses gregos: se no *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo os deuses são “feridos mortalmente”, nos diálogos de Luciano eles “morrem comicamente”⁴⁸⁰.

A pecha de “impiedade” recai sobre os sofistas e filósofos desde a figura aristofânica de Sócrates em *As Nuvens*. Luciano a reencena, por exemplo, em Anaxágoras, qualificado de “sofista” por se empenhar em convencer seus pupilos de que os deuses não intervêm no plano terrestre⁴⁸¹. O sofista também corresponde ao argumentador capcioso que excele na justa dialética, pondo a nu as incoerências que amparam as teses contrárias. Nisso, um criminoso de nome Sóstrato, qualificado de “sofista”⁴⁸², se defende perante o tribunal de Minos, um dos juízes do Hades, contra a sentença que o mandara jogar ao rio de Fogo, o Piriflegetonte, argumentando serem seus delitos todos involuntários, uma vez que estabelecidos de antemão pelas divinas Moiras. Por isso, em hipótese nenhuma poderia ter ele agido diferentemente, o que significa que as verdadeiras responsáveis são as que na origem prescreveram tal ordem: a culpa é tão só do Destino. Nessa chave, “nobre sofista” designa o titã Prometeu que, “habilíssimo em discursos”, defende-se do castigo imputado por Zeus ao lançar mão de uma “exposição sofisticada”⁴⁸³.

“Sofista” se inscreve no plano da antiga educação quando define os pedagogos da *pólis* que, à semelhança dos filósofos, instruem os cidadãos a praticar virtudes e a evitar vícios e excessos, segundo o arazoado de Sólon a Anacársis⁴⁸⁴. Luciano opera

⁴⁷⁸ *Suidae Lexicon*, A 683.

⁴⁷⁹ *Divinae Institutiones*, I, 9.

⁴⁸⁰ *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Introdução.

⁴⁸¹ *Tímon ou o Misanthropo*, 3.

⁴⁸² *Diálogos dos Mortos*, 30, 3.

⁴⁸³ *Prometeu ou o Cáucaso*, 20.

⁴⁸⁴ *Anacársis ou Acerca dos Ginásios*, 22.

igualmente com o étimo quando contrasta σοφισταί, os peritos em discursos, e σοφοί, o sábio que não se atém à contemplação, pois seu conhecimento teórico não prescinde da prática a serviço da cidade⁴⁸⁵. Como Platão, Luciano equipara os primeiros sofistas, propagadores de um pseudossaber, ao hipocentauro. Afiguram-se mistos: metade feita de filosofia, metade, de charlatanice⁴⁸⁶. A facécia se estende aos professores de eloquência coetâneos de Luciano, aos quais são atribuídos os mesmos interesses mesquinhos e pecuniários, que recaem sobre os primeiros sofistas, achincalhados em consequência da pedagogia inepta que praticam (barbarismo, solecismo, taramelagem etc), como se vê em *O Mestre de Retórica*, opúsculo em que Luciano, segundo alguns estudiosos, ataca a figura de Pólux de Náucratis, lexicógrafo e sofista lotado na cátedra de retórica de Atenas sob os auspícios de Cômodo.

Não se esgota, assim, o campo de significação que “sofista” adquire nos discursos luciânicos; mostra-se através dos referidos exemplos a dificuldade, senão a impossibilidade de se reduzir Luciano, sempre escorregadio, a uma etiqueta. Parte da crítica, sobretudo a moderna, tende a conjurar essa dificuldade taxando Luciano de sofista⁴⁸⁷, que ele também é, mas não só. Outra parte da crítica o tem igualmente em conta de filósofo, comediógrafo, polemista e moralista, que Luciano também é, mas não só⁴⁸⁸.

⁴⁸⁵ *Hípias ou O Balneário*, 2.

⁴⁸⁶ *Os Fugitivos*, 10.

⁴⁸⁷ Como na fórmula “a sophist's sophist”. Cf. ANDERSON, Graham. Lucian: a sophist's sophist. In: WINKLER, John; WILLIAMS, Gordon. *Later Greek Literature*. Vol. XXVII. Cambridge: University Press, 2010, p. 61- 92.

⁴⁸⁸ Um causídico fracassado que vira logógrafo. É assim que Luciano figura na Suda (*Suidae Lexicon*, A 683). Fócio, por sua vez, o vê pelas lentes de um ceticismo radical: se Luciano tem uma crença, ela está em nada crer (*Bibl.* 128). Segundo Ernest Renan, o escritor de Samósata é “um sábio perdido em um mundo de loucos” (*Marc-Aurèle et la fin du monde antique*. Paris: Calmann-Lévy, 1882, p. 377). Luciano aparece como uma produção de efeitos atualizados a cada época pelos intérpretes que propõem significações para seus escritos, os quais, ordenados por múltiplas matérias e formas discursivas, o apresentam também sob o signo do polígrafo.

Em toda parte, paradoxos. Do título da obra ao último enunciado, é neles e por eles que Luciano conta e comenta, produz paródias, ironias. Suas histórias se movem na circularidade dos paradoxos, eles mesmos de inscrição paradoxal, pois constituem lugares sem história onde as histórias sobrevivem. Segue-se disso que estas, em seus devires-acontecimentos, sempre podem ser outras em relação às relatadas: a reiteração dos temas e das figuras ao longo dos dois livros testemunha a orientação contingente de um discurso de fluidas aparições, que nada totaliza, pois os eventos inacabados escoam das bordas de suas narrações e figuras as de outras igualmente inacabadas. Com efeito, a refrega na besta marinha replica a do espaço sideral, que reverbera nas mais batalhas. Do mesmo modo, as mulheres-videiras ressurgem nas mulheres-asininas, os Cavalos-abutres equivalem aos Cavalos-formigas, os Abóboras-piratas, aos Nozes-nautas e, assim, sucessivamente. Quanto às ecfrases, também elas operam de modo especular quando se compara a Cidade-lamparina com a Cidade dos Sonhos. Não menos iterativos se apresentam na narração os nomes dos monstros.

O movimento em ricochete da prosa de Luciano, por repetitivo, é recebido com reservas pela crítica moderna que assinala o esgotamento da invenção no segundo livro⁴⁸⁹ de NV. Nisso, ela aplica um esquema interpretativo exterior ao proposto por Luciano, que, alheio às práticas românticas, desconhece a originalidade. Nesse sentido, a maquinaria inventiva é posta a girar ainda mais na segunda parte do texto com o desdobrar dos primeiros contos nos sucessivos: por meio do cotejo desses, o narrador evidencia que conta histórias semelhantes, recombina partes das que compõe. Com isso, a invenção de tais pseudo-histórias não tem limites. E como elas espelham autores que narram eventos prodigiosos, estes, conseqüentemente, serão vistos sob a mesma ótica hiperbólica. Isso evidencia a parcialidade do narrador na eleição das matérias do gênero elevado com que opera, pois, enquanto as narrativas épicas e históricas se valem dos prodígios como ornamentos, Luciano os situa no cerne da narração, que, não tendo por finalidade instruir, nem comover os ânimos, distende e deleita.

Luciano não inventa, decerto, a partir do mundo obscuro do inconsciente baudelairiano: recorre, pois, aos lugares-comuns assentados sobre os testemunhos de

⁴⁸⁹ OLLIER, François. *Lucien: Histoire Vraie*, op. cit. p. 5. Ver também a apresentação de NV na edição da Belles Lettres. *Lucien, Œuvres*, op. cit. p. 43.

viajantes, dos quais se ri, diluindo-os no oceano de jocosidade com que recobre suas próprias aventuras, que se espraiam por todas as partes. O marear de sua nave é indício disso, pois ela, análoga ao andamento vertiginoso do discurso que a põe em cena, singra, rodopia, voa, aterrissa, desliza, encalha, escapa, afunda. Luciano provoca um cataclismo no mar há muito batido dos livros de viajantes, fazendo o seu coriscar nas figuras de assombro continuamente renovado. Em seu narrar errante, o texto dança na sintaxe, borboleteia com palavras de que se serve sem se deixar por elas agarrar. À beira-mar, Luciano narrador-navegador logra, no avesso do Proteu homérico, esquivar-se dos incautos leitores-exploradores que no texto se aventuram, pois, em vez de lhes fornecer respostas e caminhos, lança-os em enigmas e armadilhas.

Operadora de duplicidade, a paródia é duplamente operante: Luciano começa fazendo paródia dos contos de outrem e, sem abandonar a produção de contos duplicados, faz paródia de si mesmo, quando no curso de sua exposição passa a reduplicar na trama das aventuras seguintes elementos das precedentes. Com o artilheiro de enredador (*λογοποιῶν*) penelopiano, Luciano desfaz parte da trama já feita para refazê-la na jornada seguinte, no que evidencia que a única imensidão navegável não é outra senão a do próprio discurso, espichando as urdiduras e bordas deste. Donde o propósito, anunciado no início (I, 5), de explorar os confins do Oceano como metáfora náutica de uma narração fronteira, porquanto traçante na confluência do *logos* com o *álogon*.

Atravessado do começo ao fim por façanhas especiosas, NV não se organiza em torno de um relato principal ao qual os mais estejam subordinados: estes encadeiam-se, formando blocos narrativos que, avançando processionalmente, mantêm os laços da afinidade temática. Com efeito, os episódios se apresentam como módulos intercambiáveis, moldáveis às circunstâncias, de sorte que quase todos podem virtualmente ocupar qualquer lugar no interior da narração, que opera por acúmulo e justaposição.

O leitor nota a disposição muito fluida dos capítulos de NV, que se deslocam nos não-lugares fantásticos, através dos jogos de rebatimentos narrativos que estes potencializam. Com efeito, se Luciano antepusesse o conto da besta marinha (I, 30 - II, 2) ao do mundo lunar (I, 11- 26), ou se invertesse a posição do conto inicial (I, 6- 8) e a do final (II, 46), ou ainda se efetuasse outros tantos rearranjos, que, afetando, embora, a ordem da exposição, em nada comprometeriam a invenção. Afinal, os episódios correspondem à multiplicidade de efeitos articulados à mesma fantasia poética, que faz proliferar peripécias acerca de regiões fabulosas e povos transoceânicos, ocasiões para

a figuração de toda sorte de estranhezas. Por isso, os episódios podem ser lidos como capítulos destacados: é o que a fortuna crítica faz quando hipervaloriza a viagem à Lua⁴⁹⁰ que, por antonomásia, para alguns designa a obra toda.

Não pondo um ponto final em sua narração, Luciano rompe com a regra de ordenamento vigente desde Platão, que prevê que todo relato, sobretudo o de natureza mítica, deve ter começo, meio e fim. O preceito vale, decerto, para inúmeros tipos de discurso⁴⁹¹, mas ressalta no mítico por suas exigências de fundo ritualístico ou religioso. Luc Brisson mostra, recenseando passos de diálogos platônicos⁴⁹², que essa forma discursiva toma por modelo o corpo humano vivo: os pés são assimilados ao início de um discurso, o tronco designa o meio, enquanto a cabeça corresponde ao fim. Com efeito, quando se discorre sobre os mitos, não se admite sejam eles “abandonados no meio”, como admoesta Sócrates, pois é necessário dar-lhes “uma cabeça, de sorte que não perambularem por aí sem cabeça”.⁴⁹³

Se, por um lado, Luciano não abandonou seu relato fabuloso no meio, por outro, menos ainda o tem por finalizado. Paragem após paragem, a fabulação itinerante de Luciano recomeça sem cessar e assim prossegue. Opera um discurso em contínuo deslize, rastreável na sombra de outro insinuado como seu duplo, ao qual nega e que, paródico, se faz para se desfazer e de novo se refazer. Esse regime discursivo não obedece, com efeito, a nenhum critério prévio senão ao de decompor tudo quanto incorpora em admiráveis incongruências, apresentando-as como novidades. Com isso, a viagem contada de um modo, pode ser contada de modo inverso, uma vez que a diretriz da narração, indeterminada, ganha forma no ato de narrar que lhe confere sentido no deslocamento, em seu processo de elaboração. Com a abolição da hierarquia, o primeiro evento encenado tem o valor provisório de um abre alas, provisório porque se insere como anterioridade na série para pôr em movimento a máquina de paradoxos, de modo a alimentar a irrupção de mais eventos, os quais, por sua vez, vão dar passagem a outros mais. Nas partes e no traçado geral, NV revela as marcas teratológicas que o constituem como narração que a um tempo dá a ver coisas monstruosas e se dá a ver como monstruoso, porquanto, fragmentário, misturado, aberto, inclusivo, não cessa de juntar disparates que não cabem em uma forma discursiva orgânica, nem se conforma a um *télos*.

⁴⁹⁰ Uma das crateras da Lua traz o nome de Luciano.

⁴⁹¹ Aristóteles, entre outros, estende o preceito à obra poética. Cf. *Poética*, VII, 1450b.

⁴⁹² BRISSON, Luc. *Platon: les mots et les mythes*. Paris, Maspero, 1982, p. 72 -75.

⁴⁹³ PLATÃO. *Górgias*, 505d.

À luz de Platão, NV tem as características de uma fábula acéfala⁴⁹⁴, que é também uma fábula multitentacular à luz dos critérios de Luciano, que, varrendo os princípios de unidade, verossimilhança, necessidade e finalidade, a estende sob o signo da multiplicidade, inverossimilhança e contingência, materializadas na reiteração dos eventos extraordinários; nessa tessitura teratológica, cada episódio do livro adquire um grau de independência. O narrador, na qualidade de enredador (*λογοποιῶν*), é antes de mais nada um perito em tecer novas situações em que se representam coisas desconhecidas. Dado que no desconhecido se encontram as coisas conhecidas, porém, reconfiguradas como inversões, exageros, misturas, o leitor reconhece a programática aplicação dos mesmos preceitos a acontecimentos diferentes, assim como o engenho do narrador, urdidor de tudo nonada.

Nenhuma viagem empírica bordejia a paradoxologia de Luciano. O narrador, conseqüentemente, é navegante, mas não de mares, apenas de livros de navegações, e as façanhas que estes celebram, como tendo sido vividas por heróis, fornecem a matéria do motejo. Motejo extensivo à prática historiográfica de referir coisas maravilhosas a partir de testemunhos diretos e indiretos. Declarando não ter vivido nem visto nada que fosse digno de menção, Luciano escreve a ficção sobre a ficção contada por outros. Dessa ficção em segundo grau não se deduz, entretanto, haver qualquer autonomia na ficção de Luciano, como não poucos estudiosos modernos repetem à exaustão. Pois os atos de fingimento consignados no texto, não sofrendo o influxo de uma subjetividade pensante, são produzidos poético-retoricamente.

⁴⁹⁴ O antiplatonismo fica ainda mais patente em NV quando se observa que não deixar a “fábula sem cabeça” (*ἀκέφαλος μῦθος*) tem seu equivalente na fórmula a “fábula foi salva” (*ὁ μῦθος σώζεται*), a qual é igualmente prescritiva de uma narrativa levada a bom termo, assim, encerrada por uma moral. Luc Brisson discute a extensão lexical da última expressão em Platão, levando em conta a dupla significação inscrita no termo *σώζεται*. Este designa tanto o resultado eficaz (“ser salvo” ou “não ter perecido”), quanto o processo marcado por adversidades (“ter chegado são e salvo”), acepção já presente em textos de historiadores e tragediógrafos (cf. *Platon: les mots et les mythes*. Paris: Maspero, 1982, p. 73). O mesmo Brisson propõe: a “narrativa de um mito é assimilada a uma viagem que constitui um perigo do qual se salva, quando se chega são e salvo a bom porto”. (idem, *ibidem*). Nesse sentido, o epílogo de NV é irremediável: a aniquilação da nave do protagonista metaforiza uma narração que nunca pode, por sua natureza de *álogon*, alcançar algum porto seguro, *i.e.*, ter um *logos* para chamar de seu. Por conseguinte, nenhuma moral se veicula através das fábulas de Luciano, ao contrário das que Platão propala, portadoras de verdades importadas do mundo das ideias. Com efeito, Sócrates, tendo finalizado sua fábula (*μῦθος*) de Er, assevera que, como ela se salvou (*μῦθος ἐσώθη*), também nós podemos ser salvos se nos fiarmos nela, acreditando na imortalidade da alma, alegorizada nessa fábula (*República*, 621 c-d). Com a comédia do além-mundo – ilha dos Bem-aventurados, ilha dos Ímpios – dirigida à várias doutrinas, Luciano desafina até da cantilena escatológica socrática. Em outros termos, pôr abaixo o mundo transcendente, implica jogar por terra toda a ilusão de redenção no *post mortem*, logo, de destinação assegurada para as almas.

Mesclando na espessura do texto o que se narra – a sucessão de viagens – ao como se narra – a narração do narrado na forma de comentários que não raro ironizam as mesmas viagens –, Luciano embaralha o papel de narrador-navegador e o de glosador-gozador. Com essa duplicidade enunciativa, o texto apresenta figuras contrastantes – como os peixes de vinho em relação aos do mar, em que estes servem de antídoto para a *vinofagia* que aqueles provocam⁴⁹⁵, indicando que a embriaguez fantástica dos bichos vinosos contrapõe-se à sobriedade icástica dos dos mares piscosos –, bem como emite juízos alternativos sobre a credibilidade atribuível à narração. Luciano declara que a única verdade que diz é mentira⁴⁹⁶ e, no sentido inverso, que nunca contara mentira⁴⁹⁷, como também, imbricando as duas posições, que expõe variegadas mentiras, de modo verdadeiro⁴⁹⁸, porém. Regida por esse estilo jocossério, a narração não tem um sentido prévio que a determine, senão a do movimento que a puxa de um lado para outro. Ao longo de todo o relato, Luciano qualifica de admiráveis os aspectos de navegantes e suas naves, enquanto, no final do mesmo relato, traz à cena homens embarcados em cortiças puxadas por golfinhos que, inspecionado a nave luciânica, são tomados de admiração pela forma dela⁴⁹⁹. A ambivalência opera também na ilha dos Bem-aventurados: o narrador principia por descrevê-la em termos aprazíveis; região onde o tempo parou de correr, pelo que, sendo banhada eternamente pela luz do arrebol, nela nem noite nasce, nem dia, de todo brilhante⁵⁰⁰. Isso não impede, entretanto, que ele narre logo depois as

⁴⁹⁵ NV, I, 8.

⁴⁹⁶ Idem, I, 4.

⁴⁹⁷ Idem, II, 31.

⁴⁹⁸ Idem, I, 2.

⁴⁹⁹ Idem, II, 46.

⁵⁰⁰ Idem, II, 12.

personagens que escapam da mesma ilha ao cair da noite⁵⁰¹, ou a floresta cerrada nela presente a fornecer sombra para os simposiastas⁵⁰².

Por mais que NV se apresente ambivalente – válida, pois, a coexistência de dois sentidos opostos que alargam a extensão dos paradoxos – , não decorre disso ser ele contraditório, uma vez que o princípio de contradição se aplica a discursos unívocos,

⁵⁰¹ NV, II, 25. Essa fuga corresponde ao rapto de Helena troiana por Cíniras. A paródia do conhecido mito gerador da guerra de Troia é ocasião para se produzir novas situações paradoxais. A começar pelo próprio rapto, o qual nada tem a ver com rapto, dado que Helena, enamorada do referido Cíniras, foge por vontade própria, não por um ato de violência, no que Luciano brinca com Górgias, cujo elogio, não menos brincalhão da mesma heroína, opera em favor da inocência dela. O episódio conta também que Helena foi carregada até um barco que disparou veloz (II, 25). Ignora-se, porém, como os raptos puderam realizar a façanha de carregar alguém que nem corpo tem. Por definição, todos os habitantes da ilha dos Bem-aventurados são incorpóreos, impalpáveis, desencarnados (II, 12). Diz-se, entretanto, que eles são “como sombras em pé” (idem, *ibidem*). Essa característica ressalta ainda mais em Helena: considerá-la um fantasma que foge com simples mortais em direção a uma ilha de queijo ou de cortiça (II, 25) graça de certas versões pós-homéricas do mesmo rapto, as quais afirmam que não foi propriamente Helena, mas apenas seu *éidolon* que teria sido transportado a Troia (sobre os simulacros de Helena, cf. CASSIN, Barbara. *Ensaaios Sofísticos*. São Paulo: Siciliano, 1990, p. 297- 302). François Ollier refere outras incongruências representadas nesse episódio, como a da nave com 50 heróis embarcados com vistas à perseguição dos raptos: trata-se de um embarcação feita de um único tronco de asfódelo, planta associada ao mundo dos mortos que não atinge o tamanho de um arbusto (*Lucien*, op. cit. p. 76 -77). Assim, a nave asfodélica, como outras figurações de NV, se dá a ver prodigiosamente seja através da hipérbole (amplificação para menos: planta de pequeno porte que abriga meia centena de marinheiros), seja através da impropriedade da matéria vegetal usada em sua confecção.

Não deixa de ser paradoxal constatar que NV, onde raramente surgem cenas de casais amorosos e de raptos (elementos nucleares dos assim chamados “romances antigos”), seja, mesmo assim, assimilado ao romance grego pela crítica. Pierre-Daniel Huet, o inventor seiscentista do romance antigo, define, em seu *Traité de l'origine des romans* (1670), os romances (*romans*) como “ficções de aventuras amorosas, escritas em prosa com arte para o prazer e a instrução dos leitores”. Mas a filologia alemã dá um passo além com Erwin Rohde, amigo de Friedrich Nietzsche. Enquanto Nietzsche põe por terra os idealismos em filosofia, Rohde idealiza em seu *Der Griechische Roman und Seine Vorläufer* (1876) um gênero romanescos na Antiguidade à luz da Segunda Sofística filostratiana e de mais referências. Em outros termos, o que para autoridades antigas constitui apenas uma das matérias ficcionais que espalha-se por distintas formas narrativas, passa a ser positivada por autores modernos como um gênero literário autônomo, no que unificam sob uma categoria estilística algo que se apresenta múltiplo, combinatório, transitivo. Sabe-se, além disso, que “literatura” é uma invenção romântica e que os escritores antigos intitulados “romancistas” nunca se intitularam romancistas. Nesse sentido, Fócio (*Biblio*. 94) qualifica de *dramatikón* a obra de Iâmblico (*Babilônicas*), de Aquiles Tácio (*Leucipe e Clitofonte*) e de Heliodoro (*Etiópicas*), todas elas articuladas por intriga amorosa (*erotikón*), sendo o *erotikón* uma modalidade de operar com o *dramatikón*, o qual, por sua vez, também nomeado de *plasmatikón*, opera, ao lado do *mitikón*, do *historikón*, do *politikón*, no interior do grande gênero chamado *diégema*, que os latinos traduzem por *narratio* (cf. HERMÓGENES, *Progymnasmata. Narração*; AFTÔNIO, *Progymnasmata. Narração*; CÍCERO, *De Inventione*, I, XIX, 27; QUINTILIANO, *Institutiones Oratoriae*, IV, II, 31). Vale dizer que o *erotikón* opera igualmente na esfera do *mitikón* e do *historikón*. Não é à toa que Cárton de Afrodísias já no prólogo do seu *Quéreas e Calírroe* lança mão do modelo historiográfico tucidídiano. Lembra-se, enfim, que Pierre Grimal inclui *Das Narrativas Verdadeiras* no rol de obras que traduz sob o título de *Romans grecs et latins* (1958). Voltaire inventa um diálogo no mundo dos mortos entre Luciano, Erasmo e Rabelais em que, tendo como pano de fundo o anticlericalismo do autor, põe em cena o ridículo dos homens (*Dialogues philosophiques. Conversation de Lucien, Érasme et Rabelais dans les Champs Élysées*, XVIII, 1765). A título fantasista, um êmulo de Voltaire poderia hoje alargar o escopo desse diálogo imaginário incluindo os comentários dos comentadores de Luciano. Se o proveito disso é questionável, o desenlace é previsível: Luciano a morrer de rir da desfortuna crítica de seu discurso.

⁵⁰² NV, II, 14.

fundados em uma substância primeira. Estes têm, com efeito, um ser essencial em nome do qual travam combate contra os que se posicionam em trincheiras conceituais antagônicas – as *Refutações Sofísticas* de Aristóteles fornecem um arsenal argumentativo para os militantes que se escudam com a ontologia –, ao passo que o discurso de Luciano, abolindo de saída o verdadeiro e tendo o verossímil apenas por um efeito de superfície, vive na proliferação de não-seres, efetuados por misturas des espécies, gêneros etc. Assim, de Cavalos-abutres aos Pés-cortiças, traz as marcas de um políptico teratológico variadíssimo.

Ademais, o nomeado “Luciano” de NV, longe de ser um sujeito empírico, materializa-se como inscrição polifônica que reverbera na enunciação por meio da qual se estabelece a mediação com os leitores. Com isso, a voz jocosséria do narrador intervém na exposição dos eventos, de modo análogo ao que ocorre na sátira menipeia e na parábase das comédias aristofânicas, fornecendo através da estilização dialógica indícios de como eles operam:

— Eis a narração que não é menos artificial do que qualquer outra, com a diferença de que nada nela fica oculto sob o veú da ilusão a fim de parecer natural. A regra do jogo é que tudo é jogo (*paignion*), artifício, excesso; forjada com a escala desmesurada do inverossímil, ela não elide o cômico das monstruosidades que põe em cena. Assim, a verdade é apenas uma posição discursiva, do mesmo modo que o ser, um efeito do dizer⁵⁰³. Como narrativa de navegação, ela difere, intensiva, da de Homero, da de Heródoto, da de Ctésias, da de Iambulo: em termos de fabulação nos prodígios e efetuação de estranhezas, epiditicamente ela sobrepuja as deles⁵⁰⁴. *Das Narrativas Verdadeiras*, movido pela potência do falso, não leva verdadeiramente a parte alguma.

O riso urbano que ecoa na fala do narrador e transparece em seu viso, máscara cômica de contornos epimenidianos, efetua-se no leitor, que, mais do que ler, é lido nas ironias do texto. Essa máscara é só uma entre as inúmeras disseminadas nas obras de Luciano, que se vale, ocasionalmente, para os mesmos propósitos irrisórios, da figura de Menipo de Gadara. Pois o filósofo cínico também protagoniza expedições fabulosas, ora subindo ao Olimpo⁵⁰⁵, ora descendo ao Hades. A catábase se explica: como nenhum

⁵⁰³ Sobre a expressão “efeito de dizer”, ver CASSIN, Barbara. *Ensaio Sofísticos*, op. cit. p. 304 - 309.

⁵⁰⁴ No plano da emulação, Teopompo não apenas censura os diálogos de Platão por “inúteis e falsos” (ATENEU. *Banquete dos Sofistas*, 508c), como também compõe uma paródia da Atlântida platônica (C. ELIANO. *Hist. Variadas*, III, 18). O mesmo Teopompo julga superar Heródoto, Ctésias, Helânico, outros escritores sobre a Índia, pela maneira com que narra fábulas em sua obra histórica (ESTRABÃO, *Geografia*. I, 2, 35).

⁵⁰⁵ LUCIANO. *Icaromenipo ou Sobre as Nuvens*.

filósofo consegue fornecer resposta convincente para a questão sobre a melhor forma de vida, o Menipo luciânico se lança ao reino dos mortos a fim de consultar Tirésias, que, por sua vez, lhe confia, entre risos, o segredo da vida: “a única coisa que você deve buscar é gozar do momento presente, rir muito, correr sempre e não levar nada a sério”.⁵⁰⁶

O riso é, decerto, o afeto preponderante nas obras luciânicas, seja ele sem dor, como em NV, seja ele com dor, como em *Da morte de Peregrino*. Mas o riso não escapa do riso de Luciano, quando é enaltecido como uma singularidade do homem em detrimento dos outros animais, desprovidos de tal capacidade. Aristóteles é peremptório: “nenhum animal ri, exceto o homem”⁵⁰⁷, ao que Luciano responde: o homem ri, ao passo que o asno não ri⁵⁰⁸, mas este também não perde tempo construindo casa, como tampouco se arrisca viajando em barco. Ainda mais se o propósito marítimo for levado ao extremo, como o do narrador-navegador de NV de chegar aos confins do Oceano e de conhecer os antípodas⁵⁰⁹. Quanto ao primeiro propósito, a máxima latina adverte: “ao final de tudo, o Oceano; ao final do Oceano, nada”⁵¹⁰. A respeito do segundo propósito, é no comentário de uma personagem de Luciano que fica implícito o despropósito de se aventurar tão longe para discorrer sobre algo que se revela tão perto, duplicidade. Assim, ao *physicos*, que estava a dissertar sobre os antípodas, a referida personagem o conduz a um poço e, mostrando-lhe a própria sombra na água, pergunta-lhe: “são estes, porventura, os antípodas de que você fala?”⁵¹¹

⁵⁰⁶ LUCIANO. *Menipo ou a Descida*, 21.

⁵⁰⁷ ARISTÓTELES. *Das Partes dos Animais*, III, 673a.

⁵⁰⁸ LUCIANO. *Vidas em Leilão*, 26.

⁵⁰⁹ NV, I, 5.

⁵¹⁰ SÊNECA, O RETOR. *Suasórias*, I, 1.

⁵¹¹ LUCIANO. *Vida de Demônax*, 22.

BIBLIOGRAFIA

- APOLÔNIO DE RODES. *El viaje de los Argonautas*. Trad. Carlos García Gual. Madri: Alianza ed., 1987.
- ARISTÓTELES. *De anima*. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.
- _____. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Lisboa: Casa da Moeda, 1998.
- _____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo F. Alberto e Abel do N. Pena. Lisboa: Casa da Moeda, 1998.
- BALTRUSAITIS, Jurgis. *Le Moyen-âge fantastique*. Paris: Flammarion, 1993.
- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec- Français*. Paris: Hachette, 2000.
- BOMPAIRE, Jacques. *Lucien écrivain: imitation et création*. Paris: Les Belles Lettres, 1958.
- BLOCH, Raymond. *Les prodiges dans l'antiquité classique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- BRANDÃO, Jacyntho José Lins. *A poética do Hipocentauro: identidade e diferença na obra de Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *A poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- BRANHAM, Robert Bracht. *Unruly eloquence: Lucian and the comedy of traditions*. Cambridge, Mass.; London: Harvard Univ., 1989.
- CASSIN, Barbara. *Ensaio sofisticado*. São Paulo: Siciliano, 1990.
- _____. *O efeito sofisticado*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- CASTER, Marcel. *Lucien et la pensée religieuse de son temps*. Paris: Les Belle Lettres, 1937.
- CHASTEL, André. *La grottesque: essai sur l'“ornement sans nom”*. Paris: Le Promeneur, 1988.
- CURTIUS, R. Ernest. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp, 1996.
- DEMÉTRIO. *Do estilo*. Paris: Belles lettres, 1993.
- DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- _____. *A invenção da mitologia*. Brasília: EDUNB/ Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

- GEORGIADOU, A.; LARMOUR, D. H.J. *Lucian's science fiction novel True Histories: interpretation and commentary*. Boston: Brill, 1998.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos Deuses*. Tradução Jaa Torrano, 5. ed. rev. e acrescida do original grego. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- HERÓDOTO. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1985.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2003.
- JONES, J. P. *Culture and society in Lucian*. London: Cambridge, 1986.
- JOUTEUR, Isabelle. *Monstres et merveilles: créatures prodigieuses de l'Antiquité*. Paris: Les Belles Lettres, 2009.
- KAPPLER, Claude. *Monstres, démons et merveilles à la fin du Moyen Age*. Paris: Ed. Payot, 1980.
- LAUSCAULT, Gilbert. *Le monstre dans l'art occidental*. Paris: Klincksieck, 2004.
- LONGINO. *Do Sublime*. In: *A Poética Clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.
- LUCIAN. *Lucian I*. With an english translatio by A. M. Harmon. London/ Cambridge: W. Heinemann/ Harvard University, 2006. (loeb 14)
- _____. *Lucian II*. With an english translatio by A. M. Harmon. London/ Cambridge: W. Heinemann/ Harvard University, 1915. (loeb 54)
- _____. *Lucian III*. With an english translatio by A. M. Harmon. London/ Cambridge: W. Heinemann/ Harvard University, 1921. (loeb 130)
- _____. *Lucian IV*. With an english translatio by A. M. Harmon. London/ Cambridge : W. Heinemann/ Harvard University, 2006. (loeb 162)
- _____. *Lucian V*. With an english translatio by A. M. Harmon. London/ Cambridge: W. Heinemann/ Harvard University, 2001. (loeb 302)
- _____. *Lucian VI*. With an english translatio by K. Kilburn. London/ Cambridge: W. Heinemann/ Harvard University, 1959. (loeb 430)
- _____. *Lucian VII*. With an english translatio by M. D. Macleod. London/ Cambridge: W. Heinemann/ Harvard University, 2002. (loeb 431)
- _____. *Lucian VIII*. With an english translatio by M. D. Macleod. London/ Cambridge : W. Heinemann/ Harvard University, 2001. (loeb 432)
- LUCIANO. *Obras I*. Traducción por Andrés Espinosa Alarcón. Madrid: Gredos, 1996.

_____. *Obras II*. Traducción por José Luís Navarro Gonzáles. Madrid: Gredos, 1998.

_____. *Obras III*. Traducción por Juan Zaragoza Botella. Madrid: Gredos, 1990.

_____. *Obras IV*. Traducción por José Luís Navarro Gonzáles. Madrid: Gredos, 1992.

_____. *Obras I*. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

_____. *Obras II*. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

_____. *Obras III*. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

_____. *Obras IV*. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

_____. *Obras V*. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

_____. *Obras VI*. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

_____. *Obras VII*. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

_____. *Obras VIII*. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

_____. *Obras IX*. Tradução, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

_____. *Obras I*. Texto revisado e traducido por José Alsina. Madrid: C. S. I. C., 1992

_____. *Obras II*. Texto revisado e traducido por José Alsina. Madrid: C. S. I. C., 1992

_____. *Obras III*. Texto revisado e traducido por Montserrat Jufresa, Francesca Mestre y Pilar Gomez. Madrid: C. S. I. C., 2000.

_____. *Obras IV*. Edición, traducción y notas de Francesca Mestre y Pilar Gomez. Madrid: C. S. I. C., 2007.

_____. *Obras VI*. Edición, traducción y notas de Manuela García Valdés. Madrid: C. S. I. C., 2004.

_____. *Obras V*. Edición, traducción y notas de Francesca Mestre y Pilar Gomez. Madrid: C. S. I. C., 2013.

_____. *Diálogos dos mortos*. Tradução de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena/EDUSP, 1996.

_____. *Diálogos dos mortos*. Tradução de Américo da Costa Ramalho. Brasília: UNB, 1998.

_____. *Diálogos dos Mortos*. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Hermitimo ou as escolas filosóficas*. Tradução de Custódio Magueijo. Lisboa: Inquérito, 1986.

_____. *O mentiroso (ou O incrédulo)*. Tradução, introdução e notas por Custódio Magueijo. Lisboa: Colibri, 1995.

_____. *Uma História Verdica*. Tradução de Custódio Magueijo. Clássicos Inquérito. Lisboa: Editorial Inquérito .

Œuvres-I. Texte établi et traduit par Jaques Bompaire. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

Œuvres-II. Texte établi et traduit par Jaques Bompaire. Paris: Les Belles Lettres, 2012.

PERNOT, Laurent. *La seconde sophistique et l'antiquité tardive*. Clássica, Belo Horizonte, v. 19, n. I, p. 30.44, 2006.

_____. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.

_____. *La rhétorique de l'éloge dans le monde greco-romain*. 2v. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1993.

PLATÃO. *A República*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Editora Universitária UFPA, 2000.

_____. *Sophist*. In: Plato. Trad. Harold N. Fowler. London: The Loeb Classical Library, 1952.